UM DOS MELHORES *THRILLERS* DE SEMPRE

O FENÓMENO INTERNACIONAL

N.º 1 *TOP* DE VENDAS



O DIVÓRCIO

O que significa «felizes para sempre»?

FREIDA McFADDEN

AUTORA DO *BESTSELLER* MUNDIAL ***A CRIADA***

alma dos livros

FREIDA McFADDEN

O DIVÓRCIO

Tradução de
Carla Ribeiro

alma dos livros

info@almadoslivros.pt
www.almadoslivros.pt

© 2026
Direitos desta edição reservados
para Alma dos Livros

The Divorce © 2026 by Freida McFadden

Edição publicada por acordo com Jane Rotrosen Agency, LLC.,
através de International Editors & Yáñez Co' S.L.

Título: *O Divórcio*
Título original: *The Divorce*
Autora: Freida McFadden
Tradução: Carla Ribeiro
Revisão: Mariana Félix
Paginação: Pedro Panarra
Capa: Bernardo Torres/Alma dos Livros
Imagens de capa: Shutterstock
Impressão e acabamento: Cafilesa – Soluções Gráficas, Lda.
Depósito legal: 563025/26
1.ª edição: Maio de 2026

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida
em qualquer forma sem permissão por escrito do proprietário legal,
salvo as exceções devidamente previstas na lei.

Este livro é uma obra de ficção.
Nomes, personagens, empresas, organizações, lugares e acontecimentos
são produto da imaginação do autor ou usados ficticiamente.
Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas,
acontecimentos ou locais é mera coincidência.

Para o meu marido,
que me pediu com muito jeitinho para não lhe dedicar este livro,
mas a quem o dediquei na mesma.

Nota da Autora

Ainda que os meus livros sejam *thrillers*, um género que tem tradicionalmente elementos negros, dou o meu melhor para que sejam adequados «a toda a família». Não vão encontrar representações gráficas violentas ou sexuais. (Sobretudo porque sei que os meus familiares os vão ler!)

Não obstante, as pessoas têm reações emocionais a diferentes coisas e alguns dos meus livros abordam temas mais controversos. Assim, criei uma lista de avisos de conteúdo para todos os meus *thrillers*, que podem encontrar no meu *site*:

freidamcfadden.com

Este é um recurso que pode ser utilizado por leitores que precisem de proteger a sua saúde mental e também por adultos cujos filhos andem a ler os meus livros. Tenham ainda presente, por favor, que, nalguns casos, estes avisos de conteúdo são importantes *spoilers* para reviravoltas que acontecem no livro.

Com isso em mente, espero que desfrutem em segurança desta viagem à minha imaginação!

Prólogo

Quando a polícia chegar, como vou explicar os cadáveres no interior da casa?

Só um cadáver seria mais fácil de explicar. Afinal, as pessoas morrem – o ciclo da vida, etc., etc. Mas mais do que um torna-se realmente complicado. Não que eu tenha muita experiência com isso, no entanto, é uma questão de bom senso. Uma pessoa pode morrer por acidente, porém, múltiplas mortes… bem, a polícia começa a pensar em coisas como *homicídio*.

Além disso, há outras coisas que serão muito difíceis de explicar à polícia: como o que aconteceu àqueles cadáveres *antes* de morrerem. Espero muitos arqueares de sobrancelha. Possivelmente até haverá algemas.

Por falar nisso, aquelas sirenes estão a tornar-se terrivelmente barulhentas. Vão chegar a qualquer instante.

Uma rajada de vento sopra-me o fedor a carne queimada para as narinas. Cada molécula do meu corpo grita-me que fuja enquanto posso. Tenho uma minúscula janela de tempo antes de a polícia chegar. Podia saltar para o meu carro e arrancar. A vizinha intrometida que ligou para o 112 talvez lhes possa apontar a direção geral certa, embora não vá conseguir fazer mais do que isso. Podia ir para algum lugar onde nunca, nunca me encontrassem. Podia transformar-me num fantasma.

Seja como for, será difícil desaparecer por completo. Porque, para onde quer que vá, não estarei sozinha. Afinal, não é como se tivesse feito nada disto por mim. Fiz tudo por *ele*.

As sirenes tornam-se mais altas a cada segundo. Tenho menos de um minuto até chegarem. Se alguma vez houve uma janela para escapar, esta fechou-se para mim. Muito em breve, vão todos descobrir o horror que aconteceu nesta casa. E quando o fizerem, haverá perguntas a que responder.

O carro da polícia é o primeiro a chegar, parando bruscamente de lado na berma. Enquanto o agente sai do lugar do condutor, ponho as mãos no ar, onde ele as possa ver.

A minha vida está prestes a mudar para sempre.

PRIMEIRA PARTE

1
NAOMI

A minha primeira pista de que algo está errado é que a porta da garagem não abre.

Temos uma daquelas portas «inteligentes», que sente o meu *Lexus* quando entro no caminho de acesso, subindo no momento certo para evitar a colisão com o meu pára-choques dianteiro. A porta da garagem é uma funcionalidade que o meu marido me mostrou com orgulho quando nos mudámos para esta casa, gracejando que era mais inteligente do que eu, e, em todos os anos que aqui vivi, nunca provou que ele estivesse errado.

Até hoje.

Paro o meu *Lexus* e olho para a porta como se fosse um quebra-cabeças que tenho de resolver. Há uma forma de a abrir manualmente, tenho a certeza. Tenho uma clara memória de o Jeremy me dizer que, se não se abrisse automaticamente, teria apenas de…

– Mamã? – diz a voz de bebé do Teddy, do banco de trás. – A porta está avariada?

Viro-me para olhar para o meu filho, ainda com o seu uniforme branco da aula de karaté a que acabo de o ir buscar. Está preso a uma cadeirinha automóvel no banco de trás, apesar de, aos cinco anos, estar a ficar um pouco grande para ir sentado numa. Parece quase comicamente grande para ela, mas li que, em caso de capotamento, não há nada mais seguro. Além disso, o nosso pediatra recomendou a cadeirinha até aos seis anos, por isso ignoro os revirares de olhos de algumas das outras mulheres, quando vou buscar o meu filho ao jardim de infância.

– Acho que não – respondo.

– Então porque não se abre?

Excelente pergunta.

Lanço um olhar à casa, onde as luzes estão acesas no interior, indicando que o Jeremy já chegou do trabalho. É quase tão surpreendente como a porta da garagem não abrir, visto que raramente chega a casa antes do exato momento em que nos estamos a sentar para jantar (muitas vezes chega bem depois disso). Está, pelo menos, uma hora adiantado esta noite.

O meu marido gere um fundo de cobertura na cidade, e trabalha mais do que todas as outras pessoas que conheço, mas respeito o facto de que, ainda que às vezes tenha de perder o nosso jantar em família, todas as noites está em casa a horas de deitar o Teddy. Exceto durante a viagem ocasional de negócios, claro.

– O papá vai ajudar-nos a perceber o que se passa – tranquilizo o meu filho.

O Teddy acena em concordância. No seu entender, não há *nada* que o seu pai não possa fazer. Se alguém precisasse de voar à volta da Terra ao contrário para fazer o tempo voltar para trás, o nosso menino voluntariaria o Jeremy para a missão.

Saio do carro, puxando as calças de *yoga* que parecem enfiar-se sempre no meu rabo. Em seguida, contorço o corpo e inclino-me para o banco de trás para libertar o Teddy do seu arnês, e ele recompensa-me com um sorriso desdentado. Perdeu o primeiro dente de leite recentemente, seguido de um segundo pouco depois e depois de mais dois. Ficou para lá de entusiasmado, após olhar com inveja para todos os outros miúdos da sua turma que já tinham perdido dentes, mas eu chorei a perda desse primeiro como mais um sinal de que o meu precioso menino estava a crescer.

O Teddy pega na sua mochila do *SpongeBob*, que quase de certeza pesa tanto como ele, ou até um pouco mais. Dirigimo-nos à porta principal da nossa casa, o meu filho inclinado para trás enquanto tenta carregar o peso da mochila. Quando levo a mão ao puxador, não roda, coisa que me faz começar a praguejar baixinho.

– Disseste uma palavra feia, mamã! – exclama o Teddy, simultaneamente chocado e excitado.

– Desculpa – apresso-me a dizer. – Não era essa a minha intenção.

– O que se passa? – exige saber.

– A porta está trancada.

– Porquê?

Vasculho a minha bolsa, procurando as chaves. Tendo em conta que entro sempre pela garagem, onde a porta nunca está trancada, raramente as uso. Seja como for, tenho quase a certeza de que estão algures aqui dentro.

– Não sei.

– O que estás a fazer agora?

Ergo o olhar da bolsa e lanço ao Teddy o que espero que seja um sorriso paciente. Às vezes, acho que o meu filho espera um relato de tudo o que faço e, a maior parte do tempo, tento fazer-lho. A professora do Teddy do jardim de infância disse-me que o menino tinha o melhor vocabulário da turma, e acho que isso é por estar sempre a falar com ele.

– Estou à procura das chaves de casa.

– Estão na tua bolsa?

– Sim.

– Tens a certeza?

– Sim!

Oh, meu Deus, onde *estão* elas? Empurro para o lado uma garrafa de água e o que parece ser a enorme pedra que o Teddy apanhou no parque na semana passada. Pediu-me que a guardasse porque achava que era «fixe». E então, graças a Deus, os meus dedos fecham-se sobre o porta-chaves. Tiro-o, triunfante.

– *Tcharã!*

O meu filho bate palmas gentilmente.

Seja qual for o problema da porta da garagem, podemos deixá-lo para mais tarde. Como sempre, o estacionamento estava descontrolado na escola de karaté, que fica num centro comercial partilhado por cerca de uma dúzia de outras lojas. Passei vários minutos às voltas pelo parque de estacionamento antes de encontrar um lugar, mesmo a tempo de as nuvens que tinham passado a tarde toda a rondar se abrirem. Mais de uma hora depois, o meu cabelo ainda está molhado e os meus sapatos chiam a cada passo. Não há nada que mais queira do que uma noite tranquila com a minha família.

Introduzo a chave na fechadura, mas a fechadura não roda. Isso é… estranho. Quando tenho a certeza de que esta chave não está funcional, tiro-a. Examino o porta-chaves, que contém apenas duas chaves: uma é a chave de casa e a outra é a chave do meu antigo consultório médico, do qual desisti quando decidi ficar em casa com o Teddy. Não me arrependo da minha decisão, mas guardei a minha chave de reserva por razões de nostalgia. Seja como for, esta não é, definitivamente, a minha chave de casa, ainda que a experimente, por via das dúvidas.

Não. Tenho duas chaves e nenhuma delas abre a porta de casa.

Então, reparo noutra coisa: a fechadura da porta está mais brilhante do que me lembro. Na verdade, parece novinha em folha. No entanto, tanto quanto sei, não mudamos esta fechadura há anos. Não desde que cá vivo.

É a minha segunda pista de que algo está muito errado.

– O que se passa com a chave, mamã? – pergunta o meu filho.

– Não sei.

– Quando metes a chave na fechadura, é suposto rodá-la – explica-me, inutilmente.

– Sim, eu sei, Teddy.

– Rodaste-a?

– Sim.

– Talvez a devesses rodar outra vez.

A minha têmpora começa a latejar, e estou farta de tentar resolver o mistério do motivo de a minha chave já não funcionar na fechadura. Em vez disso, toco à campainha. Quando ninguém aparece de imediato, bato com o punho na porta. E depois bato com mais força.

– Porque estás a pontapear a porta, mamã? – pergunta o Teddy.

– Estou só a assegurar-me de que o papá nos ouve.

Felizmente, alguns segundos depois, oiço passos atrás da porta cada vez mais próximos. A fechadura roda e o meu marido surge diante de mim, com a camisa desabotoada no colarinho e sem gravata. O Jeremy fez quarenta anos há cerca de seis meses e está com melhor aspeto do que nunca. Cuida de si mesmo – é uma espécie de guru do exercício que acorda uma hora mais cedo para ir ao ginásio às terças e quintas e, nos outros dias úteis, vai correr para o parque. O cabelo cor de areia na sua cabeça não dá sinais de rarear, com apenas alguns fios grisalhos nas têmporas. Os seus olhos castanho-escuros continuam tão intensos como no dia em que o conheci, e, além disso, a sua passagem diligente de fio dentário deve ter compensado, pois tem uns dentes brancos e perfeitos. Formam-se-lhe rugas à volta dos olhos quando sorri, o que eu acho incrivelmente *sexy*.

Grande parte das minhas amigas mal parece tolerar os maridos. Uma delas disse que acabou por ter de marcar uma consulta com um especialista, de tantas vezes que tinha usado as dores de cabeça como desculpa para se esquivar a fazer sexo com o marido. Mas eu não tenho esse problema. Mesmo depois de anos de casamento, continuo a sentir aquele arrepio sempre que ponho os olhos no Jeremy. A nossa química é tão forte como sempre foi.

– Papá! – grita o Teddy, atirando-se ao Jeremy, tal como faz todos os dias.

O Teddy *idolatra* o pai. Nas férias de Natal, fomos à Disneyland em família, e diria que o entusiasmo do Teddy por conhecer o rato Mickey não foi nada em comparação com o entusiasmo que demonstra quando o pai chega a casa todas as noites. E o miúdo *adora* aquele rato.

O Jeremy recompensa o nosso filho com um sorriso luminoso e iça-o para os braços como se não pesasse quase nada, apesar de eu ter dado um jeito às costas duas vezes no último ano ao tentar pegar no Teddy. O meu marido é um bom pai – um ótimo pai, até. É uma das muitas coisas que adoro nele.

– Pai, a porta está avariada – informa o Teddy, alarmado.

– Oh, está?

Assente solenemente. É algo que o Jeremy também faz – parecem-se tanto um com o outro quando o nosso filho acena assim com a cabeça.

– Não conseguíamos entrar!

Ergo a minha chave, fazendo menção de entrar em casa.

– A chave não rodava. Mudaste a fechadura?

O meu marido hesita, não respondendo à minha pergunta. Põe o Teddy no chão e entreabre a porta de casa.

– Teddy – diz. – Podes ir para o teu quarto brincar sossegado? Preciso de falar com a tua mãe.

Se fosse eu a fazer tal pedido, o nosso filho passaria meia hora a interrogar-me sobre ele. Quando o pai lhe pede para o fazer, porém, trota imediatamente para dentro de casa e vai para o quarto sem dizer mais nada. E, depois de ele desaparecer, o Jeremy volta a fechar a porta de casa e vira-se para mim.

– Jeremy. – Torço as mãos. – O que se passa?

O meu marido esfrega o maxilar inferior, onde começa a despontar uma sombra depois de se ter barbeado esta manhã. Evita os meus olhos, o que é a minha terceira pista de que algo está errado. O meu marido não tem problemas em estabelecer contacto visual. É o rei do contacto visual.

– Naomi – começa. – Precisamos de falar.

2

Isto não parece nada bom.

Não faço ideia de sobre o que o Jeremy quer falar, mas, seja o que for, parece querer discuti-lo comigo a sós. Não faz qualquer menção de entrar na sala de estar ou de ir para algum sítio mais confortável. Portanto, agora estamos apenas aqui parados, a pairar no nosso alpendre da frente.

– Está bem… – digo. – Queres falar de quê?

Ele sorri-me, com aquele sorriso *sexy* que ainda me faz fraquejar um pouco os joelhos.

– Tenho uma grande surpresa para ti.

– Oh?

– Sim. Decidi restaurar a casa inteira. Pintar as paredes, colocar soalhos novos, remodelar a cozinha. Tudo!

Toda a tensão se desvanece do meu corpo. É *esse* o motivo de tudo isto? Uma remodelação? Quando vi aquela fechadura nova na porta e ele disse que precisávamos de falar, por uma fração de segundo, pensei que me ia dizer…

Bem, não importa.

– Uma remodelação? – digo.

– É um presente de aniversário atrasado, querida – explica-me.

O nosso aniversário de casamento foi há quase um mês. Fiz-lhe o seu prato favorito – bife *au poivre* – para o jantar e comprei-lhe uns botões de punho que sabia que ia adorar. E o Jeremy deu-me um presente encantador: um bonito colar de prata com um cristal de ametista pendurado.

– Mas já me deste um presente – saliento.

– Bem – responde –, podes culpar-me por querer mimar a minha mulher de vez em quando?

Não consigo conter um sorriso. O Jeremy é bom pai, mas é ainda melhor marido. Acho que formamos um casal de sucesso, nós os dois, mesmo agora que fiz uma pausa no trabalho para criar o nosso filho. É doce e atencioso, mas, mais importante, nunca duvidei, nem por um momento, do quanto me ama.

– É uma surpresa muito agradável. – Sorrio-lhe, ainda que pareça ligeiramente forçado. – Só gostava que me tivesses dito antes.

– Bem, nesse caso, não teria sido surpresa, pois não?

É mesmo o estilo do meu marido. Planeia todas as nossas férias em família e só me informa sobre elas na medida do que preciso de saber. Estou na cozinha a preparar o jantar e diz: «Oh, ei, Naomi, vamos a Itália na semana que vem.» É querido, porém, também pode ser exasperante. Somos companheiros e, às vezes, gostaria que me consultasse antes de fazer planos, mesmo planos românticos e empolgantes como uma viagem internacional – ou uma remodelação em casa.

Mas, por outro lado, tinha boas intenções. Apesar de não precisarmos realmente de tinta, paredes ou de uma cozinha novas.

– E adivinha só! – exclama. – Já fiz todas as tuas malas por ti.

O quê?

Guia-me agora até à sala de estar, onde três malas de cabedal estão dispostas numa pilha impecável. Foram um presente de aniversário do Jeremy há quatro anos. Malas de cabedal a condizer. Lembro-me de passar a mão pelo material e de pensar que eram uma das coisas mais bonitas que já tinha tido, e também mais caras do que o carro que eu costumava conduzir, que o Jeremy substituiu quando me comprou o *Lexus* prateado como presente de aniversário de casamento nesse mesmo ano. Adora estragar-me com mimos.

Aponta para as malas no chão.

– Pensei que podíamos ficar no apartamento dos meus pais por algumas semanas, enquanto os trabalhos decorrem. É a vinte minutos daqui.

Depois de o Jeremy abrir mão do seu apartamento de solteiro em Manhattan e de nos mudarmos para Long Island com o Teddy, os seus pais saíram desta casa, que ele tinha adquirido para eles alguns anos antes, e mudaram-se para um primeiro andar que ele lhes comprou. Fosse como fosse, a casa tinha demasiadas escadas, por isso partiram de bom grado. O estado do seu pai já se estava a deteriorar por essa altura, vindo a falecer um ano depois, mas a sua mãe aguentou-se mais dois anos. Costumava ir frequentemente visitá-los e pagava a pessoal para tratar dos recados que não podia fazer pessoalmente. Era um bom filho, como tem sido um bom pai e um bom marido.

– E quanto às tuas coisas? – pergunto. – E às do Teddy?

– Na verdade – começa, timidamente –, esperava que pudesses ir para lá antes de nós e limpar o apartamento. Está bastante empoeirado e o quarto de hóspedes está cheio de caixas.

Parece então que esta surpresa de aniversário do meu marido implicará fazer uma limpeza a fundo ao antigo apartamento dos seus pais.

– Desculpa – apressa-se a acrescentar. – Tê-lo-ia feito eu mesmo, mas sabes que sou um caso perdido a limpar, Naomi. Provavelmente, ia deixá-lo ainda mais sujo.

Isso pode ser verdade. Ainda que não tenha a certeza, porque, em todo o tempo desde que somos casados, nunca vi o Jeremy tentar realmente limpar alguma coisa. Pode ser um ótimo marido e o sustento da família, mas não é grande coisa nas lides domésticas. Ninguém é perfeito, suponho.

– Eu ajudo o Teddy a fazer as malas – garante-me. – E então podemos juntar-nos a ti amanhã.

– E quanto ao jantar?

Tem uma expressão de divertimento no rosto.

– Sou capaz de preparar uma refeição para mim e para o meu filho. Fui solteiro durante muito tempo até tu apareceres, sabias?

– Não sabes do que ele gosta.

– Mando vir uma *pizza*. Ou meto alguns daqueles *nuggets* de frango congelados no micro-ondas.

Franzo o sobrolho.

– Sabes que isso não é saudável. Deixa-me fazer-lhe algo antes de ir.

– Naomi, acho que vai sobreviver a uma noite de *pizza* e *nuggets* de frango. Seja como for, nunca gosta das coisas esquisitas que tu fazes.

Bem, não está errado. Ontem à noite, preparei-lhe uma deliciosa taça de açaí com granola de quinoa caseira e ele olhou para mim como se lhe estivesse a dar veneno. Fez birra até que eu lhe preparei uma embalagem de macarrão com queijo.

O seu tom suaviza-se.

– Eu trato do jantar esta noite. Vai correr tudo bem. Como disse, trata só de limpar o apartamento e nós juntamo-nos a ti amanhã.

– Queres que *durma* lá?

– Porque não? Todas as tuas coisas estarão lá. É só uma noite.

– E quanto à manhã?

– A Rosita vai levar o Teddy à escola de manhã, como sempre – informa-me. – Depois, podes ir buscá-lo à escola e levá-lo para o apartamento.

– Então e a hora de deitar? – pergunto.

O meu marido franze o sobrolho.

– O que tem? Sou sempre eu que deito o Teddy.

Tem razão. Desde que me lembro que é o Jeremy que trata da hora de deitar. Mas isso não quer dizer que eu não vá ao quarto do Teddy todas as noites para lhe dar um beijo na face suave como penas, mesmo que já tenha adormecido.

Não sei se consigo dormir sem fazer isso.

– É só uma noite – salienta o Jeremy. – Vamos manter a rotina dele igual por mais um dia.

– E és *tu* que lhe vais dizer por que razão não vou estar em casa esta noite?

Encolhe os ombros.

– Não acho que vá ser nada de especial.

Está a gozar? Já *conheceu* o nosso filho? Quando, há pouco tempo, comprei uma bolsa nova, o Teddy fez-me cerca de vinte mil milhões de perguntas sobre o motivo de ter comprado uma bolsa nova, qual era o problema da antiga, o que lhe fiz e se podia ficar com ela. O Jeremy acha mesmo que, se eu *sair de casa*, o Teddy não vai reparar nem fazer perguntas?

– Temos de lhe dizer alguma coisa, Jeremy.

– Está bem, está bem. – Ergue as mãos. As suas mãos devem ter sido ásperas e calejadas, em tempos, visto que pagou a universidade fazendo turnos numa empresa de construção, mas isso foi há muito tempo. Agora, tem mãos de gestor. – Eu explico-lhe a situação da remodelação.

Olho para as malas empilhadas no chão. Céus, empacotou muitas coisas.

– Quanto tempo achas que isto vai demorar?

– Uma semana? Talvez duas. A cozinha vai demorar mais tempo, mas podemos voltar para cá antes de estar terminada.

A ideia desta remodelação é esgotante. Apesar de o meu marido a ter apresentado como uma surpresa para mim, não quero fazê-la; no entanto, se há algo que aprendi sobre o Jeremy durante o nosso casamento, é que é extremamente teimoso. Quando mete uma ideia na cabeça, não a consegue tirar. Está habituado a levar a sua avante. Se decidiu que a nossa casa relativamente nova precisa de uma remodelação, então vai acontecer.

Mas por que razão há uma voz ao fundo da minha cabeça a gritar-me que *algo não está certo*?

Como que pressentindo o meu desconforto, o Jeremy pega-me na mão.

– Estou tão entusiasmado com isto, Naomi. Vai ser como vivermos numa casa completamente nova juntos.

Deixo-o segurar-me na mão e, quando a aperta, a sua palma parece quente e sólida contra a minha. Com um metro e oitenta, o Jeremy é exatamente quinze centímetros mais alto do que eu. É a altura ideal para erguer o olhar para ele e me sentir amada e protegida. Sempre achei que foi o destino que me fez esquecer a carteira naquele dia no *Starbucks* e que ele me pagasse o café. Lembro-me de olhar para ele, com o seu elegante fato italiano e a sua gravata poderosa, e de saber instantaneamente que era

aquele o homem com quem ia passar a minha vida. Fez-*me* querer ser o tipo de mulher com quem ele quereria passar a sua vida.

– Ligas-me para me deixares dizer boa noite ao Teddy? – pergunto.

– Claro.

Deixo escapar um suspiro exausto ao pensar na longa noite que tenho pela frente, a limpar aquele apartamento velho.

– Está bem – acedo. – Eu faço-o.

Os ombros do meu marido relaxam visivelmente.

– Obrigado, Naomi.

Assinto.

– Ei – diz –, deixa-me ajudar-te com as malas.

Pega numa das malas enormes; felizmente tem rodas, caso contrário não conseguiria movê-la sozinha.

– Gostava de dar uma vista de olhos ao roupeiro lá de cima – digo. – Só para garantir que não te esqueceste de nada.

– Oh, não – responde, arrastando a mala em direção à porta da frente. – Tenho quase a certeza de que pus tudo.

– Então e o meu cristal de orgonite? – A minha pirâmide de orgonite é um gerador de energia positiva que mantenho na mesa de cabeceira. – Guardaste isso?

Os seus lábios contraem-se.

– Sim.

– E *soutiens*?

Desta vez, o Jeremy ri-se.

– Dá-me algum crédito, Naomi. Confia em mim. Está tudo aí dentro.

Mas… porquê? Por que raio leva tanta coisa se só vamos estar fora um par de semanas?

– Por que motivo mudaste as fechaduras? – pergunto, de repente.

O meu marido ergue o olhar para mim, surpreendido.

– Tive de o fazer. Não queres que todos os pintores e empreiteiros tenham a chave da nossa casa, pois não?

– Isso é verdade…

Bom… esperem. Não, isso não faz sentido. Se nos preocupa que os pintores e os empreiteiros tenham a chave da nossa casa, não devíamos mudar as fechaduras *depois* de a remodelação estar terminada?

Mas o Jeremy já está a tentar levar as minhas malas pela porta da frente, por isso não sinto que o possa interrogar mais. De certeza que, se o fizer, terá uma explicação perfeitamente razoável e que me fará sentir tola por ter sequer perguntado.

O meu marido carrega duas das malas até à minha bagageira, enquanto eu vou logo atrás com a terceira, que é tão grande e pesada como as outras duas. Disse-me que nos íamos mudar para uma remodelação rápida, contudo, várias das coisas que fez parecem contrariar essa ideia. E há outra coisa que sei sobre o Jeremy.

É um excelente mentiroso.

Vi-o mentir ao telefone ao falar com colegas. Vi-o mentir a amigos e aos pais. Vi-o até mentir ao Teddy.

Tanto quanto sei, nunca me mentiu. A pedra angular de todos os bons casamentos é a confiança. Sim, o Jeremy é um bom mentiroso, mas tenho de acreditar que me está a dizer a verdade acerca disto. Porque, se não confiar nele, estamos acabados.

O Jeremy fecha a bagageira do meu *Lexus*.

– Obrigado por preparares o apartamento – diz-me. Leva a mão ao bolso das calças e tira uma única chave numa argola. – Isto é para abrires a porta da frente.

Tiro-lhe a chave da mão sem que os nossos dedos se toquem.

– Obrigada. Até amanhã.

Desta vez, olha-me diretamente nos olhos.

– Até amanhã, Naomi.

A minha última pista de que tudo o que o Jeremy me disse é mentira é ele não me beijar antes de eu entrar no carro e partir da casa onde vivi nos últimos quatro anos.

3

Isto não é nada de especial. É só uma remodelação rápida e, quando isto acabar, as nossas vidas voltarão ao normal.

Repito essas palavras a mim mesma, uma e outra vez, enquanto viajo em direção ao T2 onde os pais do Jeremy viveram até às suas mortes. São vinte minutos de carro, ainda que só levasse quinze quando o Jeremy costumava fazer a viagem. Não acredita propriamente nos limites de velocidade.

Ao entrar no caminho de acesso da pequena casa com dois quartos, imagino o que o Jeremy e o Teddy poderão estar a fazer neste momento. O meu marido alegou que podia tratar do jantar, no entanto, nunca o vi realmente cozinhar nada em todo o tempo que estivemos juntos, nem mesmo no micro-ondas. Tudo o que faz é café.

E se não meter bem os *nuggets* de frango congelados no micro-ondas? E se o Teddy estiver agora mesmo sentado à mesa de jantar, com a barriga a roncar, e não tiver nada para comer? E depois reparar que desapareci e ficar inconsolável?

Tenho de respirar fundo algumas vezes para me controlar. O Jeremy é um banqueiro de investimento bem-sucedido e é claramente capaz de dar o jantar ao nosso filho por uma noite. Na verdade, tem o seu quê de agradável que tenham uma noite de rapazes, para variar.

Saio do carro e abro a bagageira. As três malas que o meu marido fez estão à minha espera, ainda que desta vez não tenha ninguém para me ajudar com elas. Pego na primeira das três e arquejo devido ao peso. O Jeremy não pareceu ter dificuldades com elas, mas a verdade é que é muito mais forte do que eu. Quase dou um jeito às costas a tentar tirá-la do carro. A segunda não é mais leve e a terceira é a mais pesada de todas.

Meu Deus, o que pôs nas malas? *Pedras*?

Felizmente, todas têm rodas, por isso consigo levá-las, uma a uma, pelo caminho de acesso. Comprou esta casa com jardim para os pais, mas tem estado vazia desde que a mãe morreu, há um ano. Limpou-a logo a seguir, contudo, não sei se cá veio alguém desde então.

A chave que o Jeremy me deu entra na fechadura, mas não roda. Por um momento, entro em pânico, perguntando-me se me trancou do lado de fora de ainda

mais uma casa. Mas então sacudo a chave e, finalmente, a fechadura roda. A porta prende um pouco, mas consigo abrir caminho para o interior.

Quando a Marti Roth aqui vivia, o espaço parecia luminoso e arejado, mas muito mudou no ano que passou desde a sua morte. Todos os estores estão fechados e cobertos por uma camada de pó. O sofá às flores da Marti costumava ser branco, mas agora está cinzento. Tal como o quebra-luz do candeeiro ao lado do sofá. Há tanto pó aqui dentro que, quando respiro fundo, desato a tossir.

E quando finalmente paro de cuspir os pulmões, tenho quase a certeza de que oiço pequenos passos apressados. Pequenos passos peludos.

Oh, meu Deus. O Jeremy não estava a brincar quando disse que este sítio precisava de ser limpo.

Apodera-se de mim a compulsão de tirar o telemóvel da bolsa e implorar-lhe que me deixe ficar num hotel. Ou pelo menos mandar fazer uma limpeza profissional à casa. Tenho a mão na bolsa, e estou a vasculhá-la, no entanto, no instante em que os meus dedos se fecham sobre o telemóvel, repenso toda a situação. O Jeremy tem sido tão bom a sustentar-nos e pede-me tão pouco em troca. Se quer que eu limpe este apartamento, então, por Deus, é isso que vou fazer.

Vou simplesmente encarar isto como umas miniférias longe da minha família. E, aparentemente, também umas férias de respirar ar limpo.

O pequeno apartamento tem dois quartos, ainda que um deles seja tão pequeno que mais parece um grande roupeiro com uma pequena cama de solteiro dentro. Está cheio de caixas poeirentas, que suponho que o Jeremy nunca chegou a organizar depois de os pais morrerem. Terei de as deitar fora se quero que este quarto sirva para o Teddy durante a remodelação.

O outro quarto é mais promissor. Tem uma cama de casal, que foi feita há cerca de um ano, mas está agora coberta de pó, como tudo o resto. Quando me sento nela, todas as partículas voam para o ar e começo a espirrar violentamente. Espero que o Jeremy tenha trazido uns lençóis limpos para mim.

Regresso à sala de estar para ir buscar as malas e arrasto-as para o quarto principal, deixando rastos de pó na alcatifa. Começo a examiná-las e tenho de admitir que o meu marido foi *muito* meticuloso ao fazê-las. Está lá o cristal de orgonite, como prometido, e incluiu um monte de *soutiens*. Também pôs muita roupa, artigos de higiene, toalhas, roupa de cama e até os meus manuais médicos.

Ver esses manuais deixa-me um pouco comovida. Ainda que ficar em casa com o meu filho seja o melhor trabalho que podia imaginar, há dias em que sinto a falta dos meus antigos pacientes. Adorava ser médica e ajudar a curar as pessoas das suas doenças – não havia nada mais gratificante – até que descobri a maternidade. Agora

que o Teddy está no jardim de infância, devia pensar em reabrir o meu consultório aqui na ilha.

Só ao chegar ao fundo da segunda mala é que começo a sentir-me muito inquieta. O Jeremy empacotou muita coisa. Porque haveria de mandar o meu casaco de inverno em *abril*? Só uso esse casaco nos meses mais frios. Porque haveria de pensar que ia precisar dele se só vamos estar aqui algumas semanas? A não ser…

A não ser que pense que vamos estar aqui mais do que uma semana.

Muito mais do que uma semana.

Deixo-me cair no colchão. Ao longo do último ano, ficou rígido, quase sem nenhuma elasticidade. Algo não está certo em tudo isto. A julgar pelo conteúdo destas malas, não parece que o Jeremy ache que vamos voltar para casa nos próximos tempos.

Estamos em dificuldades financeiras? Vai vender a casa e teve demasiada vergonha de me dizer?

Não vivemos acima das nossas possibilidades. Quando nos conhecemos, o Jeremy já era um muito bem-sucedido gestor de um fundo de cobertura – tão bem-sucedido que insistiu num acordo pré-nupcial quando casámos. A ideia de que, de algum modo, gastou todo o nosso dinheiro e agora estamos tão falidos que precisamos de vender a nossa casa… bem, parece absurda.

Levo a mão à bolsa uma última vez para procurar o telemóvel. Desta vez, quando os meus dedos se fecham sobre ele, não o largo. Tiro-o e, antes que me possa impedir, envio uma mensagem de texto ao meu marido:

Há algo que não me estejas a dizer?

Sento-me na cama da minha sogra morta, a olhar fixamente para o ecrã do telemóvel. Enquanto espero por uma resposta, um barulho vindo do exterior faz-me erguer bruscamente a cabeça.

O que foi aquilo?

Parecia alguém do lado de fora. Levanto-me da cama, dirigindo-me à janela, o meu coração a palpitar mais violentamente a cada passo. Lembro a mim mesma que este é um bairro decente – o Jeremy jamais teria comprado um apartamento para os pais num sítio perigoso.

Mas, enquanto espreito pela janela escura que dá para a lateral da casa, o som torna-se mais alto. E então capto um lampejo de algo atrás da janela.

Era uma silhueta humana?

Aperto o telemóvel, perguntando-me se devia ligar ao Jeremy. Ou talvez devesse voltar para o carro e ir direta para casa. O meu marido não quererá que eu fique num apartamento que não é seguro.

Só que já desempacotei o que parecem ser metade dos meus pertences. E, se a remodelação for mesmo começar amanhã, tenho de ter este apartamento habitável quando o Teddy sair da escola. Não posso deixar que o meu filho inale todas estas partículas de pó e desenvolva cancro. Há tanto para fazer antes de poder permitir que fique aqui.

Dou mais um passo em direção à janela. Desta vez, oiço outro ruído, um que me perturba ainda mais.

Quase parece alguém a arranhar lentamente a vidraça.

Está decidido. Não posso ficar nem mais um minuto neste apartamento. Não me interessa se tenho de carregar estas três malas monstruosas de regresso à bagageira sozinha. Não me vou deixar assassinar durante a noite por um sujeito qualquer com um gancho no lugar da mão. O Jeremy vai compreender.

Quando estou prestes a virar-me e a fugir do quarto, ergo fugazmente o olhar e é então que avisto o ramo da árvore. Está encostado à parte de cima da janela e, a cada brisa que passa, a madeira raspa contra o vidro.

Deixo descair os ombros. Não está nenhum vagabundo com um gancho à porta do apartamento, afinal. Era só uma árvore. O Jeremy diz sempre que sou demasiado rápida a tirar conclusões precipitadas e, neste caso, teria toda a razão.

Com um suspiro, dirijo-me à cozinha para ir procurar os produtos de limpeza.

4

Quando chego à escola no dia seguinte para ir buscar o Teddy, tenho tantas saudades dele que me dói o peito.

Não é de admirar que não tenha dormido muito bem ontem à noite. Enviei outra mensagem ao Jeremy, a perguntar-lhe se podia dizer boa noite ao Teddy, e a essa ele respondeu. Disse que o nosso filho já estava a dormir e que me via amanhã depois da escola. Ainda que não estivesse à espera de que fosse acordar o miúdo só para me desejar boa noite, isso não me impediu de chorar até adormecer. Ou talvez os meus olhos estivessem apenas a lacrimejar de tanto pó. É difícil dizer.

Seja como for, estou com um ar particularmente horrível neste momento. Quando temos vinte anos, podemos passar a noite a chorar e estar deslumbrantes no dia seguinte. Quando temos quarenta e dois e vertemos uma única lágrima, passamos a semana seguinte de olhos inchados. Li na *Internet* que saquetas de chá podem ajudar, por isso pus uma em cada olho, mas não ajudou e espalhei chá *por todo o lado*.

Passei a maior parte do dia a tornar o apartamento habitável. Havia produtos de limpeza num armário, por isso dei o meu melhor para eliminar aquela camada de pó que cobria todos os móveis e os estores. Mudei todos os lençóis e limpei a casa de banho, sobretudo uma zona da banheira que parecia estar a ganhar bolor. E peguei em todas aquelas caixas no quarto de hóspedes e enfiei-as num armário. Não é uma solução permanente, mas servirá por algumas semanas. Fiquei orgulhosa de mim mesma por ter conseguido fazer tudo antes de serem horas de ir buscar o Teddy.

A hora de saída do jardim de infância é absurdamente cedo. O Jeremy quis pôr o Teddy a tempo inteiro no jardim de infância, por isso tivemos de nos inscrever num sorteio para conseguir uma vaga. Mas sabem como é o jardim de infância a tempo inteiro? É das nove da manhã às duas da tarde. Cinco horas. Só isso.

E foi por isso que não consegui arranjar tempo para relançar o meu consultório.

A escola privada do Teddy fica no topo de uma colina espetacularmente grande, e o parque de estacionamento é ao fundo. Não vou tanto ao ginásio como o meu marido, mas todos os dias subo essa colina, o que equivale a uma boa dose de exercício, na verdade. Ou presumo que sim, a julgar pela forma como chego sem fôlego à entrada da escola. De certeza que não ajuda a melhorar os papos que tenho nos olhos.

À hora da saída, os pais congregam-se todos em pequenos grupos no luxuriante relvado verde à porta da escola. São maioritariamente mulheres, tirando um ou dois pais, que ficam sempre sozinhos. As minhas duas melhores amigas mães – que se tornaram também as minhas duas melhores amigas – são a Ashlyn e a Cheryl, que já chegaram e estão profundamente embrenhadas numa conversa quando me junto a elas, ainda ofegante daquela estúpida colina.

– Olá, Naomi – diz a Cheryl. – Fizeste alguma coisa ao cabelo?

Inibida, levo a mão ao meu cabelo acobreado, que apanhei num rabo-de-cavalo que esperava que estivesse elegantemente despenteado, mas desconfio agora que está apenas desgrenhado. A água do duche só saía morna – terei de dizer ao Jeremy para que o possa reparar o mais cedo possível – e também suspeito que as minhas lágrimas interagiram negativamente com os meus folículos pilosos.

– Ontem foi um dia difícil – respondo. – Vamos começar algumas remodelações em casa. Foi ideia do Jeremy.

– Oh. – A Ashlyn entusiasma-se, pois adora esse tipo de coisas. – Que tipo de remodelações?

– Bem, para começar, vamos remodelar a cozinha.

– Sortuda. – Enquanto a Ashlyn coça o nariz com a mão esquerda, capto um vislumbre do diamante no seu anelar, que é gigantesco. O marido dela é advogado de acidentes, e é *muito* bom nisso. O Jeremy ganha suficientemente bem para poder pagar com facilidade um anel como aquele, contudo, eu pedi-lhe que me comprasse um bonito anel de organite rosa-clara em vez de um diamante. – Estou sempre a pedir ao Roger para remodelar a nossa cozinha e ele não pára de me empatar. O Jeremy é *tão* atencioso.

– E jeitoso – acrescenta a Cheryl, com um risinho.

Rio-me com elas, como se fosse uma piada, embora ache realmente que o meu marido é mais atraente do que a maioria dos outros que conheci. E muitos deles são pelo menos uma década mais velhos do que ele.

Tenho sorte.

– Ei, Naomi – diz a Ashlyn, dando-me uma cotovelada. – Eu e a Cheryl estávamos a tentar perceber uma coisa e não nos conseguimos decidir. Precisamos da tua opinião.

– Claro – respondo. Espero que seja uma pergunta médica. Seria bom sentir-me útil nesse sentido.

A Ashlyn sorri-me com os dentes todos, que quase de certeza que são coroas. Os dentes do Jeremy são tão direitos e brilhantes como os dela, embora os dele sejam verdadeiros.

– Achas que a Cora Janzen operou as mamas?

A Cora Janzen é a mãe de um rapazinho chamado Zack, que está na turma do Teddy do jardim de infância. Tudo o que sei sobre ela é que se divorciou no início do ano, ainda que já durasse desde muito antes. Segundo os rumores, tinha um acordo pré-nupcial, que a sua advogada conseguiu despedaçar. Ouvi também dizer que fez o agora ex-marido *chorar*.

E, apesar de estar completamente sozinha, como se tivesse a peste, está com ótimo aspeto. Eu sinto-me completamente esgotada, com o cabelo murcho de ter passado o dia inteiro a limpar e uma camisola larga por cima das minhas calças de *yoga*. Mas a Cora traz um elegante vestido amarelo que combina na perfeição com o seu cabelo louro-platinado pelo queixo. A sua pele parece macia e sem rugas, e praticamente resplandece. E sim, os seus seios parecem um pouco mais arrebitados do que eu recordava.

Dou-me conta de que ambas as mulheres estão a olhar para mim, à espera do meu veredicto. Como se eu fosse a especialista mundial em implantes mamários.

– Não tenho a certeza – respondo.

– De certeza que sim – insiste a Cheryl. – Oxalá tivesse uma foto de antes.

– Vi-a a namoriscar com o marido da Irene no treino de softbol – revela a Ashlyn, torcendo o nariz. – Graças a Deus que o Roger nunca quer ir a essas coisas.

Como se tivesse ouvido o que estávamos a dizer, a Cora ergue o olhar e volta-o para nós. Olhamos as três em simultâneo para o chão. Toda a gente passou o ano inteiro a falar da mulher, sobretudo depois de ter bebido uns copos a mais naquela noite dos pais. Deve saber que é alvo de rumores. Alegro-me por ter saído a ganhar do divórcio, contudo, não posso deixar de sentir pena por o casamento dela ter desmoronado.

Alegro-me por ser casada com um homem doce e atencioso que ama a sua família e nos surpreendeu com uma incrível remodelação da nossa casa.

Alguns minutos depois, a turma do Teddy é dispensada. Visto andarem no jardim de infância, temos de nos dirigir à porta e reclamar individualmente as crianças para garantir que não são raptadas. Aprecio a cautela, mas desconfio que um raptor não teria muita sorte aqui. Há alguns meses, o novo zelador quase foi preso quando cinco pais não o reconheceram e chamaram simultaneamente a polícia.

Após ter passado a noite de ontem longe do meu filho, quase desato a chorar ao ver o seu doce rostinho redondo. Abraça-se a mim, como sempre faz, mas não posso deixar de o comparar com a exuberância com que cumprimenta o pai. Suponho que sou menos novidade do que o Jeremy.

– Tive saudades tuas ontem à noite! – exclama.

A Cheryl e a Ashlyn ouvem a sua exclamação e olham para mim, curiosas.

– Vamos ficar num apartamento diferente durante a remodelação – apresso-me a dizer-lhes. É assim que os rumores começam. – Fui só prepará-lo para a mudança ontem à noite.

– Mudança para onde? – intervém o Teddy.

– Para o apartamento onde vamos ficar enquanto a nossa casa é arranjada – explico-lhe. O Jeremy garantiu-me que o ia pôr a par da situação, mas parece que isso nunca aconteceu.

O meu filho torce o nariz.

– A nossa casa vai ser arranjada? Porquê?

– Para ficar mais bonita. O papá não te disse?

Abana a cabeça.

– Só comemos *pizza* e vimos televisão.

Sinto-me frustrada por ser suposto o Jeremy dizer ao Teddy o que se passava, mas claramente não o ter feito; contudo, ainda pior é que a Ashlyn e a Cheryl continuam ambas a lançar-me aquele olhar estranho.

E, mais uma vez, temo que haja alguma parte deste quebra-cabeças que me esteja a escapar.

5

Depois da escola, tenho de levar o Teddy à aula de patinagem no gelo. Todos os dias, tem uma aula diferente a que tenho de o levar. Ou um desporto. Tantos desportos. Alegro-me por ter uma vida ativa, mas às vezes sinto que sou menos mãe e dona de casa do que motorista grátis.

Ainda não tive oportunidade de ir às compras, por isso, no regresso da patinagem no gelo, tomo a decisão instantânea de ir comprar comida ao meu restaurante vegano favorito. Envio uma mensagem ao Jeremy para lhe perguntar o que quer, mas ele não responde, por isso compro-lhe simplesmente um hambúrguer de feijão preto. Não se pode errar com um hambúrguer.

Ainda que o Teddy pareça, por vezes, completamente alheado do que se passa à sua volta, fica agudamente ciente de que algo está diferente quando começo a seguir por um caminho diferente para casa. E entrar no apartamento suscita um número infinito de perguntas.

– Porque estamos aqui? – questiona, o que é uma variação da pergunta que veio todo o caminho a fazer: «*Para onde vamos?*»

– Já te disse – explico, pelo que parece a milionésima vez. – Vamos ficar aqui algumas semanas enquanto a casa é arranjada. É onde a avó costumava viver, lembras-te?

Provavelmente não se lembra, visto que o ano desde que a mãe do Jeremy morreu é como uma eternidade na sua idade. Olha para o pequeno espaço habitacional. Não diria necessariamente que o meu filho é mimado, mas parece indignado com a possibilidade de ter de se alojar aqui por uma noite que seja.

– É tão *pequeno*!

– É um apartamento.

Estuda a sala de estar, torcendo o rosto inteiro. É a mesma cara que faz quando o obrigo a comer vegetais. Enquanto examina o novo ambiente, uma mensagem de texto do Jeremy surge no meu telemóvel:

Estou a caminho. Estarei aí em breve.

Graças a Deus. Toda esta situação começava a assustar-me um pouco, e sentir-me-ei melhor quando o meu marido chegar com o resto das nossas coisas. A presença do pai tranquilizará também o Teddy.

– Onde estão as escadas? – A voz aguda do meu filho invade os meus pensamentos.

– Não temos escadas.

– Como se chega ao próximo andar, então?

– Este é o único andar.

Fica boquiaberto, como se aquela possibilidade nem lhe tivesse ocorrido. Talvez *seja* mesmo mimado. Passei a minha vida adulta num pequeno apartamento até o Jeremy decidir que nos devíamos mudar para cá.

– Onde estão as minhas coisas? – pergunta.

– Guardaste-as ontem à noite – lembro-lhe. – O papá vai trazê-las.

– Não guardei nada ontem à noite.

Não me surpreende que não se lembre. Quando entrou para o jardim de infância, tínhamos de voltar à sua sala várias vezes por semana porque estava sempre a esquecer-se da mochila no andar de cima. Às vezes, esquece-se de que já comeu e pergunta-me o que é o jantar.

– De certeza que te lembras – incito-o. – Tu e o papá fizeram as tuas malas, com coisas como roupa e brinquedos. Vem para cá com elas agora.

– Não – insiste. – Vimos televisão e, depois, ele leu-me uma história até eu adormecer.

Não interessa. Não precisa de se lembrar de ter feito as malas, desde que as tenha realmente feito.

Felizmente, nesse momento, a campainha toca, por isso não tenho de lidar sozinha com mais perguntas do Teddy. De certeza que se sentirá muito melhor quando tiver cá todas as suas coisas. Sei que o apartamento é pequeno, mas habituar-nos-emos a ele. Os miúdos nesta idade habituam-se a tudo.

Quando chego à porta, o Jeremy está lá, com a pasta na mão e ainda com o fato e a gravata do trabalho. Parece exausto, provavelmente de ter ficado acordado até tarde a fazer as malas. Embora não traga nenhuma mala consigo. Apenas a pasta.

Suponho que as malas estejam no carro.

– Papá! – grita o Teddy, atirando-se ao pai. Colide sempre contra o Jeremy à altura aproximada dos genitais. Costumo dizer-lhe a brincar que pode ser ele o responsável pela nossa incapacidade de fazer mais bebés.

– Olá, Teddy – diz o Jeremy, erguendo o miúdo nos braços, ainda que haja algo de apagado nele. Não o põe aos ombros nem luta com ele no chão, como tantas vezes faz, e pousa-o passados poucos segundos.

– Papá. – O Teddy inclina a cabeça para olhar para ele. – A mamã diz que temos de viver aqui agora e que tu tens todas as minhas coisas. Tens mesmo?

Espero que o meu marido confirme a minha história. Em vez disso, pousa a pasta em cima do sofá e abre-a. Tira de lá o seu velho *iPad*, que tem vindo a deixar o Teddy usar para ver vídeos.

– Toma. – Estende-o ao nosso filho, que lhe pega. – Agora, quero que vás para o quarto ver vídeos de macacos.

Cai-me o coração aos pés quando diz isso.

Não há nenhuns vídeos de macacos. «Vai para o quarto ver vídeos de macacos» é um código que ensinámos ao Teddy há algum tempo. Basicamente, quer dizer que tem de ir para o quarto sem fazer perguntas e só pode voltar a abrir a porta quando um de nós lhe der o código para sair, que é «Hora de comer biscoitos de canela».

Ensinámos-lhe este código depois de eu ter lido um artigo sobre como ter uma palavra ou frase secreta pode salvar a vida do nosso filho. Fomos muito sérios em relação a isso. Dissemos-lhe que, se lhe dissermos essas palavras, não pode fazer perguntas. Tem simplesmente de *ir* e de fazer o que mandarmos. Lembramo-lo frequentemente, mas só o utilizámos uma vez, quando a polícia veio à nossa porta para nos dizer que a mãe do Jeremy tinha colapsado no supermercado e estava morta. Era o tipo de coisa que não queríamos que ele ouvisse.

Assim, o Teddy leva isto muito a sério. Corre com o *iPad* para o seu quartinho minúsculo e fecha a porta atrás de si, deixando-me a sós com o meu marido.

– Jeremy? – chamo. – O que se passa?

– Escuta… – Puxa a gravata escura, desapertando-a ligeiramente. – Eu… Precisamos de conversar.

– Conversar sobre o quê? – Abano a cabeça. – Sobre a remodelação?

Os seus ombros descaem.

– Não há nenhuma remodelação.

– *O quê?*

– Naomi – começa. – Quero o divórcio.

6

— Queres o *quê*?

Sinto a cabeça à roda. Não posso acreditar no que o Jeremy acaba de me dizer. Quer o *divórcio?* Como é isso possível? Sim, podemos discutir, de vez em quando, por uma tampa da sanita deixada para cima ou sobre quem gastou o resto do *ketchup*. Mas *divórcio*? Isso é ridículo.

– Lamento – diz, embora haja uma tensão na sua voz que me faz pensar que não lamenta de todo.

– Não compreendo. – É o eufemismo do século. – Como podes dizer isso? Somos felizes juntos!

– Eu não sou feliz. Há muito tempo que não sou.

– Mas… – As pontas dos meus dedos começaram a formigar. Estou a respirar demasiado depressa. – Então e o que disseste ontem? Sobre a remodelação e…

O Jeremy não responde e, por fim, dou-me conta do que aconteceu ontem. O Teddy nunca esteve confuso – não fizeram mesmo malas nenhumas.

– Só me disseste isso para me fazeres sair de casa.

Os seus olhos castanhos encontram os meus.

– Foi mais fácil assim.

– Mais fácil para *ti*!

– Certo. – O seu tom é tão calmo e sereno que me dá vontade de o abanar. – Não quero perturbar a vida do Teddy e sei que tu também não queres.

– Portanto limitaste-te a expulsar-me da minha própria casa?

– É a *minha* casa, Naomi. – Cerra os maxilares. – Comprei-a antes de te ter sequer conhecido. E este apartamento também é meu, mas… bem, podes ficar aqui todo o tempo que precisares. Jamais te deixaria desalojada.

– Bem, *obrigadinha*!

O meu marido não responde, limitando-se a olhar para o chão.

Encosto-me ao braço do sofá, visto que sinto as pernas um pouco fracas. Isto não faz sentido nenhum. Não compreendo como pôde o Jeremy decidir simplesmente, e de repente, que precisa de se divorciar. A única maneira de isto fazer sentido é…

Puxo um fio de cabelo que se soltou do meu rabo-de-cavalo deselegantemente despenteado.

– Há mais alguém?

Ele hesita. Demora o tempo suficiente para o meu estômago começar às voltas, mas, por fim, abana a cabeça.

– Não, não há mais ninguém.

– Então, por que raio queres fazer isto?

Dou voltas ao cérebro, tentando entender porque está isto a acontecer. Se não é outra mulher, o que é? Serão *drogas*? As pessoas do ramo da banca de investimento têm a reputação de ser um pouco liberais demais com a cocaína. Terá o Jeremy andado a consumir e agora meteu uma ideia tresloucada qualquer na cabeça?

Mas não. Isto não parece do meu marido. O Jeremy gosta de um copo de *whisky* à noite, no entanto, nunca bebe mais do que um. É do mais certinho que há.

– Por favor – murmuro. – Não compreendo. Somos *felizes* juntos. Por que motivo estás a fazer isto?

– Lamento. – Desta vez, a sua voz suaviza-se e o tom mais brando é quanto basta para me deixar escapar algumas lágrimas. – Não te queria magoar.

– Então não me deixes!

O Jeremy não tem resposta para isto. Fecha a pasta que jaz aberta no sofá ainda um pouco poeirento.

– Devemos conseguir gerir isto com um mediador – diz-me. – Não há necessidade de uma batalha jurídica nem de irmos a tribunal, visto que temos um acordo pré-nupcial. Vou dizer ao meu advogado para entregar os papéis ao teu.

A minha cabeça não pára de andar à roda. Não consigo entender o que aconteceu. O que mudou? Porque decidiu subitamente que o nosso casamento não funciona e tem de acabar?

Sinto-me como se me estivesse a despedir.

Começa a passar por mim e agora o pânico instala-se. Da primeira vez que disse a palavra «D», tinha a certeza de que estava a cometer um terrível erro impulsivo e de que o podia dissuadir, mas agora parece que a sua decisão está tomada. O meu marido tenciona pôr fim ao nosso casamento, por razões que não fazem o menor sentido. Não é *feliz*? Somos o casal mais feliz de todos os que conheço! Se *nós* não somos felizes, não compreendo o que é ser feliz!

– Jeremy… – Agarro-o pelo braço, impedindo-o de fugir da sala. – Não podes estar a falar a sério. *Por favor*. Podemos resolver isto.

Ele abana a cabeça, sem me olhar nos olhos.

– Lamento, Naomi.

Se voltar a dizer que lamenta, vou espancá-lo até à morte com a sua própria pasta.

– Escuta… – Passo a língua pelo lábio superior. – E que tal tentarmos fazer terapia de casal?

– *Terapia de casal*? – Di-lo como se tivesse acabado de lhe sugerir que bebesse uma garrafa de urina. – Não me parece.

– Vamos falar sobre isto agora, então. – Os meus dedos continuam cerrados sobre o seu antebraço, a cravarem-se-lhe na pele. – Não tenho de ir a lado nenhum. Diz-me o que te faz tão infeliz e vamos resolvê-lo.

Os seus olhos procuram finalmente os meus.

– É demasiado tarde para isso.

Lembro-me daquela hesitação quando lhe perguntei se havia mais alguém. É a única razão de que me consigo lembrar para explicar porque haveria o Jeremy de acabar com um casamento feliz.

Sacode-me do seu braço e passa por mim, marchando em direção ao quarto onde o Teddy está fechado com o *iPad*. Interponho-me no seu caminho, bloqueando-o.

– O que estás a fazer?

– Vou levar o meu filho comigo para casa.

– Oh, não. – Ergo as mãos, decidida a ganhar pelo menos uma batalha hoje. – Não me parece. Se queres o divórcio, então o Teddy vai ficar comigo.

O Jeremy não tenta passar por mim. Fica ali parado, a analisar-me o rosto até que eu me começo a retorcer.

– O Teddy devia dormir no seu próprio quarto – acaba por dizer. – Queremos tornar isto o mais fácil possível para ele e, além disso, seria cruel tirá-lo de sua casa, não achas?

– Nesse caso, deixa-me voltar para lá e sai *tu*.

– Tenta ser razoável, Naomi – apela. – Queres realmente castigar o nosso filho por isto? Já vai ser difícil o suficiente para o miúdo lidar com isto.

Não cedo. Fico parada, de braços cruzados diante do corpo. Vai ter de pegar em mim e de me desviar para chegar ao Teddy.

– Podes ir buscá-lo à escola todos os dias – continua o Jeremy. – Podes passar o dia todo com ele. Pode até jantar contigo. Mas, à noite, devia dormir na sua própria cama. No seu próprio quarto. Se te importas com o nosso filho, não o quererás tirar de casa.

Por mais que odeie admiti-lo, tem uma certa razão. Sei, pelas nossas viagens em família, que o Teddy passa à noite às voltas quando não conhece a cama. Às vezes, acorda aos gritos. Não o quero sujeitar a isso.

E, na realidade, que diferença me faz onde dorme? Continuarei a ir buscá-lo à escola e passaremos o fim de tarde juntos. Nenhuma das outras mães da escola saberá sequer, o que, ainda que me envergonhe admitir, é importante para mim.

E há outra vantagem. Se o Jeremy vier cá todas as noites buscar o Teddy, será obrigado a interagir comigo. Não parece interessado em falar sobre isto agora, mas recuso-me a aceitar que o nosso casamento tenha acabado. Eu e o Jeremy vamos envelhecer juntos, sentados no alpendre, em cadeiras de baloiço a condizer.

Há algo que ele não me está a dizer. E vou descobrir o que é.

– Tudo bem – respondo. – Tens razão. O Teddy devia dormir na sua própria cama.

O meu marido arqueia uma sobrancelha, como se estivesse surpreendido por eu ter cedido tão facilmente.

– Obrigado – diz. – Agradeço-te por estares a fazer o melhor para o nosso filho.

E eu agradeço-lhe que reconheça a ligação que temos um ao outro através do Teddy. Aconteça o que acontecer, seremos sempre os pais do Teddy. Juntos.

Tenho apenas de o fazer ver que somos melhores juntos do que separados.

– Só quero o melhor para ele – respondo.

Eu e o Jeremy não nos vamos divorciar. Nem por cima do meu cadáver.

7

Cara Sra. Roth,

Fui contratado pelo seu marido, o Sr. Jeremy Roth, no âmbito da vossa dissolução conjugal. Gostaríamos de resolver esta questão de forma amigável e expedita. Por favor, diga ao seu advogado para me contactar através deste endereço de *e-mail*.

Com os melhores cumprimentos,

Leonard Hardwick

Sentada no sofá poeirento do meu novo apartamento, leio o *e-mail* umas cinco vezes. Ainda nem passaram vinte e quatro horas desde que o Jeremy me informou de que queria o divórcio e já estou a ser contactada pelo seu advogado, o que me leva a crer que já tinha tudo organizado há algum tempo.

Quando decidiu ele que queria o divórcio? Há algumas semanas? Há alguns meses? A ideia de que tem estado a planear isto sem eu saber faz-me sentir ligeiramente doente.

Porquê? É essa a pergunta que não paro de me fazer, uma e outra vez. Éramos tão felizes juntos. Ainda no fim de semana passado, alugámos os três um barco a pedais em Port Washington e passámos tanto tempo ao ar livre que o Teddy apanhou um escaldão, apesar do SPF 55 que lhe espalhei por todo o rosto. E agora, de repente, quer que a nossa família acabe? Não faz *sentido*.

O advogado do Jeremy quer saber o nome do meu advogado. Só que eu não tenho um.

Passo os dedos pelo cristal de ametista ao meu pescoço, suspenso da corrente de prata que o Jeremy me comprou. A ametista faz-me sempre sentir mais calma, por isso uso-a em tempos de crise. Mudo a posição do meu corpo no sofá desconfortável e pouso o portátil nos joelhos para poder digitar uma resposta. Redijo o seguinte *e-mail*:

Caro Sr. Leonard Hardwick,

Decidi não contratar um advogado, porque eu e o meu marido vamos resolver as coisas. Isto é um percalço temporário na nossa relação, mas o divórcio não é solução. Eu e o Jeremy éramos mais felizes do que a maioria dos casais, incluindo, estou certa, o senhor e a sua mulher. Sem ofensa.

Com os melhores cumprimentos,

Naomi Roth

Não envio esse *e-mail*. Como é óbvio. Mas guardo-o na minha pasta de rascunhos, calculando que haverá um dia em que eu e o Jeremy seremos capazes de olhar para ele e rir.

Custa-me apenas um pouco visualizar esse dia agora.

O meu telemóvel toca onde o deixei: ao meu lado no sofá. O Teddy está neste momento na escola, por isso olho para o ecrã para confirmar que não é a escola a ligar por uma emergência. Sempre que recebo uma chamada quando ele não está em casa, sobe-me o coração à garganta. Mas não é a escola, afinal. É algo muito pior.

É a minha mãe.

Não me interpretem mal – adoro a minha mãe. No entanto, é muito boa a dizer-me constantemente o que estou a fazer mal. Em tenra idade, lembro-me de dizer para me sentar direita ou de me perguntar: «Não achas que já comeste bolachas que cheguem, Naomi?» Vive em St. Louis, que foi onde cresci, e dou graças pela distância.

Mas, ao mesmo tempo, este apartamento está desoladoramente vazio e silencioso. A minha mãe tem certamente um dom para encher uma sala, mesmo quando não está lá. E talvez não lhe refira que eu e o Jeremy estamos temporariamente separados. Vou fingir que está tudo bem.

Toco no ecrã para atender a chamada e, o mais casualmente que posso, digo:

– Olá, mãe.

Faz-se um longo silêncio do outro lado da linha.

– Muito bem, o que se passa?

Raios, como faz ela isto?

– Nada.

– Não, há algum problema. Dá para perceber. Sabia-o antes de te ligar e, agora que ouvi a tua voz, tenho a certeza.

Oh, certo, a minha mãe acha que é médium. E não digo isto a brincar. A minha mãe acredita realmente que tem poderes psíquicos, o que é medicamente impossível, claro. Tentei explicar-lhe isso, mas isso não a impediu de marchar três vezes até à esquadra da polícia com dicas sobre um homicídio sobre o qual tinha tido uma premonição psíquica. (Nenhuma das suas premonições levou a que o homicídio fosse resolvido.)

Apesar de não ser de modo nenhum médium, conhece-me muito bem e, como tal, consegue claramente perceber pela minha voz que algo se passa. Posso não acreditar em poderes psíquicos, mas acredito na intuição de mãe.

E a minha mãe sabe umas coisas sobre divórcios. Divorciou-se três vezes. Seria de pensar que se tornaria mais fácil com cada uma delas, mas não. De todas as vezes, a minha mãe passou dias a soluçar e um mês extremamente infeliz. Quando eu tinha oito anos, até me levou com ela numa pequena excursão para atirar ovos à nova casa

do seu futuro ex-marido. É parte da razão por que estou tão desesperada por fazer com que as coisas resultem no meu próprio casamento.

– Está bem – cedo. – Eu e o Jeremy… estamos a ter alguns problemas.

– Problemas? O que quer isso dizer?

– A modos que… nos separámos.

Por um momento, fica calada, a assimilar essa informação.

– Quem é ela?

– Ela?

– A outra mulher.

– Não há outra mulher – insisto, apesar das minhas suspeitas anteriores. – Estamos só a ter alguns problemas e vamos passar algum tempo separados.

Provavelmente, é melhor não referir a carta do advogado.

– Tretas – cospe. – Ouve o que te diz alguém que se casou e divorciou três vezes. Quando um casamento não funciona, procura a outra mulher.

Brinco com o cristal ao meu pescoço.

– O Jeremy disse-me que não há nenhuma mulher.

– Bem, ele está a mentir. – Di-lo como se fosse estúpido acreditar no contrário. Mas também disse uma vez à polícia que o nosso vizinho era um ladrão de joias. – Um homem atraente como o teu marido, com montes de dinheiro? De certeza que te tem andado a trair.

– Bem, obrigadinha, mãe.

– Tiveste sorte em ele olhar para ti duas vezes – lembra-me. – O Jeremy nunca teria casado contigo se não fosse pelo Teddy.

– Isso não é verdade. – Bem, tecnicamente, é verdade. Casámos por causa do nosso filho, porque o meu marido não queria que ele crescesse numa casa sem dois pais. – Teríamos acabado por casar, mais cedo ou mais tarde.

– Então, se assim é, por que motivo pediu um teste de paternidade?

Retraio-me, desejando nunca ter partilhado essa pequena informação com a minha mãe.

– Olha, não importa porque casámos. O que importa é que agora somos uma família .

– Já não são – responde. – Agora, ele está com *ela*. Provavelmente, até está a viver na casa dela.

– Na verdade – começo –, ele é que continua em casa. Eu estou a viver naquele apartamento extra que comprou para os pais.

– O quê? Como te convenceu a fazer isso?

– A casa é *dele*, mãe.

– Mesmo assim – conclui. – Nunca devias ter saído. Foi algo muito estúpido de se fazer, Naomi.

Não quero admitir que sei que ela tem razão, contudo, jamais teria saído de casa se ele não me tivesse iludido a isso.

– Não importa – respondo. – Porque eu e o Jeremy vamos fazer as pazes.

– Em que te baseias para dizer isso?

Desta vez, fecho completamente os dedos à volta do meu cristal de ametista.

– Ainda me ama e temos um filho juntos.

– Bem, isso foi o que eu disse sobre o teu pai e nenhuma de nós o vê há um par de décadas, pois não?

Estremeço, pois tem razão. Provavelmente, vi o meu pai umas cinco vezes durante toda a minha infância.

– Isto é diferente.

– A única forma de o recuperares… – diz a minha mãe – é se o conseguires afastar *dela*.

– Não há nenhuma «ela», mãe.

– Não sejas estúpida. – Quase a consigo ver arreganhar os lábios num rosnido, revelando os seus dentes amarelos. – Há alguma rapariga que lhe cravou as garras. E a única maneira de o recuperares é livrares-te dela.

A minha mãe não faz ideia do que está a dizer. Não há nenhuma outra mulher na vida do Jeremy. Tenho a certeza. Se houvesse, já saberia.

Não é?

8

Passou quase uma semana desde que saí de casa e o meu marido me disse que queria o divórcio.

O *e-mail* do advogado do Jeremy continua na minha caixa de entrada, sem resposta. Ainda não fiz qualquer tentativa de arranjar o meu próprio advogado. Quando o fizer, será como desistir. E não estou pronta para isso. Se o Jeremy está a passar por uma crise de meia-idade, posso dar-lhe um pouco de espaço. Mas o divórcio não é a resposta.

Enquanto estou à porta da escola primária, à espera de que o Teddy e os outros alunos do jardim de infância saiam, as coisas quase parecem normais. A Ashlyn não pára de falar sobre o bilhete que recebeu da professora sobre os convites para a festa de aniversário do filho.

– Aparentemente, não é permitido distribuir convites na sala a não ser que se convide *toda a gente* – diz. – Não acham completamente *injusto?* Se não quisermos convidar miúdos de que o nosso filho não gosta para a festa, então não podemos convidar *ninguém?* Quem inventou estas regras?

Assinto, solidária, segura no conhecimento de que o Teddy vai passar na seleção social.

– Achas isso ridículo? – questiona a Cheryl. – Quando foi a festa do Jaden, convidámos a turma toda, até aquela criança com *problemas comportamentais*, mas, porque nem todos foram, a professora recusou-se a deixá-lo distribuir cartões de agradecimento depois da festa!

– Que ridículo! – exclama a Ashlyn, com uma fungadela. Vira-se para mim. – A propósito, o que vão fazer no aniversário do Teddy? Não é em breve?

Não consigo imaginar dar uma grande festa com tudo o que se passa. Mesmo que eu e o Jeremy consigamos resolver as coisas, não sei se consigo lidar com o *stress* de tudo isso.

– Provavelmente, vamos fazer só algo pequeno. Só em família. Enfim, por causa da remodelação.

– Como vai isso? – pergunta a Cheryl. – Vão voltar para casa em breve?

Puxo a blusa azul-safira que estou a usar, que continua a enrugar-se teimosamente, apesar de uma noite pendurada no roupeiro. Não consegui encontrar

um ferro em lado nenhum.

– Hã, não propriamente. Ainda estamos encalhados no apartamento.

– Pobrezinhos. – A Ashlyn suspira. – Ainda que, quando terminar, vão ter uma deslumbrante casa nova! Tenho tanta inveja.

Não teria inveja se fizesse alguma ideia do que realmente se passa. Ainda que estas duas mulheres se tenham tornado as minhas amigas mais próximas, raramente convivemos quando os nossos filhos não estão envolvidos e não me sinto confortável para lhes contar o que se passa comigo. Não me apetece receber a sua compaixão ou o seu julgamento.

Olho para o outro lado do relvado acabado de aparar, onde a Cora Janzen está à espera, com outro vestido que lhe realça o corpo atlético. Não sei se fez ou não implantes mamários, mas está fantástica. E, não obstante, todas as outras mulheres parecem evitá-la, como se houvesse um campo de forças invisível a rodeá-la. Como se tivessem medo de «apanhar» um divórcio.

Não vou acabar como a Cora. Eu e o Jeremy vamos resolver as coisas. As minhas mamas vão ficar do mesmo tamanho, muito obrigada.

A turma do jardim de infância sai da escola, e aproximamo-nos as três para receber os nossos filhos. Ao ver-me, o Teddy corre para mim com mais entusiasmo do que costumava. Acho que tem sentido a minha falta à noite. Ainda não atingimos propriamente os níveis de entusiasmo do Jeremy, mas lá chegaremos.

– Mamã! – exclama. – Podes levar a minha mochila? Está pesada!

Sem esperar por uma resposta, tira a mochila dos ombros e empurra-a para os meus braços. Efetivamente, tem um peso chocante para uma mochila de criança.

– O que tens aqui dentro, Teddy?

– Encontrei cinco rochas novas no recreio – responde, orgulhoso. – Queres ver?

Sem esperar que eu lhe responda, o meu filho arranca-me a mochila dos braços e vasculha-a até tirar uma pequena pedra brilhante.

– É mica – informa-me.

A sua obsessão por rochas está a ficar um pouco descontrolada. Provavelmente, tardará a ultrapassá-la. Ou então tornar-se-á geólogo, o que seria bastante fixe.

– Quero mostrá-la ao papá quando for para casa dele esta noite – acrescenta.

Oh, meu Deus, o Teddy falou *tão* alto. Quase deixo cair a mochila. A Cheryl vira bruscamente a cabeça na nossa direção, com uma expressão de curiosidade no rosto. Os meus pensamentos aceleram enquanto procuro uma forma de mitigar os danos.

– Sim, podemos mostrar ao papá quando ele chegar a casa – digo.

O meu filho franze o sobrolho, confuso.

– À tua casa ou à dele?

Sinto o rosto a arder. É impossível que a Cheryl não esteja a ouvir cada palavra, e, mal ficarem a sós, vai transmitir tudo à Ashlyn. Retraio-me enquanto imagino a conversa entre ambas.

O Teddy disse que a mãe e o pai vivem em casas diferentes. Achas que a Naomi e o Jeremy se separaram?

Aposto que sim. Sempre achei que ele podia arranjar melhor.

Sabes que só casaram porque ela estava grávida?

– Teddy – começo. – O pai só está sozinho em casa agora enquanto a remodelação decorre, mas em breve voltaremos a estar todos juntos.

O menino olha para mim visivelmente confuso, no entanto, antes que possa protestar, agarro-o pelo pulso e arrasto-o para longe do público. Pode dizer o que quiser depois de entrarmos no carro. Só não quero que a Cheryl e a Ashlyn oiçam, por isso não paro de andar até estarmos de volta à segurança do parque de estacionamento.

– Mamã – diz o Teddy, enquanto torço o corpo numa tentativa de o prender à sua cadeirinha automóvel. – Vais abrir um negócio?

Torço o pulso, tentando encaixar a fivela do arnês da sua cadeirinha. Apesar de todos os dias o pôr nesta mesma cadeira, parece sempre que se tornou demasiado grande para ela desde a última vez que a usei.

– Um *negócio*? – repito, enquanto a fivela encaixa. Essa é nova.

– O Zack diz que, se tu e o papá já não estão a viver juntos, é porque vão abrir um negócio.

Ocorre-me agora que o miúdo deve andar a dizer a toda a gente na escola que os pais já não vivem juntos. Se assim for, as minhas tentativas de controlo de danos são inúteis.

– Onde ias abrir o negócio? – pergunta-me o Teddy. – Provavelmente em casa do pai, porque é maior, certo? O teu apartamento é demasiado pequeno.

– Teddy…

– Posso ajudar? – pergunta, esperançoso.

Nem sei como responder a isso.

– *Queres* que a mãe abra um negócio, Teddy?

Tira um momento para refletir sobre a minha pergunta.

– Preferia que voltasses para casa e fosses viver connosco outra vez.

A sua resposta aperta-me violentamente o peito. Eu e o Jeremy não explicámos propriamente ao Teddy o que se passa. Nunca utilizámos a palavra «divórcio» e, provavelmente, esta seria uma boa oportunidade para lhe explicar o que o seu amigo realmente queria dizer em vez de «negócio». Seja como for, a verdade dos factos é

que eu e o Jeremy não nos vamos divorciar. Não ouvi nem mais um pio desde aquele *e-mail* do advogado e, apesar dos avisos ominosos da minha mãe, não parece que haja outra mulher em cena. Portanto, não há necessidade de o assustar.

– Não vamos abrir um negócio, Teddy – digo-lhe, ao entrar para o lugar do condutor. – E podes dizer isso ao Zack.

– Mas ele disse que foi o que aconteceu com os pais dele. – Subitamente, parece quase choroso. – Mudaram-se para casas diferentes e então abriram o negócio.

– Sim, bem, não é igual para toda a gente. Eu e o papá vamos só viver separados por um bocadinho e depois voltaremos a viver juntos.

– Mas não foi isso que o papá disse.

Estico o pescoço para olhar para o meu filho.

– Oh? O que disse o papá?

– Disse que, a partir de agora, vão viver separados, mas que isso não quer dizer que não me amem muito.

Tento interpretar o que isto significa. É óbvio que o Jeremy sentiu a necessidade de dizer algo ao nosso menino, o que é compreensível.

– Teddy – pergunto, hesitante –, viste mais algumas, hã… *mulheres* em casa?

Ele confirma sem hesitar.

– Sim.

Cai-me o coração aos pés. A minha mãe estava certa desde o início.

– Sim?

– A Rosita! – exclama. – Vai lá todas as manhãs.

Deixo escapar um suspiro. A Rosita, a ama do Teddy, é uma mulher extremamente encantadora, mas tem quase setenta anos e oito netos. Foi parte da razão pela qual a contratei. Tenho sérias dúvidas de que ande a ter um caso com o Jeremy.

– Mais alguém além da Rosita? – insisto.

Ele abana a cabeça em negação.

Não adoro que o Teddy ande a contar a todos os seus colegas que os pais já não vivem juntos, mas, ao mesmo tempo, fico aliviada por constatar que o Jeremy estava a dizer a verdade quando disse que não se andava a encontrar com nenhuma outra mulher.

Isto é uma crise de meia-idade. Pensava que a tinha tirado do sistema quando comprou o *Tesla*, mas, ao que parece, a sua angústia de meia-idade continua. Mas, mais cedo ou mais tarde, vai ver a razão.

Tenho a certeza.

9

Consegui finalmente sair para uma boa sessão de compras para o novo quarto do Teddy.

Não se tem mostrado muito entusiasmado por passar tempo no novo apartamento e tenho a certeza de que parte do problema está em como o seu quarto é aborrecido. O Jeremy insiste em que o Teddy durma na sua própria cama todas as noites e, ainda que, em teoria, eu concorde com isso, a dada altura gostaria que o Teddy começasse a passar os fins de semana em minha casa. Não sei quanto tempo vai durar esta separação e não posso continuar a passar todas as noites longe do meu bebé.

Assim, passei-me um bocadinho. Vim ao centro comercial local, onde enchi o meu carrinho de compras com três enormes conjuntos *Lego*, o maior dos quais permite construir uma cidade inteira, equipada com o seu próprio quartel dos bombeiros. Comprei-lhe um edredão novo, fronhas e lençóis adornados com os seus desenhos animados favoritos. E, só para jogar pelo seguro, comprei-lhe um expositor para a sua coleção de rochas.

Sinto-me bastante bem com as minhas compras quando me ponho na fila para as pagar. A minha disposição só azeda ligeiramente quando a minha antiga vizinha do lado, Phyllis Halpern, se junta à fila atrás de mim. Não faço ideia de se a Phyllis sabe que saí temporariamente de casa, mas não me surpreenderia. Tenho quase a certeza de que mantém a nossa casa sob vigilância vinte e quatro horas por dia.

– Olá, Naomi – diz, na sua voz crepitante. Não sei ao certo que idade tem, pois seria indelicado perguntar, no entanto, impressiona-me que ande por aí a fazer coisas e não se tenha, tipo, transformado em pó. – Como está?

– Ótima! – respondo, no tom mais alegre que consigo invocar. – E a Phyllis?

– A minha gota anda a portar-se mal – informa-me.

– Oh – digo, porque, na verdade, o que se pode dizer a isso? – Lamento saber.

A Phyllis olha para o meu carrinho com um olhar reprovador.

– No meu tempo, as crianças costumavam brincar na rua. Não precisavam de todos estes *brinquedos*.

Diz «brinquedos» como se fosse um sinónimo de «drogas». Lanço um olhar à fila à minha frente, ordenando-lhe que ande mais depressa.

– Sim, pois.

– A propósito, Naomi – começa. – Tem estado em viagem? Há quase duas semanas que não vejo o seu carro.

– Oh. – Passo os dedos pelo cristal de ametista ao meu pescoço, que tenho vindo a usar desde o dia em que o Jeremy me disse que queria o divórcio. – Bem, o meu carro está na oficina.

– A sério? – A Phyllis ergue o olhar para mim. O seu olho direito está um pouco congestionado e parece apontar para o lado. – Isso é muito tempo para estar à espera de reparações. A que oficina o levou?

– À da Pine Street – minto.

A Phyllis parece estar prestes a fazer-me outra pergunta, mas, felizmente, é a minha vez de pagar. O funcionário com ar aborrecido passa todas as minhas compras e eu passo o meu cartão de crédito, esperando sair daqui o mais rápido possível.

– Diz aqui que este cartão foi cancelado, minha senhora – informa-me o homem.

Olho para o *Mastercard* na minha mão, confusa. Tem validade até daqui a um ano. Tiro um segundo cartão da carteira e passo-o. Olho para o funcionário, que abana a cabeça.

– Lamento, mas não dá – diz.

Oh, meu Deus. A Phyllis está a olhar para mim como se tivesse acabado de assaltar um banco – aparentemente, a única coisa pior do que comprar brinquedos é não os poder pagar. Não sei o que se passa com os meus cartões de crédito, mas, de uma maneira ou de outra, vou comprar estes artigos para poder comprar o amor do meu filho.

– De certeza que a máquina está a funcionar bem? – pergunto.

O funcionário encolhe os ombros, como se toda esta interação estivesse muito acima do seu nível salarial. Tem ar de ainda andar no secundário.

– Vou levantar dinheiro à caixa automática lá fora – digo ao miúdo. – Pode só reservar isto para mim, por favor? Eu volto já.

– Hã… – Olha em volta, como se não soubesse muito bem se isto é um truque. – Está bem, mas só os posso guardar por algum tempo. Depois têm de ser repostos.

– Volto num instante! – prometo-lhe. E então tento sorrir à Phyllis. – Guarde-me o lugar na fila.

Se ela me guardar o lugar, será apenas por curiosidade mórbida.

Lembro-me de passar por uma caixa automática mesmo à entrada da loja. Cobra uma sobretaxa enorme, mas não quero saber. Lido com isso mais tarde. Neste momento, só preciso de algum dinheiro.

Insiro o meu cartão do banco na caixa automática e digito o meu código. Pergunta-me quanto dinheiro quero levantar e peço o máximo, que são duzentos dólares. Mal chega para pagar todas as coisas no meu carrinho. Bato com o pé no chão, ordenando à máquina que entregue o dinheiro mais depressa. Após um minuto inteiro de rangidos que dão a ideia de que pode estar a desfazer o dinheiro em pedacinhos, surge uma mensagem no ecrã:

Fundos insuficientes.

O quê?

Desta vez, peço à máquina que me mostre o saldo da conta. É uma conta conjunta que tenho com o Jeremy e, geralmente, tem sempre pelo menos cinco algarismos na conta à ordem. Mas agora o saldo é de vinte e cinco dólares.

O que se passa aqui?

Tenho um mau pressentimento. Tiro o telemóvel da bolsa e seleciono o nome do Jeremy na lista de contactos favoritos. Quando vai para o correio de voz, desligo e volto a ligar. E depois uma terceira vez.

Finalmente, oiço a voz do Jeremy do outro lado da linha. Não parece feliz. Nem se dá ao trabalho de dizer olá.

– O que se passa, Naomi?

– Os meus cartões de crédito não funcionam – digo-lhe.

Ele suspira de uma forma que me faz perceber que estava à espera desta chamada.

– Naomi, são os *meus* cartões de crédito. Pus-te neles quando casámos, mas, agora que já não estamos juntos, parece-me que devias ter os teus próprios cartões, não achas?

«Agora que já não estamos juntos.» As suas palavras são como uma faca no meu coração. Quando começou a sentir-se assim em relação a mim? Continuo a não entender! Se não tivesse acontecido de forma tão súbita, talvez pudesse lidar melhor com isto. Mas a única pergunta que não paro de me fazer é: «Porquê?» Tem de haver uma razão.

– E quanto à nossa conta bancária? – interrogo. – Costumavam estar lá milhares de dólares. Agora, só há vinte e cinco dólares na conta.

– Mais uma vez – responde –, é a *minha* conta. O que aconteceu à *tua*?

Quando casei com o Jeremy, tinha a minha própria conta bancária. Mas, depois de deixar o meu consultório médico, desbastei o saldo bastante depressa. Quando expliquei o problema ao meu marido, ele ofereceu-se rapidamente para me adicionar à sua própria conta, para que não tivesse de me preocupar com o dinheiro. Porque é esse o tipo de homem simpático e atencioso que o meu marido é.

Ou *costumava* ser.

– Não há quase nada nessa conta – revelo.

– Olha, não sei o que te dizer – responde. – Como disse, é a minha conta particular, à qual te adicionei para que tivesses dinheiro para as despesas familiares. Tenho o direito de tirar algum dinheiro da conta.

– Tiraste *todo* o dinheiro da conta!

– Em boa justiça – diz –, estou a pagar o apartamento onde vives agora. Sou eu que pago a mensalidade da escola do Teddy. Pago à Rosita. Para que precisas de tanto dinheiro?

– Ia comprar alguns brinquedos. Para o Teddy.

– Ele já tem brinquedos que cheguem.

– Em *tua* casa.

– Tudo bem. – Suspira. – Mas, se queres brinquedos para ele em tua casa, parece-me que devias ser *tu* a pagá-los.

– Sabes que não tenho emprego neste momento!

– Não és *médica*? – retorque. – Porque não voltas a trabalhar? Não estavas sempre a falar de como sentias a falta do trabalho? Devias voltar a fazer o que adoras.

Apesar de tudo, o Jeremy conhece-me muito bem, e tem uma certa razão. É certo que tinha uma carreira gratificante antes de o Teddy nascer, e tenho saudades dela. Adoraria regressar a esse tipo de trabalho.

– Mas não é assim tão fácil – digo. – Daria muito trabalho voltar a pôr o meu consultório a funcionar. E não é como se tivesse montes de tempo, visto que todos os dias tenho de ir buscar o nosso filho às duas e de o levar a um monte de treinos e aulas.

– Tudo bem, posso dizer à Rosita para o ir buscar, então. Está disposta a fazê-lo.

Aperta-se-me o estômago.

– Já mal o vejo, mesmo assim.

– Estou a tentar *ajudar-te*, Naomi. – O seu tom é agora mais brando. – Há muito tempo que querias voltar a trabalhar, e esta é a tua oportunidade de o fazeres.

As suas palavras são uma lembrança de que, quando nos conhecemos, tinha o meu próprio consultório e os meus próprios rendimentos, dos quais abri mão para criar o nosso filho. Pergunto-me se, se tomasse a iniciativa e me tornasse a mesma médica competente por quem ele se apaixonou, poderíamos salvar o nosso casamento. Fui-me desleixando ao longo dos últimos cinco anos e, se queremos ter alguma hipótese de fazer com que isto resulte, isso tem de mudar.

– Achas mesmo que consigo reabrir o meu consultório? – pergunto, em voz ténue.

– É claro que consegues. – Desde o dia em que me pediu o divórcio que a sua voz não soava tão calorosa. É o velho Jeremy, aquele por quem *eu* me apaixonei. – Eu acredito em ti.

– Obrigada – digo. – Isso significa muito.

Endireito os ombros, decidindo que esta é uma boa altura para sugerir que nos encontremos para beber um copo e conversar. Fora de casa. Talvez a Rosita possa tomar conta do Teddy para podermos ficar a sós.

– Além disso – diz o Jeremy –, tens de dizer ao teu advogado para contactar o meu o mais rápido possível. Então, poderemos resolver esta questão do dinheiro.

É como se tivesse acabado de meter o braço através do telefone para me dar uma bofetada.

– O quê?

Exala um longo suspiro.

– Por favor, não faças isto, Naomi. O meu advogado diz que te enviou um *e-mail* e tu nunca respondeste. Vamos só… resolver isto. Não quero que se torne feio. Tu queres?

Abro a boca para protestar, mas tudo o que me sai é um crocitar.

– Não tenho advogado.

– Tens de arranjar um advogado, Naomi.

– Não vou arranjar nenhum advogado até termos tido hipótese de conversar.

– Não há nada para conversar. – O calor evaporou-se da sua voz. – *Por favor*, arranja um advogado. Não me faças ser um sacana.

– O que queres dizer com isso?

O Jeremy geme.

– Não posso lidar com isto agora. Estou atrasado para uma reunião. Arranja um advogado e pronto, Naomi.

Antes que possa dizer mais uma palavra, dou-me conta de que ele desligou.

Olho para o cartão bancário inútil na minha mão. Quando casámos, não contava que tivéssemos uma conta conjunta. Afinal, estava no final da casa dos trinta, por essa altura, e sempre tinha tido a minha própria conta. Mas o Jeremy foi tão querido ao insistir em pôr-me na sua. «És minha mulher», disse-me. «O que é meu é teu.»

Por outro lado, é certo que me fez assinar aquele acordo pré-nupcial.

Essa velha conta bancária de antes do meu casamento continua lá. Não tem muito dinheiro, mas será suficiente para comprar pelo menos bens essenciais como comida e papel higiénico. Mas não vejo caros conjuntos *Lego* no meu futuro.

Se arranjar um advogado e dividirmos os nossos ativos, terei muito mais dinheiro. O acordo pré-nupcial pode não me ser favorável, mas, com a pensão de alimentos,

serei capaz de me desenrascar. E, no primeiro ano, o dia de aulas será mais longo e poderei regressar ao trabalho.

Mas recuso-me a desistir. Conheço o meu marido melhor do que ninguém neste mundo e nem pensar que ele se ia atirar assim ao nosso casamento, com esta política de terra queimada.

Passa-se algo mais aqui e não me vou render enquanto não souber o que é.

10

Cara Sra. Roth,

Venho por este meio dar seguimento à minha correspondência anterior consigo. Estamos empenhados em resolver esta questão de forma amigável e expedita. Se não tivermos notícias suas nos próximos sete dias, teremos de procurar a intervenção judicial.

Com os melhores cumprimentos,

Leonard Hardwick

Bem, o advogado do Jeremy está agora a ameaçar-me com um prazo. Nos próximos sete dias, tenho de arranjar o meu próprio tubarão, ou então… não sei o que significa «intervenção judicial», mas não parece bom. Parece algo que seria melhor evitar.

Contemplo o meu próximo passo, sentada no sofá às flores da mãe do Jeremy, enquanto bebo um copo de vinho barato. É o tipo de vinho que jamais teria bebido durante o meu casamento. A nossa cave em casa é, na realidade, uma garrafeira – com garrafas de vinhos caros, bons *whiskys*, conhaque e rum envelhecido. Eu teria ficado mais feliz com um quarto de brincar para o Teddy.

Sinceramente, sabe-me tudo ao mesmo, no entanto, costumava fingir o contrário quando eu e o Jeremy íamos a provas de vinhos juntos.

Apesar de achar esses eventos um pouco pretensiosos, costumava divertir-me. O Jeremy apreciava mais o vinho do que eu, mas não o levava demasiado a sério. Ao fim da noite, estávamos ambos sempre um pouco ébrios, razão pela qual apanhávamos um *Uber* em ambos os sentidos, e, na viagem de regresso, dávamos uns amassos no banco de trás como adolescentes.

Tínhamos um ótimo casamento. Ninguém me poderia convencer do contrário. Há alguns meses, teria jurado que me amava de todo o coração. Não sei o que aconteceu ou o que correu mal e não compreendo porque se recusa a falar sobre isso.

Talvez tenha um tumor cerebral? Ou… como era aquele filme com os invasores de corpos?

Olho para o relógio – um *Cartier* que, na realidade, foi um presente de aniversário do Jeremy. É quase meia-noite. O Teddy estará a dormir, mas o pai é noctívago e raramente se deita antes da uma da manhã. É a altura ideal para conversarmos em privado.

Pego no telemóvel, mas então lembro-me de como correu a nossa última discussão. Tenho um mau pressentimento de que, se lhe ligar, não vai correr melhor.

Mas nada me impede de ir até lá. Pela primeira vez em mais de cinco anos, não tenho uma criança a dormir em casa. Posso meter-me no carro e ir para lá agora e, visto que não haverá provavelmente mais ninguém na estrada, posso estar à porta da frente em quinze minutos. E então talvez eu e o Jeremy possamos finalmente discutir isto.

Talvez não tenha de voltar para este apartamento horrível depois disso.

Antes que possa pensar demasiado, salto do sofá e dirijo-me à casa de banho. Não tenho tempo para tomar duche, mas passo uma escova pelo meu cabelo acobreado e aplico rapidamente um pouco de maquilhagem – um pouco de rímel e um toque de batom. Troco a minha camisola larga por algo um pouco mais justo. Tenho os olhos inchados de não ter dormido bem nas últimas semanas, mas, quando somos casados há vários anos, já nos vimos um ao outro no nosso pior. Para o bem ou para o mal, esta é quem eu sou.

Costumava ser suficiente.

Pego num dos meus cristais de jade e meto-o ao bolso para dar sorte. Agarro na bolsa, tranco o apartamento e entro no meu *Lexus*. Conduzo um pouco depressa demais, em parte por estar ansiosa e em parte devido aos dois copos de vinho que bebi mesmo antes de sair. Acho que estou abaixo do limite, mas, por via das dúvidas, reduzo a velocidade. A última coisa de que preciso neste momento, a somar a tudo, é de uma multa por condução sob efeito de álcool.

É meia-noite e meia quando chego à casa. É a primeira vez que cá venho desde que encontrei aquelas malas feitas à minha espera, e ver a casa onde passei os últimos quatro anos da minha vida é quanto basta para me fazer doer o peito, sobretudo ao pensar no meu menino a dormir lá dentro.

Estaciono ao fundo da rua e faço o resto do caminho a pé. A casa está exatamente como eu me lembro. Dois andares, pintada de amarelo, mas com acabamentos em tijolo vermelho e janelas fixas à volta de todo o primeiro andar. Mas há algo na casa que está diferente. Algo que me faz parar bruscamente.

Está um *Jetta* bege estacionado no caminho de acesso.

Nunca vi aquele carro na vida. Não é certamente de ninguém que eu conheça. Olho para as janelas da casa e vejo que as luzes do primeiro andar ainda estão acesas. O Jeremy está acordado e claramente com companhia. Esgueiro-me até ao *Jetta*, que vejo agora que tem uma racha considerável no pára-choques traseiro. Espreito pela janela do lado do condutor, procurando uma pista do proprietário, contudo, o carro

está vazio, salvo por um refrigerante de restaurante de comida rápida num dos suportes para copos.

Aquilo que vejo na palha que se projeta da bebida é uma mancha de batom? É tão difícil perceber no escuro.

Tencionava bater à porta da frente para ter uma conversa com o meu marido, mas agora estou a repensar isso. É óbvio que está alguém em casa com ele, e custa-me pensar numa explicação inocente para uma visita quase à uma da manhã. Parece um pouco tarde para o seu advogado de divórcios o vir visitar.

Seja como for, recuso-me a sair daqui sem dar uma vista de olhos. Preciso de ver quem está aqui.

Dou a volta pela lateral da casa e encontro um bom lugar para espreitar pela janela da sala de estar. Agacho-me, erguendo a cabeça apenas o suficiente para espreitar por cima do rebordo inferior da janela, o que me dará uma vista aérea do sofá modular que comprámos há apenas seis meses por uma quantia obscena. Mas, quando ergo a cabeça para dar uma espreitadela…

Não está lá ninguém. A sala de estar está vazia.

Durante cerca de cinco segundos, fico aliviada. Não vejo ninguém no primeiro andar da casa, nem mesmo o Jeremy. Não tem uma mulher enredada nele no sofá enquanto veem televisão. Não está lá ninguém. No entanto, ocorre-me outro pensamento:

E se estão no andar de cima, no quarto?

Bem, se estiverem no andar de cima, não há nada que eu possa fazer. Visto que ele mudou as fechaduras, não tenho uma chave da casa, por isso não posso entrar. Terei simplesmente de ir embora. A não ser que…

Há *várias* árvores à volta da nossa propriedade. A maioria tem ramos que chegam bastante perto das janelas, ou que dão pelo menos uma boa vista. Há algum tempo que não trepo a uma árvore, mas acho que, se conseguisse apoiar o pé num…

Oh, esperem. A porta da frente está a abrir-se.

Abandono rapidamente o plano que quase de certeza teria resultado numa perna partida ou pior. O Jeremy devia estar com a sua visita no saguão, o que, no meu entender, parece bom sinal. Talvez fosse alguém que passou rapidamente por cá – sem tempo suficiente sequer para uma ida à sala de estar. Esgueiro-me pela lateral da casa para ter uma vista melhor da frente.

O Jeremy está a acompanhar alguém à porta da frente. E, mesmo à luz ténue, é muito claro que a visita é do sexo feminino. O seu longo cabelo cor de asa de corvo brilha à luz da lanterna que ilumina o alpendre da frente.

Bem, isto não é bom sinal. O meu marido tem uma mulher em casa a meio da noite. Mas, por outro lado, estão só a conversar no alpendre. Não está a acontecer nada. Pode ser uma amiga. Ou uma colega. Ou talvez… uma irmã há muito perdida? A questão é que, seja o que for que se passa entre eles, parece ser completamente platónico.

Até que ele se inclina para a beijar.

11

Vou vomitar.

O Jeremy está a beijar outra mulher. Não, não está só a beijá-la. A julgar pelo que vejo, está a tentar provar o que comeu ao pequeno-almoço.

Estava nitidamente a mentir quando disse que não havia outra mulher. Mas suponho que não devia ficar surpreendida, visto que mentiu sobre tudo o resto. Ouvi dizer que a melhor forma de julgar o carácter de alguém é pela forma como age durante uma separação, e talvez o meu marido esteja a mostrar pela primeira vez o seu verdadeiro carácter.

E, oh, meu Deus, *ainda* se estão a beijar? Durante quanto tempo precisa isto de continuar? É o beijo mais longo que alguma vez vi!

O mais correto a fazer seria esgueirar-me de regresso ao meu carro e sair daqui antes que alguém me veja. Nada de bom pode resultar de confrontar o Jeremy e a sua amante enquanto estão aos apalpões no alpendre da frente. Não o vai envergonhar. E é bastante provável que dê início a um tumulto que chamará a atenção de toda a vizinhança. Devia ir.

E, no entanto, quase contra a minha vontade, os meus pés começam a andar para a frente, dando longas passadas em direção à porta principal do que costumava ser o meu lar.

– Não posso acreditar! – grito, numa voz que até eu reconheço que é demasiado alta. – Andaste o tempo todo a trair-me!

O Jeremy pára de a beijar. Dá alguns passos atrás, arregalando os olhos de espanto, e então vejo uma certa vermelhidão espreitar de debaixo do colarinho da sua camisa. Por uma vez, consegui pelo menos surpreendê-lo.

– Naomi – diz, num tom de voz estrangulado. – O que fazes aqui?

Agora que estou no alpendre, consigo ver melhor a mulher que o meu marido estava a beijar, e quase lamento que assim seja. É muito bonita; linda, na verdade. Uma figura esguia, combinada com uns peitos desproporcionadamente grandes e uns enormes olhos de corça com longas pestanas que a fazem parecer um pouco uma personagem de *anime*.

E é *jovem*. Muito e *injustamente* jovem. Decididamente na casa dos vinte. Talvez até em *inícios* dos vinte, o que seria verdadeiramente horripilante. Agora que estou nos

quarenta, quase parece um insulto que ainda exista gente na casa dos vinte, com os seus corpos viçosos e rostos sem rugas. Não há quantidade de cirurgia plástica que me pudesse fazer ter o aspeto dela. Esses dias passaram há muito.

Mas a pior parte? A pior parte é que a minha mãe estava *certa*.

– Vim *falar* contigo! – Cuspo as palavras. – Mas parece que já tens *companhia*!

Oh, meu Deus, agora tudo faz sentido. Andava a esforçar-me tanto para perceber o que tinha feito de errado ou como o nosso casamento se tinha desmoronado tão depressa, mas, claro, a razão foi, desde o início, dolorosamente óbvia. Não foi que tivesse feito algo de errado. Foi que *ela* apareceu. E aquele sacana não conseguiu resistir.

– Naomi. – Tem ao menos a graça de parecer culpado. – Isto não é… o que pensas.

– A sério? Não acabo de te apanhar aos amassos com a tua amante, então?

O Jeremy troca um olhar com a rapariga de vinte e cinco anos com quem tem andado enrolado. Retorce-se dentro da camisa, mas a rapariga não parece minimamente desconfortável. Fita-me com os seus límpidos olhos cor de café, com um ligeiro sorriso nos lábios. Após uma breve hesitação, dá um passo em frente.

– Sei que isto é um pouco constrangedor – diz a rapariga, num tom que é tão irritantemente bonito como o resto dela. – Mas, provavelmente, devia apresentar-me. Chamo-me Veronica.

Veronica? Até o nome odeio.

– Na verdade – começo –, não me parece que haja necessidade de se apresentar.

A rapariga parece imperturbada perante a minha resposta. Continua apenas a olhar para mim com aqueles olhos grandes. A sua sobrancelha esquerda arqueia-se alguns milímetros e, por um momento, quase parece que me está a desafiar.

Se quiser lutar, pode vir. Estou pronta para ela. Tenho unhas.

O Jeremy deve pressentir algo a fervilhar entre nós as duas, pois murmura-lhe:

– Devias ir, Ronnie.

– Está bem – responde. Lança-me um sorriso neutro, como se fôssemos duas pessoas aleatórias que acabam de ser apresentadas numa festa. – Foi *bom* conhecê-la finalmente, Naomi.

Não retribuo o sentimento. Tem sorte em não lhe arrancar os olhos.

A Veronica trota escadas abaixo em direção ao seu *Jetta*. O Jeremy assiste à sua descida, e a ânsia nos seus olhos é palpável. Costumava olhar assim para mim, mas é óbvio que fui substituída.

Finalmente, tudo faz sentido.

Mesmo depois de a Veronica ter desaparecido no seu carro e partido estrada fora, continuo furiosa. Dito isto, vim aqui para tentar discutir as coisas com o meu marido e, ainda que não tenhamos decididamente feito isso, obtive pelo menos uma resposta.

E, agora que sei a verdade, talvez haja uma forma de resolver isto. Esta rapariga, a Veronica, pode ser linda, mas é só isso que ela é. Não é a sua companheira. Não é a mãe do seu filho. Mas, se vamos reparar o nosso casamento, temos primeiro de pôr tudo em cima da mesa.

– Disseste-me que não havia mais ninguém – digo, num tom acusador.

– Desculpa. – Não parece conseguir olhar-me nos olhos. – Pensei que seria mais fácil para ti se não soubesses.

– Pensaste que seria mais fácil se não soubesse que andas a comer uma rapariga com metade da tua idade?

– Tem vinte e oito anos.

É mais velha do que eu pensava, mas, mesmo assim, mais de uma década mais nova do que o Jeremy. Mais de uma década mais nova do que *eu*. Sem rugas nem estrias, aposto.

– Continuas a ser demasiado velho para ela. Pareces ridículo, sabias?

O meu marido encolhe os ombros, como se não lhe importasse quão ridículo parece, ainda que a vermelhidão ainda a subir-lhe pelo pescoço o denuncie. Só que a verdade é que *não* parece ridículo com ela. Pode ser mais velho, mas continua a ter muito boa aparência. Formam um casal muito atraente, facto esse que me enfurece ainda mais.

– Conheceu o Teddy? – pergunto.

O Jeremy abana a cabeça. Tiro algum consolo do facto de não a ter achado suficientemente importante para a apresentar ao filho, mas então ele acrescenta:

– Ainda não.

– Olha – digo. – Sei que estás a ter uma crise de meia-idade ou assim, mas…

– Isto não é uma crise de meia-idade.

– Bem, o que chamas quando um homem casado de quarenta anos tem um caso com uma rapariga de vinte e tal?

Ele franze o sobrolho, enrugando a testa, e, por um momento, faz-me lembrar como o Teddy fica às vezes.

– Naomi – diz, em voz baixa. – Estou apaixonado por ela.

Desato a rir. Não consigo evitar. É simplesmente tão absurdo! O Jeremy não pode estar apaixonado por aquela rapariguinha insípida. Ainda nem a apresentou ao Teddy!

– Oh, por favor!

– Estou mesmo – insiste, e parece tão sério que me suga todo o riso de dentro. – Desculpa.

– E então… o quê? – pergunto. – Queres divorciar-te de mim e casar antes com a *Veronica*?

O Jeremy não responde. Claro que o ideal seria um «não» categórico, mas pelo menos não disse sim. O que me deixa confiante em que ainda tenho uma hipótese.

Por outro lado, quero-o sequer de volta depois de tudo isto? Uma coisa era termos «diferenças irreconciliáveis», porém, agora que sei que me tem andado a trair, isso faz-me vê-lo de forma diferente. Não sei se algum dia lhe poderia perdoar por isto, mesmo que se apercebesse do enorme erro que está a cometer.

Mas quero tanto que a minha família volte a ficar inteira. Sempre quis que o Teddy tivesse a vida que eu nunca pude ter em criança, com dois pais que o amam na mesma casa. E, até a *Veronica* aparecer, éramos felizes. O Jeremy era viciado no trabalho – isso era inegável – mas era doce, atencioso, um ótimo pai e, além disso, ainda suficientemente atraente para me fazer fraquejar os joelhos.

O nosso casamento merece ser salvo?

Não sei, mas espero que sim.

– É melhor ir – murmuro.

O meu marido assente.

– Acho que é boa ideia.

Viro-me e começo a andar na direção de onde estacionei o meu *Lexus*. Chego quase ao fim do caminho de acesso e é então que oiço a voz do Jeremy atrás de mim.

– Naomi?

Viro-me. Continua parado no alpendre, a observar-me.

– O que foi?

Semicerra-me os olhos ao luar.

– Consegues chegar bem a casa?

– Importas-te?

O seu franzir de cenho aprofunda-se.

– É claro que me importo.

A euforia do vinho passou e sinto-me cansada até aos ossos; mas não cansada ao ponto de adormecer ao volante.

– Eu fico bem.

Por um momento, ficamos os dois parados, a olhar um para o outro. Enquanto olho para este homem, que é o meu marido e o pai do meu filho, sei que, apesar do que fez, vale a pena lutar por este casamento. Mas há ainda mais em causa do que isso.

Não confio naquela mulher que ele estava a beijar. Pode estar apaixonado por ela, mas eu vi a expressão nos olhos dela e tenho a certeza de que não continha amor. *Quer* algo dele.

E eu vou descobrir o que é.

12

— Acho que o período de almoço não é suficientemente grande – diz a Ashlyn. – Quando o Jax recebe a comida, o tempo está praticamente a acabar, e então só tem cinco minutos para enfiar o máximo que puder na boca antes de ter de voltar para a sala, mas nunca consegue terminar. Quando o venho buscar, está esfomeado!

Eu e a Cheryl assentimos em sintonia. A curta duração do período de almoço tem sido uma grande fonte de indignação entre os pais. Tendo em conta o que pagamos por essa refeição *gourmet*, parece-nos que as crianças deviam ter tempo para a comer de facto.

Acima de tudo, ainda assim, é simplesmente agradável falar sobre algo tão banal como o almoço da escola. Passaram duas noites desde que descobri que o meu marido me ia deixar por uma mulher muito mais nova. Passei esse tempo a perguntar-me como vou salvar a minha família.

Não tenho nenhuma ideia brilhante, mas, por outro lado, não voltei a ter notícias do advogado do Jeremy. Isso dá-me esperança. Quanto mais tempo arrastar isto, mais tempo ele tem para perceber o erro terrível que está a cometer.

– Talvez nos devêssemos reunir com a diretora? – sugiro. – Aposto que, se alguns de nós forem lá para discutir a situação, ela nos dá ouvidos.

A verdade é que não me podia importar menos com a situação do almoço. Mas não há nada como uma boa petição escolar para nos desviar do pensamento dos nossos problemas conjugais.

– Achas que sim? – Os olhos orlados de rímel da Ashlyn iluminam-se. Adora um bom confronto. – Andava com vontade de falar com ela, mas não queria fazê-lo sozinha.

– Há um monte de outras mães preocupadas com isto – digo. – Consigo ver pelo menos três ou quatro pessoas neste momento.

Perscruto o pátio em busca de possíveis aliados na nossa batalha para prolongar o período de almoço da escola. Debito rapidamente alguns nomes e então o meu olhar pousa na Cora Janzen, que está no seu local habitual, completamente sozinha do outro lado do pátio. Já ninguém parece falar com ela, o que me deixa

particularmente feliz por não ter contado à Cheryl e à Ashlyn o que se passava entre mim e o Jeremy. Não preciso de ser uma pária, a somar a tudo o resto.

Enquanto estamos as três a arquitetar um plano, vejo um homem desconhecido entrar no recinto escolar. Por esta altura, a maioria dos pais é-me pelo menos vagamente familiares, mesmo que não saiba os seus nomes, mas este homem não é alguém que já tenha visto antes. Está de camisa e gravata e vem em direção à escola com uma expressão estranhamente decidida no rosto.

A Cheryl estava a falar sobre o dilema do almoço escolar, mas interrompe-se a meio de uma frase quando o homem se aproxima. Subitamente, estão todos a observá-lo. A explicação mais provável é que seja um pai que não costuma vir à recolha, mas há algo nele que me faz pensar que não é um pai – que está aqui com algum outro propósito.

Oh, meu Deus, e se for um assassino daqueles dos massacres escolares? Tem uma sacola ao ombro direito e, apesar de ser relativamente pequena, e se estiver cheia de armas semiautomáticas? E se ele se dirigir à escola, forçar a entrada e começar a disparar?

Bem, não vamos deixar que isso aconteça! Se tenciona fazer mal aos nossos filhos, este grupo de mães vai mostrar-lhe do que somos feitas.

Só que o homem não vai em direção ao edifício da escola. Vira e começa a dirigir-se aos pais que estão à espera. Na verdade, vem mesmo em direção a nós.

A Ashlyn e a Cheryl retesam-se ao meu lado.

– Quem é aquele homem? – interroga-se a Cheryl, em voz alta.

– Não faço ideia – murmuro.

O homem passa pela Cora e por todos os outros pais, ainda que todos os olhares estejam agora a segui-lo. Finalmente, para diante de nós as três e, por esta altura, o meu coração está praticamente a saltar-me do peito.

Olha diretamente para mim, com a mão na sacola.

– É a Naomi Roth?

As minhas pernas transformam-se em líquido. O que quer este homem de mim?

– Sim? – guincho, enquanto a Cheryl e a Ashlyn olham para mim, boquiabertas.

O sujeito mete a mão na sacola. Por uma fração de segundo, tenho a certeza de que vai pegar numa arma, contudo, em vez disso, tira um envelope de papel pardo e estende-mo.

– Está intimada – anuncia.

O quê?

Pego no envelope porque estou demasiado estupefacta para não o fazer. Agora que fez o seu trabalho, o homem dá meia-volta e abandona o recinto escolar. Não estava

aqui para fazer mal aos nossos filhos. Não é um atirador. É um oficial de diligências, e eu acabo de ser intimada com a documentação do meu divórcio. Diante de toda a escola.

Quase preferia que me tivesse alvejado.

– Naomi? – pergunta a Ashlyn. – Está tudo bem?

– Ahã – consigo responder, apesar de ser muito óbvio que não está nada tudo bem.

Felizmente, a campainha de saída da escola toca e é hora de ir buscar os miúdos. A Cheryl e a Ashlyn dão graças por terem uma desculpa para fugir de mim. São as minhas amigas mais próximas, mas é óbvio que não querem ser associadas a seja qual for o drama que aconteceu hoje.

Continuo agarrada ao envelope enquanto me dirijo à frente da escola para ir buscar o Teddy. Quero deitá-lo ao lixo, mas, chegados a este ponto, é evidente que o Jeremy não tem a menor intenção de abandonar os seus planos. Tenho de levar isto a sério.

Só que não sei genuinamente o que fazer a seguir.

O Teddy sai da escola a correr, ligeiramente desequilibrado devido ao peso da sua mochila monstruosa. Pergunto-me quantas pedras terá na mochila hoje. Lembro-me de me queixar de tantas pedras quando estava a falar com o Jeremy há algumas semanas. «Isto é um grande problema», disse-lhe eu. Ele limitou-se a encolher os ombros, o que faz sentido, pois sabia que, muito em breve, íamos ter problemas muito maiores.

– Mamã, mamã! – exclama o meu filho. – Posso ir brincar para o parque com o Jax?

Depois da forma como a Ashlyn olhou para mim há um minuto, a última coisa que me apetece é aguentar uma saída para brincar com ela e com o filho.

– Estamos ocupados hoje.

– Não, não estamos – protesta. – Hoje é o único dia em que não tenho nenhuma aula nem desporto, e disseste que podia ir brincar!

– Sim, bem. – Pigarreio. – Estamos ocupados na mesma.

– Com o quê?

Lanço um olhar à Ashlyn e ao Jax. O menino parece ter tido a mesma ideia que o Teddy e aponta freneticamente na nossa direção. Mas a Ashlyn está a abanar a cabeça e a puxá-lo.

– Acho que o Jax está ocupado – opto antes por dizer.

– Não, não está.

– A mãe dele disse-me que tinham de ir fazer uma coisa.

– O quê?

– Não sei – respondo, entredentes. Ainda recordo com carinho o tempo em que o Teddy não sabia falar.

– Mas eu quero ir brincar – choraminga o meu filho. – Disseste que podia!

Isso é verdade. Após não ter podido comprar os *Legos* nem a colcha divertida para o seu quarto, estava desesperada por fazer algo para mostrar ao Teddy que sou divertida e merecedora do seu tempo. Mas, neste momento, dava tudo para poder simplesmente ir para casa, beber um copo de vinho barato e soluçar sobre o conteúdo deste envelope de papel pardo.

Enquanto estou a tentar descobrir como explicar isto ao Teddy, sinto um toque no meu ombro. Viro-me e encontro a Cora Janzen atrás de mim, com o filho pela mão. Enfia uma madeixa do seu cabelo louro-platinado que lhe cai pelo queixo atrás da orelha, enquanto os seus olhos me trespassam.

– Olá, Naomi – diz. – Estava aqui a perguntar-me se o Teddy gostaria de vir ao parque com o Zack.

– Sim – respondo, agradecida. – Com certeza que sim.

13

Eu e a Cora decidimos ir de carro até um parque um pouco mais periférico para evitar que as outras mães oiçam a nossa conversa. Procuramos um banco com uma boa vista para a estrutura de jogo e deixamos os rapazes ir à sua vida.

Não posso deixar de admirar a forma fantástica em que a Cora está. Tenho-me mantido na melhor condição possível, mas ela parece simplesmente tão em *forma*, como se fizesse visitas diárias ao ginásio. Apesar de saber que não devia, dou por mim a estudar-lhe os seios, tentando perceber se os rumores são verdadeiros.

A Cora deve ver-me a olhar, pois pergunta:

– É isso que andam a dizer, então? Que pus implantes mamários?

Sinto o rosto a arder.

– Hã…

Atirando a cabeça para trás, ela ri-se.

– Não faz mal. Vejo isso como um elogio. A resposta é não, a propósito.

Bem, agora tenho inveja.

– Então. – Fixa o seu olhar férreo em mim. – Tenho vindo a ouvir do Zack que tu e o teu marido já não vivem na mesma casa. E presumo que fossem papéis de divórcio aquilo com que foste intimada.

Olho para o chão.

– Estamos a ter alguns problemas. Uma galdéria deitou as garras ao meu marido e agora ele perdeu o juízo.

– Bem, não há muito que possas fazer quanto a ele destruir a tua família. – Apoia o braço nas costas do banco. – Mas podes fazê-lo arrepender-se de alguma vez lhe ter posto a vista em cima. Ouvi dizer que o teu marido é podre de rico. Tens um acordo pré-nupcial?

– Sim.

– Uma complicação – diz, pensativa. – Mas não é de todo inultrapassável. Eu também tinha um, mas a minha advogada anulou-o.

Lembro-me do que todos dizem sobre a Cora. Que a sua advogada despedaçou o seu acordo pré-nupcial. Que fez o ex-marido chorar. Se vou receber conselhos sobre

divórcio, não há ninguém melhor de quem os obter. Mas ainda não estou certa de querer conselhos sobre divorciar-me.

– Ainda quero tentar resolver as coisas com o Jeremy – confesso.

Ela arqueia uma sobrancelha.

– A sério? Depois de tudo o que ele te fez?

– Era um bom marido e um muito bom pai. – Estendo a mão para o cristal ao meu pescoço. Hoje, trago um cristal de obsidiana floco de neve, que ajuda a forjar força emocional. – Acho que está a passar por uma crise de meia-idade.

– Oh, Naomi, deixou-te por uma mulher mais nova, é tão simples como isso. Não é uma criança. Sabe o que está a fazer.

Não posso dizer que esteja errada, mas, mesmo assim, não quero desistir do meu casamento.

– A minha mãe teve três maridos. Foi muito difícil para mim. Nunca quis isso para o Teddy.

Olho para o meu filho, que anda a correr atrás do amigo pelo parque. Param apenas fugazmente quando o Teddy encontra uma pedra interessante no chão e a mete ao bolso. Adoro ver a pura alegria no seu rosto quando está a brincar. Não há nada que me faça mais feliz do que vê-lo feliz.

– O Teddy estará feliz se tu estiveres feliz – diz a Cora. – E não vais ser feliz se fores aldrabada no divórcio. Precisas de um bom advogado, Naomi.

– Suponho que sim…

– Quem é o teu advogado agora?

– Eu não… – Cruzo as pernas. – Não tenho advogado. De momento.

– Naomi! – Bate-me com tanta força no braço que até dói. – Precisas de um advogado! Não, precisas de um tubarão. Precisas de alguém que possa destruir esse estúpido acordo pré-nupcial que assinaste.

Junto as mãos.

– Tens alguma recomendação?

– Bem, o melhor advogado de divórcios da ilha é o Lenny Hardwick, claro.

Cai-me o coração aos pés.

– É o advogado do meu marido.

– Au. – Estremece. – O teu marido é um gajo esperto, não é?

– É, certamente.

– Pois muito bem. – Leva a mão à bolsa para tirar o seu telemóvel e toca no ecrã. – Vou dar-te o número da minha advogada, a Stefanie Gorman. É fantástica. Vou avisá-la de que te vou encaminhar para ela.

A Cora pode ter uma ótima advogada, mas não lhe quero ligar. Assim que tiver uma advogada, as coisas vão começar a avançar rapidamente. Uma advogada não quererá que eu me reconcilie com o meu marido. Quererá que me divorcie, porque é essa a sua especialidade.

A mulher vê a minha hesitação. Pousa o telemóvel e põe-me uma mão ossuda no ombro.

– Naomi, sei que tens a esperança de resolver as coisas com o Jeremy. Sei que ainda o amas. Mas ele já decidiu.

– Bem…

– Naomi, *ele já decidiu*.

Mas ela não viu a expressão nos olhos da Veronica na outra noite. Não entende como o meu marido – um homem bom – está a ser manipulado.

– Do que tu precisas – continua – é de te defender. Tens de te assegurar de que não sais desse casamento na penúria, e, mais importante, de que tens o máximo de tempo possível com o teu filho. Não queres que aquele sacana tente ficar com a guarda e te deixe só com o direito a visitas.

Abano veementemente a cabeça.

– O Jeremy jamais faria isso. Está sempre a trabalhar! Não faria sentido querer a guarda.

– Sim, bem – diz a Cora, encolhendo os ombros. – Ficarias surpreendida com o que é posto na mesa quando as coisas começam a ficar feias.

Pode estar certa quanto a eu precisar de um advogado, mas está errada acerca da guarda. O Jeremy jamais me tiraria o Teddy.

A Cora procura um papel na bolsa e rabisca o número gravado no seu telemóvel. Estende-me o papel e, quando não lhe pego, enfia-mo na mão.

– Liga à Stefanie – pede. – Isto vai acontecer, quer queiras, quer não, e precisas de um bom advogado.

– Está bem.

– Prometes?

– Prometo.

– Ótimo. – Assente, satisfeita. – E, na semana que vem, num dia em que não tenhas o Teddy e eu não tenha o Zack, vamos sair as duas para beber um copo. – Pisca-me o olho. – Há limites para o quanto uma pessoa se pode divertir num parque escolar, não é?

Retribuo-lhe o sorriso, mas nem consigo contemplar a ideia de me divertir neste momento. Estou demasiado ocupada a fantasiar com o que faria à Veronica se a apanhasse sozinha.

Se tivesse quinze minutos com aquela rapariga, estou convencida de que conseguiria descobrir a verdade.

14

Estou a sair do meu *Lexus* no parque de estacionamento do supermercado quando o vejo.

O *Jetta* bege com o pára-choques traseiro rachado.

Está estacionado ao fundo da fila de carros, com o motor ainda a trabalhar. Por um momento, fico a olhar para ele, na esperança de que possa ser algum outro *Jetta* bege com o pára-choques traseiro rachado. Mas então, passado um segundo, a porta do lado do condutor abre-se e lá sai ela.

A Veronica.

Está vestida de forma informal hoje, com uma camisola e umas calças de ganga justas que exibem as suas pernas a quilómetros. É facilmente vários centímetros mais alta do que eu, mesmo de ténis. Põe a sua bolsa de imitação a um ombro, atira o cabelo cor de asa de corvo por cima do outro ombro e começa a andar na direção do supermercado.

Há muitos supermercados por aqui. Podia voltar para o meu carro, procurar outro e fazer compras livre da Veronica. Provavelmente, seria o mais inteligente a fazer.

Mas, não obstante, dou por mim a dirigir-me à loja.

Passo pelo seu *Jetta* e, instintivamente, dou por mim a levar a mão à bolsa para procurar as minhas chaves. Antes do Jeremy, saí com um engenheiro de *software* que cortou o contacto comigo logo depois de eu dormir com ele. Riscar o *BMW* desse sacana foi uma das coisas mais satisfatórias que já fiz, e o que ele me fez não foi nem de longe tão mau como o que fez a Veronica.

Fecho os dedos sobre o meu porta-chaves. Quase consigo sentir o bronze a rasgar-lhe a lateral do carro. Vai saber tão bem.

Mas então largo as chaves. Riscar o carro da Veronica poderia dar-me alguns minutos de satisfação, mas não alterará o facto de que roubou a minha família. E, seja como for, o seu carro é um chaço – o arranhão até poderia ser um melhoramento decorativo.

Assim, opto antes por seguir caminho até ao supermercado.

Não sei o que estou a fazer. Na realidade, preciso apenas de comprar algumas provisões, porque tudo o que tenho na cozinha neste momento é café moído e um pão. Mas, em vez de encher o meu carrinho de compras de alimentos nutritivos para

mim e para o meu filho, ando a seguir a Veronica pelo supermercado, mantendo-me um pouco distante para que não perceba que estou aqui.

A Veronica é suficientemente impressionante para, mesmo com umas calças de ganga azuis e uma camisola, chamar a atenção enquanto faz as compras. Não sou certamente a única pessoa a observá-la – diria que cerca de 90% dos homens no supermercado lhe tiraram as medidas nos dez minutos seguintes à sua chegada. Ou não se apercebe da atenção ou aprendeu a ignorá-la.

Não sei porque a estou a observar. Não sei porque importa que tipo de cereais a Veronica gosta de comer (*Cheerios*), qual é o seu sabor de iogurte favorito (lima) ou até se gosta de ovos brancos ou castanhos (castanhos). Mas, por alguma razão, acho tudo isso fascinante. E ainda mais quando pega numa embalagem de tampões.

De algum modo, é reconfortante saber que sangra como as outras pessoas.

Passo cerca de vinte minutos a segui-la pelo supermercado, largando artigos no meu próprio carrinho de forma intermitente quando calha avistá-los nas imediações. Pára num expositor de *ramen*. Olha para cima, claramente interessada numa sopa da prateleira do topo, fora do seu alcance. Estende o braço direito, tentando chegar à sopa inatingível.

Quase de imediato, um funcionário do supermercado de passagem vai em seu auxílio. Já tentei chegar a artigos nas prateleiras altas do supermercado provavelmente centenas de vezes na vida, mas *nunca* ninguém se ofereceu para me ajudar, e muito menos um milissegundo depois de ter tentado chegar ao dito artigo. O funcionário que a ajudou é ainda mais velho do que o Jeremy e muito menos bem-parecido – para não falar em que é funcionário de um supermercado e não gestor de fundos de cobertura – mas ela é tão efusiva a agradecer-lhe que poder-se-ia pensar que era… Bem, quem são as estrelas de cinema atraentes hoje em dia? Nem sei. Só sei que ela o faz ficar com o rosto vermelho-vivo, sobretudo quando lhe toca no braço.

Estou tão fascinada com esta interação que não noto que estou precariamente perto de um expositor de bolachas de água e sal. Dou um passo atrás e toda a torre de bolachas balança e depois desaba de forma bastante espetacular. Caixas abrem-se e bolachas derramam-se no chão, espalhando-se aos meus pés. O som é tão alto que juro que todo o supermercado se cala por completo durante dez segundos inteiros.

Naturalmente, tanto a Veronica como o funcionário que a estava a ajudar olham na minha direção. A Veronica arregala os olhos ao reconhecer-me. O funcionário, por outro lado, parece pouco entusiasmado enquanto marcha em direção ao caos que criei.

– Agora tenho de limpar isto tudo – resmunga. – Da próxima vez, tenha mais cuidado, está bem?

Lança-me um olhar venenoso. Tenho a certeza de que, se tivesse sido a Veronica a derrubar a torre de bolachas, ele as apanharia de bom grado e as reconfiguraria depois num altar em sua honra. Mas, em vez disso, limita-se a resmungar em surdina enquanto repõe as caixas de bolachas.

A Veronica empurra o seu carrinho na minha direção com uma expressão amável, ainda que um pouco desconfiada, nos olhos.

– Naomi, certo?

Tento adotar uma expressão neutra.

– Desculpe… conhecemo-nos?

De certeza que sabe que estou a mentir, mas mantém o sorriso simpático plasmado no rosto.

– Chamo-me Veronica – responde. – Conhecemo-nos na outra noite. Em casa do Jeremy?

– Oh. – Bato na testa, como se estivesse a puxar pela memória. – Em *minha* casa, quero dizer.

A Veronica não morde o isco. Continua simplesmente a sorrir, e tenho de admirar o quanto está bonita, apesar de não parecer estar a usar grande maquilhagem. Ou nenhuma, até. É só *naturalmente* linda, suponho. Oh, meu Deus, odeio-a tanto.

– Olhe – começa. – Sinto que começámos mal no outro dia. E não quero nada isso.

Não me dou ao trabalho de esconder o meu revirar de olhos.

– Ai sim?

– Sim – confirma. – Devíamos dar-nos bem se vamos trabalhar em conjunto com o Teddy.

Olho para ela, indignada com a sua lata.

– *Nós* não vamos trabalhar em conjunto com o Teddy. Eu e o Jeremy é que vamos, tal como temos vindo a fazer nos últimos cinco anos.

– Sim – responde. – Mas, mais cedo ou mais tarde, também vou passar tempo com ele. Talvez até mais do que a Naomi!

Atira o seu longo cabelo por cima do ombro e sinto um impulso quase irrefreável de cortar todas aquelas luxuriantes madeixas asa de corvo. Pergunto-me em que corredor estarão as tesouras.

– Oiça bem, Veronica – silvo-lhe, suficientemente baixo para o funcionário heroico, ainda a empilhar bolachas, não me ouvir. – Como é óbvio, não sei todos os pormenores de como iludiu o meu marido a dormir consigo, mas tem de entender

que eu e o Jeremy temos uma ligação que os dois nunca terão. Somos *casados*. Temos um *filho* juntos. A Veronica é só… – Aponto com uma mão para o seu corpinho firme, repugnada. – Para lavar as vistas. Vai aborrecer-se de si em poucas semanas.

Esperava que os meus comentários pudessem abalar a sua confiança ou fazê-la questionar se o que tem com o meu marido é real. Mas, em vez disso, os seus lábios curvam-se como se toda a situação a divertisse imenso.

– Oh, Naomi. – Suspira. – Sinto-me pessimamente com a situação. A sério que sim.

– Sente?

– Claro! – Começa a estender a mão para me tocar no braço, mas então muda de ideias. Rapariga esperta. – Não sou má pessoa, a sério. Eu e o Jeremy simplesmente… apaixonámo-nos. Não podemos escolher por quem nos apaixonamos.

– Na verdade – digo –, quer-me parecer que *pode* escolher não se apaixonar por um homem casado.

– Não conseguimos evitar. – Leva uma mão ao peito. – Temos uma ligação tão profunda!

Céus, *odeio-a*.

Porém, ao mesmo tempo, há algo nesta conversa que me parece estranho. Bem, além do facto de estar outra mulher a dizer-me que está apaixonada pelo meu marido. Quando o Jeremy me disse na outra noite que estava apaixonado pela Veronica, era evidente pela expressão no seu rosto que o dizia a sério. Mas eis aqui a Veronica, a dizer-me que ela e o meu marido estão profundamente apaixonados, e não há amor nos seus olhos. Tudo o que lhe vejo no rosto é uma expressão fria e calculista, bem mascarada por uma simpatia ensaiada e pela sua beleza natural.

A Veronica não está profundamente apaixonada pelo meu marido. Não o ama de todo.

Apostaria seja o que for.

– Ei, senhora!

A voz do funcionário arranca-me dos meus pensamentos. Segura uma caixa de bolachas, que sacode diante do meu rosto.

– O que foi? – questiono.

Volta a sacudir as bolachas.

– Esta caixa abriu-se quando a derrubou. Agora, tem de a comprar.

Não quero estas estúpidas bolachas, mas não me apetece discutir com este funcionário, que está já a trocar olhares cúmplices com a Veronica. De certeza que vai contar ao Jeremy a nossa pequena interação hoje, e não preciso que a história

envolva eu ter tido uma discussão aos gritos com um funcionário do supermercado. Assim, pego nas bolachas e largo-as no meu cesto, junto à fruta.

– Devia ter cuidado com essas uvas – diz-me a Veronica, atirando novamente o cabelo por cima do ombro. – Podem causar asfixia.

– Corto sempre as uvas antes de as dar ao Teddy.

– Não me referia ao Teddy. – Lança-me um olhar significativo.

Sinto um calafrio. Vem-me ao pensamento que, se eu não estivesse por perto, não haveria absolutamente ninguém para impedir a Veronica de conseguir o que quisesse do meu marido. Não posso deixar de pensar em como seria conveniente para ela se eu batesse a bota.

Respiro fundo.

– Veronica – digo. – Eu… imploro-lhe. Procure outro homem qualquer. Alguém que não seja casado e… outra pessoa, só isso. Por favor. Por favor, não me tire a minha família.

Observo o rosto da rapariga, esperando que o meu discurso comovente a tenha conseguido alcançar. Mesmo que tenha ido atrás do meu marido pela sua enorme conta bancária, não quer dizer que não tenha nem rasto de compaixão no corpo. Tem de compreender que está a destruir a minha família. Isto não é um crime sem vítimas.

Mas vejo-lhe nos olhos que não quer mesmo saber. Não há lá compaixão. Nem um lampejo. E, durante todo esse tempo, não deixa de me sorrir.

– Lamento – responde –, mas também é a minha família agora. E não me parece que vá ser muito feliz se tentar interpor-se no nosso caminho.

E então afasta-se com o seu iogurte de lima, os seus ovos castanhos – e nem uma caixa de bolachas de água e sal.

Está decidido: vou ver aquela advogada que a Cora recomendou e vou contra-atacar.

15

Tenho uma reunião esta manhã com a Stefanie Gorman, a advogada de divórcios.

Enquanto estou sentada na sala de espera à porta do seu gabinete, mobilada com cadeiras de mogno que têm ar de custar milhares de dólares cada uma, tenho sentimentos ambíguos quanto a toda a situação. Preciso de um advogado e a Cora diz que ela é incrível. Mas contratar um advogado faz toda esta situação parecer mais real.

Isto está mesmo a acontecer. Eu e o Jeremy vamo-nos mesmo divorciar. Ou é pelo menos para aí que nos encaminhamos, a menos que eu o consiga fazer ver a verdade sobre a Veronica. Mas, neste momento, preciso acima de tudo de me proteger.

– Senhora Roth?

Endireito-me ao ouvir o rececionista da Stefanie Gorman chamar o meu nome. Tem um homem como rececionista, o que acho estranhamente fixe. Além disso, é muito atraente, de uma forma algo queque. Não paro de lhe lançar olhares sorrateiros por cima da revista que estou a fingir ler.

– Pode entrar agora, senhora Roth – informa-me o rececionista jeitoso.

– Obrigada.

Levanto-me e aliso a saia preta pelo joelho, que combinei com uma blusa branca. Até prendi o meu cabelo num puxo aprumado, depois de olhar para o meu reflexo no espelho da minúscula casa de banho que nunca pareço conseguir limpar por completo, por mais que esfregue. Estou desesperada por parecer profissional.

O gabinete da Stefanie Gorman é maior do que o meu novo apartamento e está mobilado com peças de aspeto caro. O Jeremy conhece muito melhor do que eu as marcas caras, mas a minha regra geral é que, se uma peça de mobiliário parecer pesada, é provavelmente cara.

Quanto à própria Stefanie Gorman, irradia sucesso – tudo nela é imaculado, da roupa à maquilhagem e ao cabelo. Tem as madeixas negras presas atrás, como as minhas, ainda que as suas sejam muito mais brilhantes e estejam apanhadas numa espécie de coque francês complexo. As suas feições são incisivas e sagazes, mas o seu rosto suaviza-se quando me sorri. Gosto instintivamente dela.

– Obrigada por me receber tão depressa, senhora Gorman – digo-lhe.

– Por favor, trate-me por Stefanie. – Estende o braço para me apertar a mão e o seu aperto é surpreendentemente firme, dada a sua figura esguia. – Sente-se, por favor, senhora Roth.

– Naomi – corrijo, estendendo-lhe a mesma cortesia que ela me ofereceu.

Gosto muito desta mulher. Não estava muito convencida da ideia de procurar um advogado, mas confio nela. Vai ajudar-me. Estou tão grata por a ter do meu lado.

A Stefanie Gorman senta-se à sua secretária diante de mim e junta os dedos.

– Devo ir direta ao assunto – diz. – Só me apercebi esta manhã, mas não a posso representar.

Fico de queixo caído.

– O quê?

– Infelizmente – explica –, o seu marido, o Jeremy Roth, já contratou os meus serviços. Seria, portanto, um conflito de interesses para mim representá-la também.

– Isso não pode estar certo. – Puxo a minha saia, que me está a subir pelas pernas. – O Jeremy já tem um advogado. É o Leonard Hardwick.

– Sim, conheço o Lenny Hardwick – confirma. – Mas, não obstante, o seu marido também contratou os meus serviços.

Abano a cabeça, incapaz de entender o que se passa. Encontrei finalmente uma defensora, mas agora parece que me puxaram o tapete de debaixo dos pés. Outra vez.

– Porque haveria ele de contratar os serviços de dois advogados diferentes?

– Não tenho a certeza. – Por um momento, a Stefanie fica calada, a contemplar esta reviravolta. – Há outra excelente advogada que posso recomendar: a Carrie Moynihan. É uma das melhores advogadas de divórcios que conheço. Na verdade, deixe-me ligar-lhe agora mesmo.

Parece estranho que esta advogada esteja disposta a ligar a outra em meu nome, mas, se está disposta a ajudar-me, não a vou impedir. Pega no telemóvel, seleciona um número nos seus contactos e, passado um instante, parece ter ligação direta a Carrie Moynihan. Diz o meu nome à outra advogada e, após um momento de discussão tensa, pousa o telemóvel e volta a focar o olhar no meu rosto.

– Bem – anuncia. – Parece que o seu marido também contratou os serviços da Carrie.

– Não compreendo. – As minhas palmas começam a suar e limpo-as à saia. – Para que precisa o meu marido de *três* advogados?

– Não precisa. – Recosta-se na sua cadeira, sem nunca tirar os olhos dos meus. – Contratou todos os melhores advogados de divórcios locais para a impedir de os usar. Desculpe que lhe diga, mas o seu ex é um pouco canalha.

Não sei o que responder a isso. Nem lhe contei como ele me induziu a sair de casa. Nem como limpou as nossas contas bancárias. Por mais que queira que a Stefanie seja minha advogada, nem tenho a certeza de que lhe pudesse pagar.

Mas, por mais que tente, não consigo imaginar o Jeremy com quem era casada a fazer-me estas coisas. Ele *não* é um canalha. Foi ele que me disse para arranjar um bom advogado, portanto, porque haveria de me tornar tão difícil arranjar um?

Tem de ser a Veronica quem está por detrás disto.

– O que devo fazer? – pergunto, num tom que sei que soa desesperado.

Ela bate com as unhas imaculadamente arranjadas na secretária por um momento.

– Na verdade – responde –, acho que conheço alguém que seria perfeito para si.

– E se o Jeremy já o tiver contratado?

– Oh, não. – Ri-se alto. – Isso não será problema.

Abre uma das gavetas da sua secretária e passa um momento a vasculhar o interior. Finalmente, tira um cartão de visita ligeiramente dobrado e fá-lo deslizar sobre a mesa até mim. Pego-lhe e leio o nome.

– Ezra Fletcher.

– Certo – responde. – Mas… – Estende a mão e tira-me o cartão dos dedos. – Desculpe, este número de telefone está provavelmente errado. – Rabisca um novo número no cartão e volta a empurrá-lo sobre a secretária. – Este número deve funcionar.

– É advogado de divórcios?

Um dos cantos dos seus lábios arrebita-se.

– Trata de vários tipos de casos, mas é muito bom. Sinceramente, fica em excelentes mãos.

Custa-me imenso imaginar que este homem, que nem tem o número certo nos seus cartões de visita, possa ser tão bom como a Stefanie Gorman, que despedaçou o acordo pré-nupcial da Cora e tem também a cadeira de cabedal mais deslumbrante que já vi. Mas a cavalo dado não se olha o dente, e, por falar nisso…

– Além disso – acrescento –, tenho um pequeno problema…

A mulher arqueia uma sobrancelha.

– Sim?

– O meu marido esvaziou todas as nossas contas bancárias – revelo. – Portanto, neste momento, estou com poucos recursos.

– Canalha – repete, em voz baixa. – Lamento, Naomi. Isso é horrível, no entanto, garanto que o Ezra vai ajudá-la. Vou ligar-lhe pessoalmente e explicar a situação.

Sobem-me lágrimas aos olhos. A Stefanie Gorman não tem por que ser tão amável para mim, embora valorize imenso isso.

– Obrigada. Muito obrigada.

– Ei, as mulheres têm de se manter unidas. – Pisca-me o olho. – Posso não poder aceitar o seu caso, mas fico a torcer por si, Naomi. Espero que deixe esse sacana desse banqueiro de investimento na miséria.

16

Consegui marcar uma reunião com o Ezra Fletcher para amanhã de manhã.

A minha breve conversa telefónica com ele não me encheu de confiança. Parecia distraído e deu-me algumas indicações complicadas para uma garagem onde tenho de estacionar quando for ao seu escritório, pois, se não o fizer, alguém vai «provavelmente» arrombar o meu carro. Parte de mim pergunta-se se a Stefanie Gorman não estará *mesmo* a trabalhar para o Jeremy, tendo-me enviado na direção deste advogado como parte da sabotagem.

Mas não é como se tivesse muitas alternativas.

O Jeremy perguntou-me se me importava de ir deixar o Teddy a nossa casa esta noite, visto que ia trabalhar até tarde. Agarrei-me à oportunidade. Quando vai buscar o filho ao apartamento, metade das vezes, o Jeremy nem sai do carro. Limita-se a estacionar em frente à casa e a enviar-me uma mensagem para mandar o Teddy sair. Quando se dá ao trabalho de ir à porta, está sempre a olhar para o relógio, pronto para virar costas.

Mas esta noite será diferente. Irei à porta e farei questão de entrar para conversar. Dir-lhe-ei o que a Veronica me disse no supermercado – que basicamente me *ameaçou*. Pode não a pôr imediatamente a andar, mas plantará ao menos na sua cabeça a semente de que ela não é tão boa como ele pensa.

Estaciono em frente à casa com o Teddy no banco de trás, sentindo a ânsia que sempre sinto nestes dias quando visito o local onde vivi nos últimos quatro anos. O Jeremy disse que era a *sua* casa e, ainda que isso possa ser juridicamente verdade, foi o lar onde jantei com a minha família durante quatro anos. Foi onde decorei árvores de Natal e pus presentes do Pai Natal. Era onde eu e o Jeremy fazíamos amor todas as noites.

– Mamã, porque estamos aqui parados? – pergunta o meu filho, do banco de trás.

As palavras dele arrancam-me dos meus pensamentos. Forço-me a esboçar um sorriso no rosto, sacudindo quaisquer vestígios de tristeza.

– Por nada.

– Vais dormir connosco esta noite? – pergunta o Teddy, num tom tão esperançoso que me parte o coração.

– Talvez.

O menino bate palmas enquanto eu baixo a pala solar e tiro um segundo para aplicar uma nova camada de batom ao espelho. Tento não me sentir amargurada ao lembrar-me de como a Veronica parecia ótima no supermercado sem maquilhagem nenhuma.

– Porque estás a pôr batom? – pergunta o Teddy.

– Por nada.

– Vais a algum lado?

– *Não*.

Abre a boca, como que para fazer outra pergunta, mas lanço-lhe um olhar que, felizmente, o silencia. Isso resulta talvez uma vez por ano, por isso dou graças.

Tiro o Teddy da sua cadeirinha automóvel e ele puxa a mochila do banco ao seu lado. O seu carregamento de hoje de pedras do recreio foi particularmente grande, apesar de uma delas ser um quartzo rosa que é bastante bonito, na verdade. O peso da mochila fá-lo andar um pouco inclinado para trás enquanto nos dirigimos juntos à porta da frente. Instintivamente, levo a mão à bolsa para tirar as minhas chaves, mas então lembro-me de que o Jeremy mudou as fechaduras.

Aposto que foi a Veronica que lhe disse para o fazer.

Toco antes à campainha, reprimindo o impulso de saltar de um pé para o outro, como o Teddy está a fazer. Quando a porta se abre, tenho um sorriso gracioso no rosto, mas desaparece ao ver a Rosita ali parada.

A ama do meu filho tem um rosto agradavelmente redondo, com rugas delicadas à volta dos olhos, e um cabelo negro que mantém sempre apanhado atrás num puxo impecável. Nos quase quatro anos desde que a conheço, nunca a vi sem o cabelo num puxo – nem sequer num rabo-de-cavalo. Provavelmente, não a reconheceria se soltasse o cabelo.

– Olá, menina Naomi – cumprimenta-me, um pouco rigidamente. Costumava passar a vida a dizer-lhe que só Naomi bastava, mas desisti disso.

Fui eu que contratei a Rosita e era eu quem mais interagia com ela, pelo que o seu desconforto comigo é ainda mais uma bofetada.

– Olá, Rosita – respondo, no meu tom mais caloroso e cordial.

O Teddy passa a correr pela ama e entra em casa, e ela parece estar prestes a fechar a porta, mas estendo a mão para a impedir. Ela pestaneja, surpreendida.

– Espere – peço. – O… o Jeremy está em casa?

– Vai ficar a trabalhar até tarde – responde, embora evite os meus olhos, o que me faz pensar que está *mesmo* em casa.

– Só preciso de falar com ele por um minuto. – Tento evitar o tom lamuriento que me transparece na voz, mas é difícil. – Serei rápida.

A Rosita hesita por um momento, no entanto, acaba por abanar a cabeça.

– Desculpe.

E então fecha-me a porta na cara.

Bem, que desperdício de batom. Marcho de regresso ao meu carro, com um pressentimento terrível a revolver-me o estômago. É óbvio que vai ser mais difícil do que pensava apanhar o Jeremy a sós, mas não vou parar de tentar.

17

Conduzo até casa, parando pelo caminho num restaurante de comida rápida para um hambúrguer com batatas fritas e um batido. Já comi uma salada de couve e grão-de-bico ao jantar, contudo, já passou uma hora e continuo com fome. Não me lembro da última vez que comi batatas fritas de *fast-food*, mas, se há dia em que precisei desesperadamente de algo gorduroso e frito, é hoje.

Ao regressar ao apartamento, equilibro o saco de papel húmido de gordura numa mão enquanto procuro as minhas chaves na bolsa com a outra. Não pareço conseguir encontrá-las e, pior ainda, os meus dedos tocam algo pegajoso e lembro-me dos morangos que o Teddy não comeu ontem e que embrulhei em guardanapos e enfiei na bolsa até encontrar um caixote do lixo (para depois os esquecer por completo). Quando estou prestes a pousar a comida à entrada para fazer uma busca a duas mãos, noto algo estranho.

A porta do meu apartamento está entreaberta.

Olho para ela, com o coração na garganta. Porque está a porta assim, parcialmente aberta? Não parece que a fechadura esteja partida nem que tenha sido forçada, de algum modo. E está apenas um pouco aberta; mal chega para ser percetível.

Lentamente, estendo a mão e empurro a porta, deixando-a acabar de se abrir.

Demoro-me à entrada, meio à espera de ver alguém saltar-me para cima. Ninguém o faz. Tenho uma vista bastante boa para a sala de estar do pequeno apartamento a partir daqui, e parece tal como a deixei esta manhã. Não parece ter sido pilhada ou assaltada. Está completamente tranquila e silenciosa.

Ocorre-me o pensamento de que há uma pequena hipótese de me ter esquecido de trancar a porta quando saí para ir levar o Teddy a casa. O bairro é relativamente seguro, por isso não me preocupo assim tanto com trancar tudo ao sair, mas é certo que notei que a placa do caixilho nem sempre fecha completamente à primeira tentativa. Se me tivesse esquecido de trancar a porta, facilmente poderia encontrá-la entreaberta ao voltar.

Terá sido isso que aconteceu?

Tenho o telemóvel na bolsa, ao lado dos morangos esmagados. Podia ligar para a polícia e comunicar que encontrei a porta de casa aberta ao chegar. Podiam verificá-

lo e confirmar que não há perigo. Seria, talvez, o mais inteligente a fazer, sobretudo depois da forma como a Veronica me ameaçou no supermercado.

Só que parece um exagero enorme. Não há indícios de arrombamento. Não há sinais de que haja um intruso em minha casa. Além disso, a última coisa que me apetece neste momento é lidar com a polícia. Só quero afundar-me no sofá e comer o meu jantar pouco saudável.

Hesitantemente, entro no apartamento.

Está tudo em silêncio aqui dentro. Ao contrário da outra noite, não oiço nenhum rumorejar ou arranhar. A haver um intruso, não parece querer que o encontre aqui. Olho para a sala de estar, procurando sinais de algo fora do lugar. Sinto uma pontada de tristeza ao avistar algumas rochas que o Teddy deixou para trás na mesa de centro. Largo o saco gorduroso junto a elas.

As portas dos dois quartos estão abertas. Espreito para o primeiro – o do Teddy. Está um pouco caótico, porque ele esteve lá a brincar e não o arrumou como deve ser, mas tem o mesmo aspeto que quando saímos. Até verifico o roupeiro, mas não está lá ninguém agachado à espera. Nada.

O segundo quarto é o meu – o sítio onde tenho vindo a dormir desde que fui expulsa de minha casa. Espreito para dentro, para a cama de casal feita de lavado e para a pirâmide de orgonite na mesa de cabeceira. A orgonite não me tem trazido muita sorte ultimamente, mas as coisas vão mudar em breve. Tenho a certeza.

Finalmente, verifico a casa de banho, o que não demora muito, pois tem um quarto do tamanho da minha antiga casa de banho principal, que tinha dois lavatórios separados para eu e o Jeremy podermos escovar os dentes sem passar por cima um do outro. Como os quartos, está silenciosa. Limpei-a esta tarde, tentando arrancar brilho à porcelana baça do lavatório. Quase dou meia-volta, mas então apercebo-me de que a cortina do duche está fechada.

Terei fechado a cortina do duche depois de limpar a casa de banho? Geralmente, gosto de a manter aberta.

Uma voz ao fundo da minha cabeça diz-me que é hora de ligar para o 112. Agora, há duas coisas fora do lugar, contando com a porta da frente aberta. É estúpido da minha parte investigar sozinha. É assim que mulheres são mortas. Além disso, já existe alguém que sei que preferia que eu saísse de cena.

Por outro lado, vou mesmo chamar a polícia para *ver o que está atrás da cortina do duche*? Tenho *cinco* anos? O que se segue? Pedir-lhes para verem se o papão está escondido debaixo da minha cama?

Afinal, se estivesse alguém atrás da cortina do duche, haveria uma sombra. Certo?

Respiro fundo, de pernas a tremer enquanto entro na casa de banho. Estendo uma mão e agarro a lateral da cortina. Fecho os olhos com força por um instante e então volto a abri-los e puxo a cortina, expondo o interior da banheira.

Nada.

O meu corpo relaxa. Graças a Deus que não chamei a polícia – ia parecer tão tola. De certeza que me esqueci apenas de trancar a porta antes de sair para ir levar o Teddy; foi só isso que se passou. O meu encontro com a Veronica é que me deixou em alerta máximo.

Agora que confirmei que não está ninguém escondido no meu apartamento, dirijo-me à pequena cozinha junto à sala de estar. Vou jantar *fast-food*, mas posso ser suficientemente civilizada para a servir num prato. Abro um dos armários por cima da bancada da cozinha e é então que reparo no bloco de facas em cima da bancada.

Falta uma faca.

O meu coração dispara-me dentro do peito enquanto olho para a ranhura vazia no bloco. Viro-me, à espera de ver a Veronica atrás de mim, com a faca desaparecida na mão direita. Mas, mais uma vez, não está lá ninguém.

É então que vejo algo a reluzir no lava-loiça: a faca.

Devia ficar aliviada por não haver um intruso no meu apartamento, à espera de me cortar às fatias com os meus próprios utensílios, mas continuo a não conseguir repelir a minha inquietude. Eu *nunca* saio de casa com loiça suja no lava-loiça. É uma das minhas *regras*. Além disso, não creio que tenha usado aquela faca esta noite. Se tenho a certeza absoluta? Não, não tenho. Mas…

Algo não está certo aqui. *Chama a polícia, Naomi*.

A voz ao fundo da minha cabeça tornou-se mais alta. Consigo imaginar-me a esquecer-me de trancar a porta, a fechar a cortina do duche *ou* a deixar uma faca no lava-loiça, mas as três coisas? Parece impossível.

Mas o que diria ao certo à polícia? Uma faca deixada no lava-loiça da cozinha não é propriamente o tipo de crime que se veria nas notícias das dez. O que esperaria que fizessem? Não posso esperar que investiguem a Veronica com base num local onde não houve crime. Provavelmente, iam rir-se de mim. Ou pior, falar-me em tom condescendente, como se tivesse enlouquecido.

Assim, em vez disso, tiro um prato do armário e regresso à sala de estar para comer, apesar de ter perdido completamente o apetite.

18

Às 09h30 da manhã seguinte, apareço para a minha reunião com o Ezra Fletcher.

O bairro onde o pequeno prédio de escritórios se encontra acaba por se revelar tão duvidoso como prometia. As ruas têm uma aura pós-apocalíptica de vazio a envolvê-las, com todas as lojas entaipadas com pranchas de madeira cobertas de *graffitis*. Estaciono na garagem, conforme as instruções, e, durante o trajeto da garagem até ao prédio, mantenho uma chave entre o indicador e o dedo do meio para servir de arma improvisada.

O escritório do Fletcher fica no quinto andar, e há elevador, mas tem um grande cartaz de *fora de serviço*, portanto tenho de ir pelas escadas. O prédio é antigo e os degraus rangem a cada passo, além de que o corrimão também parece um pouco solto. Quando chego ao topo, estou ofegante. Sigo por um corredor estreito com uma luz fraca por cima até chegar a uma porta de madeira com um letreiro que diz «Ezra Fletcher». E bato.

Um segundo depois, oiço um rumorejar atrás da porta, seguido de um estrondo, mais rumorejares e alguns palavrões. Finalmente, o Fletcher abre a porta do seu escritório.

Não há absolutamente nada neste escritório que me faça sentir bem com a ideia de contratar este homem como meu advogado. Incluindo o próprio Fletcher, que parece não ter escovado o cabelo nem feito a barba esta manhã. Pelo menos, o seu hálito cheira a hortelã. Parece aproximadamente da minha idade, mais ano, menos ano, ainda que haja algo de jovem na sua energia. Tem o tipo de magreza que dá a ideia de que se esquece de parar para as refeições e uns óculos grossos empoleirados ao fundo do nariz. Traz uma camisa quase inaceitavelmente amarrotada e tem uma gravata posta, mas frouxamente pendurada à volta do pescoço.

O escritório em si é ainda pior. É ainda mais pequeno do que o quarto do Teddy no meu apartamento, atulhado com uma pequena secretária e um monte de estantes a transbordar. Tem duas grandes pilhas de papéis em cima da secretária e as duas cadeiras diante dela têm também ambas pilhas de papel a ocupá-las.

– Deve ser a Naomi Roth. – Por alguma razão, tem um agrafador na mão direita, e passa-o para a esquerda para poder apertar a minha. – Sou o Ezra Fletcher. Prazer

em conhecê-la. A Stefanie pôs-me a par de toda a situação.

– Sim, ela… hã, recomendou-o vivamente. – Ainda que me custe perceber porquê.

– Ah, sim? – Isso parece agradar-lhe muito. – Bem, porque não se senta?

Adoraria sentar-me, mas ambas as cadeiras no seu escritório têm pilhas de papel em cima. Quer que me empoleire *em cima* dos papéis?

O Fletcher parece reconhecer o meu dilema e tira uma das pilhas de papéis de cima da cadeira. Passa-a para a sua secretária, equilibrando-a sobre outra pilha de papel. Por um momento, balança, e ele parece temer que vá tudo tombar, mas, miraculosamente, não acontece.

Sorri-me.

– Ufa.

Não lhe retribuo o sorriso.

– Isso é, hã, muito papel.

– Ah, sim, é, não é? – Estuda todas as pilhas. – Recebi tudo isto de um hospital, porque acham que me podem enterrar em papelada e iremos simplesmente esquecer que foram negligentes. Mas vou examinar cada página disto e, quando tiver terminado, vão pagar os olhos da cara.

Há uma certa confiança na sua voz ao falar que me faz esquecer a camisa amarrotada, o escritório desarrumado e os cinco lanços de escadas que tive de subir para aqui chegar. Talvez a Stefanie Gorman não me estivesse a enganar, afinal, quando me recomendou este indivíduo.

– Falemos, então – conclui.

Aponta para a cadeira agora vazia e sento-me enquanto ele ocupa o lugar atrás da sua secretária. Pigarreio.

– A Stefanie explicou-lhe a questão do dinheiro? – pergunto, hesitante. Não quero criar expectativas para depois ele me pôr na rua por não poder pagar os seus honorários.

– Sim, contou-me. – Remexe na gravata desapertada e, por um momento, parece que a vai atar, mas então não o faz. – Disse que o seu marido limpou todas as vossas contas conjuntas. Que sacana.

– Bem, o dinheiro é dele. Eu não tenho emprego.

– Porque está a defendê-lo? – Pisca-me os olhos. – O que esse homem lhe fez não está certo, e ele sabe disso. Está a jogar sujo e, quando isto acabar, vai arrepender-se.

– Acha que sim?

– Dou-lhe a minha palavra. – Leva uma mão ao peito, um gesto sincero que acho estranhamente encantador. – Trouxe o acordo pré-nupcial?

Meto a mão na bolsa e tiro o molho de papéis dobrados. Ainda que não saiba o que lhes fazer, visto que não há espaço absolutamente nenhum onde os pousar na sua secretária. Felizmente, ele estende a mão para os papéis.

Empurra os óculos para cima sobre a cana do nariz e folheia os documentos.

– Pediu a um advogado para examinar isto antes de assinar?

Baixo a cabeça.

– Não. Lamento. Eu só… confiava nele.

– Oh, não, não lamente. – Passa outra página do documento. – Não é a primeira e não será a última. Toda a gente acha que o seu casamento vai durar para sempre, e por isso assina o que lhe põem à frente.

Era exatamente isso que eu pensava. Nunca imaginei que ia estar no escritório de um advogado a dissecar o acordo pré-nupcial. Nunca imaginei que o voltaria a ver depois de o assinar.

O advogado demora-se numa das páginas, arreganhando os lábios.

– Enfim, se tivesse arranjado um advogado, ele ter-lhe-ia dito para não assinar isto, porque é um caos. É óbvio que ele a coagiu a assiná-lo. Achava mesmo que isto se ia aguentar num divórcio? Devia estar louco.

Coro.

– Ele não me coagiu a nada.

– Naomi – chama-me, largando o acordo pré-nupcial em cima do teclado do seu computador, visto que é o único espaço livre em todo o escritório. Cruza as mãos à sua frente e não posso deixar de notar que não usa aliança na mão esquerda. – Oiça, eu quero ajudá-la, mas sinto alguma… hesitação. O que se passa?

A expressão sincera no seu rosto faz-me sentir confortável para me abrir com ele. Afinal, este homem é o meu advogado. Possivelmente o único que resta na cidade.

– O meu marido anda a ter um caso com outra mulher.

– Lamento. Isso é horrível. – Di-lo com sinceridade. – Mas, infelizmente, não nos ajuda muito. Nova Iorque é um estado de divórcios sem culpa.

– Mas é só que eu… não acho que ela o ame de verdade. Está a *usá-lo*. – Torço as mãos no colo. – Não acho que ele queira realmente o divórcio.

– Mandou-a intimar com os papéis do divórcio. Em público.

– Certo, mas está como que… enfeitiçado por ela. Temos um filho juntos, ele e eu. Ele ama-me e eu amo-o.

Os seus olhos suavizam-se enquanto se recosta na cadeira.

– Olhe, eu percebo. Ninguém quer que o seu casamento termine, sobretudo se têm um filho juntos. No entanto, é precisamente por *ter* um filho que tem de se proteger. Precisa de dinheiro para poder providenciar um bom lar para ambos. E

quer assegurar-se de que o acordo de guarda lhe é favorável. Se for para lá mal preparada, ele vai espezinhá-la. Acredite em mim. Já lidei com muita gente como o seu marido.

O que diz faz sentido. Odeio admiti-lo, mas tem razão.

– Então – começa –, vamos avançar?

Não quero ir avante com este divórcio, contudo, não tenho alternativa. Se o Jeremy quer isto, não o posso evitar.

– Sim. Vamos avançar.

– Ótimo! Agora, mãos à obra.

Pontua essa afirmação batendo com a palma na superfície da sua secretária. Uma pilha de papéis tomba e voa por todo o lado.

19

Quando chego à minha antiga casa no sábado para ir buscar o Teddy para passarmos o dia juntos, o Jeremy parece furioso.

– Naomi. – O seu tom é tenso e zangado quando abre a porta para me deixar entrar. Traz um dos seus fatos profissionais caros, porque o meu marido literalmente nunca pára de trabalhar, e, ao contrário da do meu advogado, a sua gravata está apertada num nó Windsor perfeito. Está dolorosamente bonito. – Já cá devias estar há mais de uma hora!

Olho para o relógio, que marca dez da manhã.

– Disseste dez.

– A sério? Disse nove!

Entro na sala de estar e avisto o Teddy, sentado no sofá modular, com um casaco leve e a mochila já às costas. A ideia de que passou a última hora assim, à minha espera, toca-me o coração.

– Tenho a certeza de que disseste dez – insisto.

– Tenho a certeza de que disse nove. – Franze-me o cenho. – Porque estou sequer surpreendido? Fazes sempre isto. *Sempre*. Tinha-me esquecido de que estávamos a lidar com o Fuso Horário da Naomi.

Mordo o lábio inferior. Disse-me para vir às dez. Tenho a certeza. Mas, claro, não tenho nenhum registo do que ele disse. Discutimo-lo apenas fugazmente quando foi buscar o Teddy ao apartamento ontem à noite. As nossas conversas são sempre extremamente breves, hoje em dia.

– Porque não me enviaste uma mensagem quando me atrasei? – pergunto.

– Foi o que *fiz*.

Foi? Vasculho a minha bolsa para tirar o meu telemóvel e vejo de imediato que tenho uma série de mensagens de texto perdidas no ecrã a perguntar onde estou. Tenho tendência a esquecer-me de que pus o telemóvel em silêncio.

– Da próxima vez, digo à Rosita para vir – resmunga. – Para não ficar aqui encalhado à espera de que acabes por aparecer quando bem te apetece.

Mais uma vez, sinto uma punhalada de culpa. Será possível que tenha percebido mal? Ter-me-á dito nove horas e eu, de algum modo, pensei que disse dez? Parece tão seguro de si. Talvez tenha sido eu que fiz asneira. Estava a meio de fazer o jantar

enquanto falávamos, e tinha duas panelas ao lume ao mesmo tempo, portanto é possível que tenha ouvido mal.

Sinto-me terrivelmente por ter deixado o Teddy à espera. Parece tão desamparado, ali sentado no sofá. Mas então ergue o olhar e vê-me, e o seu rosto ilumina-se. Quando salta do sofá para me cumprimentar, vejo que segura um elefante de brincar. Ergue-o entusiasticamente.

– Olha, mamã! Olha o que eu recebi!

– Muito bonito! – elogio, tentando invocar uma medida adequada de entusiasmo para compensar o meu atraso.

– Foi a Ronnie que o comprou para mim!

É como um murro no estômago.

– Oh…

– É muito simpática, mamã – continua o meu filho. – E também é *muito* bonita.

Quero mais do que tudo que pare de falar. Viro-me para o Jeremy, que está a remexer na sua pasta.

– Jeremy?

Ele não ergue o olhar.

– Hã?

– Apresentaste o Teddy à Veronica?

Interrompendo a sua busca por quaisquer que fossem os papéis que procurava, ergue os olhos para mim.

– Sim, apresentei.

Até agora, pensava que o que quer que se passasse entre a Veronica e o Jeremy não podia ser assim tão sério, visto não a ter apresentado ao nosso filho, porém, ao que parece, atingiram agora esse marco.

Apetece-me chorar.

– Posso falar contigo por um minuto? – peço ao Jeremy.

– Tudo bem. – Está novamente a vasculhar a sua pasta, como se eu mal estivesse na sala. – O que se passa?

Lanço um olhar ao Teddy, ainda agarrado àquele estúpido elefante.

– Em *privado*, por favor?

O Jeremy olha para o seu *Rolex*.

– Sim, está bem. Mas, por favor, sejamos rápidos. Já estou atrasado.

Não posso imaginar que reunião importante tem ele a um sábado de manhã, mas o Jeremy está *sempre* a trabalhar. Os seus clientes são muito carentes, e pagam-lhe o suficiente para estar disponível. É por isso que preciso de arranjar um apartamento decente para o Teddy poder começar outra vez a viver comigo.

O Jeremy conduz-me ao seu escritório no andar de baixo e, quando entramos, fecha a porta atrás de nós, e vem-me à memória a nossa noite de núpcias. O Teddy passou a noite com os pais do Jeremy, para podermos ter a casa só para nós, e o Jeremy insistiu em carregar-me pela casa até ao nosso quarto, no andar de cima. Apesar de estar em esforço quando me pousou na nossa cama, foi tão romântico. Ainda me lembro do arrepio que me percorreu enquanto se deitava avidamente sobre mim e consumava o nosso casamento. Finalmente, tinha tudo o que sempre quisera.

O Jeremy não faz menção de se sentar no sofá. Limita-se a cruzar os braços e a arquear uma sobrancelha.

– Está tudo bem?

Tem a gravata um pouco torta. Estendo a mão para a endireitar, como costumava fazer, e ele recua como se o tivesse escaldado.

– Naomi… – Parece quase culpado, o que parece ridículo. – Por favor, não…

– Sou a tua *mulher* – saliento. – Tenho o direito de te tocar.

Não diz nada a isso. Tem uma expressão no rosto que não consigo propriamente identificar.

– Porque apresentaste o Teddy à Veronica? – desafio-o. – Pensava que ias esperar.

– E esperei. – A sua resposta faz com que me interrogue sobre há quanto tempo se andava a encontrar com aquela mulher nas minhas costas. – E, na verdade, também queria falar contigo sobre isso. Por favor, pára de falar mal da Ronnie ao Teddy nas costas dela. Não está certo.

– Eu não faria isso!

– Vá lá, Naomi…

– Tudo bem, vou fazer de conta que a mulher que dividiu a nossa família é a minha pessoa favorita em todo o mundo. Feliz?

O Jeremy franze o sobrolho, e consigo identificar a expressão no seu rosto. Parece triste.

– Tenho de ir trabalhar.

– Olha – digo. – É só que é confuso para o Teddy conhecer assim outra mulher se não vai durar.

– Não é uma aventura, Naomi.

Não há a menor hesitação na sua voz, o que me faz sentir ainda pior. Abro a boca, contemplando que outros protestos posso lançar, mas, antes que possa dizer uma palavra, quebro.

Grandes e descontroladas lágrimas correm-me subitamente pelas faces. Deixo sair tudo, os meus ombros a sacudirem-se, o meu rosto a ficar vermelho-vivo. É

humilhante, mas, por outro lado, até sabe bem. Como uma descarga. Estou farta de fingir manter a compostura.

Já antes chorei diante do meu marido. É claro que sim. No passado, ele abraçava-me e acariciava-me o cabelo. Quando ergo o olhar para o fitar, porém, encontro-o a olhar para mim como se me tivesse nascido outra cabeça.

– Estás a *chorar* agora? – geme. – Naomi, *acabo* de te dizer que estou atrasado para uma reunião. *Por favor*, não faças isto agora.

– Desculpa – soluço, limpando os olhos.

– Olha – diz. – Provavelmente, devia ter dito ao Teddy para deixar o brinquedo no quarto, mas queria levá-lo com ele. Tê-la conhecido não foi nada de especial. Deram-se bem e todos se divertiram.

Inspiro fundo, tentando controlar as minhas emoções. Ajuda. Um pouco.

– É suposto isso fazer-me sentir melhor?

– Bem, sim – responde. – Não *queres* que o nosso filho goste dela, sendo que vai passar tempo com ela? Quero dizer, se algum dia voltares a sair com alguém, acabarás por querer apresentá-lo ao Teddy, certo?

Se algum dia sair com alguém?

– Apenas achei que era cedo.

– Eu discordo.

Surpreende-me então ao pegar na minha mão esquerda. É a primeira vez que me toca desde que saí de casa, e é um gesto muito reconfortante. Mas então apercebo-me de que não está a tentar segurar-me na mão. Só lhe pegou para ver melhor o anel de organite no meu quarto dedo.

– Continuas a usar a tua aliança? – arqueja.

Solto a mão num gesto protetor.

– Porque não?

– Naomi – diz, em voz baixa. – Vamos *divorciar-nos*. Não devias…

O Jeremy não traz a sua aliança. Tirou-a logo depois de me dar a notícia. Mas, casamento à parte, adoro este anel – é único e lindo. Mesmo que deixemos de ser casados, seria estranho deixar de o ter no dedo. E, francamente, a decisão não é dele. É o *meu* dedo.

– Está bem, está bem. – Ergue as mãos. – Olha, tenho mesmo de ir. Este cliente vai esfolar-me vivo se chegar atrasado.

– Por favor, Jeremy – choramingo. – Tens de me ouvir. A Veronica é… Ela não te ama. Está só a usar-te.

– Naomi…

– É verdade. Tens de acreditar em mim…

– A Veronica é ótima – afirma, com absoluta convicção na voz. – É simpática, inteligente e é fantástica com o Teddy. É ótima.

– E é catorze anos mais nova do que eu.

O Jeremy ignora esse último comentário.

– Além disso… olha, não quero fazer disto toda uma discussão, mas podes, por favor, abster-te de a seguir pelo supermercado e depois ameaçá-la?

Arquejo. Não posso acreditar que ela lhe disse isso.

– Eu nunca a ameacei! *Ela* é que *me* ameaçou!

O ceticismo é claro no seu rosto. Acredita mais nela do que em mim.

– Tenho de ir – anuncia. E então, sem dizer mais nada, passa por mim, abre a porta do escritório e deixa-me aqui parada, completamente sozinha.

É muito evidente que, no entender do Jeremy, a Veronica é uma santa. E, além disso, acredita que ela sente o mesmo por ele. É impossível que vá acreditar que as suas intenções não são propriamente puras.

A não ser que eu tenha provas.

20

A nossa primeira sessão de mediação é esta manhã.

Vai ter lugar numa sala de reuniões da Câmara Municipal. Foi o Jeremy quem contratou a mediadora, mas consultei o Ezra e ele disse que conhecia a mulher e que lhe parecia bem. Portanto, há pelo menos isso.

Dedico ainda mais tempo à minha aparência do que no dia em que me reuni com a Stefanie Gorman. Levo uma hora a maquilhar-me ao espelho, tentando criar o efeito perfeito de não estar a usar maquilhagem. O resultado é bastante bom, modéstia à parte. Não tenho dinheiro para um visual novo, mas engomo o meu melhor fato. O Jeremy costumava adorar este fato, porque dizia que realçava a minha figura e as minhas pernas. Para dizer a verdade, fica-me um pouco justo agora, mas, desde que as costuras não rebentem, vai correr tudo bem.

Sinto-me bastante bem comigo mesma até que chego à Câmara Municipal, mesmo a tempo de apanhar o Jeremy e a Veronica aos beijos no parque de estacionamento.

Está bem, não estão mesmo aos beijos. Não como na outra noite, no alpendre da frente. Mas é decididamente mais do que um rápido beijo nos lábios, como o que ele me costumava dar todas as manhãs. E então, quando se separam, ficam só a olhar-se nos olhos durante uns quinze segundos.

Apetece-me vomitar.

O Jeremy desaparece no edifício da Câmara, mas a Veronica deixa-se ficar no passeio. Tira o telemóvel da bolsa e digita algo no ecrã. Seja o que for, fá-la sorrir.

Fico sentada no meu *Lexus*, na esperança de que ela regresse ao seu carro para não ter de interagir com ela, contudo, a rapariga está só ali parada. Não quero chegar atrasada à sessão de mediação, portanto não tenho alternativa a não ser passar por ela.

Se andar depressa, talvez nem repare em mim.

Mas, claro, isso era nitidamente um desejo impossível. Mal me aproximo do edifício da Câmara Municipal, os olhos da Veronica erguem-se bruscamente e fixam-se nos meus. Um sorriso alastra-lhe pelo rosto.

– Naomi! – exclama. – Que bom voltar a vê-la!

Esta rapariga está a falar a sério? Disse ao meu marido que a *ameacei* da última vez que nos encontrámos, quando foi ela que fez todas aquelas observações estranhas

sobre asfixia. Mas que posso eu fazer? Armar uma cena mesmo à porta da mediação do nosso divórcio?

Não digo nada, portanto. Espero que a Veronica capte a deixa, mas, em vez disso, continua a falar.

– Conheci finalmente o Teddy no outro dia – conta-me. – Oh, meu Deus, que menino doce! Demo-nos muito bem.

Faz de mim má pessoa dizer que esperava que ele a odiasse? Tudo bem, sou má pessoa, então.

– Estivemos a falar sobre o aniversário dele – continua, apesar de eu não lhe ter dito uma palavra, nem sequer um olá. – Vai fazer seis anos, certo? É uma idade tão divertida. Eu e o Jeremy estávamos a pensar em organizar uma grande festa para ele no jardim das traseiras. E a Naomi podia ir, claro.

– Oh, a sério? – Rodo a cabeça na sua direção, incapaz de me conter por mais tempo. – Posso ir ao sexto aniversário do meu próprio filho? É *tão* amável da sua parte convidar-me.

A Veronica nem pestaneja ante a minha explosão.

– Bem, vamos ser eu e o Jeremy a organizar e a dar a festa. Pode ir, mas não tem de o fazer, claro.

Apetece-me dar-lhe um murro na cara, mas isso, provavelmente, não ia acabar muito bem para mim. E, além disso, não quero chegar atrasada à minha primeira sessão de mediação. Não ia causar boa impressão.

Em vez disso, viro costas à Veronica e subo os degraus da Câmara Municipal.

A sala de reuniões onde nos vamos encontrar fica no segundo andar. Vou pelas escadas, e o edifício é tão grande que temo não a conseguir encontrar, mas, assim que lá chego, encontro o meu advogado – que me disse para o tratar por Ezra – parado no corredor, a olhar para o telemóvel. Está de fato, felizmente, e a gravata está miraculosamente apertada, desta vez. Até fez a barba.

Infelizmente, a sua aparência mais aprumada é comprometida pelo facto de trazer consigo a maior pasta que eu já vi. É quase como se tivesse pegado em todos os papéis que tinha no seu escritório ontem e os tivesse enfiado lá dentro. Está tão cheia que parece estar por um fio de explodir por todo o lado.

– Ah – diz, ao avistar-me. – Ia mesmo agora enviar-lhe uma mensagem. O seu marido está lá dentro e estamos prontos para começar.

– Desculpe – respondo. – Distraí-me um pouco no parque de estacionamento. Cruzei-me com aquela mulher…

O Ezra resfolega.

– Oh, sim, vi o beijo quando estava a chegar. Muito profissional.

Faz-me sentir melhor que pense o mesmo que eu.

– Bem, ela é linda.

– É.

– É *objetivamente* linda.

– Se se gostar daquele género – responde, num tom que deixa claro que não gosta de todo daquele género. – Enfim, está pronta para isto?

Fecho os braços sobre o peito.

– Sinceramente? Não.

– Sim, bem, se me dissesse que sim, acharia que estava a mentir. – Abre-me um sorriso solidário. – Olhe, não vai ser um processo fácil. Mesmo nos melhores dos divórcios, há sempre alguma discussão sobre o que é justo, e pode ser dilacerante. Acredite em mim, já estive de ambos os lados.

Arqueio as sobrancelhas.

– É divorciado?

– Sim – confirma, embora não me dê mais informações sobre isso. – Portanto, confie em mim quando lhe digo que sei do que estou a falar. Está pronta?

– Espere. – Vasculho a minha bolsa e extraio um cristal translúcido, que tinha guardado num dos bolsos interiores. – Pode levar isto consigo quando entrarmos ali?

Espero que revire os olhos, como o Jeremy faz quando lhe ofereço cristais, no entanto, em vez disso, pega-lhe e ergue-o para a luz.

– O que é?

– Quartzo transparente – revelo. – É ótimo para atrair sorte. Atrai positividade e repele a negatividade.

Assentindo, o meu advogado mete-o no bolso.

– Parece justamente aquilo de que precisamos.

Sigo o Ezra pelo corredor até uma pequena sala de reuniões. Estão já três pessoas lá dentro – uma é o Jeremy, com outro fato caro, depois há a mediadora, à cabeceira da mesa, e presumo que o homem sentado ao lado dele seja o seu advogado, o Leonard Hardwick. A julgar pelo seu cabelo grisalho, o Hardwick parece ter pelo menos mais vinte anos de experiência do que o meu advogado mais jovem, e há algo de muito intimidante nele. Oxalá estivesse do *meu* lado.

Sento-me em frente ao Jeremy, que olha de relance para mim e depois troca um olhar significativo com o seu advogado. O Ezra ocupa a cadeira ao lado da minha e pousa a pasta na mesa, ao seu lado.

A mediadora dá início à reunião, apresentando-se ao grupo como Alana Ocasio. Não parece o tipo de pessoa que vá tolerar tretas, algo que aprecio.

– E eu sou o Lenny Hardwick – diz o advogado do Jeremy, em voz rouca.

– Esta é a minha cliente, a Naomi Roth – indica o Ezra –, e eu sou o Ezra Fletcher… ainda que já nos tenhamos encontrado antes, não é verdade, senhor Hardwick?

O Hardwick não reconhece o encontro anterior de ambos, ainda que fique com ar de quem acaba de meter algo rançoso à boca.

– Para começar – diz o Ezra –, quero salientar alguns comportamentos bastante irregulares da parte aqui do senhor Roth. A minha cliente informou-me de que o senhor Roth retirou todo o dinheiro das suas contas conjuntas após o pedido de divórcio. Acho que estamos todos de acordo em que este é um comportamento inapropriado e que revela um ato de má-fé.

– Isso não é verdade – intervém o Jeremy. – O dinheiro está nas contas.

– Estás a mentir! – Olho para o Ezra, impotente. – Está a mentir. Ele transferiu o dinheiro.

– A senhora Roth pode fazer o favor de verificar o saldo da conta agora mesmo? – sugere o Hardwick.

Tiro o telemóvel da bolsa e abro a aplicação do meu banco. Tardo um segundo a aceder, e conto ver os mesmos vinte e cinco dólares de saldo. Mas, em vez disso, por magia, todo o dinheiro regressou.

Fico boquiaberta.

– Mas… não estava…

Boa. Agora passei por mentirosa. Olho para o Ezra, que nem parece estar a prestar atenção. Está só a remexer na sua pasta, por alguma razão, porém, por fim, pega numa folha de papel e fá-la deslizar sobre a mesa na direção do Jeremy e do seu advogado.

– Era este o saldo da conta há cinco dias – anuncia. – Vinte e cinco dólares. Vejo que, de algum modo, por magia, o dinheiro foi reposto mesmo a tempo desta sessão de mediação. Mas, senhor Hardwick, espero que diga ao seu cliente que estes jogos não são apreciados.

– O senhor Fletcher tem razão – diz a nossa mediadora, a Ocasio. – Senhor Roth, não devia agir de má-fé.

Uau.

O Hardwick lança um olhar incisivo ao Jeremy, que balbucia um pedido de desculpa. Olho para o Ezra, que me pisca o olho. Tinha tanto medo de arranjar um advogado, mas agora sabe bem ter alguém a defender-me, para variar.

Revemos os termos do acordo pré-nupcial e o Ezra parece ter problemas com cada uma das suas partes. O Hardwick mantém-se firme, mas, ao mesmo tempo, o Ezra

consegue fazê-lo perder a compostura várias vezes. Está a despedaçar aquele acordo pré-nupcial. A dada altura, lê um parágrafo em voz alta e abana a cabeça.

– Quem *escreveu* isto? – pergunta, virando-se para o Jeremy. – O *senhor?*

O rosto do Jeremy fica um pouco corado, e parece que vai responder, mas então o Hardwick toca-lhe no ombro e ele fica de boca fechada.

– Enfim – conclui o Ezra. – Acho que é óbvio para todos que muitos elementos deste acordo pré-nupcial não estão dentro do âmbito do que alguma vez devia ter sido pedido à senhora Roth que assinasse.

– Há margem para negociação – diz rigidamente o Hardwick, após uma pausa tensa.

– Foi o que eu pensei.

Apetece-me deitar os braços à volta do Ezra Fletcher e abraçá-lo. Estava a tentar não pensar no pânico que sentia por aquele acordo pré-nupcial. Tudo o que me dava era uma pequena quantia por cada ano do nosso casamento, num total de pouco mais de seis algarismos. Não o suficiente para viver, certamente – talvez apenas para me orientar até reabrir o meu consultório.

– E depois há a questão da guarda do Theodore Roth – acrescenta o Hardwick.

O meu coração acelera. Espero que possamos chegar a um acordo em que eu fico com a guarda total do Teddy. Mas, visto que o Jeremy é um bom pai, gostaria certamente que pudesse passar muito tempo com o nosso filho. É algo em que estou disposta a negociar.

Mas então o Jeremy diz algo que me choca. Algo que muda tudo.

– Quero a guarda total do Teddy – anuncia, de súbito.

21

— Guarda total?! – exclamo. Sinto a cabeça à roda e, por uma fração de segundo, fico com visão de túnel. – Estás a falar de quê? Isso é absolutamente ridículo!

– O senhor Roth não se exprimiu corretamente – apressa-se o Hardwick a esclarecer. – O que quer dizer é que gostaria de ter mais de 50% da guarda. Não quer certamente retirar à senhora Roth o acesso ao filho. Posto isto, gostaria que o Teddy ficasse com ele durante a semana, e a senhora Roth podia tê-lo em fins de semana alternados.

Começo outra vez a protestar, mas o Ezra toca-me no braço e fecho a boca. Tem estado a lidar com a situação melhor do que eu conseguiria, por isso vou confiar nele.

– Isto é uma surpresa para nós – diz o Ezra. – A senhora Roth é uma mãe extremamente envolvida e, claro, o trabalho do senhor Roth é extremamente exigente. Tem-no ido buscar à escola todos os dias, e faz sentido que mantenha a guarda durante a semana.

– É irresponsável. – Os olhos castanhos do Jeremy procuram os meus do outro lado da mesa de reuniões. – Desculpa, Naomi, mas é um facto. Tem sido um problema durante toda a vida do Teddy. Nunca aparece quando é suposto. Metade das vezes em que é suposto ir buscar o nosso filho à escola, não está lá. Tenho de manter a nossa ama, a Rosita, de prontidão para garantir que alguém o vai buscar.

– Isso não é verdade! – exclamo, demasiado alto. – Estou *sempre* lá para ir buscar o Teddy.

O Jeremy vira-se para a mediadora.

– A Rosita teria todo o gosto em vir cá para lhe descrever os factos. E a professora do Teddy pode dar testemunho de quantas vezes ele chegava atrasado até a contratarmos.

– Estás a mentir! – Sobem-me lágrimas aos olhos. – Disseste que querias a Rosita para me dar uma trégua e me deixar dormir até mais tarde. Fizeste questão!

E foi tão querido ao fazê-lo. «Precisas do teu sono de beleza, Naomi, e podemos pagar a ajuda extra. Por favor, deixa-me mimar-te.»

– Estava a tentar poupar os teus sentimentos. – Olha fugazmente na minha direção e então desvia o olhar. – E nada mudou. Ainda no sábado passado, o Teddy

estava à tua espera, vestido e pronto, com a mochila às costas, e chegaste uma hora atrasada. Ficou devastado.

Limpo os olhos às costas da mão.

– Disseste-me dez!

– Disse *nove*!

– Está bem, está bem. – O Ezra toca-me no ombro e eu fecho a boca. – Olhem, é óbvio que o acordo de guarda proposto é um pouco diferente do que esperávamos. A senhora Roth é uma boa mãe e, se vão sugerir menos do que uma guarda partilhada a 50%, vamos precisar de uma muito boa razão.

Desta vez, é o Hardwick a responder.

– A proposta do senhor Roth é mais do que justa. Tem uma ligação especialmente próxima com o Theodore e acredito que, se lhe fosse dado a escolher, o menino escolheria viver com o pai. Além disso, a residência principal, onde o senhor Roth vive atualmente, é a única casa que o Theodore alguma vez conheceu. Acho que estamos todos de acordo em que seria extremamente perturbador tirar um rapaz de cinco anos do seu lar. – Lança-me um olhar desdenhoso. – Sobretudo quando a alternativa são condições de vida tão questionáveis. Temos fotografias do suposto quarto que a senhora Roth preparou no seu apartamento, e acho que todos concordamos que é bastante inadequado.

– Foste tu que me disseste para ir viver para lá! – expludo, cravando as unhas na palma. – Enganaste-me!

– Naomi – chama-me o Ezra, em voz baixa.

– E eu, pelo menos, não ando a comer uma rapariga com metade da minha idade enquanto o meu filho está sob o mesmo teto!

– Naomi! – Desta vez, o tom do Ezra é mais incisivo. Vira-se para o Jeremy e para o seu advogado. – Como é óbvio, fomos apanhados um pouco de surpresa por este pedido. Quero algum tempo com a minha cliente para discutir a situação.

– Dou-te duzentos e cinquenta mil dólares se aceitares este acordo de guarda – diz acaloradamente o Jeremy.

Os nossos advogados ficam com expressões igualmente chocadas no rosto. O Hardwick pigarreia alto.

– Jeremy…

– Meio milhão – corrige-se. – Meio milhão de dólares, Naomi. Sei que precisas deles.

– Senhor Roth. – É a Ocasio a primeira a falar. – Isto é *extremamente* inapropriado.

O Hardwick lança um olhar mortífero ao Jeremy, que se cala finalmente, porém, o mal já está feito. O meu marido acaba de me oferecer meio milhão de dólares para

abdicar do meu filho. Enlouqueceu? O que lhe fez a Veronica? Ou será realmente um tumor cerebral? Nem consigo imaginar o que o possuiu para o fazer agir desta forma.

Ainda que a pior parte sejam todas as mentiras que está a dizer sobre mim. Por mais que me orgulhe da minha carreira médica, tenho ainda mais orgulho em ser mãe. O Teddy é o centro do meu universo e faço *tudo* por ele. Sem o meu filho, a minha vida não faria sentido.

Estou quase a tremer de raiva quando encerramos a reunião. O Ezra arrasta-me para fora da sala, procuramos um canto tranquilo com um banco e ele senta-me. Junta-se a mim, pousando a pasta enorme entre as pernas.

– Muito bem, em primeiro lugar – começa –, vamos só respirar fundo.

– Respirar fundo! – repito. – Não vou ficar aqui sentada a *respirar* quando o Jeremy me quer tirar o meu filho!

– O que ele quer e o que vai acontecer são duas coisas completamente diferentes.

Sinto lágrimas a picar-me os olhos. Consegui conter-me na reunião, mas não sei se o consigo fazer por muito mais tempo.

– Nem percebo por que razão quer a guarda! Está sempre a trabalhar!

O meu advogado sorri.

– Eu sei porquê.

– Porquê?

– Porque, se a guarda for partilhada a meias, vai ter de lhe pagar uma pensão de alimentos – explica-me. – *Além* de pagar basicamente todos os cuidados infantis e a mensalidade da escola privada, dada a vossa diferença de rendimentos. Vai custar-lhe os olhos da cara. Em contrapartida, se tiver mais de 50% da guarda, não terá de lhe pagar um cêntimo de pensão de alimentos.

Olho para o Ezra.

– A sério?

– A sério.

– Que… – Lembro-me do que a Stefanie Gorman disse no gabinete. – Que canalha!

O meu advogado ri-se.

– Isso mesmo.

As lágrimas desaparecem e resta apenas a raiva. Como foi o Jeremy capaz de me fazer isto? Sempre soube que tinha um lado vingativo, mas nunca imaginei que se pudesse comportar assim.

Diria que é influência da Veronica, mas não foi isso que me pareceu quando estava naquela sala. Pareceu-me que as mentiras partiam diretamente do meu marido.

– Tudo o que ele disse sobre mim é mentira – digo ao Ezra.

– Não tenho a menor dúvida. E não se preocupe. Ele não vai vencer esta batalha. Se for preciso, vamos a tribunal.

– Eu, hã, não sei se posso pagar uma batalha jurídica.

A minha total incapacidade de lhe pagar não o parece preocupar de todo. Ainda que possa certamente passar-lhe um cheque no valor dos seus honorários agora que o dinheiro reapareceu por magia na conta conjunta.

– Não se preocupe. – Sorri-me. – Tem muito dinheiro no seu futuro. Tenho a certeza de que acabarei por ser pago.

Parece tão confiante que me faz sentir melhor. Não completamente melhor, claro. Mas talvez, tipo, um milímetro melhor.

– Ei – digo. – Por que razão estava o Hardwick a lançar-lhe aqueles olhares venenosos quando entrámos na sala de reuniões?

– Oh! – O seu sorriso expande-se. – Tivemos um grande caso de divórcio que foi finalizado há cerca de um ano. Foi a julgamento e tudo. A minha cliente conseguiu tudo o que queria. Mas pensei que ali o Lenny me ia atacar no parque de estacionamento depois de terminar. Provavelmente, tê-lo-ia feito se não tivesse tanto medo de perder o chinó numa luta.

Apesar de tudo o que aconteceu hoje, isso faz-me rir. E tento saboreá-lo, pois temo que possa ser a última vez que me rio em muito tempo.

O Ezra tem mais alguns assuntos a tratar, por isso saio da Câmara Municipal sozinha. Quando vou a sair do edifício, vejo que o familiar *Jetta* bege ainda está no parque de estacionamento. O carro da Veronica.

Apodera-se de mim a súbita compulsão de lhe cortar os pneus, mas penso que há provavelmente câmaras no parque de estacionamento. Não daria boa imagem de mim se fosse apanhada. Tenho de estar no meu melhor comportamento se não quero que o Jeremy me tire o meu filho.

Quem me dera saber mais sobre a Veronica. Quem me dera saber quem é e o que quer do meu marido, pois apostaria qualquer quantia em como não está apaixonada por ele. Mas não sei nada sobre esta mulher. Nem sequer o apelido.

Olho em volta para confirmar que não está ninguém a ver e, então, esgueiro-me pela lateral do carro dela. Espreito pela janela, procurando quaisquer pistas sobre ela. Deixou a bolsa dentro do carro, no entanto, quando testo a porta, esta não se abre. Bem, pelo menos é suficientemente esperta para trancar as portas.

Dou a volta pela lateral do carro, olhando para o pára-choques traseiro. Da última vez que vi esta viatura, estava rachada, mas, entretanto, foi reparada. De certeza que o seu namorado mais velho e casado cobriu a avultada conta do arranjo.

Confirmo novamente que não está ninguém a observar-me e, depois, levo a mão à bolsa e tiro o meu telemóvel. Rapidamente, tiro uma foto à matrícula.

Pronto. Agora, tenho alguma informação com que trabalhar.

22

—Oh, meu Deus, que sacana!

A Cora fica tão escandalizada como eu com a tentativa do Jeremy de ficar com a guarda do Teddy. Na verdade, parece quase mais zangada do que eu fiquei. Tem o rosto todo vermelho e pontapeia ferozmente uma bola de futebol pousada na relva, com tanta força que a faz voar para o outro lado do relvado.

Estamos à porta da escola, à espera de que os miúdos sejam dispensados. Fiz uma tentativa de me juntar à Cheryl e à Ashlyn, mas, depois de o Jeremy me ter intimado com os papéis do divórcio mesmo à sua frente, foi tão confrangedor que não fui capaz de voltar a tentar. Desde então, tenho vindo a esperar com a Cora. E acontece que gosto muito dela.

– O Ezra diz que é porque se quer esquivar de pagar pensão de alimentos – digo-lhe.

– Bem, *claro* que é por isso. – Cerra os dentes. – Por isso é que é um sacana. Quer tirar um filho à mãe só para se livrar de te pagar o que mereces.

É bastante desprezível. O que me faz interrogar sobre se não poderá ter sido ideia da Veronica.

– A propósito – pergunta a Cora –, como estão a correr as coisas com o novo advogado? Estou tão chateada por não teres podido usar a Stefanie.

– É muito bom, na verdade. Parecia tão desorganizado no escritório, mas foi bastante duro na mediação.

– Ótimo. Precisas de alguém duro. – Examina as unhas. – E é giro?

Fico a olhar para ela.

– Não acho que isso importe.

– É claro que importa! – Põe as mãos nas ancas. – Querida, estás prestes a voltar a ficar solteira. Tens o direito de começar a dar uma olhadela!

– Bem, ainda sou casada, por enquanto.

– Tecnicamente. – Faz estalar a língua. – E então, é?

– Quem? O quê?

– O teu advogado! É giro?

– Hã… – É óbvio que não me vai deixar em paz enquanto não lhe der uma resposta. Mas a verdade é que é difícil pensar em mais alguém além do Jeremy dessa

forma. Pode ter-se desligado do nosso casamento, mas eu ainda não cheguei a esse ponto. – Suponho que sim.

Ela pisca-me o olho.

– Lembra-te, a Charlotte casou com o seu advogado de divórcios.

– Quem é a Charlotte?

– Do *Sexo e a Cidade*! Oh, meu Deus, Naomi.

Não sei se me devia sentir embaraçada por admitir que nunca vi a série, mas, seja como for, tenho coisas mais importantes em que pensar.

– Só queria saber mais sobre a rapariga com quem o Jeremy se anda a encontrar. Adoraria desenterrar alguns podres sobre ela.

– Boa ideia. – A Cora assente entusiasticamente. – O estado pode ser de divórcios sem culpa, mas, se a mulher com quem anda a sair tiver antecedentes criminais, isso vai decididamente prejudicar-lhe o pedido de guarda.

– Nem sei o apelido dela – confesso, pesarosamente. – Tenho a matrícula, mas a realidade é que é bastante difícil descobrir informações sobre alguém só com base nisso, afinal. Tudo o que consegui encontrar foi informação sobre o veículo.

Os seus olhos iluminam-se.

– Dá-me a matrícula! Ando a sair com um polícia e de certeza que ele pesquisa isso por ti.

– A sério?

– Oh, sim! Está louco por mim e passa a vida a gabar-se de como podia descobrir tudo sobre seja quem for. Vamos pô-lo à prova.

Agradeço profusamente à Cora e envio-lhe a fotografia que tirei à matrícula de Nova Iorque da Veronica. Mal posso esperar para ver o que descobre. É realmente uma ótima amiga.

No entanto, parte de mim pergunta-se se isto não poderá ser um erro. O Ezra prometeu que ia tratar de tudo e conseguir-me um acordo justo. Talvez seja um erro agitar as águas.

Por outro lado, se esta mulher vai estar perto do meu filho, preciso de saber a sua história. Tenho a certeza de que está a esconder algo e tenciono descobrir o que é.

23

Tenho uma reunião com o Ezra no seu escritório às cinco da tarde, por isso a Rosita chega às quatro para vir buscar o Teddy.

A Rosita está connosco como ama desde que o nosso filho tinha sensivelmente dois anos, ainda que só recentemente o tenha começado a levar à escola. Era uma criança tão turbulenta que o Jeremy a contratou para me dar uma trégua de vez em quando. Na altura, dei a entender que gostaria de relançar o meu consultório se ela pudesse ajudar, mas ele opunha-se bastante.

Agora, pergunto-me se me estaria a tentar impedir de ter uma carreira e dinheiro próprios.

– Olá, menina Naomi – diz a Rosita, quando lhe abro a porta.

Desvio-me para o lado para a deixar entrar.

– Olá, Rosita.

A mulher esboça-me um sorriso desconfortável. Na mediação, o Jeremy disse que a Rosita ia declarar que sou uma mãe irresponsável. Custa-me a crer que esta senhora tão doce, que às vezes gostaria que fosse minha mãe, fosse capaz de tal coisa.

O Teddy ainda está no quarto, a brincar com um conjunto de *Lego* que lhe comprei com o dinheiro extra que agora tenho. Não fui ao ponto de lhe dizer que precisava de ver vídeos de macacos, mas perguntei-lhe se podia ficar no quarto enquanto eu tinha uma conversa com a Rosita. Agora é a minha oportunidade.

– Rosita – chamo. – Posso falar consigo por um momento?

Ela torce as mãos.

– Na verdade, devia ir andando. Daqui a nada, vai haver trânsito.

– Será só um segundo – garanto-lhe. – Eu só… preciso de saber… Acha que sou inapta para ter a guarda do Teddy?

– Oh, não – apressa-se a responder. – É uma mãe maravilhosa, menina Naomi.

– Se isso é realmente verdade, então por que razão me diz o Jeremy que vai dizer à nossa mediadora que não sou responsável?

A mulher só abana a cabeça.

– Por favor, não me quero envolver. Foi o que disse ao seu marido. – Pestaneja, lacrimosa. – Preciso deste emprego para sustentar a minha família…

Inspiro bruscamente ao aperceber-me do que ela me está a dizer. Terá o Jeremy ameaçado *despedi-la* se não fizesse o que dizia? Não parece algo que ele faria. Sempre foi muito amável e generoso com a Rosita – deu-lhe duas semanas de folga pagas quando tinha a irmã doente e dá-lhe sempre um bónus enorme no Natal e no aniversário.

Antes que a possa interrogar mais, o meu telemóvel vibra em cima da mesa de centro. Vou até lá para dar uma olhadela e encontro uma mensagem da Cora no ecrã:

Veronica Chesson

E então surge uma segunda mensagem com uma morada.

Sinto o coração a palpitar. É a informação de que estava à espera. O nome completo da Veronica e a sua morada. Se quero descobrir o que tem andado a tramar e o que quer da minha família, este é um ponto de partida.

É óbvio que a Rosita não me vai dizer nada, e tenho de sair em breve para a minha reunião, por isso digo ao Teddy para sair do quarto e mando-os aos dois à sua vida. Seja como for, ainda não são bem horas de sair para a reunião, por isso pego no telemóvel e pesquiso no *Google* pelo nome «Veronica Chesson».

Não surge ninguém que pareça ser a mulher com quem o meu marido anda a dormir – pelo menos com base na foto. Seja quem for esta mulher, não tem grande presença nas redes sociais, e, tendo em conta que está na casa dos vinte, isso parece-me estranho. As mulheres como ela parecem passar a vida nas redes sociais.

Há algo na Veronica Chesson que não bate certo.

A morada indicada não é local. Fica no condado de Westchester, em Scarsdale, um subúrbio extremamente rico de Nova Iorque, a, provavelmente, mais de duas horas de distância. Duvido que faça regularmente essa viagem, o que significa que este não é o seu endereço atual. No entanto, isso não significa que não me possa dar algumas informações. Talvez faça uma pequena viagem amanhã.

A minha pequena investigação é interrompida por uma chamada, e o nome do Ezra pisca no ecrã. Pergunto-me por que motivo me estará a ligar quando vou para lá dentro de poucos minutos.

– Peço imensa desculpa, Naomi – geme, quando atendo a chamada. – Ainda estou preso no tribunal. Não vou conseguir estar de volta ao escritório às cinco. Será uma sorte se estiver despachado às seis.

– Oh – digo, incapaz de disfarçar a desilusão. Estou desesperada por definir um plano. – Que tal amanhã?

– Vou passar outra vez o dia todo no tribunal. Este maldito caso… Enfim, dizia-lhe que nos podíamos encontrar no meu escritório quando estiver despachado, mas, sinceramente, não a quero mandar para aquele bairro durante a noite.

Também não me entusiasma ir àquele bairro durante a noite. Mesmo de dia, era bastante duvidoso.

– Faz visitas ao domicílio?

Digo-o a brincar, mas o meu advogado não diz que não.

– Sim, podia passar por aí, se resultar para si – responde.

– E devia trazer o jantar – acrescento, mais uma vez a brincar.

– Está bem – concorda. – Pode ser *pizza*?

– A *pizza* faz tão mal – saliento. – Todo aquele óleo e queijo. Para não falar nos conservantes.

– Oh. – Hesita, como se nem tivesse pensado nisso. A maioria das pessoas não pensa muito no que entra nos seus corpos. – O que quer, então?

– Há um ótimo café orgânico a cerca de cinco minutos daqui. Importa-se de passar por lá?

– Combinado – assente alegremente, ainda que espere que continue tão alegre quando vir o *menu*.

24

Cerca de duas horas depois, batem-me à porta.

Apresso-me a ir abrir, descalça, e encontro o Ezra do outro lado, com a sua pasta gigante numa mão e um saco de papel pardo na outra.

– Trouxe o jantar.

– Muito obrigada.

O meu advogado entra no apartamento, percorrendo o espaço com o olhar, num gesto apreciativo.

– Bela casa.

– Obrigada. Era da minha falecida sogra.

Inclina a cabeça para o lado.

– Anda a assombrá-la, então, ou…

– Provavelmente. Disse ao Jeremy que não devia casar comigo. Que estava a cometer um erro.

– Uau. Que simpática.

Pousa o saco com a comida na minha mesa de centro e a sua pasta enorme no chão.

– Não sei quanto a si, mas eu estou esfomeado. Não comi durante todo o dia. Importa-se que comamos antes de deitarmos mãos à obra?

– Parece-me ótimo – concordo. – Vou buscar-lhe algo para beber. Tenho água e pacotes de sumo.

Ele ri-se.

– Que tipo de pacotes de sumo?

– *Tutti frutti*. – Hesito. – E também tenho *kombucha* caseiro.

– *Kombucha*? – repete. – O que é isso?

– É chá preto com açúcar que foi deixado a fermentar – explico. – Tem muitos benefícios para a saúde – acrescento, quando o meu advogado me lança um olhar estranho.

– Hum, talvez noutra altura – conclui. – Na verdade, água seria ótimo.

Acabamos por fazer a nossa refeição sentados no sofá. Eu pedi uma salada Buda Dourado, com beterraba extra, e o Ezra pediu uma salada *teriyaki*. Despacha-a toda em cerca de cinco minutos, enquanto eu como garfadas comedidas. «Garfadas

senhoris», como a minha mãe lhes chamaria. Quando terminamos a nossa refeição, o Ezra está cheio de energia e empolgado por começar a trabalhar.

– O seu ex está a jogar sujo – afirma. – Induziu-a a sair de casa porque sabia que isso o deixaria em melhor posição para conseguir a guarda. Esvaziou as contas bancárias e depois fingiu que não o tinha feito. Até contratou todos os melhores advogados da cidade para que não os pudesse usar. – Passa os dedos pela camisa, como que a puxar-lhe o lustro. – Infelizmente para ele, não sabia de mim.

– Ezra. – Respiro fundo. – Quero só dizer que agradeço tudo o que está a fazer por mim. A sério, este processo é tão assustador, mas quando olho para si, sempre incrivelmente confiante, isso *faz-me* sentir melhor.

– Bem, como disse, já passei por isto muitas vezes.

Lanço um olhar à minha salada Buda Dourado meio comida, decidindo se quero ou não outra garfada.

– O seu divórcio também foi muito feio?

– Hã…

Sinto o rosto corar.

– Desculpe, não devia ter perguntado isso. É demasiado pessoal.

– Não, tudo bem. – Baixa os olhos para a sua tigela vazia, como se ainda tivesse fome para mais. Pondero oferecer-lhe a minha própria refeição, porém, poderia ser uma oferta demasiado íntima. – O meu divórcio foi… correu bem. Foi bastante mútuo e não havia filhos envolvidos, portanto foi basicamente tão fácil como podia ser.

Não posso evitar sentir-me curiosa quanto ao tipo de mulher com quem era casado.

– Como era a sua ex?

– Bem, já a conheceu.

– Já?

Ele assente.

– Foi a Stefanie, que a encaminhou para mim.

Era casado com a Stefanie Gorman? Uau, dessa não estava à espera, mas, na realidade, faz sentido. São ambos advogados – muito bons advogados. E não parece que a separação tenha sido assim tão amarga, tendo em conta o que ela disse sobre ele. Além disso, lembro-me de como ficou satisfeito quando referi que a advogada o tinha recomendado.

– Eu queria filhos e ela não – explica. – Sabíamos isso quando casámos, mas pensava que a podia fazer mudar de ideias e, como se isso não bastasse, ela pensava que podia fazer o mesmo comigo. No entanto, a verdade é que éramos demasiado

teimosos. – Coça a barba que tem no queixo. – A ironia é que, cinco anos depois, ela voltou a casar e eu não. Portanto, é óbvio que as coisas não correram lá muito bem para o meu lado.

– Gostaria de ter ficado com ela?

Encosta-se pesadamente ao sofá, e isso faz voar um pouco de pó, contudo, não parece reparar ou importar-se.

– Não sei. Tenho saudades dela, mas é evidente que encontrou alguém que quer as mesmas coisas que ela e, provavelmente, é melhor assim. Pelo menos, é feliz.

– E o Ezra? É feliz?

A pergunta fá-lo erguer bruscamente o olhar.

– O quê?

– Desculpe – apresso-me a dizer. – Foi só que… estávamos a falar e, de algum modo, esqueci-me de que é o meu advogado. Pareceu tipo, enfim, uma conversa.

Os seus lábios curvam-se.

– É certo que parecia uma conversa.

– Mas, como é óbvio, não tem de responder a isso.

– Ei, não… Quero dizer, acho que comemos comida orgânica que chegue esta noite para podermos ser sinceros um com o outro. – Bate contundentemente na sua tigela vazia. – Sou feliz. Como a Stefanie, acho o meu trabalho muito gratificante. É a minha vida. Mas suponho que esperava que, na minha idade, o meu trabalho não fosse *toda* a minha vida, percebe?

– Sim – respondo. – Sei o que quer dizer. Antes de o Teddy aparecer e de eu e o Jeremy nos casarmos, o meu trabalho era toda a minha vida. E adorava-o, mas sempre achei que havia algo mais por aí. Quando finalmente o encontrei, foi simplesmente tão incrível. Sentia-me finalmente completa. E agora, de um momento para o outro, desapareceu tudo.

– Ei, não diga isso. – Abana a cabeça. – Ainda tem o Teddy. Não vou deixar que aquele sacana lho tire. E o divórcio não é o fim da sua vida, prometo. Sim, talvez eu não seja um exemplo brilhante, mas veja como a Stef é feliz.

Não lhe quero dizer que tenho a certeza de que também vai lá chegar, pois soaria condescendente. Seja como for, é evidente, pelo curto tempo desde que o conheço, que é um homem bom, ainda que um pouco excêntrico. Acabará por encontrar a mulher certa e, seja ela quem for, terá sorte em tê-lo.

– Enfim – diz o Ezra. – Vamos pôr mãos à obra.

25

Depois de o Ezra partir, não consigo parar de pensar na Veronica; na Veronica Chesson.

Quem é esta mulher?

Estou decidida a descobrir.

Tiro o *kombucha* caseiro, que estava a fermentar num pequeno jarro, do meu frigorífico. O *kombucha* foi descrito como o elixir da saúde imortal, por isso passo a vida a bebê-lo. E, segundo um *site* que encontrei na semana passada, é extremamente fácil (e barato) de fazer em casa. Basta um chá preto básico, chá de hibisco, açúcar não refinado e um cogumelo de *kombucha*, que é uma colónia simbiótica de leveduras e bactérias. Parece-se um pouco com uma panqueca esponjosa.

Levo o meu portátil para a mesa da cozinha e pouso-o junto ao jarro de *kombucha*. Digito o nome «Veronica Chesson» no motor de busca e sustenho a respiração.

Aparecem alguns perfis, mas nenhum deles é da mulher que cravou as garras no meu marido. Não me surpreende – de certeza que a Veronica é boa a cobrir o seu rasto. Para não falar no facto de que o Jeremy jamais sairia com uma mulher que publicasse *selfies* indecentes nas redes sociais.

Encontro um *site* onde se pode pagar para fazer uma verificação de antecedentes. O Jeremy reativou o meu cartão de crédito depois da nossa última sessão de mediação, por isso posso desenterrar realmente os podres da Veronica. É provavelmente uma perda de tempo, pois tenho de presumir que uma mulher daquelas sabe como se manter longe de sarilhos, mas não quero descurar nenhum pormenor.

Bebo um gole do chá enquanto espero que a verificação de antecedentes carregue. É uma bebida… interessante. Decididamente diferente do que vendem nas lojas, isso de certeza. Sabe mesmo a… fermentado.

Finalmente, o ecrã enche-se de informação. Com base no último endereço conhecido, tenho quase a certeza de que tenho a pessoa certa. Bebo mais um pouco enquanto passo os olhos pela página, a minha respiração a prender-se-me na garganta.

Bem, isto é interessante.

A Veronica tem uma acusação de *posse de droga* no seu historial.

Não parece o tipo de pessoa que consome drogas, mas as aparências iludem muito. Isto é informação que posso transmitir ao Ezra, que será útil na minha batalha pela guarda. Ainda que espere que as coisas não cheguem a esse ponto.

Saberá o Jeremy disto? Terá consciência de que anda com uma *toxicodependente*? Pior, terá consciência de que deixou alguém de carácter tão duvidoso aproximar-se do nosso filho? Como pode alegar que é um pai responsável, mas deixar que isto aconteça?

Bebo outro gole decidido de *kombucha*. O líquido vai a meio do meu esófago quando o meu abdómen dá um violento solavanco. Salto da cadeira e mal consigo chegar ao lava-loiça antes de expelir o conteúdo do meu estômago. Vomito até me doerem as costelas e não restar nada. Quando finalmente me endireito, a minha boca sabe a vómito, a algo azedo e a um outro sabor que não consigo propriamente identificar.

Irra, nunca mais volto a fazer *kombucha*.

Isto também é culpa da Veronica! Não *precisaria* de tentar fazer o meu próprio *kombucha* se ela não me tivesse expulsado de minha casa e deixado na penúria. Podia comprá-lo na loja, como uma pessoa normal.

Tenho de chegar ao fundo disto. Tenho de descobrir quem é realmente a Veronica Chesson e o que quer do Jeremy. Talvez ainda haja maneira de evitar que isto aconteça.

26

Ao início da manhã seguinte, entro no meu carro para fazer a longa viagem até Westchester. Ainda me doem as costelas e sinto o estômago embrulhado do *kombucha* caseiro, que me fez vomitar mais duas vezes antes de finalmente adormecer, mas ignoro o desconforto. Não posso protelar se quero ter tempo que chegue para fazer a viagem de regresso à ilha a tempo de ir buscar o Teddy. Apesar do que o Jeremy alegou na sessão de mediação, vou sempre buscar o meu filho a horas.

Sempre vi Westchester como uma zona rica, ainda mais do que o nosso próprio bairro, mas a morada da Veronica parece ficar num bairro particularmente fino. De algum modo, as peças deste quebra-cabeças não encaixam. A Veronica em si não parece rica, o seu carro tinha uma grande racha e tem uma acusação de posse de drogas no cadastro, mas o endereço conduz-me a uma *McMansão* bastante impressionante, com um longo e amplo caminho de acesso que vai dar à frente da casa. Dou graças por não haver nada a barrar-me a entrada, pois seria uma pena ter vindo até aqui e nem conseguir passar do portão.

Estaciono ao fundo do caminho de acesso da propriedade. Ao sair do carro, não posso deixar de pensar que, na realidade, a Veronica pareceria bastante em casa aqui como esposa-troféu de algum empresário rico. O dono desta casa, seja ele quem for, é muito mais abastado do que o meu marido.

Pesquisei pela casa na *Internet* antes de vir para cá. A escritura estava em nome de um homem chamado Maxim Simington. Pesquisei por ele e, efetivamente, é o diretor-executivo de uma grande empresa. Descobri ainda que é casado e tem dois filhos. Ainda não percebi, portanto, a ligação à Veronica.

Ao chegar à pesada porta da frente em madeira, posso escolher entre uma ornada aldraba de madeira e uma campainha. Hesito por alguns segundos, tentando perceber qual devo usar. Finalmente, toco à campainha. E depois, para jogar pelo seguro, uso também a aldraba.

Fico um minuto inteiro à espera, perguntando-me se devia ter vestido algo mais chique do que a minha camisola branca e as minhas calças de *yoga* cinzentas, combinadas com umas sabrinas. Queria estar confortável nas quatro horas de

condução que ia ter de fazer hoje, mas sinto-me um pouco malvestida para bater à porta desta casa.

Finalmente, a porta abre-se, e é um alívio que a mulher de meia-idade atrás dela esteja vestida de forma ainda mais casual do que eu, com umas calças de ganga e uma *T-shirt*. Dá a ideia de que o peso da porta está no limite máximo do que consegue aguentar, e lança-me uma expressão atormentada.

– Nada de vendedores – diz, e começa a fechar-me a porta na cara.

– Espere! – exclamo. – Eu não sou vendedora.

A mulher consegue travar a trajetória da porta antes que se volte a fechar. Olha-me de cima a baixo, os seus lábios uma linha reta.

– O que quer?

– Eu… – Pensei nisto no caminho para cá e não quero inventar uma história louca. Mais vale ser honesta sobre o que procuro. – Ando à procura da Veronica Chesson.

A julgar pela expressão no rosto da mulher, não é mais fã da rapariga do que eu.

– Já não vive aqui – informa-me. – Boa viagem – acrescenta.

E benze-se.

– Sabe para onde se mudou?

– Não. Nem quero saber. – Mais uma vez, começa a fechar a porta, mas, depois, a curiosidade leva-lhe a melhor. – O que quer dela, afinal?

– Ela… – Mais uma vez, faço uma avaliação calculada e decido dizer-lhe a verdade. Parece estar mortinha por arrasar a Veronica com a pessoa certa. – Anda a dormir com o meu marido.

As sobrancelhas da mulher disparam-se para a linha do cabelo.

– Oh!

– E… e ele vai deixar-me por ela.

– Bem – diz –, não posso dizer que me surpreenda.

– Porque não?

– Tentou fazer a mesma merda aqui. – Apercebo-me agora de que a mulher tem um pano de cozinha na mão direita. – Trabalhávamos as duas cá. Bem, ela *trabalhava* cá. Agora já não. Era empregada interna; limpava, fazia recados e ajudava com os miúdos.

– Certo…

– Decidiram dar-lhe uma oportunidade – continua –, apesar de ser toxicodependente. Reabilitada, supostamente. Na verdade, acho que o Maxim, o senhor Simington, quero dizer, só a achava atraente. O que é, como seguramente sabe.

– Sim – murmuro. – Então… o que aconteceu?

A mulher deixa escapar um resfôlego.

– O que acha que acontece quando alguém convida uma rapariga assim para sua casa? Atirou-se ao chefe. Com força. Esforçou-se ao máximo para o levar para a cama.

– Não conseguiu?

– Bem, a senhora Simington acabou por se aperceber e pô-la na rua. Boa viagem, como disse.

Bom para a Sra. Simington. Não tão bom para mim.

– A Veronica Chesson anda atrás de um homem rico – revela. – Quer alguém que a financie para não ter de trabalhar nem mais um dia na vida. Para manter aquelas bonitas mãos brancas como lírios bem macias. – Espreme o pano que tem na mão. – O seu marido é rico?

– Ele… Sim.

– Então parece que encontrou o que queria. – A mulher torce o nariz. – Sabia que o faria, contudo, lamento por si. De certeza que não merece tudo isto. O seu marido, provavelmente, também vai acabar por se dar mal, conhecendo-a como conheço. Ou pior.

É precisamente o que eu temia: a Veronica andava à procura de um homem rico e encontrou um no meu marido. Não o ama. Tudo o que lhe interessa é o seu património.

– Há… há alguma coisa que eu possa fazer? – pergunto à mulher. Sei que a minha voz soa desesperada, mas nem quero saber.

– Pode ter muito cuidado. – O olhar que me lança faz-me estremecer. – Como disse, tem um passado sórdido. Era uma viciada. Ouvi os Simington discutir isso. E não me refiro a algo engraçado como a cocaína. Injetava-se com *heroína*, sabia? E continuava a fazê-lo! Vi-lhe as marcas nos braços.

Não acho a cocaína particularmente engraçada, porém, acho que injetar drogas na corrente sanguínea parece um pouco pior. Saberá o Jeremy disto? Custa-me imaginar que fosse capaz de apresentar uma mulher com um historial destes ao nosso filho.

– O que quer dizer com «ter cuidado»? – pergunto.

A mulher olha-me de cima a baixo, como que a decidir quanto partilhar. Dou o meu melhor para parecer o mais patética possível. Não é difícil.

– Não tenho provas disto, claro – começa. – Mas, quando o senhor Simington não cedeu imediatamente aos encantos da Veronica, ela adotou uma estratégia diferente. – Faz uma pausa significativa. – Tentou livrar-se da mulher.

Fico de queixo caído.

– O quê?

– A Rhona Simington deu uma grande queda das escadas. – Tem os olhos muito abertos e sérios. – Tinha visto a Veronica a limpar no topo da escadaria pouco antes disso, e tenho a certeza de que fez com que a senhora Simington desse essa queda.

Cubro a boca com a mão. Mesmo depois da forma como a Veronica me ameaçou, pensava que era razoavelmente provável que fosse só conversa. Agora, penso naquela faca que encontrei no lava-loiça da minha cozinha e interrogo-me…

– E também me preocupava com os filhos deles – acrescenta, com um floreado. – Era querida pela frente, mas dava para ver, pela forma como olhava para eles, que os desprezava aos dois. Se alguma vez tivesse realmente conquistado o Maxim Simington, desconfio que teria arranjado maneira de se livrar deles. Ou mandando-os para um colégio interno ou…

Não termina a frase. Não é preciso.

Já odiava a Veronica por me ter roubado o marido, e temia que lhe tivesse feito uma lavagem cerebral, mas é a primeira vez, desde que encontrei o seu carro estacionado em nossa casa, que temo realmente pelo meu menino. Se a Veronica tocar sequer num cabelinho da sua cabeça, vou assegurar-me de que se arrepende do dia em que nasceu.

A menos que ela se livre de mim primeiro.

A mulher está a olhar para mim, por isso obrigo-me a guinchar uma resposta.

– Obrigada. Eu… agradeço a informação.

Esboça-me um último aceno.

– Boa sorte. – E então, quando está mesmo a fechar a porta, continua: – Vai precisar! – acrescenta.

27

O Jeremy vem buscar o Teddy ao meu apartamento hoje.

Passaram dois dias desde que fui a Westchester, à antiga residência da Veronica Chesson. Eu e o Jeremy temos outra sessão de mediação amanhã, por isso parece-me que esta é a minha última oportunidade de falar com ele antes de isso acontecer. Preciso de o tentar fazer ver a razão. Se ainda não souber do passado da Veronica, vou contar-lhe.

Enquanto o Teddy brinca no seu quarto, posto-me diante do lava-loiça da cozinha, a fazer um discurso motivacional a mim mesma. Não vai ser uma conversa fácil de ter com o meu marido, mas ele precisa de saber a verdade. É a minha única hipótese de salvar a minha família, e talvez até a vida do meu filho.

Enquanto ensaio mentalmente o que quero dizer, o meu olhar vagueia para o bloco de facas em cima da bancada. Mais uma vez, falta uma faca no bloco – não me apercebi mais cedo por estar tão ocupada com o Teddy. Tenho a certeza de que todas as facas estavam nas suas ranhuras quando me fui deitar ontem à noite.

Olho para o lava-loiça, onde encontrei a faca desaparecida da última vez – nada.

Quando estou prestes a verificar a máquina de lavar loiça, a campainha toca. Por mais que queira procurar a faca, não vou deixar o Jeremy à espera, por isso corro para a porta da frente para o deixar entrar. Quando abro a porta, o Jeremy está de fato e gravata e tem o telemóvel na mão. Nem ergue os olhos do ecrã.

– O Teddy está pronto?

– Chegaste um pouco cedo – saliento. – Ainda não está bem pronto.

– Vou esperar no carro.

Começa a virar-se, mas eu estendo a mão e agarro-lhe no braço.

– Podes entrar por um momento, por favor? Quero falar contigo.

Entra no apartamento com uma expressão cautelosa no rosto. Disse ao Teddy para esperar no quarto e não sair até eu lhe dizer. Portanto, temos a sala de estar só para nós.

– A propósito – diz o Jeremy. – Viste aquele elefante que a Ronnie comprou para o Teddy? A Rosita disse que o levou para a escola ontem.

– Não, não vi. Talvez o tenha deixado na escola.

– Talvez. – Baixa o telemóvel, ainda que não o volte a guardar no bolso. – Está a preparar-se?

– Sim – respondo. – Mas… como disse, queria falar contigo.

– Está bem…

Não vai gostar do que tenho para lhe dizer, no entanto, precisa de o ouvir. Precisa de perceber quem está a trazer para a vida do nosso filho.

– A Veronica é toxicodependente.

Por um momento, fica a olhar para mim e então ri-se.

– Era isso que me querias dizer?

– Fiz uma verificação de antecedentes. Foi presa por posse de *heroína*.

Não há qualquer surpresa no seu rosto. Já sabia. *Sabia* que aquela mulher era toxicodependente e dormiu com ela na mesma. Apresentou-a ao nosso *filho*.

– Isso foi há muito tempo.

– Nem por isso.

– Ela não é toxicodependente. – Defende-a como me defendeu a mim quando a sua mãe lhe disse para não casar comigo; contudo, convém reforçar que a única queixa que ela tinha de mim era eu ser mais velha do que ele. Se soubesse da Veronica, estaria às voltas no túmulo. – Teve um problema há muitos anos, mas já o superou. Está limpa, garanto-te.

– Bem, falei com o antigo patrão dela e disseram-me que tinha marcas de seringa!

– Falaste com o antigo patrão dela? – A raiva invade-lhe o rosto, embora eu sinta que não é nessa parte da frase que se devia concentrar. – Isso é muito inapropriado, Naomi.

– Ouves o que te estou a dizer? A tua nova namorada tem marcas de seringa!

– Por amor de Deus, não tem marcas nenhumas! – Os seus olhos endureceram. – Vi-lhe os braços muitas vezes. Garanto-te que não tem marcas nenhumas.

– Além disso – continuo –, antes de ti, foi atrás de *outro* homem casado. De um homem casado *rico*.

– Ahã…

– Não vês o que te estou a dizer? – A minha voz adquiriu um tom agudo e suplicante, mas não consigo evitar. – A Veronica não te ama. Só anda à procura de dinheiro. É só isso que quer.

– Isso não é verdade.

– E odeia o Teddy – acrescento, sabendo que esta última acusação vai atingir o alvo. – Quer livrar-se dele.

– Odeia o Teddy? – Pestaneja. – Essa é a coisa mais ridícula que já ouvi.

Será que estou a ouvir na sua voz um laivo de incerteza?

– É verdade! – exclamo, aproveitando a sua hesitação. – Só quer o teu dinheiro, e o Teddy é só… uma complicação.

– Isso não é verdade. Ela adora o Teddy. – Mas, mais uma vez, não parece totalmente seguro. – Cristo, por que raio está aquele miúdo a demorar tanto?

Passa por mim, dirigindo-se à porta fechada do quarto. Abre-a sem bater e encontra o nosso filho a brincar com *Legos* no chão. Bem, com uma combinação de pedras e *Legos*.

– Papá! – O Teddy corre para a perna do Jeremy. – Papá, papá!

A raiva desvanece-se instantaneamente do rosto do meu marido enquanto ergue o menino do chão.

– Aqui estou eu! Estás pronto para ir?

– Não – responde, como se fosse uma ideia absurda. – Tenho de fazer a mala.

– Deixa-me ajudar-te, então – diz o Jeremy, lançando-me um olhar. – Não parece que a tua mãe tenha feito muito para adiantar as coisas.

Põe o Teddy no chão e abre a gaveta de cima da cómoda. Suponho que esteja à procura de coisas para levar com eles, mas, de repente, paralisa, a olhar fixamente para a gaveta. Dá um passo atrás, boquiaberto.

– Naomi – arqueja. – Que raio?

– O que foi?

Estendendo a mão para a gaveta, o Jeremy tira o elefante que a Veronica comprou para o Teddy. Parece diferente de quando o recebeu.

Nomeadamente, tem uma grande faca de cozinha espetada no peito. A *minha* faca de cozinha, ao que parece.

E, como se isso não bastasse, o elefante de brincar foi… à falta de melhor termo, *esventrado*. O enchimento foi-lhe arrancado do abdómen. E há algum tipo de substância vermelho-vivo a cobrir a faca e o interior da barriga do boneco.

– *Ellie*! – exclama o Teddy. (Aparentemente, é esse o nome do elefante.)

– Naomi – consegue o Jeremy dizer, enquanto se apressa a esconder o boneco no seu casaco para o menino não ficar mais traumatizado. – Qual é o raio do teu *problema*? Porque haverias de fazer isto?

– Não fiz! – protesto.

Mas ele não me está a ouvir. Está demasiado furioso.

– Estás mesmo tresloucada – barafusta. – Quero dizer, sabia que tinhas problemas, sabe Deus que os aturei durante tempo que chegasse, mas isto é simplesmente ir longe demais.

– Mas eu não fiz isso! – Lágrimas de frustração sobem-me aos olhos ante a sua acusação. Por fim, ocorre-me algo: – Aposto que foi a Veronica! Tens a chave do

apartamento em tua casa. No outro dia, encontrei a porta destrancada e pensei que a podia ter acidentalmente deixado por trancar, mas agora acho que foi ela. Veio aqui enquanto eu estava fora e…

– E fez *isto*? – Uma veia sobressai da têmpora do Jeremy. – Isto *não* foi a Veronica. Foste *tu*. És a única que aqui está e a única que podia ter feito isto. – Sacode o telemóvel no ar. – E acredita, vamos discutir isto na mediação de amanhã.

O Teddy continua a chorar pelo *Ellie*. O Jeremy volta a erguê-lo nos braços e o meu filho agarra-se a ele.

– Não te preocupes – murmura-lhe o pai ao ouvido. – Vamos arranjar-te outro. Prometo.

– Comprei-lhe uma girafa – saliento. Ergo a girafa que comprei há alguns dias de onde a tinha pousado na cama. – Toma, Teddy.

– Eu odeio girafas! – grita o nosso filho. – Quero o *Ellie*!

Oh, meu Deus.

O Jeremy acaba por ter de levar o Teddy do meu apartamento ao colo, enquanto ele chora e grita; mas a pior parte é o olhar cáustico que me lança mesmo antes de bater com a porta atrás de si.

Sinto a cabeça a latejar enquanto olho pela janela e vejo o Jeremy sair a acelerar do meu caminho de acesso no seu *Tesla*. Não posso acreditar que acha que eu seria capaz de algo assim. Se acredita realmente nisso, não me resta esperança. A Veronica venceu.

Mas não, não posso deixar que isso aconteça. Não se existe a hipótese de ela fazer mal ao meu filho.

Sinto-me como se tivesse um picador de gelo a apunhalar-me a têmpora. Desvio o olhar da janela, dirijo-me à casa de banho e, com as mãos a tremer, abro o armário dos medicamentos. A selenite é deveras fabulosa para aliviar as dores de cabeça com que às vezes fico durante o meu ciclo menstrual, mas consigo perceber que não vai tocar nesta. Fecho os dedos sobre o frasco de *Tylenol* entre a minha lâmina e o fio dentário.

Perco demasiado tempo a debater-me com a tampa de segurança e sinto uma vaga de alívio quando consigo abrir o frasco. Só que, para minha surpresa, ao virar o conteúdo para a palma, só saem de lá três cápsulas.

Como é isso possível? Comprei o frasco de *Tylenol* quando me mudei para cá e só o tomei uma vez desde então. O rótulo anuncia que o frasco contém cinquenta comprimidos, por isso não faz sentido que tenham desaparecido todos menos três.

Ocorre-me então algo terrível.

Se a Veronica tem realmente uma chave deste apartamento e se quer livrar de mim, pode ter tentado pôr o *Tylenol* em algo na minha cozinha. Enquanto médica, sei que um frasco de *Tylenol* facilmente chega para matar uma pessoa. E, atendendo a tudo o que se passa na minha vida, há uma probabilidade decente de que pudesse ser encarado como uma tentativa de suicídio.

Mas, se isso for verdade, em que misturou ela o *Tylenol*?

A resposta atinge-me como uma tonelada de tijolos. No *kombucha*. Desde antes de estar na moda que bebo *kombucha* e nunca tinha provado nada como aquilo, caseiro ou não. Deve ter sido uma combinação do sabor e do *Tylenol* no meu sistema que me fez vomitar tão violentamente. E ainda bem que fez – provavelmente, salvou-me a vida.

Olho para o frasco, perguntando-me se a Veronica podia realmente ser assim tão diabólica. Mas é certo que providenciou para que Rhona Simington caísse das escadas. E é muito evidente o quanto tem vindo a manipular o meu marido.

Continuo com a cabeça a latejar, por isso engulo duas das cápsulas de *Tylenol* que me restam. Se a Veronica me tentou realmente envenenar, não sei o que fazer a seguir. O *kombucha* desapareceu há muito, por isso não tenho provas. Se tentasse contar ao Jeremy, provavelmente dir-me-ia que estou a delirar. Nem estou certa de que o Ezra acreditasse.

De agora em diante, não posso mais subestimar a Veronica. É óbvio que recorrerá a todos os meios para ficar com o meu marido, independentemente do que tenha de fazer.

Tenho de ter muito, muito cuidado.

28

—Oh, Naomi, isso parece horrível!

Estou tão grata pela Cora, que aceita encontrar-se comigo para um copo num bar local depois do incidente com o elefante. O Zack está com o seu ex-marido, por isso, como eu, tem creche gratuita. Ainda que a diferença entre nós seja que eu daria tudo para estar em casa com o Teddy neste momento.

Mas beber uns copos com a Cora é um prémio de consolação decente. Contei-lhe o que tem vindo a acontecer com o Jeremy, ainda que tenha deixado de fora as minhas suspeitas de que a Veronica me pode ter tentado envenenar. Quando me imagino a dizer as palavras em voz alta, parece demasiado suspeito. Não aguentaria se a Cora achasse que estou delirante, como o Jeremy acha.

– Sabes o que ele está a fazer – diz, bebendo um pequeno gole do seu copo de *rosé*. – Não sabes?

– A fazer?

– Está a manipular-te.

Bebo um pouco do meu próprio copo de *pinot noir*, ainda que seja decididamente mais um trago do que um pequeno gole.

– A manipular-me?

– Sem dúvida! – Arregala os olhos. – É tão óbvio! Diz-te para ires a casa dele a uma certa hora e depois, quando apareces, finge que te disse uma hora diferente e que percebeste mal. E convence-te realmente de que foste tu que te enganaste e de que não te consegues manter a par dos teus compromissos. Quero dizer, alguma vez recebes por *escrito* a informação que percebeste mal? Numa mensagem, por exemplo?

– Não… geralmente, diz-me só pessoalmente ou por telefone.

Ela assente, triunfante.

– Como disse, está a manipular-te.

– O Jeremy não faria isso.

– Não sei por que razão o defendes. – Cerra os dentes. – Tem sido tão horrível para ti ao longo de tudo isto.

– A Veronica está a dar-lhe muitas munições – saliento.

– Céus, é tão impiedosa – diz a Cora, pondo-me uma mão no ombro. – Não sei qual deles é pior.

– Ele está a ser manipulado.

– Naomi. – Aperta-me o ombro. – Querida, sei que ainda o amas, mas o Jeremy fez a sua escolha. É hora de seguir em frente. – Estuda os ocupantes do bar. – Vês alguém que te atraia?

– Sou demasiado velha para engatar um homem num bar.

– *Nunca* se é demasiado velha para engatar um homem num bar.

Limito-me a abanar a cabeça.

– Está bem, está bem. Bem, então e aquele teu advogado de divórcios giro?

– É só que… – Esfrego as têmporas com as pontas dos dedos. – Ainda não estou preparada para seguir em frente. Ainda que ele esteja a ser um cretino, não posso desligar os meus sentimentos pelo Jeremy como um interruptor.

– Está a ser mais do que um cretino, Naomi – afirma. – Está a tentar arruinar-te a vida e tirar-te o teu filho. Não devias aturar estas merdas dele!

– Pois – murmuro.

– Amanhã, quando fores à vossa mediação – diz –, tens de entrar naquela sala reconhecendo que isto é uma guerra. E, muito em breve, aquele sacana do teu marido vai estar a acenar com a bandeira branca.

Tem razão. O Jeremy tem sido terrível para mim e é tempo de seguir em frente. Mas seria muito mais fácil desistir dele se não achasse que também pode correr perigo.

29

A sessão de mediação de hoje já está a ser melhor do que a última, pois não começa comigo a ver o Jeremy e a Veronica aos beijos no parque de estacionamento.

Mais uma vez, o Ezra está à minha espera no corredor, à porta, quando chego ao cimo das escadas. Abre-me aquele sorriso confiante que comecei a adorar e sinto os meus ombros relaxar.

– O objetivo – explica-me – é definir o acordo de guarda sem terem de ir a tribunal. Acho que nenhum dos dois quer um julgamento caro.

– Eu não quero isso, definitivamente.

– Ótimo. Porque pode ver pelo meu escritório que já tenho dinheiro a mais.

Apesar da ansiedade que continuo a sentir, deixo escapar uma gargalhada.

– Vamos puxar o assunto do problema de drogas da Veronica?

Ele hesita.

– Só se for preciso. Vejamos como as coisas se desenrolam.

Entramos juntos na sala de reuniões e, como antes, a mediadora, a Alana Ocasio, está à cabeceira da mesa, e o Jeremy e o seu advogado estão de um dos lados, quase como se ninguém se tivesse mexido desde a última vez que aqui estivemos. Mais uma vez, sento-me em frente ao Jeremy e o Ezra ocupa a cadeira ao lado da minha.

– Então, gostaríamos de passar algum tempo a discutir o acordo de guarda hoje – começa o Ezra. – Acho que estamos de acordo em que o que o senhor Roth pediu da última vez é muito excessivo e não necessariamente do interesse do Theodore.

– Na verdade – diz o Hardwick –, reconsiderámos o nosso pedido da última vez e gostaríamos de fazer algumas mudanças.

O meu coração abranda um pouco. Ótimo, estão a ser razoáveis.

– O senhor Roth gostaria de ter a guarda *total* do Theodore – prossegue o Hardwick. – Ao longo das últimas semanas, não só ficou com a sensação de que a senhora Roth é irresponsável, como o seu comportamento se revelou cada vez mais errático. Sentimos que apenas visitas seriam a opção mais apropriada.

– O quê?! – exclamo, quase num grito, quase a saltar por cima da mesa. – Como podem dizer isso?

O meu advogado toca-me no ombro para me acalmar.

– Isto é altamente inesperado. A senhora Roth não fez nada que nos devesse deixar preocupados com as suas capacidades como mãe.

– Ah, não? – retorque o Jeremy. – Quer ver a foto?

Cai-me o coração aos pés enquanto o Leonard Hardwick abre uma pasta à sua frente e tira uma enorme impressão a cores do elefante *Ellie* com a faca espetada. É bastante dramático e o material vermelho a sair da ferida na barriga parece muito vívido. Empurra a foto sobre a mesa na direção do Ezra, que lhe pega e a estuda.

Parece pouco impressionado.

– O que se supõe que estou a ver?

– Este brinquedo foi um presente da companheira do meu cliente para o Theodore – diz o Hardwick. – O Theodore levou o brinquedo para o apartamento da senhora Roth e isto foi o que ela lhe fez.

– Eu não fiz isto! – insisto. Viro-me para o Ezra. – Não esfaqueei um elefante de peluche!

O meu advogado volta a atirar a fotografia para cima da mesa.

– Não sei o que prova esta foto. Isto pode ter sido tirado em qualquer lugar e feito por qualquer pessoa. Não acho que a senhora Roth fosse capaz de fazer algo assim.

– Fez – diz o Jeremy, entredentes. – E não é tudo.

O Ezra arqueia uma sobrancelha.

– Muito bem, o que mais tem?

– O Theodore disse ao senhor Roth que a mãe se tranca no quarto durante horas e que a consegue ouvir a chorar através da porta – diz o Hardwick. – Durante esse tempo, ele é deixado por sua conta, completamente sozinho.

– *O quê?* – Abano a cabeça. – Isso é ridículo! Eu não deixaria o Teddy sozinho durante horas!

A expressão do Ezra não se altera.

– E isso é o que diz uma criança de *cinco anos*?

– Tem quase seis! – protesta o Jeremy. – E a Naomi também anda a ameaçar a minha namorada! Ligou-lhe múltiplas vezes e disse coisas horríveis! Disse-lhe que a vai matar!

Arquejo alto. Como se atreve a dizer isso quando é a Veronica quem me pode ter tentado envenenar na minha própria casa? Olho para o Ezra, esperando encontrá-lo com uma expressão igualmente horrorizada no rosto, contudo, está admiravelmente calmo.

– Quanto a esses telefonemas, então… – responde. – Tem o telemóvel da sua namorada e pode mostrar-nos o registo das chamadas da minha cliente?

O Jeremy lança um olhar angustiado ao seu advogado.

– Na verdade – fala o Hardwick –, as chamadas foram feitas de um número bloqueado, possivelmente um telemóvel descartável, pelo que não vos podemos mostrar esse registo.

– Como sabem então que as chamadas foram da minha cliente? – retorque o Ezra.

– É óbvio que foi ela – intervém o Jeremy. – Quem mais faria algo tão louco?

– Ouviu essas chamadas pessoalmente? – pressiona-o o meu advogado.

Por um momento, o meu marido vacila.

– Bem, não. As chamadas chegaram quando eu não estava em casa. Mas a Veronica reconheceu a voz dela.

– Tudo o que temos, portanto, é a palavra de uma mulher que só falou algumas vezes com a senhora Roth. – O Ezra leva a mão à pasta e tira o seu próprio *dossier*. Abre-o na primeira página. – E estamos a falar da… Veronica Chesson? Que foi presa por posse de heroína?

É claro pela expressão no rosto do Hardwick que não estava a par desta informação específica. Parece ter vontade de estender os braços e estrangular o meu marido. É tão gratificante que até me permito um ligeiro sorriso vitorioso na direção do Ezra, que ele retribui.

– A sério, Jeremy? – diz o Hardwick em voz baixa, junto ao ouvido do cliente, mas suficientemente alto para todos podermos ouvir. – A sua namorada é *viciada em heroína*? E não lhe ocorreu referir isso?

Ele retorce-se na cadeira.

– Já não é. Está completamente limpa.

A Ocasio pigarreia alto.

– Senhor Hardwick? Tem algo a responder às alegações do senhor Fletcher?

– Ah… – O advogado remexe nos seus papéis. – Acho que…

– A Veronica é irrelevante – diz o Jeremy, bruscamente. – Sim, é minha namorada, no entanto, a minha preocupação é exclusivamente com o Teddy. – Espeta o polegar na direção da pasta diante do seu advogado. – Não estou a inventar estas coisas. O Teddy não está seguro com a Naomi. Ela é louca!

– Estás a manipular-me – garanto, lembrando-me das palavras da Cora de ontem à noite.

– *A manipular-te*? Deves estar a *gozar* comigo!

– E a Veronica envenenou o meu *kombucha* caseiro! – acrescento.

Não tencionava dizer essa última parte na mediação, contudo, deixei-me levar pelo momento. Agora, todos na sala estão a olhar para mim.

– Fez-me vomitar – esclareço. – Tenho quase a certeza de que ela foi ao meu apartamento e o drogou com *Tylenol*.

– É claro que te fez vomitar – retorque o Jeremy. – É *chá fermentado*. É nojento. E, seja como for, tu…

Não sei o que o meu marido ia dizer, mas o Hardwick lança-lhe um olhar tão duro que deixa claro que, se ele não se calar, vai sair da sala.

– Dada esta nova informação sobre a menina Chesson – diz lentamente o Hardwick –, gostaria de pedir que tiremos algum tempo antes de reagrupar.

– Sim – concorda o Ezra. – E, para a próxima, talvez não nos insulte dizendo que a *minha* cliente é instável quando é o seu que anda a namorar com uma viciada.

Quase me apetece aplaudir.

Só depois de eu e o Ezra sairmos da sala é que ele me murmura:

– Não devia ter dito aquela última parte, mas não consegui resistir.

– Foi fantástico – elogio, eufórica. – O *Ezra* foi fantástico. Muito obrigada.

– Adorei a cara do Lenny Hardwick. – Ergue a mão no ar. – Acho que isto justifica um «mais cinco».

Como é óbvio, dou-lhe «mais cinco», porque nunca se deixa ninguém pendurado, mas não estou pronta para começar já a celebrar. Ainda não vencemos a batalha pela guarda e sei que o Jeremy vai dar uma luta dos diabos. E aquelas acusações contra mim…

– Preciso que saiba – digo – que não fiz nenhuma daquelas coisas que ele disse.

– Acho que já definimos que o seu ex gosta de jogar sujo. – Encolhe os ombros. – Não vamos descer ao nível dele. Vamos ser sempre honestos. E, quando isto terminar, vai poder levar o seu menino para casa.

Não consigo evitar. Estendo os braços e abraço-me ao Ezra. Estou-lhe tão grata que quase me apetece desatar a chorar. Mas, passado um segundo, sinto-me envergonhada e recuo.

– Desculpe. – Afasto algumas madeixas de cabelo do rosto. – Não é suposto abraçá-lo, pois não?

Ele sorri.

– Pode abraçar-me. *Eu* é que não a posso abraçar a *si*. A Ordem dos Advogados de Nova Iorque não aprovaria.

– Entendido.

Franze o sobrolho.

– O que foi tudo aquilo sobre o *kombucha*? Não acha mesmo que a namorada do Jeremy a tentou envenenar, pois não?

Parece preocupado, mas há algo mais no seu rosto que me faz pensar. Uma história sobre *kombucha* caseiro envenenado é bastante rebuscada, tal como as minhas suspeitas de que a Veronica me quer fazer mal ou ao Teddy. O Jeremy já está a dar o

seu melhor para que todos pensem que estou delirante, e temo que partilhar as minhas preocupações possa levar as coisas para lá do limite. Sobretudo porque não tenho nem rasto de prova.

Ainda.

– É certo que me fez vomitar – admito. – Mas… posso tê-lo deixado só fermentar demasiado.

– Está bem – assente lentamente o Ezra. – Mas, se não tem a certeza absoluta de que é verdade, não o devia dizer. Não lhes queremos dar munições para a fazer parecer instável. Quando isto terminar, queremos ter uma vitória retumbante.

Houve um momento, na sala de reuniões, em que pensei mesmo que a situação estava a descarrilar para mim. De algum modo, o Ezra conseguiu dar-lhe a volta. Mas a maior vitória de todas foi a forma como o Leonard Hardwick reagiu ao saber do passado da Veronica. Tenho um pressentimento de que vai aconselhar o Jeremy a acabar tudo com ela para poder vencer a batalha pela guarda. E, quando isso acontecer, o feitiço será quebrado.

30

Enquanto levo o Teddy para casa depois da sua aula de karaté, ele trinca alegremente uma bolacha com pepitas de chocolate no banco de trás. Está a encher de migalhas o seu uniforme branco e o banco de trás, mas não faz mal. A bolacha fá-lo feliz e, visto que fui eu que lha dei, considero isso uma vitória.

O incidente do elefante parece esquecido há muito. Pelo menos pelo meu filho.

– Então, Teddy – começo. – O que gostarias de fazer nos teus anos?

O Teddy vai fazer seis anos daqui a uma semana e, com todo o drama da mediação do divórcio, o seu aniversário parece ter ficado um pouco esquecido. Mas ainda nos resta uma semana. Podemos torná-lo especial.

No entanto, o menino surpreende-me ao dizer:

– O papá e a Ronnie vão dar uma festa para mim.

– Oh? – Quase passo a voar por um sinal vermelho e só consigo pôr o pé no travão no último instante. – Vão?

– Sim. Disseram que os seis anos são um aniversário muito especial, por isso temos de dar uma grande festa.

– Ah, foi? – Revolve-se-me o estômago só de pensar no Teddy a planear uma festa de aniversário com o Jeremy e a sua amante. Como se fossem uma espécie de unidade familiar. – Que bom.

– E a Ronnie disse que me vai comprar um presente extra especial por o meu elefante ter sido destruído.

Fantástico.

– E quando é essa festa?

– É domingo de manhã.

Fabuloso.

– E quem vai?

– A minha turma inteira!

Quer dizer, então, que todos na turma do Teddy vão aparecer nesta festa para socializar com o Jeremy e a Veronica enquanto eu fico de fora. Como se nem existisse. Como se não fosse a mãe do Teddy.

– Vais, mamã? – pergunta o meu filho.

– Bem – começo, cautelosamente. – O papá não me convidou.

– Disse que não quererias ir.

Estico o pescoço para trás para olhar para ele e encontro-o de rosto torcido.

– Mas tu queres ir à minha festa, não queres, mamã?

– É claro que sim.

A ideia de perder a festa do sexto aniversário do meu filho faz-me doer o coração. Mas, ao mesmo tempo, passar uma manhã com o Jeremy e a Veronica a porem as mãos um no outro e a agirem «tão apaixonados», como ela diria… bem, isso faz-me doer o *estômago*.

Seja como for, a verdade é que o Jeremy não me convidou. Não me quer nessa festa.

– *Quero* ir à festa – garanto. – Mas o papá não me convidou.

– Vou dizer-lhe que te convide! É a minha festa, por isso posso convidar quem quiser, certo?

– Isso é bem verdade.

Por mais que não queira passar a manhã com o Jeremy e a Veronica, não quero perder a festa de aniversário do Teddy. Vou engolir o sapo e ir à festa. Talvez não seja assim tão má.

31

Quando o Jeremy vem buscar o Teddy à noite, a primeira coisa que este diz, depois de se atirar para os braços do pai, é:

– A mamã pode ir à minha festa de aniversário?

O meu marido estava a sorrir quando cumprimentou o menino, mas aquela pergunta apaga-lhe o sorriso do rosto.

– O quê?

– À minha festa – lembra-lhe o Teddy. – A mamã disse que não foi convidada, mas eu quero que vá. Pode ir?

O Jeremy ergue o olhar para mim com uma expressão irritada nas feições bonitas. Envergonha-me um pouco admitir, mas comecei a pôr maquilhagem todas as noites na expectativa de que ele apareça, ainda que pelo menos metade das vezes seja a Rosita a vir. Posso não conseguir ter tão bom aspeto como a Veronica com os seus vinte e oito anos, porém, arranjo-me bem.

– Teddy – diz o Jeremy. – Achas que podes ir para o teu quarto para eu poder falar com a mamã sobre a festa? Não quero que oiças nenhuma surpresa.

– Está bem! – concorda o nosso filho.

Corre para o seu pequeno quarto e fecha a porta atrás de si, deixando-me a sós com o Jeremy na sala de estar. Há um minuto, estava a pensar em como parecia bonito, mas, subitamente, parece apenas cansado. Pergunto-me se a Veronica o anda a esgotar.

– Naomi – diz, baixinho. – Não quero que vás à festa.

As suas palavras não me deviam surpreender, depois do que o Teddy me disse e do óbvio facto de não me ter convidado, mas não deixa de ser como uma bofetada.

– O Teddy quer-me lá.

– Eu sei – admite. – Mas estou a pedir-te que não vás. Este dia é sobre o Teddy e não quero dramas.

– Hum. Quer-me parecer que, se te importasses com o nosso filho e não quisesses dramas, não terias deixado a mãe dele por uma toxicodependente de vinte e oito anos!

– Queres fazer o favor de falar baixo? – atira o Jeremy, lançando um olhar nervoso na direção do quarto. – Marquei a festa para de manhã para teres o resto do dia com

ele. Apenas acho que é melhor se não fores.

Odeio como me está a tentar excluir da vida do meu filho. Nunca imaginei que não seria convidada para o sexto aniversário do Teddy. E a pior parte é que nem admite que é *ele* que não me quer lá. Age como se excluir-me fosse parte do bem maior, para bem do Teddy.

– Tudo bem – cedo. – Não vou à festa.

Os seus ombros descaem.

– Obrigado. Agradeço-te por isso.

O alívio no seu rosto surpreende-me. Porque era tão importante eu não ir a esta festa de aniversário?

Terá que ver com a Veronica? Foi ela que insistiu em que eu não podia ir? Terá medo da concorrência, sobretudo depois de eu ter descoberto a sua história? Temerá que tenha descoberto que me tentou envenenar e a vá desmascarar?

Pior, será possível que o Teddy corra *perigo* na sua festa?

Rejeito essa última hipótese. Por mais diabólica que a mulher seja, jamais poderia esperar sair impune de fazer mal a uma criança durante a sua própria festa de aniversário. Se há lugar onde o Teddy estará seguro, é nessa festa.

Tenho de acreditar nisso.

32

—É uma festa de aniversário, Naomi. Tem de escolher as suas batalhas.

São essas as palavras sábias do Ezra. Estamos a definir estratégias para a próxima sessão de mediação, mais uma vez no meu apartamento. Desistimos de nos tentar reunir-nos no seu escritório e agora ele vem simplesmente para cá depois de sair do tribunal. Desta vez, trouxe comida chinesa. Não é orgânica, mas não há nada como boa comida chinesa depois de um dia difícil.

O Ezra não é o único a achar que tenho de parar de me enfurecer com esta festa. Almocei com a Cora ontem e, apesar de ter ficado furiosa, teve uma forma diferente de ver as coisas. «Pára de pensar nesse cretino. Faz algo tão divertido com o Teddy que a festa nem se compare!» Quando lhe salientei que o dinheiro era um problema, respondeu: «Desde que envolva gelado, sais a ganhar.»

– Só queria poder estar lá – confesso. – Pelo Teddy.

O meu advogado interrompe-se para mastigar um pedaço de couve chinesa.

– O Teddy vai divertir-se imenso. De certeza que sim. E então terá a sua própria festa com ele.

É suposto estarmos a traçar estratégias para a sessão de mediação, mas, desde que ele chegou, basicamente não discutimos mais nada a não ser a iminente festa de anos do Teddy. É um pouco difícil tirá-la da cabeça. Felizmente, o Ezra tem-se mostrado muito paciente e disposto a discuti-la infindavelmente.

Faz-me pensar no que me disse da última vez que cá esteve. Em como foi o facto de querer filhos que acabou com o seu casamento.

– Ainda quer ter filhos? – pergunto, de súbito.

– Hã… – É óbvio que a pergunta o deixa um pouco desconfortável, mas não a retiro. Vejo-o pousar a sua embalagem de comida na minha mesa de centro e recostar-se no sofá. – Sim. Sim, quero. Mas, realisticamente, começo a achar que pode não acontecer.

– Porque não? É homem, por isso pode ter filhos até aos noventa.

– Certo, mas quem quer cuidar de um bebé aos noventa anos? – Abre um sorriso. – Sei lá. A maioria das mulheres da minha idade sente provavelmente que os seus anos férteis já passaram. E não estou realmente interessado em namorar com alguém muito mais novo do que eu. Portanto… como disse, não sei. Se conhecesse a mulher

certa e ela tivesse um filho, não me importaria de ser padrasto. Mas, realisticamente, não sei se algum dia voltarei a casar.

– Porque não?

– Ossos do ofício, suponho. – Aponta com a mão para o nosso banquete de comida chinesa. – Mal consigo arranjar tempo para os meus clientes. Não o consigo, certamente, arranjar para namorar.

– Isso é pena.

– Bem pode dizê-lo. – Tira os óculos para limpar as lentes à camisa. Sem óculos, parece mais jovem, de algum modo. – Escute, Naomi. Posso dar-lhe um conselho?

– É para isso que lhe pago, não é?

– Certo. – Volta a pôr os óculos no nariz. – Só não quero que interprete mal isto.

– Está bem…

Olha incisivamente para a minha mão esquerda.

– Tem de deixar de usar a sua aliança.

Ante as suas palavras, cubro instintivamente o anel de organite na minha mão esquerda com a outra mão.

– Oh…

– O seu ex está a tentar pintá-la como extremamente instável – explica o Ezra. – Ambos sabemos que está errado em relação a isso, mas numa coisa está certo: está a ter dificuldades em deixar ir.

– Eu… gosto do anel…

– É um belo anel – reconhece. – Mas de certeza que tem outros anéis bonitos que pode usar. O problema desse anel é o que representa. E não ajuda ao seu caso quando aparece com ele nas sessões de mediação.

Lembro-me de como, no outro dia, o Jeremy gritou comigo por ainda usar a minha aliança. Foi tão duro ao fazê-lo que me deixou desesperada por me agarrar a ela. Mas o Ezra não está a ser duro. Tudo o que diz faz muito sentido, e tem sempre o meu interesse em vista.

É por isso que tiro o anel do dedo e o pouso na mesa de centro.

– Pronto – diz. – Não se sente melhor?

Não, não me sinto melhor. Sinto-me nua.

Mas, ao mesmo tempo, reconheço que tem razão. Não posso continuar a usar este anel quando eu e o Jeremy já não vivemos juntos e ele anda a dormir com outra mulher.

– É difícil deixar ir – murmuro.

– Eu sei – responde. – Muitas pessoas têm dificuldade com esta parte.

– É só que… – Aperto as mãos. – Sinto que isto é o fim. O Jeremy era a minha única oportunidade de ser feliz e agora acabou.

Ele muda de posição no sofá, inclinando-se para mim.

– Isso – responde – é ridículo.

– Eu não acho.

– Naomi – diz. – Merece muito melhor do que aquele sacana. É uma pessoa incrível e é muito mais forte do que reconhece. É inteligente, é uma excelente mãe e… – Hesita. – E é linda.

Querem ouvir algo estranho? Em quarenta e dois anos de vida, não estou certa de que alguma vez alguém me tenha dito que era linda. A minha mãe nunca o fez, de certeza. Ao longo dos anos, houve muitos homens que, para me tentarem saltar para a cueca, diziam que parecia *sexy*. O Jeremy… bem, dizia-me que parecia bem. Mas «linda»? Acho que nunca usou essa palavra em específico. E não o posso culpar, porque não sou realmente linda. Quero dizer, se *eu* sou linda, acho que precisamos de uma palavra completamente nova para descrever alguém como a Veronica.

Mas o mais estranho é que o Ezra parece estar a ser sincero. Olha diretamente para mim e não está a fazer nada que sugira que espera que as suas palavras me levem para a cama. Di-lo apenas como se estivesse a declarar um facto.

Acha que sou linda. Pois bem.

– Bem, obrigada – acabo por dizer.

– A sério – insiste, ainda de olhos nos meus. Por uma fração de segundo, sinto uma ligeira falta de ar devido à forma como olha para mim. De uma forma como não estou certa de que o Jeremy *alguma vez* tenha olhado. É quase demasiado, para ser sincera, e pergunto-me se devia dizer algo, mas então ele abre um sorriso modesto que aligeira instantaneamente o ambiente. – A Stef dizia-me sempre que era mau a fazer elogios. Por isso, enfim, estou a trabalhar nisso.

Ah, isto é prática de elogios. Faz mais sentido.

– Bom trabalho – elogio, erguendo-lhe desajeitadamente o polegar.

– Obrigado.

Despachamos o resto da comida e falamos um pouco mais sobre o caso. O Ezra tem os meus documentos num grosso *dossier* dentro da sua enorme e bojuda pasta, mas parece saber onde está tudo, por isso não o vou criticar por isso.

– Não seria mais fácil trazer simplesmente o seu portátil em vez de todos esses papéis? – pergunto-lhe.

– Gosto de imprimir tudo – confessa. – Não confio totalmente nos computadores. Sinto que não posso ter a certeza de que algo não vai desaparecer a não ser que o tenha em papel.

Rio-me.

– É demasiado novo para desconfiar da tecnologia.

– Oh, não sou certamente. – Passa as páginas do meu processo. – Gosto das coisas de uma certa forma. Há quem lhe chame estranho, mas… sei lá, é assim que sempre fui e resulta para mim.

– Sim – concordo. – Reparei logo que tem uma energia diferente da maioria das pessoas.

– Pois – responde. – Também reparei nisso em si.

Não sei ao certo o que quer dizer com isso, no entanto, decido encará-lo como outro elogio.

Pego em dois dos três bolinhos da sorte em cima da mesa de centro. Estendo-lhe um e fico com o outro para mim.

– Esta era a minha parte favorita da refeição quando era pequena.

– Continua a ser a minha – diz o Ezra. Abre o seu bolinho e tira a estreita tira de papel do interior. – Muito bem, aqui vamos nós: «O seu caminho para a glória estará pejado de pedras afiadas.» Hum. Não sei se gosto disso. O que diz o seu?

– «Um amigo dúbio pode ser um inimigo disfarçado.» – leio.

Apesar de não acreditar que os bolinhos da sorte possam ter qualquer influência sobre a vida real, há algo nessa sorte que me deixa inquieta.

– Uau, são bastante ominosos – comenta o Ezra. Aponta com a cabeça para o último bolinho, em cima da mesa. – Vou deixar a segunda tentativa para si.

Pego no outro bolinho e abro-o.

– «Será convidada para um *karaoke*.»

Ele ergue-me um polegar.

– Muito melhor. Um *karaoke* parece muito divertido.

Teria preferido uma sorte na linha de «Vai ficar com a guarda total do seu filho». Ou, melhor ainda: «O seu marido vai perceber que aquela jeitosa de vinte e tal anos se está a aproveitar dele e vai voltar para si.»

– Ezra? – chamo.

– Sim?

– Acha mesmo que vou conseguir a guarda do Teddy?

– Sem dúvida. – Após uma pausa, leva a mão ao bolso exterior da sua pasta. Vasculha-o por um momento e, finalmente, tira um cristal translúcido. – Como podemos perder quando temos isto para nos dar sorte?

É o quartzo que lhe dei naquele primeiro dia na Câmara Municipal. Pensava que já o teria perdido por esta altura, ou até deitado fora.

– Ainda o tem – digo, num tom ligeiramente espantado.

– É claro que tenho – responde, como se fosse ridículo *não* levar o meu cristal consigo para toda a parte.

Tem de ir outra vez cedo para o tribunal amanhã, por isso arruma os seus papéis e acompanho-o à porta. Não contava que ficasse tanto tempo, mas, de algum modo, a noite passou a voar. Apesar de estar cansada, não quero que vá. Depois de cinco anos a viver com dois rapazes em casa, este apartamento parece dolorosamente vazio à noite. Quase me apetece perguntar-lhe se gostaria de ficar para ver qualquer coisa na televisão, mas tenho a certeza de que diria não.

Olho para a pasta demasiado cheia do Ezra.

– Espero que durma um pouco esta noite.

– O sono é para os fracos.

– Bem, seja como for, obrigada, mais uma vez – agradeço. – Estou muito agradecida por tudo o que fez por mim. Quando tudo isto acabar, vou deixar-lhe uma crítica incrível *online*. Vou dizer que faz visitas ao domicílio com comida chinesa.

– Hã, por favor, não faça isso – pede-me. – Visitas ao domicílio com comida chinesa e saladas Buda *não* são a minha prática padrão.

– Não?

– Garanto que não.

– Bem – digo –, nesse caso, agradeço ainda mais.

O Ezra sai pela minha porta da frente, mas não se vira para se dirigir ao carro. Por um momento, fica só ali parado, com o rosto ensombrado pelo luar. Parece ter algo a dizer, por isso fico também parada, à espera.

– Quero só que saiba – diz, por fim – que vou ganhar isto por si, Naomi. Vou conseguir-lhe tudo o que merece. Vou assegurar-me disso.

– Obrigada – respondo, baixinho.

Volta a abrir a boca, mas não sai nada. Fica apenas ali parado, a menos de trinta centímetros de mim, e não posso deixar de me lembrar do início da noite, quando me chamou linda.

– O que foi? – pressiono-o. – Há algo mais que queira dizer?

– Sim – confirma. – Há. – Aperta mais a pasta, até ficar com os nós dos dedos brancos. – Porém, se o dissesse, seria expulso da Ordem.

Arqueio uma sobrancelha. E então não posso deixar de pensar no que a Cora me disse, sobre a Miranda ter casado com o seu advogado de divórcios. Ou seria a Samantha? Seja como for, fica-me subitamente preso na cabeça.

E a verdade é que o Ezra é bastante giro. Não, não é classicamente bonito como o Jeremy, mas há algo nele. Sinto que, de algum modo, estamos no mesmo

comprimento de onda, muito mais do que alguma vez estive com o meu marido. Afinal, o Jeremy jamais andaria por aí com aquele cristal de quartzo.

Mas então ele abana a cabeça.

– Esqueça – diz.

– Oh – digo, tentando não deixar transparecer que estou um pouco desiludida.

Esboça-me um sorriso cansado.

– Boa noite, Naomi.

– Boa noite, Ezra.

Fico a vê-lo regressar ao seu carro – um *Ford* maltratado que parece ter uma das luzes traseiras avariada –, e vejo que vai ligeiramente curvado sob o peso da sua pasta enorme.

Antes de entrar no carro, acena-me uma última vez e eu retribuo-lhe o gesto.

33

No domingo ao meio-dia, rumo a casa do Jeremy.

Passei a manhã a tentar seguir o conselho do Ezra e não pensar no facto de que a festa do sexto aniversário do meu filho estava a decorrer sem que eu lá estivesse. Tenho de ter presente que terei o Teddy comigo no seu verdadeiro aniversário, mais para o fim da semana, e que vamos passar o resto do dia de hoje juntos. Esta festa não é nada de especial.

Ao entrar na nossa antiga rua, é difícil encontrar estacionamento, de tão cheias de carros que as bermas estão. A festa *ainda* está a decorrer? Parece que nunca ninguém sabe quando ir para casa durante estes eventos para crianças. A sério, é preciso contratar um segurança.

Devia dar graças por o Jeremy ter tratado de tudo. Não preciso desse tipo de transtorno na minha vida neste momento.

Consigo finalmente enfiar-me num lugar, mesmo ao fundo do quarteirão, e então são cinco minutos a pé até à casa. À medida que me aproximo, oiço música e risos de crianças vindos do jardim das traseiras. Pergunto-me se alugou um insuflável – há seguramente espaço para isso no enorme jardim.

O portão do jardim das traseiras está fechado, mas, quando o testo, não está trancado. Assim, consigo entrar no jardim da casa onde vivi durante quatro anos e ter uma boa vista do que é nitidamente a festa do século.

Esta festa tem tudo. Tem uma casa insuflável – não, um *castelo* insuflável, com escorrega incluído. Tem um bolo de aniversário de três andares. Tem um palhaço a fazer animais com balões. Tem um *pónei*. Um maldito *pónei*.

Mas a pior parte é o número de pessoas presentes. Esta festa é claramente o local mais popular desta manhã de domingo em particular. Parece que toda a turma do Teddy veio. Que raio, parece que toda a cidade foi convidada.

A única criança que não vejo na festa é o meu filho. Estudo o castelo insuflável, a fila para o pónei e as crianças reunidas à volta do palhaço, mas não vejo o Teddy em lado nenhum.

Um frémito de medo deflagra-me na barriga. Pensava que o Teddy estaria seguro na sua festa de aniversário, mas agora pergunto-me se isso é verdade. Não seria uma festa enorme como esta um lugar fácil para uma criança pequena desaparecer? E se…

– Mamã!

A voz empolgada do Teddy irrompe de entre a multidão, dissolvendo de imediato os meus medos. Passado um segundo, o meu filho atira-se para os meus braços. Este nível de entusiasmo está geralmente reservado para o Jeremy, por isso sinto-me lisonjeada – é um pequeno prémio de consolação num dia como hoje.

– Mamã, vieste! – exclama alegremente o Teddy. – O papá disse que não vinhas.

Como que em resposta à deixa, o Jeremy emerge da multidão, em roupa informal, para variar, com umas calças de ganga azuis e uma *T-shirt*. Está sempre de fato, e tinha-me esquecido de como fica bonito em roupa casual. Ainda que fique mais bonito quando sorri, o que não está decididamente a fazer agora.

– Naomi – diz ele, em voz baixa, zangada. Desde a recente reviravolta na mediação, o Jeremy parece sempre furioso comigo. É doloroso vê-lo assim. – O que fazes aqui?

Olho para o relógio.

– Disseste-me para vir ao meio-dia. Disseste que a festa já teria acabado por essa altura.

Um vaso sanguíneo projeta-se da sua têmpora.

– Disse *uma*!

– Mamã! – O Teddy puxa-me a saia. – Mamã, tens de ver o pónei! Chama-se *Faíscas*!

Um segundo depois, a Veronica materializa-se, com o seu cabelo sedoso apanhado atrás num rabo-de-cavalo alto e a pele perfeita livre de maquilhagem. Fica fantástica em calças de ganga e camisola de alças – *realmente* linda, e não seja o que for que o Ezra queria dizer. Sorri-me com doçura.

– Olá, Naomi. Ainda bem que pôde vir.

– A Naomi está de *saída* – diz o Jeremy, suficientemente alto para se ouvir acima do som das crianças aos gritos, o que faz alguns dos convidados adultos virarem a cabeça. Estamos à beira de armar uma cena.

– Não! – grita o Teddy. – Quero que a mamã *fique*!

Olho para o Jeremy, impotente, mas ele continua a fulminar-me com o olhar. É a Veronica quem finalmente se interpõe entre nós.

– Por favor, fique para a festa, Naomi. Temos comida de sobra. A cozinha é logo a seguir à porta das traseiras.

Apetece-me retorquir-lhe que sei onde é a cozinha na minha própria maldita casa, mas pelo menos não me quer expulsar, como o Jeremy. Por outro lado, é por causa da *Veronica* que estou a ser expulsa de toda a minha vida.

Porque não o vê o Jeremy? Tenho provas de que anda atrás dele por dinheiro. Não se importa? *Quer* que se aproveitem dele?

Deixo o Teddy guiar-me pela multidão de foliões. Mostra-me o bolo gigante, o castelo insuflável e o pónei, e até diz ao palhaço para me fazer uma pequena coroa com um balão, que ponho obedientemente na cabeça. Mas depois distrai-se com os amigos, deixando-me por minha conta.

Não comi nada hoje, por isso entro na casa para ver que tipo de comida têm. E, naturalmente, a oferta é espetacular. Têm dúzias de mini sanduíches de todos os tipos, uma espécie de *mousse* de salmão fumado, ovos recheados com caviar, cogumelos recheados, uma espécie de croquetes e uma enorme tábua de charcutaria em que a carne foi moldada em forma de flores. E o melhor de tudo é que têm várias garrafas de vinho.

Sirvo-me de um grande copo de tinto, sem me dar sequer ao trabalho de olhar para o rótulo. Devia provavelmente comer algo primeiro, mas preciso, acima de tudo, de uma bebida neste momento. Enquanto a estou a engolir, baixo o copo ao ver um rosto familiar.

– *Cora*? – digo.

A Cora Janzen, que julgava ser a minha nova melhor amiga, está a poucos metros de mim, deslumbrante num vestido de verão branco. Pára de rompante ao reparar em mim e toda a cor lhe desaparece do rosto.

– Naomi?

Há alguns dias, queixei-me à Cora desta exata festa. Disse-lhe como era horrível ser excluída e ela pareceu ficar tão zangada como eu, e, no entanto, ei-la aqui.

– O que fazes aqui? – pergunto. Tento não soar demasiado acusadora, mas vá lá.

– Eu, hã… – Retorce-se enquanto dois pequenos círculos vermelhos lhe brotam nas faces. – Peço imensa desculpa, Naomi. O Zack queria *tanto* vir. Não podia recusar. Quero dizer, todos os miúdos na escola andavam a falar nisso. Ter-se-ia sentido muito excluído.

– Sim – digo. – Compreendo *perfeitamente* como é sentirmo-nos excluídos.

– Naomi. – A sua voz tornou-se irritantemente lamurienta. Perco mais respeito por ela a cada segundo que passa. – Não estás realmente zangada por isto, pois não? É só uma festa.

– Certo. É só uma festa, Cora.

– Olha – começa. – Vamos discutir isto amanhã depois da escola, está bem? Estarei no sítio do costume e podemos conversar.

– Se tu estiveres no sítio do costume, eu estarei noutro lugar.

Viro-lhe a cara, engolindo o resto do meu vinho. Há cerca de quinze minutos que estou nesta festa e foram já os piores quinze minutos da minha vida. A Cora parece ir dizer mais qualquer coisa, mas então apercebe-se de que é um caso perdido e volta a sair.

Mal posso esperar que isto acabe.

34

Deito abaixo outro copo de vinho e então levo o meu terceiro para fora com um prato cheio de aperitivos e sanduíches. Conheço a maioria dos outros pais que cá estão, mas estão todos a evitar-me desconfortavelmente, por isso encafuo-me a um canto do jardim, junto a uma mesa com pacotes de sumo e garrafas de água. É o local ideal para não ter de falar com ninguém, e posso pousar lá o meu prato enquanto bebo o meu vinho.

Sinceramente, é como se nem estivesse na festa.

Só falta cantar os parabéns ao Teddy, que é a única coisa por que anseio. Nos seus últimos cinco aniversários, fui sempre eu a cantar-lhe os parabéns. Digo-lhe sempre para fechar os olhos com muita força enquanto pede o seu desejo, e fica tão engraçado com o rosto todo franzido. Matar-me-ia perdê-lo este ano, por isso toda a tortura de estar aqui vale a pena.

Quando estou mesmo a acabar o terceiro copo de vinho e a refletir sobre se ainda será seguro conduzir se beber um quarto (é melhor não), o Jeremy sai de rompante de dentro de casa, com um ar mais zangado do que nunca. Vem direto para onde estou parada, com o meu copo de vinho vazio e o meu prato de sanduíches intactas, com a Veronica a segui-lo não muito atrás.

– Naomi! – grita, tão alto que várias pessoas viram a cabeça. – Que raio fizeste tu ao presente da Veronica?

Olho para ele, perplexa.

– O quê?

Tem o rosto ainda mais vermelho do que o da Cora – quase púrpura.

– Estava um presente na sala de convívio que a Ronnie ia dar ao Teddy, e alguém o abriu e destruiu.

– Como se destrói um peluche?

– Era um *carro telecomandado* – cospe o Jeremy. – E estava esmigalhado. Mas já sabes isso, não sabes?

– Estive o tempo todo aqui.

– Estás a mentir – silva-me. – Entraste em casa. Eu *vi-te* entrar em casa. De que outro modo terias arranjado comida?

– Está bem. Entrei na cozinha, peguei nesta comida e voltei logo a sair. Nem sei do que estás a falar.

– És inacreditável! – exclama o Jeremy, erguendo os braços para o céu. – A sério que não acredito. Pensava que te podias controlar por *um dia*, no aniversário do nosso filho, mas é óbvio que não. E agora vê como a Ronnie está perturbada!

Voltamos ambos a nossa atenção para a Veronica, cujos olhos estão cheios de lágrimas de aspeto muito realista. Mas então, mal o meu marido lhe vira costas, olhando de novo para mim, um ligeiro sorriso alastra-lhe pelos lábios.

Aquela mulher é puro mal. Por que raio não consegue o Jeremy ver isso?

– Quero que saias – diz-me.

– O quê?! – exclamo. – Agora?

– Sim. *Agora*.

– Mas… estão prestes a cantar os parabéns e a cortar o bolo.

– Estou-me a borrifar. – O rosto do Jeremy está desfigurado de raiva. Nunca foi violento, porém, por um momento, temo que me possa bater. – Estás na *minha* propriedade e quero que saias *imediatamente*.

Atraímos a atenção de mais do que algumas pessoas com a nossa discussão. A cena que evitámos antes está agora a acontecer, estão todos a olhar para nós. E talvez seja dos três copos de vinho que bebi sem comer o suficiente, mas isso só me deixa mais relutante em sair daqui com o rabinho entre as pernas. Ia fazer o quê? Sentar-me no carro a rodar os polegares enquanto a festa continua por mais uma ou duas horas? Mesmo uma hora seria uma estimativa ridícula.

O Teddy também se aproximou para ver a que se deve o rebuliço. Parece não saber o que dizer ao ver os pais defrontarem-se. Por uma vez, está sem palavras.

– Não vou sair – afirmo. – É a festa de anos do meu filho e quero estar aqui. Tenho o *direito* de estar aqui.

Desta vez, a Veronica não me defende. Está demasiado ocupada a chorar as suas lágrimas falsas. Porque não consegue o Jeremy ver para lá disto? Ela não é assim *tão* boa atriz.

– Tudo bem – cede o meu marido, tirando o telemóvel do bolso. – Vou chamar a polícia.

– Tudo bem – repito.

Sinceramente, pensava que estava a fazer *bluff*, mas então o Jeremy liga mesmo para o cento e doze e começa a falar com alguém que parece realmente ser da polícia. Não posso acreditar que isto está a acontecer. Não posso acreditar que ele *chamou mesmo a polícia na festa de aniversário do nosso filho*, mesmo à frente dele. Acusou-me de ser egoísta, porém, não posso imaginar nada mais egoísta do que isto.

Começo a perguntar-me se o Ezra não teria razão acerca de tudo. Está sempre a dizer que o Jeremy não merece que o tente salvar da Veronica, e eu defendo-o sempre. Mas agora interrogo-me: talvez se mereçam, não é mesmo?

– A polícia está a caminho – anuncia o Jeremy. – Portanto, talvez seja boa altura para ires embora, antes que te apanhem a invadir propriedade privada.

– Invadir propriedade privada! – exclamo. – Esta casa também é minha! Ainda somos casados, caso te tenhas esquecido.

– Como me poderia esquecer se andas sempre com a tua aliança?

Cerro a mão esquerda num punho. Sim, voltei a pôr a aliança depois de dizer ao Ezra que ia deixar de a usar. Mas não tem nada que ver com o Jeremy. A organite é um cristal raro que ajuda à introspeção e dá força. Este anel é importante para mim por razões que não têm nada que ver com o Jeremy.

Seja como for, tenho um pressentimento de que ele não iria entender isso.

– Quero ficar para a canção e para o bolo – digo obstinadamente. – Não acho que seja pedir muito. E o Teddy também quer que eu fique. Não queres, Teddy?

Olho para o meu filho, que aperta um pacote de sumo na mão direita, paralisado. Fica calado, com o lábio inferior a tremer.

– Por favor, vai-te embora, Naomi – diz o Jeremy, num tom exasperado.

E a questão é que eu teria ido. Sim, queria estar lá para a canção e para o bolo de aniversário, mas não queria fazer o meu filho chorar na sua festa de anos. (Apesar de, na realidade, a culpa ser do Jeremy.)

Mas é então que oiço as sirenes e as coisas descarrilam por completo.

35

Não posso acreditar quando a polícia aparece.

E como chegaram aqui tão depressa? Não têm *crimes* para resolver? Uma pequena briga numa festa de aniversário de crianças não devia ser uma prioridade.

Mas, poucos minutos depois de o Jeremy ter ligado para a polícia, aparece um agente no jardim das traseiras, com ar de quem não está encantado por estar a trabalhar a um domingo de manhã. Tem cara de quem está a uns cinco segundos de puxar da arma e nos abater a todos.

– Qual é o problema? – resmunga.

– Obrigado por ter vindo, senhor agente – diz respeitosamente o Jeremy. – A minha ex-mulher apareceu na festa de aniversário do meu filho e agora recusa-se a sair.

– Ainda sou tua mulher! – riposto. – E o nosso filho *queria* que eu viesse!

Ainda que, neste momento, o Teddy não pareça querer-me aqui. Tem os braços magros apertados contra o peito, os olhos baixos. Tem ar de quem gostaria que eu partisse para poder comer o seu bolo e aproveitar o resto da festa.

Provavelmente, devia ir andando.

– Muito bem, minha senhora – resmunga-me o polícia. – Tem de sair para que estas pessoas possam continuar com a festa.

Fantástico. O Jeremy não me vai deixar nem a dignidade de sair por mim mesma. Vai fazer-me ser expulsa por um polícia diante de praticamente todos os que conheço.

O agente agarra-me pelo braço para me acompanhar à saída e, sinceramente, estou farta. Não preciso que me *arraste* fisicamente lá para fora. Assim, puxo o braço para me libertar dele, o que o faz inesperadamente desequilibrar-se e quase cair. Olha para mim, surpreendido.

O que acontece a seguir é muito rápido. Oiço o polícia murmurar para um *walkie-talkie* que tira do cinto, dizendo que estou a ser «combativa». O que não estou! Mas, antes que possa tentar explicar-lhe isso, ele volta a agarrar-me pelo braço, só que desta vez de forma muito mais bruta. Empurra-me então para a mesa onde tinha

pousado a minha comida e a minha bebida, fazendo voar um monte de pratos e de pacotes de sumo.

O sumo derramado impregna a minha blusa enquanto o polícia me torce os braços atrás das costas. Um segundo depois, sinto aros de metal morderem-me o pulso. Tardo outro segundo a assimilar o que acaba de acontecer:

Ele algemou-me.

Aquele sacana *algemou-me*!

Estou paralisada, com o rosto encostado à fria mesa de plástico, pegajosa dos pacotes de sumo e do vinho derramados. Não me parece que me consiga mexer nem levantar da mesa, mas então puxa-me bruscamente para trás e põe-me de pé. Todas as pessoas na festa olham para mim com expressões igualmente horrorizadas. O Teddy está a soluçar, encolhido contra a perna do Jeremy.

– Vamos lá, senhora – rosna-me o agente.

Dá-me um empurrão para me fazer andar e tenho de ser conduzida para fora do jardim das traseiras onde decorre a festa de aniversário do meu filho, algemada e com toda a gente a ver.

Acho que é seguro dizer que não vou comer bolo.

36

Nunca tinha sido presa.

Como é óbvio. A maioria dos cidadãos cumpridores da lei, como eu, nunca foram presos. Claro que a *Veronica* já foi presa. O único lado positivo disto é imaginá-la a passar por este mesmo desconforto.

O polícia leva-me para a esquadra, onde me revistam – suponho que à procura de algum tipo de arma. Felizmente, trouxe a minha bolsa comigo no carro-patrulha, mas não me deixam ficar com ela. Fazem-me assinar um formulário a dizer que a levaram.

E então sou processada por obstrução a um agente da autoridade e invasão de propriedade. Fazem-me um monte de perguntas, tiram-me as impressões digitais e uma foto de cadastro. Sinceramente, é demasiado horrível para descrever. Passo o tempo todo a pedir para falar com o meu advogado, mas não me deixam fazê-lo até o processamento estar concluído.

Há um telefone na área de processamento e deixam-me procurar o número do Ezra no telemóvel, que estava na minha bolsa. Não quero mesmo nada ligar-lhe, mas tem de ser. Nem sei se vai atender a um domingo de manhã, e este não é o tipo de chamada que quererá receber. Envergonha-me que vá descobrir o que aconteceu. Mas é o meu advogado e preciso dele agora.

Felizmente, atende após apenas dois toques, provavelmente por estar habituado a receber chamadas da esquadra.

– Estou?

– Olá, Ezra… é a Naomi.

– *Naomi*? – Por um momento, fica calado, e, quando volto a ouvir a sua voz do outro lado da linha, parece perplexo. – Está a ligar-me da esquadra?

– Sim. Eu… fui detida.

– *Detida*? Está a falar a sério?

– Não foi culpa minha! – Desembucho a história toda, sobre a festa, as acusações do Jeremy e como tencionava ir-me embora, mas então o agente agarrou-me e tudo não passou de um mal-entendido. Bem, mais ou menos. – E agora querem pôr-me numa cela.

– Oh, céus – geme o Ezra. – Não lhe disse para não ir àquela festa?

– E não fui! Ele disse-me que acabava ao meio-dia! Não foi culpa minha.

– Está bem, está bem… – Solta um profundo suspiro. – Tudo bem. Pronto. Deixe-me ver o que posso fazer.

– Tenho de passar aqui a noite?

A ideia de passar a noite numa cela da prisão é quase demasiado horrível para descrever.

– Não sei – responde. – Provavelmente, não. Como disse, deixe-me ver o que posso fazer.

– Haverá uma fiança?

– Com sorte, não. Provavelmente, vão libertá-la sob compromisso de honra.

– Está bem. – Falha-me a voz na segunda palavra. – Obrigada, Ezra.

– Mas isto não é bom, Naomi.

– A sério? Eu achei que era uma ideia brilhante.

Volta a suspirar.

– Muito bem. Aguente-se aí. Vou fazer alguns telefonemas e depois vou para a esquadra.

Quero sentir-me reconfortada por o Ezra me vir ajudar. O que quer que tenha feito, ele vai ajudar-me a corrigir.

Mas, mal desligo a chamada, desato a chorar.

37

Passo a hora seguinte a chorar numa cela da prisão.

Há mais algumas mulheres comigo na cela, nenhuma das quais vestida para uma festa de aniversário infantil. Mas, porque estou a soluçar, deixam-me em paz. Ninguém quer lidar com uma mulher a chorar, mesmo que esteja na prisão sem nada para fazer.

Fiz asneira. Fiz asneira da grossa. A única vantagem que tinha em relação ao Jeremy e à Veronica era ser uma cidadã íntegra. E agora, de repente, tenho uma detenção no cadastro. Haverá um julgamento? Nem sei. Presumo que o Ezra me porá a par quando me tirar daqui.

Se me tirar daqui.

Passaram cerca de quatro horas quando um agente espreita para dentro da cela. Tento não ter grandes esperanças, mas então ele chama:

– Roth?

Apresso-me a levantar-me.

– Sim, sou eu.

– Está livre – resmunga.

Oh, graças a Deus. O Ezra é um génio.

Mas não é um processo rápido. Tenho de assinar um monte de papelada para poder receber de volta todos os meus pertences e ir para casa. Demoro mais meia hora a estar despachada. Pensava que ia ter de chamar um táxi, visto que o meu carro está em casa do Jeremy, mas, ao chegar à sala de espera da esquadra, encontro o Ezra à minha espera, com um fato amarrotado, sem gravata e com a barba por fazer. Não está a sorrir.

Levanta-se ao ver-me.

– Venha. Vamos tirá-la daqui.

Nem me sinto insegura por causa dos meus olhos inchados enquanto o sigo até ao seu *Ford*, porque *nada* tem tão mau aspeto como aquele carro maltratado. Tem também um monte de papéis empilhados no banco do passageiro, que tem de passar para trás. Finalmente, sento-me no banco ao seu lado, apertando a minha bolsa no colo.

O Ezra mete a chave na ignição e roda-a, mas o motor limita-se a gaguejar. Boa. A minha sorte não pára de melhorar.

– O motor morreu? – pergunto.

– Não. Geralmente, precisa de algumas tentativas. Está tudo bem.

– Talvez devesse arranjar um carro novo?

– Está tudo *bem*.

À terceira tentativa, o motor ganha vida e saímos do parque de estacionamento da esquadra.

– Obrigada por me tirar dali – digo, após um instante de silêncio. – É um verdadeiro salvador.

– Talvez mude de opinião quando ouvir o que tenho para lhe dizer a seguir.

Franzo o sobrolho.

– O que é?

– O seu ex pediu uma ordem de restrição temporária contra si – responde. – O que significa que não o pode contactar nem ao Teddy ou sequer aproximar-se deles, salvo em circunstâncias especiais.

– *O quê?*

– Lamento, Naomi. – Lança-me um olhar enquanto abranda num sinal vermelho. – Mas foi removida à força de uma festa por um agente da polícia. O Jeremy já tinha expressado preocupações no passado e agora tem provas com que as sustentar.

A minha respiração começa a sair-me mais acelerada. Acho que estou a entrar em hiperventilação.

– Quer dizer então que não me posso aproximar do meu próprio filho?

– Lamento muito. Não devia… não devia ter ido à festa.

Sinto a cabeça à roda.

– Quanto tempo dura isso, então?

– Haverá uma audiência daqui a algumas semanas.

Algumas *semanas*? Nunca passei tanto tempo sem ver o Teddy em toda a sua vida! Recuperei finalmente da minha sessão de choro na cela, mas agora sinto-a recomeçar.

– Está a falar a sério? Não posso ver o Teddy durante algumas *semanas*? Isso não pode estar certo! Não é como se eu lhe tivesse feito algum mal! Foi só uma estúpida festa! – Os meus dedos começam a formigar. – Isto é tão injusto!

O Ezra lança-me outro olhar. Na esquina seguinte, sai da estrada para uma rua lateral. Pára o carro e vira-se para olhar para mim.

– Naomi. – Pega-me na mão. A sua está quente e seca. – Preciso que respire fundo algumas vezes. Faça-o comigo.

Já me disse isto uma vez e fiquei indignada, mas desta vez não tenho forças para protestar. Fá-lo comigo, como prometeu, sugando ar pelo nariz e soprando-o lentamente pelos lábios. Após cinco repetições disto, sinto-me…

Bem, não *melhor*. Mas menos como se fosse desmaiar.

Fixa o olhar em mim.

– Olhe, não lhe vou mentir. Isto não é bom, e compreendo o porquê de estar perturbada. Mas, se se mantiver longe de sarilhos por algumas semanas, tenho a certeza de que posso conseguir que a ordem de restrição seja levantada. Já vi coisas assim muitas vezes e garanto-lhe que podemos fazê-la desaparecer.

O pânico volta a subir-me pelo peito.

– Algumas *semanas*?

– Naomi. – O seu tom torna-se subitamente severo. – Foi *presa*, está bem? Estava à espera de quê?

Ligeiros espasmos percorrem-lhe o maxilar. Apesar de estar com muita pena de mim mesma neste momento, reconheço que isto também não é nada fácil para ele. Arrastei-o para a esquadra a um domingo à tarde e agora vai ter de trabalhar muito mais para me ajudar a conseguir a guarda partilhada do meu filho. Para não falar em que não lhe posso realmente pagar, tirando o único cheque de honorários que lhe consegui passar.

– Desculpe – digo, num tom de voz ténue.

– Não peça desculpa. – Leva a mão direita à têmpora. – Só, por favor, não faça nenhuma estupidez nas próximas semanas. E, por amor de Deus, não volte a ser presa.

– Mas, Ezra… – Mordo o lábio inferior. – Temo pela segurança do Teddy. Com a Veronica, quero dizer.

Ele abana a cabeça.

– Está a falar de quê?

– Há algo que preciso de lhe contar…

Todas as coisas que me tinha vindo a abster de lhe dizer saem numa espécie de salgalhada confusa. A viagem à antiga residência da Veronica. O *kombucha* envenenado. Os meus receios de que a Veronica possa fazer mal ao Teddy para o tirar do caminho. À medida que falo, a cor vai-se esvaindo lentamente do rosto já pálido do Ezra.

Quando acabo de falar, tira os óculos, fecha os olhos com força e esfrega-os com as pontas dos dedos.

– O que está a dizer – diz – é…

Espero que reconheça que é uma acusação muito grave e que devíamos marchar de novo para a esquadra para contar tudo à polícia. Porque o Teddy não está seguro naquela casa.

– É de *loucos* – conclui.

Recuo a cabeça, como se tivesse acabado de me dar uma bofetada.

– Mas…

– Não acredita realmente em tudo isso, pois não?

Estuda-me o rosto com preocupação nos olhos; não preocupação por achar que a Veronica me vai matar, mas por temer subitamente ter apostado no cavalo errado nesta batalha pela guarda. O Jeremy tem vindo a olhar muito assim para mim ultimamente, e não suporto vê-lo também nos olhos do Ezra.

– Eu… – Engulo o nó na minha garganta. – Acho apenas que… são muitas coincidências assustadoras, percebe? Não me pode culpar por estar um pouco enervada…

– Sim…

– E quero tanto voltar a ver o Teddy…

Após um ou dois instantes, o seu rosto relaxa.

– Olhe, sei que teve um período stressante recentemente, mas não pode deixar que isso a afete. Vai ser uma batalha mais difícil do que pensávamos, no entanto, continuo confiante em que acabará por se resolver.

Assinto em silêncio, sabendo que, se tentar falar, vou desatar a chorar.

O Ezra leva-me a casa, ainda que, ao chegarmos, me lembre de que, na realidade, o meu carro está em casa do Jeremy. Apetece-me pedir-lhe que me leve antes lá, mas parece estar farto de mim por hoje. Apanho um *Uber* para ir buscar o meu carro amanhã.

Quando estaciona em frente à minha casa, vira-se para me fitar uma última vez.

– Vai correr tudo bem, Naomi. Prometo que posso resolver isto.

– *O seu caminho para a glória estará pejado de pedras afiadas* – recito, lembrando-me do bolinho da sorte do outro dia.

O meu advogado consegue esboçar um ligeiro sorriso.

– Sim, algo do género. E, quando tudo isto acabar, vamos a um *karaoke* juntos.

– Combinado – respondo.

Tento retribuir-lhe o sorriso, mas não é fácil. Fiz asneira da grossa e agora não vou poder ver o meu bebé durante algumas semanas, até termos a tal audiência. Pensar nisso é quase demasiado para suportar.

Espero que o Ezra possa resolver isto. Porque, se não puder, não sei o que vou fazer.

38

Passo a maior parte da noite às voltas na cama.

A certa altura, acordo e entro no quarto do Teddy, olho para a sua coleção de rochas, exposta na pequena secretária, e então pego num dos peluches e choro simplesmente por um período indeterminado. Depois, adormeço na cama dele.

Quando acordo é quase hora de almoço. Não tenho muito que comer em casa e pondero uma ida ao supermercado, mas então lembro-me de que o meu carro está em casa do Jeremy. Ainda tenho de o ir buscar.

Enquanto vasculho o frigorífico em busca de alguma comida com que possa improvisar uma refeição, o meu telemóvel vibra com um alerta. Tardo um momento a encontrar o aparelho, que está preso nos cobertores da minha cama. Quando o localizo, olho para o ecrã, lembrando-me de como programei este lembrete no meu telemóvel antes de toda a minha vida desabar:

«Viagem do Jeremy a Boston.»

O Jeremy vai em viagem de negócios a Boston esta semana. Voa esta tarde. O que faz com que me interrogue sobre quem vai cuidar do Teddy durante a sua ausência. Se os acontecimentos de ontem não tivessem ocorrido, ter-me-ia pedido para o fazer? Presumo que não, pois não mo teria pedido só com um dia de antecedência. Talvez tenha cancelado a viagem. Ou talvez a Rosita vá passar lá a noite.

Ou talvez tenha pedido à Veronica para cuidar do Teddy.

A ideia de *essa mulher* passar tempo com o meu filho quando eu não me posso aproximar dele… bem, é quase mais do que consigo suportar. Dá-me vontade de gritar.

A Veronica não ama o Teddy. Na melhor das hipóteses, tolera-o como um meio para chegar ao Jeremy. Na pior, pode correr perigo. Não que ela tenha feito algum mal às crianças Simington, mas aquela empregada deu a entender que o teria feito se a oportunidade surgisse.

E não é esta a oportunidade ideal? Se o Jeremy estiver fora da cidade e estiverem os dois sozinhos?

Quando expressei as minhas preocupações ao Ezra, ele olhou para mim como se achasse que eu tinha enlouquecido. Mas ele não conhece a Veronica. Não viu o brilho

nos seus olhos quando olha para o meu marido. Se soubesse o que eu sei, levaria isto muito mais a sério.

O telemóvel começa a tocar na minha mão, arrancando-me ao meu pânico crescente. A palavra «MÃE» pisca no ecrã e, ainda que geralmente odeie falar ao telefone com ela, sinto uma súbita pontada de anseio. A minha mãe pode ser demasiado crítica e cínica, mas é útil. Se não fosse por ela, não teria casado com o Jeremy sequer.

Assim, atendo a chamada.

– Naomi – diz a voz rouca da minha mãe, do outro lado da linha. – Andas a evitar as minhas chamadas?

– Não – minto.

– Andas, sim. – Ainda que nem pareça assim tão perturbada com isso. É mais como se estivesse a declarar um facto. – O que se passa, então? O Jeremy vai mesmo deixar-te?

Cresce-me um nó na garganta.

– Estavas certa em relação a ele. Há *mesmo* outra mulher. Vai deixar-me por uma *rapariga* na casa dos vinte. E é *linda*.

– Oh, Naomi. – Suspira a minha mãe.

Pensava que não me restavam mais lágrimas no corpo, mas, de algum modo, consigo desatar outra vez a chorar. Nem suporto contar-lhe da minha detenção e de como já não posso ver o Teddy. Doeria dizer essas palavras em voz alta. Mas conto-lhe tudo o que descobri sobre a Veronica durante a minha visita à sua antiga morada. Ao contrário do Ezra, ela leva tudo o que digo muito a sério. Sabia que seria a única a fazê-lo.

– Ouve bem, Naomi – começa. – Essa mulher é nitidamente sarilhos, e odeio dizer que te avisei, mas… bem, eu avisei-te.

É certo que me avisou. Por mais que odeie admiti-lo, a minha mãe tem sempre razão.

– Mas a boa notícia – continua – é que há uma maneira simples de recuperares a tua família.

– Como?

– Só tens de te livrar dessa outra mulher antes que ela se livre de *ti*.

Sinto um frio descer-me pela espinha.

– O que queres dizer com isso?

– Quero dizer que, se essa outra mulher não estiver por perto, ele não te vai deixar.

– O que devo fazer, então? Convencê-la a ir embora?

A minha mãe resmunga.

– Não acho que vás ter muita sorte com isso.

Tem razão.

– Como me vou eu livrar dela, então?

Em vez de responder à minha pergunta, começa a tossir. É uma tosse húmida que lhe sai das profundezas do peito. A minha mãe fumou durante demasiado tempo. Quem sabe por quanto tempo continuará sequer por cá? Daqui a um ano, pode estar morta. E quem me ajudará então? Não há ninguém melhor do que a minha mãe a resolver problemas. Pode ser exasperante, às vezes, mas devo-lhe tudo.

– Não posso resolver isto por ti – diz-me, depois de controlar a tosse. – Já não. Agora, depende de ti.

Não sei o que está a sugerir. É certo que me ajudou, há muito tempo. Mas não foi nada como isto. Não sei como espera que me livre da Veronica, que é muito mais tortuosa do que eu. Contei tudo o que sabia sobre ela ao Jeremy e ele disse que estava delirante. Dei o meu melhor.

Mas isto já não é só sobre mim e o Jeremy. É também sobre o Teddy. Pode fazer-me o que quiser, mas nem pensar que a vou deixar fazer mal ao meu menino.

39

Espero até ao fim da tarde, altura em que o Jeremy provavelmente já partiu para a sua viagem de negócios, para ir buscar o meu carro.

Não posso realmente pagar um *Uber*, mas não tenho grande escolha. Não tenho muitos amigos que me possam dar boleia. Depois do que aconteceu ontem, não posso certamente pedir à Cora. E de certeza que o Ezra está no tribunal, mas, mesmo que não estivesse, está farto de mim neste momento.

Assim, vou para lá sozinha, cada vez mais deprimida à medida que me adentro no meu antigo bairro, sabendo que o Teddy está praticamente ao meu alcance, mas não o posso ver. E é tudo culpa da Veronica.

Não posso deixar o meu filho sozinho com essa bruxa. Se estiver lá com ele, vou… Bem, não sei o que vou fazer. Mas não o vou deixar à sua mercê.

O motorista do *Uber* deixa-me junto ao meu *Lexus*, que não está assim tão perto da casa, visto que a rua estava cheia de carros no dia da festa. Entro e começo a dirigir-me de volta ao meu apartamento, ainda que tenha de passar pela casa pelo caminho.

Em comparação com ontem, a casa parece muito silenciosa. A porta da garagem está fechada, mas o *Jetta* da Veronica está estacionado no caminho de acesso. Além disso, o carro da Rosita está ausente. O Teddy não tem nenhuma aula depois da escola hoje, o que me leva a crer que deve estar em casa com a Veronica, como esperava. Estão os dois completamente sozinhos.

Mas então ocorre-me um pensamento. O Jeremy sabe da ordem de restrição temporária, mas a Veronica pode não saber. Se eu passar pela casa e lhe disser que é suposto ir buscar o Teddy enquanto o Jeremy está em viagem, ela pode muito bem acreditar. Ou, melhor ainda, ficará *feliz* por se livrar de fazer de ama.

Oiço então a voz do Ezra ao meu ouvido: «Só, por favor, não faça nenhuma estupidez nas próximas semanas.»

Mas vai correr tudo bem. A Veronica não faz ideia do que se passa. Na verdade, aposto que está a consumir *droga* lá dentro. O Jeremy está fora da cidade e esta pode ser a minha última hipótese de ver o Teddy nas próximas semanas. Vou só dizer à Veronica que o vim buscar e trago-o de volta amanhã.

Só que este plano não é completamente infalível. Existe pelo menos uma certa probabilidade de a Veronica pegar imediatamente no telemóvel e dizer ao Jeremy o que ando a tramar, e ele vai passar-se. Portanto, preciso de um pretexto para justificar o porquê de lá estar – algo que possa dizer à polícia, se chegar a esse ponto.

Paro no caminho de acesso ao lado do carro da Veronica. A correr, atravesso o caminho até ao alpendre da frente, o meu corpo a vibrar de entusiasmo face à ideia de ver o Teddy. Posso ter perdido a sua festa de aniversário ontem, mas ainda podemos passar uma ótima noite juntos hoje.

Antes de chegar à porta, porém, paro no relvado. Apanho uma das grandes pedras que margeiam o caminho de acesso e limpo-lhe o pó o melhor que posso. Precisava de uma razão para aparecer e agora tenho uma.

Toco à campainha, esperando que seja o Teddy a abrir. Mas não é ele, claro. É a *Veronica* que abre a porta, tão linda como sempre nas suas calças de ganga casuais e na *T-shirt* justa, com o cabelo sedoso a cair-lhe à volta dos ombros. Uma expressão cautelosa enche-lhe as feições bonitas ao ver-me, o que me faz temer que vá dificultar muito isto.

– Olá – chilreio. Vou optar por uma combinação de alegre e despreocupada. – Passei só para trazer ao Teddy algo de que se esqueceu no meu apartamento. – Ergo a pedra. – É a nova rocha favorita dele. Disse-me especificamente que queria que a trouxesse cá.

A Veronica inclina a cabeça para o lado.

– Não devia estar na *prisão*?

Não, isso és tu. Mantenho o sorriso no rosto.

– Isso foi só um mal-entendido. O Jeremy disse-me que ia fazer uma viagem de negócios e pensei que seria uma boa altura para passar por cá e trazer a pedra ao Teddy. E, enquanto cá estou, posso tirar-lho das mãos, dar-lhe uma trégua. O Jeremy disse-me que não fazia mal.

Sustenho a respiração, esperando que ela não me diga que a viagem de negócios foi cancelada. Mas consigo perceber pela expressão no seu rosto que ele está mesmo fora e que ela não tem certezas em relação a nada disto.

– Ele disse-lhe isso? – pergunta, num tom cético.

– Sim.

– Quando?

– Falámos sobre isso ontem à noite, na verdade. Suponho que não a quis deixar encalhada com o Teddy.

Enquanto digo as palavras, tento cruzar a porta, mas a Veronica muda a posição do corpo, bloqueando-me.

– Não me disse nada sobre isso.

– Não sei que lhe dizer. – Encolho os ombros, impotente. – Pediu-me para fazer isto e sei que o Teddy não quererá perder a hipótese de passar a noite comigo. E não quer, obviamente, que ele chore por isto, pois não? – Ergo a pedra para enfatizar.

Quase consigo ver as engrenagens a rodar no seu cérebro. Está a tentar perceber se deve ou não acreditar em mim. Quer livrar-se do filho do namorado, mas não se quer meter em apuros por agir da forma errada.

Vá lá, Veronica. Deixa-me levar o meu filho.

– Isto não parece certo – conclui, por fim. – Vou ligar ao Jeremy.

E então vira-se e volta para dentro de casa, presumo que para ir buscar o telemóvel. Sigo-a antes que me possa fechar a porta na cara e fecho-a suavemente atrás de mim. Depois, corro atrás dela.

– De certeza que ainda está no avião – digo-lhe, tentando evitar que uma nota de desespero me transpareça na voz. – Não vai poder atender a chamada.

– É menos de uma hora de voo – responde. – De certeza que já aterrou por esta altura.

O seu telemóvel está em cima da mesa de centro. Se lhe ligar, ele vai dizer-lhe que estou a mentir. Não só isso como, mesmo com o falso pretexto da pedra, estou a violar a ordem de restrição só por estar aqui. O Ezra disse-me para não fazer nenhuma estupidez, e o que eu fiz é muito, muito estúpido. Pode custar-me a guarda do meu filho.

A Veronica ergue o telemóvel da mesa de centro.

– Espere – imploro-lhe. – Eu… Talvez tenha razão. Talvez tenha entendido mal. Não tem de lhe ligar.

Ela lança-me um olhar.

– Oh, vou mesmo ligar-lhe.

Oh, meu Deus, porque vim aqui? O Ezra estava a *resolver* as coisas por mim e eu estraguei tudo. Mal ela lhe contar o que se passa, o Jeremy vai contar ao seu advogado. Terei sorte se algum dia voltar a ver o Teddy. Ela *não pode* fazer esta chamada.

Mas não a posso impedir.

Pois não?

Olho para a pedra na minha mão, que me ocupa a palma inteira. É uma pedra completamente banal, que não entusiasmaria de todo o meu filho, mas é grande. E pesada.

Antes que possa pensar duas vezes, ergo-a bem alto, acima da cabeça. E, enquanto a Veronica está a remexer no telemóvel, faço-a descer sobre o seu crânio com todas as

minhas forças. Forças que nem sabia que tinha.

Instantaneamente, a Veronica cai ao chão, inconsciente.

Oh, não.

O que fiz eu?

SEGUNDA PARTE

40
NAOMI

O que fiz eu?

A Veronica está caída no chão da sala de estar da minha antiga casa, inconsciente. Ainda tenho a pedra na mão direita. Há sangue nela, e há também sangue na minha mão, mas não *muito*. Uma quantidade que seria fácil de lavar.

Ajoelho-me ao seu lado, temendo que haja alguma hipótese de a ter matado. Mas consigo ver claramente o seu peito a subir e a descer. Ainda está viva. Infelizmente.

Não, não queria dizer isso. Céus, não a queria *matar*. Não sou como ela. Só a queria impedir de ligar ao Jeremy.

E não devia ter feito isto. Fossem quais fossem as consequências para mim de ter vindo à casa e tentado levar o Teddy, as de ter agredido a Veronica com uma pedra serão muito piores. O Ezra não vai ficar nada satisfeito comigo.

E agora?

– Mamã?

A voz do Teddy flutua do cimo das escadas. Oh, não. Isto está a ficar ainda pior. Qualquer hipótese de sair daqui e fingir que talvez tenha sido um assaltante a entrar e a fazer isto acaba de voar pela janela.

Mas talvez o possa fazer resultar.

Corro para o fundo das escadas. O Teddy ainda está ao cimo, a olhar para mim com um ar perplexo. De onde está, não consegue ver a Veronica caída no chão. E, ainda que só me apeteça envolvê-lo nos meus braços e levá-lo daqui, tenho de o fazer voltar para o quarto enquanto resolvo isto.

– Mamã, estás aqui!

Parece tão encantado que quase me parte o coração. Começa a descer as escadas a correr, mas subo para lhe bloquear a passagem.

– Não desças as escadas. Preciso que fiques no teu quarto.

O seu rostinho franze-se.

– Mas porquê?

– Porque… deixei cair um prato e partiu-se no chão.

– Foi isso o estrondo que eu ouvi?

Sinto um aperto no peito.

– Sim. Não quero que te magoes.

O Teddy franze o sobrolho, uma expressão que o faz ficar subitamente muito parecido com o Jeremy.

– Porque estás aqui? O papá disse que era a Ronnie que ia tomar conta de mim.

– Mudou de planos.

– Porquê?

Oh, meu Deus, estas perguntas vão continuar durante a próxima hora se não fizer algo em relação a isso.

– Teddy – digo, num sussurro urgente. – Vai para o teu quarto ver vídeos de macacos.

Os seus olhos arregalam-se enquanto se cala instantaneamente. É tão raro usarmos esse aviso que às vezes temo que o possa ter esquecido. Mas, a julgar pela expressão no seu rosto, não esqueceu. Vai trancar-se no quarto e não vai sair até alguém lhe dizer que são horas de comer biscoitos de canela.

Agora, posso lidar com a situação da Veronica em paz.

A Veronica continua inconsciente no chão. Não sei o que fazer. Posso esgueirar-me daqui e esperar que talvez não se lembre de nada disto? Mas claro que se vai lembrar. Levou uma boa pancada na cabeça, mas tem um cérebro saudável de vinte e oito anos. De certeza que se vai lembrar de tudo o que aconteceu e contar ao Jeremy assim que recuperar os sentidos, o que pode acontecer a qualquer instante.

Preciso de mais tempo. Tenho de decidir o que fazer.

O telemóvel dela caiu a cerca de trinta centímetros de onde está estendida no chão. Emite um zumbido alto e o ecrã ilumina-se. Acaba de receber uma mensagem de texto.

Apanho o telemóvel do chão e leio a mensagem no ecrã. Naturalmente, é do Jeremy.

Acabo de sair do avião. Tinha uma chamada não atendida tua. Está tudo bem?

Não lhe posso responder sem desbloquear o ecrã. Mas parece que o telemóvel só precisa de uma impressão digital para se desbloquear e tenho a mão dela aqui mesmo, ao meu alcance. Pego-lhe na mão inerte e encosto-lhe o polegar ao leitor de impressões digitais. O telemóvel ganha vida.

A primeira coisa que faço é reconfigurar o aparelho de modo que não seja precisa uma palavra-passe para entrar. Agora, posso responder a quaisquer mensagens preocupadas do Jeremy. Escrevo rapidamente uma mensagem antes que ele se ponha nervoso e ligue:

Está tudo ótimo! Enganei-me!

Ótimo. O Teddy está bem?

Independentemente do que mais possa dizer sobre ele, o Jeremy é um bom pai. Apesar de tudo, sinto um aperto no coração ao ler a mensagem. Pelo menos, a minha resposta a esta pergunta será sincera.

O Teddy está ótimo! Está só lá em cima, a brincar no quarto.

Está bem, fantástico. Ligo esta noite, quando estiver no hotel.

E então escreve:

Amo-te.

Irra, será isto um exemplo típico de como são as conversas entre eles os dois? Dizem um ao outro o quanto se *amam*? Céus, cheguei mesmo a tempo.

Tenho de cortar isto pela raiz. Imediatamente. Antes que «Amo-te» se transforme em «Queres casar comigo?».

Mas como?

Talvez possa fazer a Veronica ver a razão, de algum modo. Não quer realmente ter um marido e um filho às costas. Tudo o que quer é o dinheiro do Jeremy. Talvez lhe possa oferecer um acordo, em que recebe algum tipo de compensação financeira em troca de nos deixar em paz. Odeio a ideia de negociar com ela, contudo, estou sem opções.

Mas, por outro lado, ela não me vai dar ouvidos. Assim que acordar, irá direta ao telemóvel para ligar ao Jeremy. Mesmo que lho esconda, pode simplesmente sair de casa a correr e fazer sinal a um vizinho.

Não, tenho de me assegurar de que temos hipótese de discutir isto como deve ser. Tenho de me assegurar de que é um público cativo até conseguir o que quero.

Pergunto-me se o Jeremy ainda guarda a fita isoladora no mesmo lugar.

41

A fita isoladora está exatamente onde a costumávamos guardar na despensa, junto à cozinha.

A Veronica começa a despertar um pouco quando volto para junto dela com o rolo de fita prateada, o que significa que não tenho um segundo a perder. Infelizmente, a despensa é húmida e a fita perdeu parte da aderência. Assim, quando lhe prendo os pulsos, dou várias voltas à fita para garantir que não é fácil para ela libertar-se. Continua bastante apagada, por isso consigo prender-lhe também os tornozelos sem grande esforço.

Estudo a Veronica, estendida no chão com os tornozelos e os pulsos amarrados. Bem, pelo menos, não vai a lado nenhum nem vai fazer nenhum telefonema. Mas não tenho a certeza de que esteja disposta a ouvir o que tenho para dizer.

Corto um pedaço mais pequeno de fita do rolo e colo-lho aos lábios. Pronto, agora *tem* de ouvir.

Mas continua a preocupar-me um pouco que o Teddy possa decidir descer ou talvez ouvir a nossa conversa do seu quarto. Esta casa é linda, mas não está muito bem insonorizada. Não sei o que acontecerá se o Teddy ouvir a nossa conversa e, sinceramente, não quero saber. Se eu e a Veronica vamos conversar, não pode ser na sala de estar.

Então, o meu olhar volta-se para a porta da cave.

Seria perfeito. Também não está insonorizada, mas o meu filho nunca nos vai ouvir dois andares acima. Eu e a Veronica podemos ter uma longa conversa e o menino não vai ouvir uma palavra.

Nem a vai ouvir se gritar.

A Veronica geme no chão, mas continua de olhos fechados. É melhor fazer isto enquanto ainda está basicamente inconsciente. Quando acordar e se começar a debater, isto vai tornar-se muito mais difícil.

Abro a porta da cave e o familiar cheiro a bafio enche-me as narinas. Acendo a luz, que é apenas suficientemente forte para o Jeremy conseguir ler os rótulos das garrafas de álcool. É perfeito, na verdade.

Agora, como vou levar a Veronica lá para baixo?

Embora seja mais alta do que eu, é muito magra. Testo as águas, agarrando-a pelos tornozelos e arrastando-a pelo chão, e a verdade é que é mais fácil do que esperava. Tenho algum receio de magoar as costas, ainda assim. Arrastar uma mulher inconsciente para a cave teria sido *muito* mais fácil aos vinte anos. Outra desvantagem de envelhecer que nem tinha previsto.

Torna-se muito mais fácil quando chegamos às escadas, ainda assim, porque agora tenho a gravidade a ajudar-me. De início, tento ir devagar para evitar bater-lhe com a cabeça em cada degrau, mas então apercebo-me de que isso pode ser bom. Quanto mais confusa estiver ao acordar, melhor.

A cave da casa está parcialmente acabada. Tem apenas uma lâmpada no teto, que mantém a divisão sempre na penumbra, sobretudo porque também não há janelas – a luz é inimiga do bom vinho. O Jeremy passou-me um sermão sobre isso uma vez, falando longamente sobre como o vinho é facilmente afetado pela luz solar, a temperatura e a humidade, razão pela qual precisa de ser armazenado com tantos cuidados. Para conseguir a temperatura certa, instalou ainda um sistema de refrigeração, que mantém sempre a cave a uns perfeitos 13 ºC. No entanto, além do vinho, o Jeremy tem também uma coleção considerável de bebidas espirituosas, incluindo *bourbon*, *whisky* escocês e rum. Adora vinho, mas, quando teve um dia difícil, não há nada que mais adore do que um copo de *whisky* depois de deitar o Teddy.

E sei isso porque é meu marido e amo-o mais do que a Veronica alguma vez será capaz.

O chão não está acabado, nem uma das paredes, enquanto outra é toda de tijolo castanho. Há cerca de uma dúzia de porta-garrafas encostados às paredes, a maioria cerca de três quartos cheios.

Está frio na cave, sobretudo porque só trouxe uma camisola leve. A Veronica está só de *T-shirt*, e brota-lhe pele de galinha nos braços. Parece que o ar gélido pode estar também a acordá-la, pois deixa escapar outro gemido baixo, ainda que continue de olhos fechados.

Por um momento, fico a olhar para ela, inconsciente no chão. É realmente muito bonita – *injustamente* bonita. Nem posso culpar inteiramente o Jeremy por se ter apaixonado por ela. Bem, sim, está bem, posso. Ainda assim, tenho um pressentimento de que, independentemente de qualquer acordo a que cheguemos na cave, nada irá realmente mudar. O Jeremy nunca deixará de a querer porque, bem, olhem para ela!

Tens de te livrar dela.

A voz rouca da minha mãe fala-me do fundo da minha cabeça. Dou-me conta de que, com a Veronica estendida no chão, de braços e pernas atados, seria quase demasiado fácil acabar com ela. Podia ir buscar uma faca à cozinha, espetar-lha no peito e ela estaria morta antes de saber o que a atingiu. Sinto um arrepio que não acho que seja do sistema de refrigeração.

Claro que isto é tudo ridículo. Não sou uma assassina. Independentemente do que mais tenha feito na vida – e, sinceramente, não acho que tenha feito nada assim *tão* mau – com certeza que jamais faria *isso*. Não vou matar a Veronica.

Mas e se deixasse de ser tão bonita?

Pergunto-me se o Jeremy ainda guarda as tesouras no mesmo lugar.

42

Quando volto a subir, encontro uma bela tesoura de desossar no bloco de facas da cozinha. Nunca a usei muito, por isso está bem afiada.

Será perfeita.

Volto a dirigir-me à cave. Deixei a luz acesa lá em baixo, mas, devido ao precioso vinho do Jeremy, continua a não ser assim tão fácil ver. Seguro a tesoura na mão direita, pela lâmina, como nos ensinam a fazer na escola, enquanto desço o íngreme lanço de escadas.

Quando chego ao fundo dos degraus, a Veronica está exatamente onde a deixei, no chão. Mas agora tem os olhos ligeiramente entreabertos. Parece um pouco atordoada, mas então, ao ver-me, os seus olhos acabam de se abrir. De repente, parece extremamente alerta.

A primeira coisa que faz é emitir um som abafado, seguido de outro mais alto.

Está a tentar gritar.

– Olá, Veronica – cumprimento-a.

Consegue virar-se de lado, ainda que pareça não se conseguir sentar. Oxalá a tivesse prendido melhor. Na verdade, devia tê-la amarrado a uma cadeira. Mas não há nenhuma cadeira na cave. Suponho que podia ter trazido uma cá para baixo, mas então não sei se teria tido forças para a içar para ela. Teria decididamente magoado as costas. Estou a fazer o melhor que posso aqui, tendo em conta que isto está bastante longe de como esperava que este dia corresse.

Mas não faz mal. Com os pulsos e os tornozelos atados com fita isoladora, não vai a lado nenhum. E o Jeremy está a uma distância segura, numa cidade completamente diferente.

– Lamento fazer-te isto. – Esfrego pensativamente o queixo. – Na verdade, não lamento assim *tanto*.

O desespero da situação parece abater-se sobre ela, e os seus olhos enchem-se de medo. Debate-se contra as amarras, mas é inútil. Não se consegue libertar.

– Aposto – digo – que gostarias de ter algo assim.

E então rodo a tesoura, de modo a ficar com o cabo na palma e a lâmina espetada. O seu rosto fica de uma palidez mortal ao ver a lâmina, e agora começa a debater-se e a gritar, apesar de não lhe servir de nada.

Depois de todas as coisas que esta mulher me fez, não vou mentir e dizer que não é delicioso ver o terror nos seus olhos. É ainda melhor do que quando lhe liguei daquele telemóvel descartável e lhe silvei ameaças ao ouvido. Pensei que não tinha uma noite de sono decente desde que o Jeremy me deixou, portanto por que haveria ela de ter?

Quando a trouxe aqui para baixo, tinha a ideia de chegar a algum tipo de acordo entre nós as duas. Mas, agora que a tenho aqui, não quero negociar com ela. Não lhe quero oferecer dinheiro. Só quero que pague pelo que fez.

– Preciso que compreendas o que me fizeste. – Mantenho os olhos fixos nela, estudando-lhe o rosto em busca de sinais de remorso. – Para ti, isto não passava de um salário, mas, para mim, é a minha vida! A minha família!

Os seus olhos enchem-se de lágrimas. Quase me apetece arrancar-lhe a fita dos lábios para a poder ouvir implorar por perdão. Mas também tenho medo de que me possa morder se me aproximar demasiado.

– Tiraste-me *tudo* – continuo, desesperada por que compreenda. – Roubaste toda a minha vida e nem te importaste. – Interrompo-me, apertando a tesoura com mais força. – Bem, vou *fazer* com que te importes.

Aproximo-me dela enquanto se retorce, tentando chegar-se para trás. Está a fazer alguns progressos, mas nem de longe os suficientes. Não pode fugir de mim com os tornozelos amarrados. Quando chego a trinta centímetros dela, agacho-me ao seu lado. Parece absolutamente aterrorizada.

Sabem o que me irrita? Mesmo quando parece estar à beira de cair para o lado de medo, continua a ser *incrivelmente* bonita. Esperava que, talvez, ao aproximar-me, os seus poros parecessem enormes ou algum outro defeito viesse à luz. Mas a única imperfeição é o sangue que lhe cobre a parte de trás da cabeça no sítio onde a atingi com a pedra.

É simplesmente tão injusto. Não é como se tivesse *conquistado* a sua beleza, de algum modo.

Parece apenas certo que me seja permitido acertar as contas.

– Sabes? – digo-lhe. – O Jeremy só gosta de ti pelo teu aspeto. Se não fosses tão bonita, nunca me teria feito isto.

Solta outro grito abafado enquanto se tenta afastar de mim.

Passo os dedos por uma madeixa do seu longo cabelo negro. É tão suave e sedoso como parece. Como o consegue deixar tão suave? Não sei se devia continuar com a tesoura ou pedir-lhe dicas de como cuidar do cabelo. Mas de certeza que não resultariam em mim. De certeza que tem simplesmente folículos pilosos superiores.

A vida não é mesmo nada justa. É por isso que, às vezes, temos de acertar contas.

Enrolo a madeixa de cabelo nos dedos e estico-a até ela voltar a gritar. Pego na tesoura e corto-lha a milímetros do crânio. Está agora a chorar, soluçando enquanto grandes e desenfreadas lágrimas lhe correm pelas faces de porcelana. Mas nem hesito – agarro numa segunda madeixa e corto-a também.

A Veronica começa a contorcer-se violentamente no chão, o que torna difícil cortar-lhe o cabelo. Enrolo bem outra madeixa nos dedos e ela sacode a cabeça com tanta força que os fios me cortam a circulação nas pontas. Acha mesmo que isto me vai deter?

– Fica quieta – ordeno, exasperada, aproximando os lábios do seu ouvido. – Ou então esta lâmina vai entrar-te na pele.

A rapariga continua a chorar e a tremer, mas obedece e fica quieta enquanto eu continuo a chacinar-lhe o cabelo. Nem leva muito tempo; estou decididamente a apostar mais na substância do que no estilo. Consigo cortá-la algumas vezes com a tesoura, o que a faz gritar mais alto. Mas não faz mal, porque ninguém a pode ouvir aqui em baixo.

E então termino. O deslumbrante cabelo da Veronica, que provavelmente andava a deixar crescer há anos, jaz numa pilha impecável no chão da cave. Sem cabelo, parece um pouco uma ovelha tosquiada. Tem o couro cabeludo muito pálido.

Dou um passo atrás para admirar a minha obra. Agora que a maior parte do seu cabelo desapareceu e que o que resta se espeta em tufos irregulares do seu couro cabeludo, a Veronica está menos espetacularmente deslumbrante. E, claro, a somar a isso, continua a soluçar e ficou com o rosto vermelho e às manchas.

Mas sabem qual é a pior parte?

Continua muito bonita!

O Jeremy não vai olhar para ela e decidir que já não a quer. Sobretudo se lhe anda a enviar mensagens a dizer que a *ama*. É óbvio que vai ser preciso mais do que um mau corte de cabelo para mudar isso. *Muito* mais.

Preciso de pensar.

– Volto já – prometo-lhe. – Nem penses em tentar fugir. Farei com que te arrependas.

Abandono a Veronica na cave, a gritar e a soluçar, retorcendo-se numa pilha do próprio cabelo enquanto se tenta libertar das amarras, apesar do meu aviso. Não faz mal – não vai sair. Ao chegar ao andar de cima, atiro a tesoura para cima da mesa de centro no preciso momento em que o telemóvel dela vibra com outra mensagem de texto. Se for outra mensagem lamechas do Jeremy, juro que vou gritar.

Quando lhe pego, porém, a mensagem não é do Jeremy. É de uma tal Lola.

O que vais fazer em relação a isso, então?

Em relação a quê? Recuo para ler mais da conversa com a Lola e, ainda que pareça ter vindo a apagar a maioria das mensagens, as últimas ainda são visíveis.

Fiz o teste.

E então? O que mostra?

Deu positivo.

Uma sensação de náusea enche-me a boca do estômago. Pensava que podia haver uma maneira de aliciar a Veronica a afastar-se da minha família, mas essa fantasia acaba de voar pela janela. Esta mulher não vai deixar o Jeremy. Já não.

Está grávida.

43

A Veronica está grávida.

Está grávida de um filho do meu marido. Não sei como pode isto ter acontecido. Quero dizer, sim, compreendo a biologia por detrás. Mas não pode querer ter um *bebé* com ele, pois não?

O que faço agora? Tinha a certeza de que a conseguia convencer a afastar-se com o incentivo financeiro adequado. Mas, se há um bebé a crescer dentro dela, pode exigir um pouco de… persuasão extra.

Mas o que me dá esperança é que a Lola perguntou à Veronica o que ia fazer em relação a isso. O que significa que a gravidez provavelmente não era esperada ou sequer desejada. Provavelmente, engravidou por acidente, porque o seu corpo de vinte e oito anos é simplesmente assim tão fértil – ao passo que eu passei os últimos cinco anos a rezar e a esperar desesperadamente que os deuses da fertilidade nos abençoassem, a mim e ao meu marido, com outro filho. Duvido que a Veronica tenha o mesmo tipo de sonhos que eu tinha, com uma casa nos subúrbios, um marido afetuoso e dois ou quatro filhos. Provavelmente, não quer as estrias.

Saberá o Jeremy do bebé? Se sim, isso muda tudo. De certeza que quererá casar com ela, se souber. Ainda me lembro de como ficou empenhado em que déssemos o nó quando soube do Teddy.

É então que me ocorre: tenho acesso às suas mensagens de texto.

Tremem-me as mãos enquanto começo a recuar nas mensagens. Também apagou muitas delas, e as que restam são bastante inócuas, sobretudo planos para se encontrarem. Mais algumas declarações do tipo «amo-te», ainda que não possa deixar de reparar que é sempre o Jeremy o primeiro a dizê-lo. E, claro, falam de mim algumas vezes, e não de forma muito favorável.

Ainda que suponha que seja justo.

Não vejo nada sobre um teste de gravidez, ainda assim. Nada que o sugira sequer. O que me leva a crer que ele não sabe.

Enquanto navego, aparece uma mensagem do Jeremy no ecrã:

Dá para fazer um FaceTime com o Teddy daqui a mais ou menos uma hora?

Oh, meu Deus, não pode parar um bocadinho? Valorizo que queira estar presente para a hora de deitar do Teddy. Sempre achei que era querido quando ligava durante

as suas raras viagens de negócios para lhe poder dizer boa noite. Era também útil, pois o Teddy recusa-se muitas vezes a dormir sem dizer boa noite ao pai. Mas tem de fazer isto *agora?*

Mas, então, apercebo-me de que isto pode ser uma oportunidade de descobrir o que ele realmente sabe. Assim, começo a responder:

Sim, claro. E talvez mais logo possamos falar sobre como lidar com esta situação.

As bolhas aparecem no ecrã, indicando que está a digitar, e sustenho a respiração. Saberá?

Que situação?

Não sabe. Foi uma dica muito clara e ele não a percebeu. Não sabe do teste de gravidez positivo. Provavelmente, nem sabe que ela estava a pensar em fazer um.

Não quero que fique desconfiado, ainda assim, por isso começo a redigir uma mensagem para me redimir, porém, aparece outra mensagem dele no ecrã:

Com a Naomi, queres dizer? Porque não acho que tenhamos de nos preocupar com isso. O Hardwick diz que, depois do escândalo que armou na festa, vai ser destruída em tribunal. Todos a viram. Nem aquele advogado cromo que tem a vai conseguir salvar.

Cerro os dentes. Bem, isso foi bastante cruel da sua parte. E eu nem *fiz* nada na festa. Ele é que chamou a polícia por *nada*. Além disso, estão a subestimar gravemente o meu «advogado cromo». Antes que me possa impedir, respondo:

Na verdade, talvez devêssemos repensar as coisas. Não sei se devíamos tirar o Teddy à mãe.

Estás a falar de quê???? A Naomi está louca! Não o quero deixar sozinho com ela durante dois minutos, quanto mais deixá-la ficar com a guarda.

Talvez não estejamos a ser justos com ela.

Fui casado com ela durante cinco anos! Acredita em mim, sei como é.

Como pode dizer isso? Até há poucos meses, éramos felizes juntos! É como se lhe tivessem feito uma lavagem cerebral.

Não percebo, Ronnie. Porque estás a dizer isto? Ontem à noite, disseste que não estava a ser suficientemente agressivo e agora dizes-me que não estamos a ser justos com ela?

Eu sabia. Eu sabia que era a Veronica que estava por detrás desta batalha pela guarda. É ela que o está a atiçar porque não quer que tenha de me pagar pensão de alimentos. Foi ela desde o início. E desconfio que, quando o Jeremy finalmente conseguir a guarda, o Teddy vai ser despachado para um colégio interno para sair do caminho.

Torna-se cada vez mais claro que não vai ser assim tão fácil fazer a Veronica ver a razão. Se estiver grávida, não vai simplesmente partir com um cheque. A parada subiu.

Tens de te livrar dela.

Não pareço conseguir desligar a voz da minha mãe dentro da minha cabeça. Mas não vou matar a Veronica. Independentemente do que mais possa ter feito na minha vida, tenho de traçar o limite aí. Nada de homicídios. É *errado*.

Mas tenho de fazer *algo*. Não posso deixar que a Veronica roube simplesmente a minha família. Só não sei o que fazer para a impedir.

Estava no caminho certo antes. O Jeremy sente-se atraído pela Veronica porque é jovem e bonita. Não posso fazer nada quanto à parte da juventude, mas quanto à outra…

Fecho os olhos e imagino o que aconteceria se levasse a lâmina da tesoura ao rosto de porcelana da Veronica. Se lha passasse pela pele, uma e outra vez. Pelas faces perfeitas. Pelos lábios em forma de arco de Cupido.

Até pelos seus bonitos olhos.

Quando o meu trabalho estiver terminado, o Jeremy não quererá nada com ela. Sim, pode dar-lhe algum dinheiro por ter pena dela ou por sentir que tem de sustentar o bebé. Mas não quererá mais dormir com ela. Ninguém quererá.

Será tão feia por fora como é por dentro.

Sim, isto resultará lindamente.

Volto a pegar na tesoura e dirijo-me à porta da cave.

44

Quando volto a descer, a Veronica fez mais progressos do que esperava. Conseguiu içar-se para uma posição sentada e arrastar-se até ao outro extremo da cave. Ainda não subiu as escadas, mas imagino que teria sido esse o próximo passo se não a tivesse apanhado.

– Veronica – chamo, em tom de aviso. – O que pensas que estás a fazer?

Tem uma expressão de terror nos olhos. Pensava mesmo que se ia safar disto sem quaisquer consequências.

E agora vai pagar o preço. Vai sofrer por todas as mulheres cujos maridos as deixaram por uma rapariga mais de uma década mais nova. Vai sofrer por todas as mães cujos filhos lhes foram arrancados numa batalha pela guarda. Vou fazer da Veronica um exemplo – por *todas* nós.

Não estou a fazer isto por diversão, mas não posso negar que parte de mim vai gostar.

Antes de mais, tenho de a afastar das escadas. Visto que resultou tão bem antes, agarro-a pelos pés e arrasto-a pela divisão. Tenta pontapear-me, mas é difícil, com os tornozelos amarrados. Devo dizer que é mais aguerrida do que eu julgava. Mas tenho um pressentimento de que o que vai acontecer a seguir lhe vai tirar grande parte da luta.

Solta um gemido baixo, e não sei se é por o chão ser tão desconfortável ou porque sabe que perdeu. Finalmente, largo-lhe as pernas do outro lado da cave, mais perto dos porta-garrafas. É um local perfeito.

Empunho a tesoura.

A Veronica olha para a lâmina na minha mão e esforça-se ao máximo para gritar. Sai tão abafado que quase tem graça. Provavelmente, acha que a vou matar, mas não vou. Ainda que, quando isto terminar, possa desejar que o tivesse feito.

Uma coisa é certa, ainda assim: vai arrepender-se amargamente de se ter metido com o meu marido.

Desço sobre ela, erguendo a lâmina da tesoura na mão. Provavelmente, devia começar pelos olhos, pois, depois de a cegar, jamais conseguirá sair daqui sozinha. Ainda que, por outro lado, possa desmaiar se eu fizer isso. Não quero realmente que desmaie e perca tudo. E, pior, não poderá ver.

Então, enquanto medito no próximo passo, a campainha toca.

O meu primeiro pensamento é que é o Jeremy, ainda que isso não faça sentido, visto que enviou uma mensagem a dizer que aterrou em Boston e, além disso, porque haveria de tocar à campainha? Limitar-se-ia a abrir a porta e a entrar. Não pode ser ele, portanto.

Mas quem é?

O meu instinto diz-me que devia ignorar a campainha. Talvez seja uma entrega? Seja quem for, provavelmente irá embora.

Mas então a campainha volta a tocar, seguida pelo som de fortes pancadas na porta.

Fantástico.

Bem, vou simplesmente ver quem é. Não quero um vizinho abelhudo a chamar a polícia porque ouviu um barulho qualquer. Seja quem for, talvez o possa despachar rápida e facilmente, e então regressar ao que preciso de fazer aqui em baixo. Afinal, não me quero apressar.

A Veronica parece ir desmaiar de alívio quando começo a afastar-me dela. Mas está louca se pensa que abandonei o meu plano. Teve uma prorrogação, mas não vai durar muito.

Subo as escadas e regresso ao andar de cima. Ao sair da cave, fecho cuidadosamente a porta atrás de mim. Se estiver junto à porta, dá para ouvir vagamente o som dos protestos abafados da Veronica, mas não a partir da porta da frente.

Esgueiro-me silenciosamente até à porta principal, na esperança de ver quem lá está sem o alertar para a minha presença. Seja quem for, continua a bater à porta, sem dar sinais de desistir. E então uma voz grita:

– Naomi! Naomi, está aí dentro?

Oh, meu Deus. É o *Ezra*.

45

O que faz o Ezra aqui? Pensava que era possível que pudesse passar pelo meu apartamento depois de sair do trabalho, mas não compreendo porque veio *aqui*.

– Naomi! – grita, através da porta. – O seu carro está no caminho de acesso! Está aí dentro?

Merda.

Fico um bom minuto parada, a suster a respiração, na esperança de que ele desista, mas continua simplesmente a bater à porta. Não vai partir – isso é óbvio – e não vai tardar a atrair a atenção dos vizinhos. A minha aposta mais segura é abrir-lhe a porta e tentar pensar nalgum tipo de explicação razoável para a razão de estar aqui. Pode não acreditar nela, mas é o meu advogado e não acho que me vá entregar.

Espero eu.

Entreabro a porta o suficiente para ver o rosto preocupado do Ezra a espreitar para mim.

– Olá – digo.

– Naomi. – Parece tão confuso. Quase me apetece estender os braços e abraçá-lo. – O que faz aqui?

– O que faz o *Ezra* aqui? – replico.

Ele faz força contra a porta para acabar de a abrir, e tenho de o deixar. Entra na casa, olhando desconfiadamente em volta, com uma ruga profunda entre as sobrancelhas. Ainda traz o mesmo fato barato que deve ter levado hoje para o tribunal, mas sem casaco e com a gravata desapertada ao pescoço.

– Andava à *sua* procura – responde, em voz baixa. – Terminei o meu trabalho no tribunal por hoje e fui a sua casa para ver se, enfim, se estava tudo bem. Mas não estava lá e então lembrei-me de que o seu carro estava provavelmente aqui, portanto calculei que o tivesse vindo buscar. Por isso, esperei, mas, quando não regressou, lembrei-me de que devia verificar aqui. E então vi o seu carro…

– Sim – confirmo, prestavelmente. – É o meu carro.

O Ezra lança um olhar ao saguão em busca de sinais de que está mais alguém aqui além de mim. Tenho medo de o deixar adentrar-se mais na casa, pois não quero que oiça a Veronica a tentar pedir ajuda.

– Não compreendo – confessa. – Porque está aqui? Onde está o Jeremy?

– Está em viagem de negócios – respondo, grata por poder ao menos dizer-lhe a verdade sobre algo. Sinto-me culpada por mentir ao Ezra depois de tudo o que fez por mim. – A Boston.

– Oh. – Olha para mim, à espera de mais explicações. – Porque está a *Naomi* aqui, então? – pergunta, quando não lhas dou.

– Bem, pediu-me para ficar de olho no Teddy enquanto estivesse fora.

– O Jeremy pediu-lhe para ficar de olho no Teddy? – Franze o sobrolho. – Pediu uma ordem de restrição temporária contra si ontem e hoje pediu-lhe para fazer de *ama*? Isso não parece certo.

Encolho os ombros.

– Suponho que estava desesperado.

O Ezra perscruta-me o rosto em busca de pistas para a verdade. Não acredita em mim. Diga-se o que se disser sobre ele, é um homem muito inteligente e sabe que isto não bate certo. Mas não faz mal que não acredite em mim. Desde que não saiba o que realmente está a acontecer nesta casa.

– Enfim – digo. – Obrigada por ter passado por cá, mas estou bem. Devíamos falar noutra altura.

Ponho-lhe a mão no ombro, tentando guiá-lo delicadamente na direção da porta. Ele hesita e então, muito relutantemente, deixa-me fazê-lo. No seu íntimo, deve saber que algo está errado, mas quer acreditar em mim. E tê-lo-ia provavelmente conseguido fazer sair porta fora sem incidentes, mas é então que os verdadeiros gritos começam.

Até agora, os gritos da Veronica eram abafados pela fita isoladora que lhe pus na boca. Mas eu *sabia* que aquela fita tinha perdido demasiada aderência e deve ter conseguido tirá-la, pois oiço-a agora claramente. Ouvimos os dois.

– Socorro! – brada. – Por favor, ajude-me!

O Ezra arregala os olhos.

– Naomi? Que raio?

Não me deixa guiá-lo na direção da porta. Mudou de trajetória e encaminha-se outra vez para a sala de estar, onde os gritos só se tornam mais altos. Só que não consegue perceber de onde vêm.

– O que é aquilo? – Parece em pânico. – O que se passa, Naomi?

– Olhe – digo, pondo-me diante dele para o impedir de procurar mais. – Isto não é… Eu não fiz nada de errado. É só…

– SOCORRO!!!!!

Oh, meu Deus, por que raio não se cala?

– Ezra, por favor… espere só um segundo…

Mas o meu advogado já não me está a ouvir. Identificou a direção dos sons e vai agora direto à porta da cave. Mas eu sou mais rápida e salto-lhe para a frente, barrando-lhe o caminho.

Semicerra os olhos à medida que os gritos se intensificam.

– Saia.

– Ezra…

– *Já*.

Consigo perceber, pela expressão no seu rosto, que, se não me afastar da porta, me vai remover à força. Assim, saio do caminho e deixo-o rodar o puxador.

Pára bruscamente quando um grito de romper os tímpanos sobe pelas escadas. O som é agora suficientemente alto para não haver dúvidas sobre de onde provém. Lança-me um olhar incrédulo e então vira-se de novo para a escada.

Isto é muito mau. Quando descobrir a Veronica amarrada, o Ezra terá de chamar a polícia. E, desta vez, quando me levarem para a prisão, não me vão deixar voltar a sair sob compromisso de honra. Estraguei quaisquer hipóteses que tivesse de obter a guarda do meu filho. Terei sorte se algum dia o voltar a ver, depois disto.

Por que raio teve o Ezra de vir aqui? Estragou tudo.

Só há uma maneira de resolver isto. Só há uma maneira de o impedir de chamar a polícia e de fazer com que me atirem para a prisão. Só há uma maneira de ficar com o meu filho. Não o quero fazer, mas é a única opção que me resta.

Por isso, antes que o Ezra possa descer um único degrau, ponho-lhe as mãos nas costas e empurro-o com todas as minhas forças.

46

O Ezra cai violentamente.

Não estava agarrado ao corrimão e apanhei-o desprevenido. Não que alguém esteja à espera de ser empurrado de um lanço de escadas, mas os seus pés não estavam tão firmemente plantados no chão como podiam ter estado. Além disso, não devia ter saltado tantas refeições enquanto trabalhava. Se pesasse mais uns vinte quilos, não estou certa de que tivesse caído daquela maneira.

A sua queda pelas escadas íngremes parece demorar uma eternidade. Nem aguento ver. Pelo caminho, oiço um forte estalo, como de um osso a partir – ou possivelmente vários – e então, quando finalmente chega ao fundo, ouve-se um baque doentio. Só então me atrevo a olhar.

O Ezra está caído de barriga para baixo ao fundo dos degraus. Tem os membros abertos à sua volta e a perna direita torcida num ângulo antinatural. E está muito, muito quieto.

A Veronica parou de gritar durante a queda das escadas. Mas, mal o Ezra atinge o chão, desata a chorar, como se se importasse com ele. «Isto é culpa tua!», apetece-me gritar-lhe. Se tivesse ficado de boca fechada, ele teria partido e nada disto teria acontecido.

Lentamente, desço as escadas, quase com medo de chegar ao fundo. Ao continuar com a minha descida, avisto uma poça de sangue vermelho-escuro a alastrar à volta da cabeça do Ezra. E não se mexe de todo.

Até o peito parece imóvel.

Está morto. Está decididamente morto. Enquanto médica, sei o que estou a dizer.

Viro a cabeça para olhar para a Veronica. De algum modo, conseguiu tirar a fita isoladora dos lábios, ainda que tenha a tira pendurada no canto da boca. Está a chorar tanto que lhe custa a respirar.

– Pára de chorar! – grito-lhe. – Isto é tudo culpa tua!

Ergue o rosto raiado de lágrimas para olhar para mim. Antes, tudo o que lhe via nos olhos era medo, mas agora vejo algo diferente.

Ódio. Um ódio fervilhante.

É a primeira vez que a vejo olhar assim para mim. Não entendo. Porque haveria *ela* de *me* odiar? Foi *ela* que me roubou tudo o que é importante para mim! Tudo o

que eu fiz foi cortar-lhe o cabelo. Claro que tenciono fazer muito pior do que isso, mas essa é uma razão para me *temer*, não para me odiar. Pode odiar-me daqui a alguns meses, quando estiver a olhar para o seu rosto arruinado no espelho.

E agora está a tentar falar, mas custa-lhe, pois mal consegue ganhar fôlego entre os soluços.

– Rou… roubou-mo… – consegue dizer.

Está a falar de quê? *Eu* roubei-lhe o Jeremy? Ainda deve estar com uma moca de heroína ou assim.

– Eu não roubei o Jeremy – replico. – *Tu* é que mo roubaste!

Lança-me outro olhar, tão cheio de raiva que me faz estremecer.

– Não… o Jeremy – responde.

Abano a cabeça, confusa.

– Estás a falar de quem, então?

– Do meu… do meu filho!

Agora é a minha vez de olhar para ela. Os nossos olhares fixam-se e a Veronica recusa-se a desviar o seu.

Oh, não. Isto é ainda pior do que eu imaginava.

Agora, tenho mesmo de a matar.

TERCEIRA PARTE

VERONICA

Se eu morrer nesta garrafeira, há três coisas que precisam de saber sobre a Naomi Roth.

Primeiro, é uma mentirosa.

Segundo, é a responsável pela pior coisa que alguma vez me aconteceu.

E, terceiro, se não me matar, está a cometer um erro grave.

47

SEIS ANOS ANTES

A maternidade muda-nos.

Acreditem, eu sei. Há quase duas horas que sou mãe.

Sinto-me uma pessoa completamente diferente da que era ao início do dia. Agora, tenho o meu bebé, a que dei o nome de Dominic, aninhado nos meus braços. O seu corpo minúsculo, sensivelmente do tamanho de uma bola de futebol, está embrulhado num cobertor que a minha amiga Lola trouxe, e as suas pálpebras praticamente translúcidas estão fechadas enquanto mama no vazio e dorme.

Tive sorte por a Lola ter podido vir tão depressa quando as contrações começaram. Muitas mulheres parecem dar à luz em hospitais, atualmente, mas eu e o Clay não temos dinheiro nem seguro. Nunca fui a um médico durante a minha gravidez, mas li sobre vitaminas pré-natais e tomava-as todos os dias. A Lola pesquisou a fundo sobre como fazer o parto de um bebé, e fez um bom trabalho. Não precisámos do hospital.

Além disso, preocupava-me que, se fôssemos ao hospital, me tentassem tirar o Dominic. Iam olhar para mim e para o Clay e decidir que éramos pais inadequados.

Em boa justiça, tivemos as nossas dificuldades. Fugi de casa aos dezasseis anos porque estava farta de que o meu pai me batesse e a minha mãe não fizesse nada para o impedir. Não se esforçaram muito por me procurar – provavelmente, ficaram aliviados por se livrarem de mim. Quando alternava entre dormir nos sofás de amigos e na rua, as drogas davam-me uma breve trégua da confusão que se tinha tornado a minha vida.

Dois anos depois, conheci o Clay. Era um homem decente, em comparação com alguns dos outros tarados que conheci na rua, mas não estava em muito melhor estado do que eu. Ambos tínhamos detenções por crimes de droga no nosso cadastro, o que fazia com que fosse difícil para ambos conseguir um emprego bem pago e sair do buraco em que vivíamos. Há já quatro anos que estamos juntos e engravidar não fazia decididamente parte do nosso plano, mas também não foi completamente inesperado. Tentávamos usar preservativo, mas, se estivéssemos ambos pedrados, as coisas tornavam-se nebulosas.

E, para dizer a verdade, costumávamos estar *muitas vezes* pedrados.

Já tinha engravidado uma vez antes, por volta dos vinte anos. De início, fiquei empolgada, mas então comecei a sangrar muito e perdi-o. Quando voltei a engravidar, pensei que seguiria pelo mesmo caminho. Nem acreditava propriamente que ia ter um bebé até que se começou a notar.

Foi então que percebi que as coisas tinham de mudar.

Para começar, iam acabar-se as mocas. Agora que era mãe, ia deixar isso de vez. Há já algum tempo que andava a tentar ficar limpa, mas nunca tinha tido tanta motivação como este embrulhinho nos meus braços.

«Não te vou dar cabo da vida», digo silenciosamente ao bebezinho no meu colo.

– É lindo – diz-me a Lola.

A minha melhor amiga está sentada num *pufe* junto à minha cama. Parece cansada de me segurar na perna durante as duas horas a empurrar, ainda que não tão cansada como eu. Ainda tem o rosto a reluzir de suor e o seu cabelo preto liso, raiado por madeixas castanhas, está apanhado num rabo-de-cavalo. Tentou convencer-me a ir ao hospital, mas, quando eu disse que nem pensar, foi fixe em relação a isso. Disse que, se era isto que eu queria, ia estar aqui comigo.

– Queres ser a madrinha? – pergunto-lhe.

Ela ri-se.

– Como me torno madrinha dele?

– Só tens de dizer que sim – digo. – E então serás. És a madrinha do Dominic.

– Não há cerimónia?

– Não.

– Bem, está bem, então – cede. – Sim! – Inclina a cabeça, pensativa. – Também precisa de um padrinho?

– Não sei – respondo sinceramente. Não estou nada familiarizada com esta coisa da parentalidade. Só tenho uma amiga que teve um bebé, e acabou por o dar para adoção. Mas eu não vou dar o Dominic. Preferia morrer. – Vou perguntar ao Clay se tem um amigo que queira ser o padrinho.

– Também tens de o levar ao médico – diz-me a Lola. – Tipo, a um médico de bebés. Um pediatra.

Tem razão. O Dominic vai precisar de um pediatra. Acho que tem de levar vacinas ou algo parecido. Vai ser caro, mas quero dar-lhe tudo o que precisa. O que significa que eu e o Clay precisamos de arranjar emprego e de um seguro de saúde. Se casarmos, ainda assim, só um de nós precisa de ter um emprego com um bom seguro.

Mas não tenho certezas quanto a casar com o Clay. Quero dizer, amo-o. Há muito tempo que estamos juntos, e não me consigo imaginar com mais ninguém. Seja

como for, ele não me pediu, e parece-me estranho sugeri-lo primeiro. Não fazia ideia de que era tão tradicional, mas, ao que parece, preciso que um homem se ajoelhe e me ofereça um anel.

Como que em resposta à deixa, o Clay irrompe no quarto, com os braços cheios de pacotes. Como eu e a Lola, parece cansado e suado, pois esteve a segurar-me a outra perna enquanto eu fazia força. O seu desgrenhado cabelo castanho ainda tem vestígios da tinta azul que gosta de usar, ainda que já não o pinte há algum tempo. Larga tudo no chão e anuncia orgulhosamente:

– Trouxe tudo o que pediste.

Nunca acreditei realmente que ia ter um bebé a sério, por isso não estávamos nada preparados. Não tínhamos fraldas. Não tínhamos roupa para bebé. Nem tínhamos um lugar para o bebé dormir. A única coisa que comprei para ele foi um elefante bebé de brincar, que, reconheço agora, é tão grande como ele.

Sento-me mais direita na cama, esforçando-me ao máximo para não perturbar o sono do Dominic.

– Arranjaste a cadeirinha automóvel?

– Sim. Já está instalada.

Tenho medo de lhe perguntar quanto custou tudo. Não tínhamos muito dinheiro no banco, e isto pode ter-nos deixado na penúria.

– Pai do ano – diz a Lola, com um piscar de olho ao Clay. – Enfim, vou para casa descansar um pouco. Venho ver como estás amanhã, *mamacita*.

Quando a Lola se levanta, o Clay deixa-se cair no seu lugar no *pufe*. Afunda-se, as pálpebras a descaírem ligeiramente. Foi um longo dia para todos nós, mas preciso que acorde. Somos pais agora, e precisamos de conversar.

– Clay – chamo.

– Hã?

Tem vinte e quatro anos – mais dois do que eu –, mas parece tão jovem, às vezes. É alto e magro como um feijão verde, e não muito diferente do rapaz de vinte anos com quem comecei a sair há anos. As suas origens são completamente diferentes das minhas. Veio de uma boa família e tinha uma vida relativamente normal e feliz até que teve um acidente de esqui aos dezasseis anos. A sua perna direita ficou estilhaçada e, enquanto recuperava, ficou viciado em analgésicos. Mesmo depois de a perna melhorar, não os conseguiu deixar e não tardou a descobrir que a heroína lhe dava uma moca ainda melhor do que a oxicodona. De repente, todos os seus planos para a universidade e o curso de medicina se evaporaram. Os pais tentaram desesperadamente obter-lhe ajuda, mas, depois de uma discussão particularmente

brutal, acabaram por o expulsar de casa. Vinha de ter tudo, mas, quando nos conhecemos, não tinha nada, tal como eu.

Mas as coisas mudaram desde então. Por mais difícil que seja, temos de pôr as nossas vidas em ordem para bem do nosso filho. Somos *pais*. É tempo de crescermos e sermos responsáveis.

– Temos de deixar o vício – digo-lhe.

– Sim, concordo.

Já falámos sobre isto antes. Muitas vezes. Depois de ter sido apanhada com um balão de heroína, disse basta, estou farta. Mas os desejos levavam-me sempre a melhor e, passado um mês, estava outra vez a consumir. O Clay é ainda pior. Foi realmente apanhado a *vender* e teve de passar algum tempo na prisão. Como eu, disse nunca mais, mas então, quando saiu, era tão difícil arranjar emprego que desistiu. Quaisquer trabalhos que consiga arranjar são geralmente feitos por debaixo da mesa, e não me surpreenderia se continuasse a vender.

– Estou a falar a sério – digo-lhe, num tom severo. – Nunca mais vou voltar a tocar em nenhum tipo de droga e quero que me prometas que vais fazer o mesmo.

Ele olha para mim, surpreendido.

– Ronnie…

Aperto mais o Dominic contra o peito.

– Tens de me prometer. Porque, se não o fizeres, vou deixar-te e nunca mais voltas a ver o teu filho. Não vou permitir que isto faça parte da vida dele.

O Clay olha de mim para o Dominic e os seus olhos enchem-se de lágrimas.

– Está bem, Ronnie. Faço tudo por vocês os dois. São a minha vida, agora. E… – Levanta-se e estende o braço para me tomar a mão livre na sua. – Se me quiseres, gostaria de… quero dizer, acho que devíamos… – Retorce-se na cama, com um sorriso nervoso no rosto. E então, sem aviso, baixa-se sobre um joelho. – Queres casar comigo, Ronnie?

Se não estivesse a segurar o Dominic com tanta força, tê-lo-ia deixado cair. Claro que a ideia de casar andava a flutuar pelo fundo da minha cabeça, mas não estava à espera de um pedido de casamento – não agora, em todo o caso.

– Não tens de responder já – apressa-se a dizer, voltando a levantar-se. – Mas, como disse, tu e o Dominic são todo o meu mundo e quero que sejamos uma família. Oficialmente. Ainda não tenho um anel, mas…

Ainda que não estivesse à espera da pergunta, não há no meu pensamento a menor dúvida sobre a resposta.

– Sim. É claro que caso contigo.

– A sério? – A surpresa no seu rosto é quanto basta para me fazer rir. – Uau. Sim, bem, isso é… é incrível. Amo-te tanto, Ronnie, e… e vou comprar-te esse anel quando tivermos algum dinheiro.

– Não tens de me comprar um anel – digo-lhe. – Mas tens de arranjar emprego. Um emprego a *sério*, com regalias, para podermos levar o Dominic ao pediatra.

– Vou começar imediatamente a procurar – concorda.

Sobe para junto de mim na cama. Passo-lhe o bebé adormecido, e é tanto o amor nos seus olhos quando olha para o Dominic. Quero acreditar que o Clay pode fazer isto. Quero acreditar que pode ser um bom pai e um bom marido. Mas, se não puder, não hesitarei em fazer o que for preciso pelo meu filho.

48

Ser mãe é maravilhoso. É incrível. É uma experiência como nenhuma outra. É também esgotante como não há palavras para descrever.

O Dominic tem duas semanas. Às vezes, dorme. Essas poucas horas são boas. E adoro amamentá-lo. É capaz de ser a maior alegria que já experienciei. Mas, se não estiver a mamar ou a dormir, está aos gritos.

E, para uma coisinha minúscula, é terrivelmente barulhento.

Nas últimas vinte e quatro horas, só dormi em troços de uma hora. O Clay tem tentado ajudar, mas sou a única que o parece conseguir acalmar por completo. Ainda que, neste momento, *nada* pareça resultar. Eu e o Clay passamo-lo de um para o outro, mas continua simplesmente a gritar. Tem o rostinho vermelho como uma beterraba e a boca desdentada o mais aberta que pode enquanto berra a plenos pulmões.

– Por favor, querido. – Beijo-lhe o alto da testa húmida enquanto vagueio pela sala de estar. Ficou realmente suado de tanto chorar. Sinto as minhas próprias lágrimas virem à tona. – Por favor, pára de chorar, pela mamã.

O Dominic grita em resposta.

Não fazia ideia de que ia ser tão difícil. Não posso dizer que não há momentos em que me sinto tentada a regressar aos meus velhos maus hábitos quando estou em privação de sono e só gostaria que o mundo inteiro desaparecesse, como quando estava pedrada. Mas então olho para o rosto adorável do meu filho e sei que não posso voltar a isso nunca. É ele a minha vida agora, e tenho de fazer tudo o que estiver ao meu alcance para o proteger.

– Escuta, Ronnie. – O Clay estende os braços para me tirar o bebé, com uma expressão ansiosa no rosto. – Porque não mo dás? Vou levá-lo a dar uma volta de carro e aposto que se acalma. E posso comprar mais fraldas enquanto lá estou.

É certo que precisamos de mais fraldas. O Dominic parece despachar várias por hora. Como pode alguém tão minúsculo produzir tanta caca?

Graças a Deus pelo Clay, ainda assim. Consegue sentir que estou no limite das minhas forças e está a chegar-se à frente para ajudar. Passo-lhe o bebé, que aninha cuidadosamente nos braços.

Está a revelar-se um excelente pai.

Pega na bolsa de fraldas sem precisar que lhe diga e, coxeando muito ligeiramente da sua perna má, leva-a e ao Dominic para fora do apartamento. Mal desaparece, deixo-me cair no nosso colchão. Passado um segundo, estou a dormir profundamente.

49

Acordo em sobressalto.

Quando entreguei o Dominic ao Clay, era meio da manhã. Mas agora o sol desceu no céu. Há quanto tempo estava a dormir? Devem ter sido pelo menos seis ou sete horas.

Céus, mas soube bem. Quase um luxo. Já nem me sinto uma morta-viva.

Espreguiço-me enquanto me sento na cama, rodando o pescoço num círculo e depois em sentido contrário. Então, dirijo-me ao berço do Dominic, esperando encontrá-lo a dormir profundamente lá dentro, a sua barriguinha redonda a subir e a descer com cada respiração.

Mas o berço está vazio. Bem, exceto pelo elefante de peluche.

Um arrepio de medo desce-me pela espinha, mas então lembro-me de que o Clay o levou para ir dar uma volta de carro. Talvez ainda estejam fora. Ou o Clay esteja com ele na sala de estar. Seja como for, o Dominic está seguro – está com o pai.

Abro a porta da sala de estar e encontro o Clay a dormir profundamente no nosso sofá. Dirijo-me a ele, desta vez sem me dar ao trabalho de ser silenciosa, mas não tem o Dominic ao colo. Não vejo o Dominic em lado nenhum.

Onde está ele?

Sinto o coração a palpitar-me no peito enquanto acordo o Clay com um abanão, e não dos leves. Tarda um segundo, mas acaba por abrir os olhos. Boceja, ainda que eu nunca tenha estado tão acordada em toda a minha vida.

– Onde está o Dominic? – pergunto-lhe.

Ele estica os braços acima da cabeça.

– Quem?

Quase lhe dou um murro no rosto.

– Onde está o meu bebé, Clay?

O Clay olha apaticamente para mim. E agora consigo ver a expressão aturdida no seu rosto e as pupilas contraídas.

Merda. Esteve a injetar-se. Depois de prometermos que nunca mais voltávamos a fazer isso, para bem do nosso filho.

Era capaz de o *matar*.

– Onde está o Dominic? – A minha voz atingiu um timbre histérico. – Disseste que o ias levar a dar uma volta de carro. Onde está?

– Eu… – Coça o cabelo, que já está espetado. – Não está aqui?

– Não!

– Então… – Finalmente, os seus olhos arregalam-se de alarme. – Merda. Devo tê-lo deixado no carro…

Nem espero que se tente recompor. Enfio os pés nuns chinelos e saio a correr pela porta da frente, descendo as escadas tão depressa que quase tropeço e parto o pescoço.

Felizmente, vejo o carro do Clay estacionado ao fundo da rua. Sinto que não consigo inspirar ar que chegue, e as minhas pernas estão trémulas enquanto corro para lá o mais rápido possível. Tento assegurar a mim mesma que o Dominic está provavelmente bem. O Clay pode tê-lo deixado no carro, mas de certeza que continua lá. Se tivéssemos deixado dinheiro ou drogas no carro, alguém os levaria de certeza, mas ninguém quer um bebé. E não está calor ao ponto de ele poder sobreaquecer nem frio ao ponto de enregelar. O Dominic está *bem*.

Quando chego ao carro, estou arquejante e sinto a cabeça à roda. Espreito pelo vidro de trás e cai-me o coração aos pés.

O Dominic não está lá dentro.

Nem a sua cadeirinha.

Não. Fico só a olhar por aquele vidro, sem saber o que fazer. O Dominic não está em casa e também não está no carro. *Desapareceu*. E não faço ideia de onde mais pode estar.

O Clay desce a rua a correr, seguindo-me até ao carro. Olha para dentro, descobre que o nosso filho não está lá e o seu rosto esmorece.

– Oh – diz apaticamente.

– Injetaste-te! – É tanta a força com que lhe empurro o peito que o faz cambalear para trás. – Juraste que não o fazias e fizeste-o na mesma! Enquanto estavas a tomar conta do nosso filho!

Ele ergue as mãos.

– Ronnie, querida, lamento muito…

– Como foste capaz? – pergunto, com a voz estrangulada, batendo-lhe com os punhos no peito.

– Eu… eu só…

Absorve os meus golpes, sem saber o que dizer, mas não importa, porque as suas palavras não significam nada. Neste momento, odeio-o. Matava-o com as minhas próprias mãos se houvesse uma hipótese de isso me trazer o Dominic de volta.

– Temos de chamar a polícia – afirmo.

50

Chamar a polícia não correu propriamente como eu esperava.

Presumia que, com uma criança desaparecida, a polícia fosse entrar imediatamente em ação. Haveria barricadas, alertas AMBER, tudo isso. Mas não foi assim, de todo.

Um agente chamado Grenell apareceu no nosso apartamento, mas não parece estar a levar a situação a sério. Tem vinte e tal anos e a cabeça rapada, e está a fazer muitas perguntas que não têm nada que ver com encontrar o Dominic. Há quase meia hora que chegou e, até agora, não fez *nada* a não ser fazer-nos perguntas. E, entretanto, quem quer que tenha levado o Dominic afasta-se cada vez mais. Está provavelmente a cruzar a fronteira do estado por esta altura!

– Então, senhora Barkley – diz-me o Grenell, apesar de lhe ter dito que eu e o Clay ainda não somos casados. – Não compreendo. Tem um bebé, mas não há registo desse bebé em nenhum hospital nem certidão de nascimento.

Puxo freneticamente as madeixas do meu longo cabelo.

– Dei à luz em casa.

Já lhe disse isto. O que tem isso que ver com encontrar o Dominic?

– Ainda assim… por que razão não pediu uma certidão de nascimento?

Retorço-me, a odiar estas perguntas. Passei as últimas semanas num completo torpor e tenho de admitir que pedir uma certidão de nascimento me pareceu menos importante do que dormir, comer e a higiene básica.

– Ia tratar disso – respondo.

Ele olha-me de cima a baixo.

– Não tem ar de quem acaba de ter um bebé.

Cerro os maxilares.

– Acha então que temos todas estas coisas de bebé no apartamento por diversão e que inventámos simplesmente o bebé?

– Ou talvez tenham *roubado* o bebé – sugere o Grenell.

O quê? Isso não faz sentido. Porque haveríamos de roubar um bebé para depois chamar a polícia por ele?

Mas a pior parte é a forma como o Grenell não pára de olhar para o Clay. Aliás, a pior parte é o *Clay*, que tem marcas de seringa visíveis no braço esquerdo. Devia ter

insistido em que vestisse uma camisola de manga comprida antes de eles chegarem, mas não estava a pensar com clareza. Nem me devia surpreender que ele não nos esteja a levar a sério.

– Quando acham então que esse «bebé» desapareceu? – pergunta-nos o agente.

Olho para o Clay, que não consegue responder a esta pergunta. Apetece-me mesmo estrangulá-lo, sobretudo quando coça o braço e os olhos do Grenell voam para as cicatrizes.

– Bem, levei-o a dar uma volta de carro e foi então que desapareceu.

– Desapareceu enquanto ia a conduzir?

– Não – balbucia o Clay. – Eu… parei na área de repouso e… dormi uma sesta…

Esta é a pior parte. Nem sabemos quando o Dominic foi levado. Parece que o Clay parou numa área de repouso e, por razões que ainda não consigo perceber, decidiu injetar-se. A dada altura, aterrou e deixou o nosso filho bebé preso à cadeirinha, possivelmente a gritar como um desalmado. Pensar no meu pobre bebé abandonado pelo pai no banco de trás de um carro faz-me doer o coração. Finalmente, o Clay voltou para casa, mas não é claro se o Dominic estava no carro por essa altura.

Aparentemente, não amava realmente nenhum de nós o suficiente para parar.

Se recuperarmos o nosso filho, nunca mais vou deixar que o Clay se aproxime dele. *Nunca mais*. O noivado está absolutamente cancelado. Está tudo cancelado. Terá sorte se algum dia voltar a falar com ele.

– Dormiu uma sesta – pergunta o Grenell – ou drogou-se?

Bem, não demorou muito tempo a juntar as peças que faltavam no quebra-cabeças. O Clay fica calado, obviamente relutante em incriminar-se.

– Senhor Barkley – insiste o polícia. – Está drogado neste momento?

O Clay não responde. Limita-se a ficar ali parado, com as mãos apertadas entre os joelhos.

– Levante-se, rapaz – ordena-lhe o Grenell.

O Clay lança-me um olhar, a sua expressão cheia de temor. Finalmente, põe-se de pé, de forma bastante trôpega. Horrorizada, vejo o polícia revistá-lo e, depois, constato que consegue encontrar um balão, ainda parcialmente cheio de pó, no bolso das suas calças de ganga. É dolorosamente óbvio o que é.

– Senhor Barkley – anuncia o Grenell –, está detido.

Enquanto fecha as algemas sobre os pulsos do Clay, desato a chorar. Chamei este homem para que encontrasse o meu bebé e agora está a prender o meu namorado por posse de drogas. Mas não fez nada para me ajudar a encontrar o Dominic.

– Por favor – peço-lhe, soluçando. – Tem de me ajudar a encontrar o meu bebé! Está desaparecido!

O Grenell vira-se para olhar para mim antes de começar a guiar o Clay para fora do apartamento. Abana a cabeça.

– Senhora, deixe o vício.

Nem consigo imaginar o que devo parecer. Tenho o rosto inchado, o cabelo embaraçado e nódoas – maioritariamente de leite materno – na minha camisola de alças e nas calças do pijama. A somar a isso, estou quase dolorosamente magra – a minha barriga projeta-se ligeiramente, mas mais parece ser de comida a mais do que dos restos de um parto recente. De certeza que pareço exatamente o que ele acha que o Clay é – uma viciada.

Mas não é isso que sou. Já não. Sou mãe e, mesmo que este sacana deste polícia não me dê ouvidos, vou recuperar o Dominic. Vou recuperar o meu filho, nem que seja a última coisa que eu faça.

51

Mesmo quando o nosso bebé desaparece, nunca deixamos de ser mães.

O Dominic foi meu durante duas semanas. Amava-o mais do que julgava que fosse possível amar outra pessoa. E então, ao fim dessas duas semanas, desapareceu.

Passaram quase cinco anos desde o desaparecimento do Dominic, mas não desisti. Nem de longe. Depois de desaparecer, passei meses a assombrar a esquadra, implorando à polícia que o procurasse. Quando finalmente me levaram a sério, porém, e admitiram que ele existia mesmo, a situação agravou-se. Começaram a pensar que o Clay podia ter realmente matado o Dominic – por negligência ou por não querer esse fardo – e ter-se depois livrado do corpo.

Foram tão convincentes que comecei também a acreditar nisso.

Arranjaram uns cães farejadores de cadáveres para fazer buscas no bairro e, nas semanas seguintes, mal dormi. Estava constantemente à espera de receber uma chamada a dizer que o cadáver do meu filho tinha aparecido, mas essa chamada nunca veio. Nunca o encontraram.

Nunca desisti do Dominic, mas tive também de o deixar ir, em certa medida. Caso contrário, teria passado cada momento de vigília a procurá-lo até acabar por morrer de fome na rua. Uma amiga minha ofereceu-me uma oportunidade de emprego no Nordeste e, com o meu cadastro, não me podia dar ao luxo de recusar. Quando me mudei, não era razoável levar o berço e a roupa de bebé, por isso doei tudo. Calculei que, quando o encontrasse, seria demasiado grande para todas essas coisas, de qualquer modo. A única coisa que guardei foi o elefante de peluche, que tencionava dar-lhe quando nos reencontrássemos.

E íamos reencontrar-nos.

O Clay cumpriu pena de prisão por posse de drogas e tentou falar comigo quando saiu, mas recusei-me a atender todas as chamadas e não lhe abri a porta quando apareceu no meu apartamento. Pôs-se de joelhos e implorou-me perdão, soluçando que não podia viver sem mim, mas nem conseguia olhar para ele, quanto mais perdoar-lhe. Na melhor das hipóteses, não tinha protegido o Dominic de ser levado. Na pior, podia tê-lo matado.

Depois de sair de St. Louis, nunca mais o voltei a ver. Há um par de anos, soube que morreu de *overdose*. Não me surpreendeu. Não me dei ao trabalho de ir ao funeral nem derramei uma única lágrima. Se achasse que traria o Dominic de volta, tê-lo-ia matado eu mesma.

A oportunidade de emprego era na cidade de Nova Iorque, onde trabalhei com a minha amiga durante algum tempo, saltando depois de emprego em emprego. Cada apartamento que tinha era uma espelunca, e pagavam-me o salário mínimo. Dias houve em que queria tanto uma dose que era fisicamente doloroso, mas o Dominic manteve-me limpa. Se recomeçasse a consumir, jamais conseguiria encontrar o meu filho. E o meu instinto dizia-me que ele estava algures por aí e precisava de mim.

Agora, tenho um bom emprego a trabalhar para a família Simington; faço algumas tarefas domésticas e ajudo-os a cuidar dos dois filhos. Os miúdos são ótimos e tento não pensar no facto de que o mais novo é apenas um pouco mais velho do que o Dominic seria. Do que o Dominic é, aliás. A única parte má do emprego é a Kathy, a empregada doméstica, que me odeia. Na primeira semana em que lá trabalhei, eu e os miúdos deixámos a cozinha num caos ao fazer bolachas, e a sério que tencionava limpá-la, mas, depois de levar os dois para o banho para lhes lavar a farinha do cabelo, esqueci-me completamente. Pior ainda, Maxim Simington repreendeu a Kathy por ter deixado a cozinha desarrumada antes que eu pudesse dizer a todos que a culpa era minha. Depois de ter levado uma descasca, a Kathy não me consegue perdoar. Está sempre a dizer a Rhona Simington que lhe ando a namoriscar o marido, tentando fazer com que seja despedida. Felizmente, a Rhona não acredita nisso.

À noite, sonho com o Dominic. O meu filho ainda está vivo. Sei que tem de estar. Se estivesse morto, senti-lo-ia. Seria como se alguém me cortasse a perna; iria saber. Lá porque não está realmente comigo, não significa que não esteja algures.

Às vezes, fantasio com a sua vida. Imagino que um casal rico o adotou e que tem tudo aquilo com que poderia sonhar. É mais agradável do que pensar nele morto e enterrado.

Sempre vivi salário a salário, mas, um dia destes, vou juntar dinheiro suficiente para contratar um detetive privado que me ajude a encontrá-lo. Neste momento, contudo, nem consigo juntar o suficiente para reparar o meu pára-choques traseiro rachado.

Enquanto vou a caminho da escola dos miúdos, o meu telemóvel começa a tocar. Lanço um olhar ao ecrã e o nome «Lola» aparece. Retraio-me, como sempre que ela liga. A Lola é parte da minha antiga vida, que incluía o Dominic. É doloroso falar com ela.

Mas, por outro lado, costumava ser a minha melhor amiga. Foi a única a estar lá para mim quando o Dominic desapareceu e o Clay estava na prisão. Assim, ponho o telemóvel em alta-voz.

– Ronnie? – chama-me.

– Olá. – Mantenho os olhos na estrada. As pessoas conduzem como loucas por aqui. – Tudo bem?

– Sim, mas… – O seu tom é agudo e empolgado. – Ronnie, talvez tenha uma pista sobre o Dominic.

O quê?

Não tenho muito tempo até ter de ir buscar os miúdos, mas encosto à berma da estrada. Pego no telemóvel e encosto-o ao ouvido.

– O que tem o Dominic?

– Não quero que fiques com demasiadas esperanças – começa –, mas lembras-te de te contar que arranjei aquele emprego no departamento de registos da Câmara Municipal?

A vida da Lola tem corrido bastante bem. Deixou o vício, como eu, e continua a viver em St. Louis, onde arranjou um emprego decente e está noiva. Mas o que mais lhe invejo é que não tem pesadelos todas as noites sobre o momento em que abriu a porta do carro do Clay para encontrar apenas o banco de trás vazio.

– Sim… – respondo.

– Bem, uma mulher chamada Lorraine Paxson, que costumava trabalhar cá, acaba de se reformar – conta. – E pus-me a falar sobre ela com outra mulher que trabalha aqui e ela contou-me um monte de histórias sobre coisas duvidosas que a Lorraine costumava fazer. Tipo, se quisesses uma certidão, mas não tivesses tudo aquilo de que precisavas, passavas só uns dólares à Lorraine e ela fazia-a acontecer.

– Certo…

– Então, pus-me a pensar no Dominic – continua – e em como, se alguém o *tivesse* levado e quisesse fazer de conta que lhe pertencia, ia precisar de uma certidão de nascimento, certo? Mas é difícil obter uma fora de um hospital, pois são precisas provas da gravidez e do parto.

– Pode ter arranjado só uma falsa – saliento.

– Talvez – responde. – Ou talvez a Lorraine o tenha feito acontecer, de algum modo. Faria sentido o raptor levar o bebé para lá da fronteira do estado antes de tentar fazer algo, mas, se soubesse que a Lorraine era de confiança, pode tê-la procurado antes. Enfim, fiquei curiosa, por isso comecei a pesquisar na base de dados pelas semanas perto de quando o Dominic desapareceu. E eis a parte louca… – Interrompe-se. – Havia uma certidão de nascimento de um rapaz chamado Theodore,

emitida cerca de uma semana depois de o Dominic desaparecer, e o nome da mãe era Naomi Paxson. O mesmo apelido que a Lorraine!

– Achas… achas que são parentes?

– Sim, são! Procurei a certidão de nascimento da Naomi Paxson e a Lorraine é mãe dela.

Por um momento, fico sentada a absorver esta informação. Será possível que isto esteja ligado ao Dominic, de algum modo? Terá Naomi Paxson encontrado o Dominic no carro do Clay e ficado com ele, pedindo depois à mãe para lhe fazer uma certidão de nascimento e reclamando oficialmente o bebé como seu?

– Há um pai identificado? – pergunto.

– Sim. O pai chama-se Jeremy Roth.

Reviro essa informação na minha cabeça.

– Não sei, Lola – digo. – Não quero ter esperanças. Parece tão… improvável.

– Mas vale a pena investigar, não vale?

A esperança na voz da Lola toca-me o coração. Nos meses a seguir ao desaparecimento do Dominic, estava sempre à espera de que ele aparecesse. Ainda me sinto assim, claro, mas tornei-me mais realista. Não acho que o meu filho desaparecido me vá, de algum modo, cair simplesmente no colo.

Mas tenho saudades de ter esperança. Tenho saudades dessa sensação de que o posso realmente recuperar – de que o posso vir a ter de novo nos braços, um dia.

Teria cinco anos. Ainda é suficientemente novo para o elefante de peluche que levei comigo para todos os lugares para onde me mudei desde o dia em que desapareceu.

– Tens razão – digo. – Vale a pena investigar.

52

O Jeremy Roth acaba por ser de longe o mais fácil de encontrar entre os dois. É uma espécie de banqueiro de investimento. É tão rico como o meu chefe e tem uma casa gigantesca em Long Island. Uma coisa é certa: se o filho deles for realmente o Dominic, tem decididamente uma vida encantada.

Não sei o que fazer, ainda assim. Não posso ligar para a polícia e contar-lhes toda esta história complicada sobre a certidão de nascimento. É num estado completamente diferente e, mesmo então, não acreditaram numa palavra do que eu dizia. Custa-me imaginar que fossem começar a investigar uma família rica de Long Island só porque uma antiga toxicodependente os acusou de lhe roubar o filho sem nenhuma prova.

Não, se quero descobrir a verdade, tenho de ser inteligente ao fazê-lo.

Mas a primeira coisa que preciso de fazer é dar uma vista de olhos ao Theodore. Quando o vir, saberei ao certo se é ou não o meu filho. Não sei como vou saber, mas simplesmente saberei.

No meu dia de folga, rumo à ilha. Localizo a grande casa pertencente ao Jeremy Roth e estaciono suficientemente longe para a casa ser visível, mas ninguém pensar que estou aqui para visitar a família. Tento imaginar o tipo de gente que viveria numa casa assim. Tento imaginar que tipo de vida teria o meu filho se lá vivesse.

É provável que não seja ele, ainda assim. Foi um tiro no escuro da parte da Lola. Sei o que estava a tentar fazer, mas este rapaz não pode ser o Dominic, pois não?

Enquanto estou estacionada ao fundo da rua, a observar a casa, a porta da garagem abre-se. Quando um *Tesla* sai da garagem, tenho quase a certeza de que vejo um pequeno vulto no banco de trás. Será o filho deles, o Theodore?

Quando dou por mim, sem sequer ter tomado a decisão de o fazer, estou a seguir-los.

Felizmente, não vão para longe. Após menos de dez minutos, o carro pára junto ao que parece ser um parque público. Mais uma vez, estaciono a alguma distância do *Tesla* e, do lugar do condutor, fico a ver um homem sair e depois ajudar um rapazinho a descer da cadeirinha no banco de trás.

Devem ser eles. O Jeremy e o Theodore Roth. O meu filho e o homem que mo pode ter tirado.

Fico demasiado tempo sentada no carro, a tentar decidir o que fazer a seguir. Finalmente, decido sair. É um parque público, afinal. E pode ser a minha única hipótese de ver bem o Theodore Roth sem atrair atenções para mim. Todo o meu corpo formiga ante a perspetiva de poder voltar a ver o meu filho ao fim de tantos anos.

Atravesso os portões do parque e vagueio até chegar a um campo, onde encontro um homem e um rapazinho a brincar com uma bola de futebol. Vi a foto de perfil do Jeremy Roth no *site* do banco onde trabalha, mas, na realidade, a imagem não lhe fazia justiça. O homem nessa foto era pensativo e sério, mas o Jeremy Roth parece feliz e atlético, a correr pelo campo enquanto pontapeia a bola com o seu filho risonho.

Chego-me mais perto, tentando ver melhor o rapazinho. É difícil vê-lo, pois está de costas para mim. Mas então vira-se e…

Arquejo.

O Theodore Roth é a cara chapada do Clay.

Parece-se tanto com o Clay que me deixa a cabeça à roda. É inquietante. Até agora, pensava que isto era uma caça aos gambozinos, mas algo no meu coração me diz que a Lola tem razão. Este menino é o meu filho. Este é o Dominic.

Fico parada, petrificada, a observá-los aos dois. Não sei o que fazer a seguir. O meu instinto diz-me que este rapaz é o meu filho, mas não posso ir à polícia com isso. Preciso de algo mais conclusivo.

Há um banco à beira do campo e sento-me lá, ainda a vê-los. Pego no telemóvel e envio uma mensagem à Lola:

Acho que tens razão. Acho que este pode ser o Dominic.

A sua resposta é instantânea:

O que vais fazer?

Essa é a parte complicada. Não posso correr para este rapazinho e tentar passar-lhe uma zaragatoa pelo interior da boca. Se fizer isso, vou acabar na prisão. Tenho de ser inteligente em relação a isto.

Enquanto puxo pelo cérebro, tentando decidir o que fazer a seguir, outro rapaz corre para o campo. O Theodore começa a brincar com ele e o Jeremy Roth vê isto como uma deixa para recuar. Para meu choque, marcha na direção do banco onde estou sentada e deixa-se cair no espaço ao meu lado.

– Ufa. – Abre-me um sorriso enquanto limpa o suor da fronte. – Estou a ficar velho demais para isto.

Olho para ele, estupefacta por ter falado comigo. Agora que vejo o Jeremy Roth de perto, parte da minha certeza sobre a identidade daquele rapazinho dissipa-se. O Theodore Roth é a cara chapada do Clay, mas, ao mesmo tempo, o Clay e o Jeremy têm também vagas parecenças. Ambos muito atraentes, com cabelos de cor e textura similares – ainda que o do Jeremy seja mais curto e não seja decididamente azul – e estruturas ósseas semelhantes. O Jeremy parece um pouco como o Clay poderia ser se tivesse deixado o vício e ganhado uns quinze quilos de músculo em vez de cair morto devido a uma *overdose* de heroína aos vinte e seis anos.

Tudo isto para dizer que as similaridades do rapazinho com o Clay podem ser coincidência. Mas há também aquela certidão de nascimento duvidosa. Além disso, tenho simplesmente um *pressentimento* de que este menino é o Dominic.

– Sente-se bem? – pergunta-me o Jeremy, depois de o silêncio se ter arrastado por demasiado tempo.

– Hum. – Não posso propriamente dizer-lhe em que estou a pensar. – Parece-me um pouco familiar. Já nos conhecemos?

– Não me parece – responde, e tenho de lhe enaltecer que não se tenha saído com uma frase foleira como «*Lembrar-me-ia* definitivamente *de si*». Afinal, a julgar pela aliança de ouro na mão esquerda, o homem é casado. – Talvez tenha só uma daquelas caras comuns.

– Talvez. – Forço um sorriso, apontando com a cabeça para o campo. – Aquele ali é o seu filho?

Ele assente avidamente, nitidamente orgulhoso do seu rapaz.

– É o Teddy, o da camisola verde.

Teddy. Chamam-lhe Teddy. É quase demasiado fofo para descrever.

– Quantos anos tem? – pergunto, fingindo um interesse educado.

– Tem cinco. – Puxa a bainha da sua *T-shirt* ligeiramente suada. – E tem *tanta* energia. Adoro-o, mas tenho quase quarenta anos e é difícil acompanhá-lo. – Ri-se. – É um bom problema de se ter, suponho.

– Aposto que vos mantém ocupados, a si e à sua mulher!

Não acho que seja imaginação minha a forma como o seu olhar endurece ante a referência à mulher.

– Sim. – Esta é a única palavra que me dirige.

Apetece-me fazer-lhe um milhão de outras perguntas, a começar por se posso recolher uma amostra de células da bochecha da boca do filho, mas tenho de me conter.

– Este parque é encantador – opto antes por dizer.

– Oh, sim. – Aponta para o limite exterior do campo. – E também tem uma ótima pista de corrida que dá a volta ao parque. Corro aqui às segundas, quartas e sextas.

– Adoro correr – minto eu. – Quando é uma boa altura para vir?

– Eu costumo vir às seis e meia da manhã. É muito tranquilo a essa hora.

Abro-lhe um sorriso agradecido.

– Obrigada pela dica.

Parece estar prestes a dizer algo mais, mas então a voz aguda de um rapazinho – do Teddy – fende o ar.

– Papá! Já acabaste a tua pausa?

O Jeremy ri-se.

– De volta ao trabalho.

Salta do banco e corre novamente para o campo para se juntar ao filho. Não posso deixar de pensar que, se este for realmente o Dominic, arranjou um pai muito melhor do que o Clay Barkley.

53

Nessa noite, despeço-me do meu emprego em casa da família Simington. A Rhona Simington chega mesmo a lacrimejar quando lhe digo.

– É tão boa com os meninos – diz, fungando. – Eu e o Max achamo-la a melhor. Há alguma maneira de a podermos convencer a ficar?

– Preciso só de algum tempo – respondo. E não posso fazer duas horas de viagem para ir correr com o Jeremy Roth três manhãs por semana.

– Se precisar de uma carta de recomendação – diz a Rhona –, é só pedir.

Será decididamente útil ter a sua recomendação para abalar a opinião de qualquer potencial empregador que faça uma verificação de antecedentes e repare na acusação de posse de drogas. Tenho um muito pequeno pé-de-meia, embora não vá durar muito. Preciso de um emprego.

Em menos de uma semana, consigo arrendar um apartamento minúsculo numa cave. Arranjo emprego como caixa num café, a ganhar o salário mínimo ou talvez um pouco mais, com as gorjetas. Ainda que não tarde a aprender que a maioria das pessoas não usa o frasco das gorjetas.

Mal acabo de me instalar no meu novo apartamento, faço uma viagem ao centro comercial para comprar umas *leggings* tão justas que fazem com que os olhos do vendedor lhe saltem da cabeça quando as experimento. O meu objetivo não é seduzir diretamente o Jeremy Roth, mas não tenho problemas em usar a minha aparência a meu favor. Quando consumia, a minha pele estava sempre macilenta e às manchas, o meu cabelo negro fraco e era demasiado magra. Mas, agora que estou limpa, pareço uma pessoa diferente de quem era então – sei que faço virar cabeças.

Espero conseguir virar a dele.

Cerca de uma semana e meia depois de ter esbarrado no Jeremy no parque, apareço na pista de corrida às 06h35 com uma camisola de alças, as *leggings* e uns ténis. Avisto o seu *Model X* estacionado nas imediações, mas desta vez paro mesmo ao seu lado. Tiro um momento para esticar as pernas e, por fim, entro no parque.

Não há sinal do Jeremy na pista de corrida, por isso começo a andar, pensando que o posso apanhar ou, o que é mais provável, que ele me apanhará a mim. E então começo a correr.

Ou, pelo menos, tento.

Quando vivia na cidade, costumava passar a vida a ver pessoas a correr pelos trilhos. Gente de cabelo grisalho e rugas que não parecia nem de longe tão em forma como eu estou. Mas acontece que sou terrível a correr. Não sabia que era possível tal coisa. Quero dizer, é como andar, mas mais depressa. Como pode alguém ser mau nisso? E, no entanto, após pouco mais de uma volta ao parque, estou dobrada ao meio, a arquejar, com os pulmões em chamas.

Lá se foi este estúpido plano.

– Ei, sente-se bem?

Tento endireitar-me, mas uma pontada no flanco faz-me vergar ao meio de dor. Nem consigo ficar feliz pelo facto de a pessoa ao meu lado ser o Jeremy Roth.

– Estou bem – arquejo.

Ele esfrega o queixo.

– Parece… em sofrimento.

Engulo ar.

– Sim, hã… acho que posso ter exagerado um bocadinho…

– A sério? Mas não acabou de entrar no parque há para aí dez minutos?

É então que me apercebo de que o Jeremy reparou mais em mim do que eu pensava. Viu-me entrar no parque. E, apesar de estar a manter respeitosamente os olhos no meu rosto, descem-me certamente para os seios por uma fração de segundo, ainda que de uma forma que me teria escapado se tivesse pestanejado.

– Está bem, vou ser sincera – digo. *Não, não vou*. – Sempre quis começar a correr, mas, na verdade, sou uma perfeita principiante.

– Não me diga. – Sorri-me, e agora é a minha vez de o comer com os olhos. É muito atraente, mas é-o ainda mais quando sorri. E não fica nada mal com aqueles calções e *T-shirt*. – Bem, podia dar-lhe algumas dicas.

– Ah, sim?

– Quando comecei – diz –, costumava alternar entre curtos períodos de corrida e de caminhada. Tipo, caminha por um minuto e depois corre por um minuto. E, se respirar pela barriga, consegue evitar as pontadas no flanco.

– Obrigada – respondo, endireitando-me, por fim. – Isso é muito útil.

Por um momento, parece ir despedir-se de mim e continuar com a sua corrida. Estou já a fazer planos para como vou conseguir esbarrar nele outra vez no fim da pista, se não tiver caído para o lado por essa altura. Mas, em vez disso, deixa-se ficar junto a mim.

– Venha – diz. – Vamos fazer agora o minuto de caminhada e então eu digo-lhe quando for altura de recomeçar a correr.

Arqueio as sobrancelhas.

– Não quero estragar o seu treino.

– Não, tudo bem. Seja como for, o meu joelho está a dar-me problemas, por isso não me importo de ir com alguma calma hoje.

Acabamos por correr um pouco; ainda que, mais do que isso, tenhamos dado várias voltas ao parque juntos. Em minha defesa, damo-las a um passo *vigoroso*.

E, quando a nossa sessão termina, fazemos planos para a próxima corrida.

54

Ao fim de um par de meses, fiquei a saber mais sobre o Jeremy Roth do que alguma vez pensei que saberia.

Corremos juntos três dias por semana. De início, há muita caminhada envolvida, o que é bom, porque temos tempo para falar. Mas, mesmo nos dias em que caminhamos menos, continuamos a conseguir falar muito. Damo-nos bem.

Estou sobretudo na expectativa de pequenas informações sobre o Teddy e não é difícil extrair-lhas, pois o tema de conversa favorito do Jeremy é o filho. Adora o Teddy. Se o deixasse, passaria a hora inteira que corremos juntos a falar nele, e às vezes é isso que faz.

O tema de conversa de que menos gosta é a mulher.

Estou muito curiosa acerca de Naomi Paxson Roth. Não parece sair muito, tanto quanto consigo perceber pela minha vigilância fragmentária à sua casa. Mesmo de manhã, têm uma ama que leva o Teddy à escola.

– A Naomi trabalha? – pergunto eu uma vez, enquanto damos a nossa terceira volta ao parque.

Ele abana a cabeça.

– Sinceramente, duvido que conseguisse.

– Trabalhava antes de se casarem?

– Sim. Bem, mais ou menos.

– O que fazia?

– Diz-se *médica*. – Revira os olhos. – Mas não é médica *a sério*. É uma espécie de curandeira com cristais, que só posso imaginar que costumava depenar todos os seus «pacientes».

– Curandeira com cristais?

– Isso. Passa a vida a dar-me cristais e a dizer-me como vão resolver a minha vida. Oh, pega um pedaço de grés. Agora, o teu refluxo vai melhorar!

– A minha amiga Lola foi a uma curandeira com cristais uma vez, quando andava com dificuldades em dormir – lembro-me. – Disse que ajudou muito.

– Bem, talvez *essa* curandeira com cristais não tenha obtido o diploma num curso *online* de duas horas.

Estremeço.

– Não, acho que não.

Ele só consegue abanar a cabeça.

– Sinceramente, dou graças por ter deixado de trabalhar, porque provavelmente já teríamos sido processados por esta altura. – Por um momento, fica calado e os únicos sons à nossa volta são os pássaros a chilrear nas árvores e os nossos passos a bater no solo. – Não devia ter dito isto. A Naomi é… enfim, não interessa.

– O que foi? – Reduzo o passo e ele faz o mesmo. – Podes falar comigo sobre isso. Não vou dizer nada a ninguém.

– É só que… – Pára de correr e leva a mão ao joelho direito, que está ligado hoje. É verdade que o incomoda, às vezes; não estava a inventar isso. – Não gosto de falar muito sobre isto, mas nunca teria casado com ela se não fosse pelo Teddy. Nunca. Só namorámos alguns meses, e já nos tínhamos separado quando soube dele.

– Oh. – Estou desesperada por saber a história toda, mas não o quero afugentar ao pressioná-lo demasiado. Sinto um ligeiro zumbido nos ouvidos. – Ela… estava grávida, então?

– Na verdade, tinha acabado de dar à luz – esclarece. – Estava a sair do meu prédio, a caminho do trabalho, quando ela veio ter comigo com um bebé nos braços e a dizer-me que era meu.

Sinto o coração a bater depressa, e não é da corrida. O Jeremy nunca viu a Naomi grávida. Pode ter roubado o meu filho, arranjado a certidão de nascimento falsa e depois ter-lhe dito que o bebé era dele.

Mas há um problema nesta história. O Jeremy não é ingénuo e não teria casado com uma mulher qualquer só por ela lhe dizer que o seu filho era dele.

– Tens a certeza de que é teu? – Vejo a expressão no seu rosto e recuo de imediato. – Desculpa. Não devia ter…

– Não, tens razão. Fiz um teste de paternidade. Foi a primeira coisa que pedi.

E agora está a abrir buracos na minha história perfeita.

– E deu positivo?

Um dos cantos dos seus lábios arrebita-se.

– Bem, como é óbvio.

– E foi… – Não sei como lhe perguntar isto. – Não confiaste simplesmente nela para o enviar por correio, pois não?

– Céus, não! – Baixa-se e volta a esfregar o joelho. – Deu-me a amostra do Teddy, eu recolhi a minha e então enviei-as eu mesmo. Os resultados foram enviados diretamente para mim.

Bem, assunto encerrado. A não ser que o Jeremy me esteja a mentir, e não acho mesmo nada que esteja, isso quer dizer que o Teddy não pode ser o meu filho,

porque o pai do Dominic era o Clay. A Naomi pode não ser a mãe do ano, mas não é uma raptora, afinal.

Ainda assim, não consigo sacudir a sensação de que o Teddy é meu.

E, se não é, gostaria que fosse.

55

Desde há pouco mais de dois meses que eu e o Jeremy corremos juntos. Não sei porque continuo a correr com ele. Para começar, odeio acordar tão cedo. Por esta altura, e agora que sei que fez um teste de paternidade, parece extremamente improvável que o Teddy seja meu filho. Parei de espremer informações ao Jeremy.

Mas, três dias por semana, às 06h30, junto-me a ele para correr à volta do parque. Não pareço conseguir manter-me afastada.

É durante a nossa segunda volta de hoje que encontro uma depressão inesperada no piso. Torço o tornozelo e caio violentamente. Nunca me tinha acontecido nada assim, e tira-me o fôlego.

Ao aperceber-se de que caí, o Jeremy pára bruscamente e agacha-se ao meu lado.

– Ronnie, estás bem? O que aconteceu?

– Torci o tornozelo. – Levo a mão ao tornozelo esquerdo, que já está a latejar. – Dói muito.

Ele ajoelha-se ao meu lado por algum tempo e então, quando estou pronta, ajuda-me a pôr-me de novo em pé. Mas dói-me tanto o tornozelo que é difícil apoiar peso nele. A corrida está decididamente terminada. Nem sei como vou regressar ao meu carro.

– Consegues andar? – pergunta-me o Jeremy.

– Mal – admito.

Estuda-me por um momento, como que a ponderar o que fazer. E então estende-me o braço direito.

– Vem cá. Posso levar-te de volta.

– É do outro lado do parque!

– Estás a chamar-me fraco? – Sorri-me. – Não te preocupes com isso. Nos dias em que não estou aqui, levanto pesos. Posso carregar-te.

Não tenho assim tanta certeza, mas, daquela vez em que o vi a jogar futebol com o Teddy, ergueu-o completamente acima da cabeça, por isso é decididamente forte. E não é como se tivesse grande escolha. Assim, coxeio até ele e deixo-o erguer-me nos braços. Geme ligeiramente do esforço, mas não se debate nem vacila. Sinto-me completamente segura nos seus braços.

– De certeza que não te importas de fazer isto? – pergunto-lhe.

– Não pesas nada, Ronnie. Acredita, eu consigo.

E então carrega-me à volta do parque, até a um banco perto de onde estacionámos os nossos carros. Pousa-me suavemente e tiro o sapato para ver os danos no meu tornozelo. Efetivamente, já está inchado.

– Tenho uma ligadura elástica no carro – diz-me. – E acho que talvez também tenha um saco de frio. Dá-me um minuto.

Corre para o seu carro e regressa com um rolo de ligadura elástica e também com o que parece ser um pequeno pacote quadrado na outra mão. Não me devia surpreender, suponho, tendo em conta que vem muitas vezes ao parque com o joelho direito ligado e que lhe põe gelo depois da corrida.

Tento ligar o meu tornozelo inchado, mas não faço ideia do que estou a fazer. Após uma breve luta que me deixa com os olhos a lacrimejar de dor, o Jeremy tira-me a ligadura. Delicadamente, envolve-me bem o tornozelo no material elástico e então ativa o saco de frio e encosta-o à face exterior do meu tornozelo, que é exatamente onde dói, apesar de eu nunca lhe ter sequer dito isso.

– Melhor? – pergunta.

– Muito melhor – confirmo. Entre a ligadura e o frio, a dor esbateu-se numa moinha surda. Estou convencida de que conseguirei regressar ao meu carro sem ser carregada. – Obrigada.

– Não tens de quê.

Por um momento, ficamos a olhar um para o outro, frente a frente no banco do parque. Ainda nem são sete da manhã e está tudo tão tranquilo aqui. É como se fôssemos as únicas pessoas em todo o universo.

Não sei quem beija quem primeiro, porém, passado um segundo, os seus lábios estão nos meus e é a melhor coisa que me aconteceu em anos. E dou-me conta de que há uma muito boa razão para eu continuar a vir aqui para me encontrar com ele todas as manhãs, mesmo depois de ter descoberto que o Teddy não é o Dominic e apesar de ser demasiado cedo. A razão é que não consigo parar de pensar nele.

Apesar de não saber quem iniciou o beijo, é o Jeremy o primeiro a interrompê-lo.

– Desculpa. – Vira o rosto, baixando a cabeça. – Não posso fazer isto.

Eu percebo. Disse-me o suficiente sobre a sua vida para dever estar à espera disto. Mas não consigo esconder a minha desilusão.

– Quero. – A ânsia nos seus olhos é inconfundível. – Cristo, não imaginas quanto. Mas a Naomi é tão instável. Não sei o que faria se eu tivesse um caso ou, pior ainda, se a deixasse. Não quero saber de mim, mas não posso fazer isso ao Teddy. Tenho de estar lá para ele. É a minha prioridade número um. Eu… Desculpa.

– Eu compreendo – digo, o que é verdade, ainda que odeie. Uma das coisas que adoro nele é o facto de ser tão claramente um excelente pai, que fará tudo pelo filho. O meu próprio pai não se sentia certamente assim. Mal olhava para mim, a não ser para me dizer que a minha saia era demasiado curta e que a devia ir trocar, se sabia o que era bom para mim. – Seja como for, és demasiado velho para mim.

Ele ri-se.

– Pois sou. Sou um velho, e tu… podias ter quem quisesses.

Nada disso é verdade, ainda assim. Sobretudo a parte sobre o Jeremy ser um velho. Tecnicamente, é doze anos mais velho do que eu, mas não me podia importar menos com isso. Não me sentia assim por ninguém desde o Clay, e começava a achar que nunca mais sentiria. Não acho que esteja certo quanto a que podia ter quem quisesse, mas, mesmo que estivesse, continuaria a querê-lo a ele.

Acompanha-me ao carro, só para garantir que consigo. Tenho de me apoiar nele algumas vezes, mas, com o tornozelo ligado, consigo pôr-lhe algum peso em cima. Acho que não vou precisar de uma visita às Urgências, o que é bom, porque o meu seguro de saúde não presta.

O meu *Jetta* tem uma racha no pára-choques traseiro que não me posso dar ao luxo de reparar. Uma vez, o Jeremy ofereceu-se casualmente para o mandar arranjar por mim. Nem ia sentir a falta do dinheiro, mas eu disse que não. Alegro-me por ter recusado, pois não quereria que pensasse que a razão por que o beijei hoje tinha algo que ver com o seu valor financeiro.

– Chegas bem a casa? – pergunta-me.

– É o tornozelo *esquerdo* – saliento. – Devo conseguir conduzir.

– Está bem. – Esboça-me um aceno de cabeça. – E, mais uma vez… desculpa… por…

Não diz porque está a pedir desculpa, por isso não sei se é por me ter beijado ou por já saber que não o voltará a fazer.

– Não te preocupes com isso – respondo.

– Certo.

Muda o seu peso de um ténis para o outro. Parece querer dizer mais alguma coisa, por isso encosto-me ao meu carro, tirando o peso de cima do tornozelo, à sua espera.

– Bem – diz. – Até depois, então.

– Sim – respondo. – Até depois.

Hesita durante exatamente dois segundos e então atravessa os trinta centímetros que nos separam e volta a colar os lábios aos meus.

56

Há três meses que eu e o Jeremy andamos a dormir juntos quando, subitamente, ele anuncia:

– Vou deixar a Naomi.

Estamos deitados na minha cama, nus, com a minha cabeça na curva do seu braço. Deixámos de correr juntos e, em vez disso, ele vem cá. Alegro-me por ter podido desistir da corrida, porque nunca gostei realmente de correr, mas seria muito mais difícil desistir dele. Presumi que tudo acabaria por chegar ao fim, ainda assim, porque é casado e tem um filho. Foi muito claro desde o início ao dizer que não podia correr o risco de deixar a Naomi.

– Vais?

– Falei com um advogado – revela. – Um dos melhores de Long Island. Disse-me que, se for inteligente, conseguirei ficar com a guarda total. Posso ter de jogar um pouco sujo, mas, se for isso que preciso de fazer, faço-o.

Sinto uma pontada de culpa pela Naomi Roth poder vir a passar pela dor de perder um filho, como eu passei, tudo por minha causa.

– E se for guarda partilhada?

– Já te *disse*… – Vejo-lhe a pulsação na têmpora, como sempre que falamos sobre a sua mulher. – O Teddy não está seguro com a Naomi. É irresponsável e também completamente instável. Não conseguiria dormir à noite se ele estivesse com ela. Provavelmente, ia pegar fogo à casa com o Teddy lá dentro só para me dar uma lição.

Inspiro bruscamente.

– Achas mesmo que seria capaz de fazer isso?

– Acho, pois – diz solenemente. – Por que razão achas que demorei tanto tempo a deixá-la?

Disse-me muitas vezes o quanto queria acabar com o seu casamento, mas que não valeria a pena desestabilizar a Naomi dessa maneira, mas, ao que parece, acha que valho a pena.

– Escuta, Ronnie. – Apoia-se no cotovelo. Ainda tem a testa ligeiramente suada das atividades da manhã. – Podemos ter de ir com um pouco mais de calma enquanto isto acontece.

– Oh… – Tento mascarar a minha desilusão. – Compreendo. Provavelmente, não queres ser associado a mim neste momento, com os meus antecedentes…

– Não, não é *de todo* isso – insiste ele. – Mas tenho de estar mais em casa com o Teddy, sobretudo se a Naomi não estiver a viver connosco. Estou a tentar reduzir o meu horário. E, além disso…

Franzo-lhe o sobrolho.

– O quê?

Junta as sobrancelhas.

– Temo pela tua segurança. Se a Naomi descobrir… bem, estou preocupado, só isso.

Tudo o que me tem vindo a dizer hoje me surpreendeu. Geralmente, tem relutância em falar na Naomi e, quando a critica, fala sobretudo sobre como é pouco fiável. Teve de contratar uma ama porque nunca conseguia levar o Teddy à escola a horas. Metade das vezes, esquecia-se de o ir buscar.

Mas é a primeira vez que dá a entender que acha que pode ser perigosa.

Mais uma vez, lembro-me do meu menino indefeso, que foi roubado na sua cadeirinha automóvel há quase seis anos. Praticamente descartei a Naomi como responsável pelo rapto, mas há alturas em que ainda me interrogo…

Nunca disse ao nada ao Jeremy sobre o Dominic. Falámos sobre o meu pai abusivo, o meu consumo de drogas e até lhe falei sobre o Clay, a única outra relação importante no meu passado, mas omiti esse pormenor da minha vida. É algo que raramente digo às pessoas, em parte por ser tão difícil falar disso. Um dia, no futuro, talvez seja capaz de lhe contar.

Mas ainda não.

– Se precisas de espaço, tudo bem – digo-lhe. – Deves deixá-la se não és feliz. Não por minha causa.

– Não sou feliz – confessa. – Há muito tempo. Talvez nunca tenha sido. Cometi um erro enorme ao casar com ela. Só o fiz porque queria que o Teddy tivesse dois pais em casa, mas, se soubesse o que sei hoje… – Por um momento, fica calado, perdido em pensamentos. Abana a cabeça. – Mas, mesmo assim, nunca a deixaria se não fosse por ti. Quero estar contigo, Ronnie. É por isso que estou a fazer isto.

Decidimos, portanto, ir com calma enquanto o divórcio estiver em curso. Vernos-emos, mas com menos frequência, e teremos de ser muito cuidadosos ao fazê-lo. Vai ser difícil, mas, em última instância, valerá a pena.

E então descuidamo-nos e ela apanha-nos.

57

Desde que a Naomi me apanhou a sair de sua casa a altas horas da noite, já não há razões para sermos tão cuidadosos. Agora, sabe que ele se anda a encontrar com outra mulher. E sabe que é comigo. Ainda que não fosse essa a sua intenção, a sua descoberta fez avançar a nossa relação, pelo que já não temos de nos esconder.

E agora o Jeremy quer que eu conheça o Teddy.

– E se ele não gostar de mim? – pergunto, nervosa, quando me anuncia isto.

– Porque não haveria de gostar de ti?

Tem uma certa razão. As crianças costumam gostar de mim. Fiz a minha quota-parte de trabalhos como ama, e a maioria das crianças parece gravitar para mim, pelo que não há razões para que o Teddy me deteste.

Mas, ao mesmo tempo, tanto depende disto.

O Jeremy consegue ver a ansiedade no meu rosto, por isso diz:

– Compra-lhe um presente. O suborno resulta sempre naquela idade.

Reconheço a sabedoria das suas palavras, por isso vou ao centro comercial em busca do presente ideal para o seu filho. Disse-me que o Teddy adora *Legos*, por isso vou à loja da *Lego*, mas nada parece certo.

Em vez disso, vou para casa e vasculho as minhas gavetas até tirar aquele elefante de brincar que comprei para o Dominic quando ele nasceu. Passei anos a fantasiar com o dia em que o poderia finalmente devolver ao meu menino. Mas agora, pela primeira vez, ocorre-me que é extremamente provável que nunca mais o volte a ver.

Pego no elefante, abraçando-o contra o peito. Encosto o nariz ao pelo falso, que continua macio ao fim de tantos anos. O elefante ainda cheira um pouco a pó de talco.

O Dominic desapareceu. Passei todos estes anos a agarrar-me à esperança, mas, agora que há uma nova criança na minha vida com a qual me posso vir a importar e que posso até amar, tenho de enfrentar o facto de que o meu filho nunca vai voltar.

E é então que decido dar o elefante ao Teddy.

Espero em casa enquanto o Jeremy vai buscar o Teddy ao apartamento onde a Naomi está alojada. Estou sentada no sofá, com o estômago cheio de borboletas enquanto aperto o elefante contra o peito.

O Teddy vai gostar de mim. *Tem* de gostar.

Quando a porta da frente se abre, as borboletas entram em ação. Levanto-me do sofá, ainda agarrada ao elefante. Consigo ouvir o alvoroço junto à porta – o Teddy a tirar os sapatos e a tagarelar sobre o seu dia. Não sei se devo sair ou não, portanto, em vez disso, fico apenas parada até o Jeremy entrar com o Teddy na sala de estar.

Ao ver-me, cala-se de repente. Fita-me com os seus grandes olhos castanhos e não consigo evitar pensar novamente que é tão parecido com o Clay.

– Teddy – chama o pai. – Gostava de te apresentar a minha muito boa amiga Veronica.

Ele chega-se para mais perto do pai, agarrando-se à sua perna enquanto me fita com uma expressão cautelosa no rosto.

– Podes tratar-me por Ronnie – digo, no meu tom mais inofensivo. – E trouxe-te um presente!

Estendo o elefante, desejando subitamente ter-me lembrado de o embrulhar. As crianças adoram papel de embrulho. Em que estava eu a pensar?

O Teddy não estende a mão para o elefante. Fica apenas ali parado, encostado à perna do Jeremy.

O Jeremy faz algumas tentativas de guiar o Teddy na minha direção, mas nada parece resultar. Sinceramente, sinto-me péssima. Nunca tinha tido um miúdo a olhar para mim da forma como o Teddy olha. Como se me achasse *aterradora*.

– Desculpa, Ronnie – diz-me o Jeremy, em voz baixa. – Não costuma ser assim tão tímido. Não sei o que lhe deu. – Finalmente, agacha-se diante do filho. Põe as mãos nos ombros do rapaz e olha-o nos olhos. – O que se passa, Teddy? Porque não gostas da Ronnie? Estava tão entusiasmada por te conhecer.

Por um momento, o Teddy fica calado, como se não soubesse o que dizer.

– A mamã – responde finalmente, em voz ténue – disse que uma bruxa chamada Veronica te roubou de nós.

O Jeremy fica boquiaberto.

– Disse-te isso?

Lágrimas enchem os olhos do menino enquanto assente lentamente.

Não me devia surpreender, suponho. Ainda sinto as faces a arder quando me lembro da forma odiosa como a Naomi olhou para mim quando me apanhou aos beijos com o Jeremy em sua casa. Mas não deixa de magoar muito.

– Teddy – diz delicadamente o Jeremy –, a Ronnie não é uma bruxa. Juro. Não sei porque foi que a tua mãe te disse isso, mas não é verdade. A Ronnie é uma pessoa incrível e acho que vão gostar muito um do outro. E, além disso, eu… – Olha para mim e depois de novo para o filho. – Eu amo-a.

É a primeira vez que diz essas palavras fora do quarto. Não é que não acreditasse que as dizia a sério antes, mas, ao dizê-las ao filho, faz com que se tornem mais reais, de algum modo.

– Acreditas em mim, certo? – pergunta o Jeremy ao Teddy. – Quero dizer, não parece uma bruxa, pois não?

O Teddy olha para mim, perscrutando-me em busca de traços de bruxa.

– Talvez – responde, pensativo – seja uma bruxa boa.

Volto a estender o elefante.

– Quero dar-te este presente, Teddy – digo-lhe. – Era de alguém muito, muito especial para mim. E agora quero que fiques com ele.

Hesita por mais uma fração de segundo, mas então estende as mãos e tira-me o elefante. Estuda-o de forma muito semelhante a como fez comigo. E então abraça-o contra o peito como se fosse um tesouro há muito perdido.

Adora-o.

58

De cada vez que o meu telemóvel toca, quase dou um salto de susto. Estou na cozinha, prestes a começar a fazer o jantar, quando o oiço vibrar. Não costumava ser assim, mas, por estes dias, sempre que o telemóvel toca, desce-me um arrepio pela espinha.

E é tudo por causa da Naomi.

De início, andava a seguir-me. Queria acreditar que era imaginação minha o seu carro colado ao meu enquanto me dirigia ao supermercado depois do meu turno no café. Mesmo quando me confrontou no meio do supermercado, tentei ser simpática. É óbvio que eu e a Naomi nunca vamos ser amigas, mas esperava que pudéssemos ter, ao menos, uma relação cordial.

E então comecei a receber as chamadas.

A primeira chegou pouco depois de conhecer o Teddy. Era meia-noite e estava quase a adormecer quando o telemóvel começou a tocar. Não dei grande importância ao ver o número bloqueado no ecrã. Temi que pudesse ser algum tipo de emergência, por isso atendi. E então ouvi uma dura voz feminina do outro lado da linha.

– Vou matar-te, Veronica.

Olhei para o telemóvel, com o coração a palpitar.

– Quem… quem fala? – gaguejei.

Fez-se um longo silêncio e então a mesma voz rouca voltou a fazer-se ouvir.

– Acaba tudo com o Jeremy ou mato-te.

E desligou.

Subitamente, estava completamente desperta. Não havia forma de descobrir quem tinha feito a chamada, pois era de um número bloqueado, mas não importava. Só havia uma pessoa capaz de fazer uma chamada assim.

Tinha de ter sido a Naomi.

Desde então, as chamadas tornaram-se uma ocorrência regular. A maior parte das vezes, não as atendo. Quando o faço, porém, tem sempre algumas palavras escolhidas a dedo para mim. Nem sempre diz que me vai matar. Às vezes, diz só que me vai cortar a garganta, ainda que suponha que o resultado seja o mesmo.

Assim, agora sinto um sobressalto de terror sempre que o telemóvel toca. Durante algum tempo, adquiri o hábito de o desligar por completo, sobretudo à noite. Mas,

depois de o Jeremy ter tido dificuldade em contactar-me algumas vezes, senti que tinha de o deixar ligado.

Paro a meio da cozinha, perguntando-me se devia deixar a chamada ir para o correio de voz. Nunca deixa mensagens, porque então eu poderia reproduzi-las para o Jeremy. Devia provavelmente tentar encontrar uma forma de gravar o telefonema, mas não sei o suficiente sobre tecnologia para isso.

Aproximo-me do telemóvel, o meu coração a acelerar a cada passo. Não me apetece mesmo, mesmo nada ter a minha vida ameaçada neste momento. Então, vejo o nome do Jeremy no aparelho e a minha pulsação volta ao normal.

– Olá – digo. – O que se passa?

– Ronnie – chama-me. – Preciso de um favor. Estou preso no trabalho e disse à Rosita que já estaria em casa por esta altura. Não pode ficar mais tempo. Há alguma hipótese de poderes ir a minha casa e ficar de olho no Teddy até eu chegar? Prometo que estou de volta daqui a cerca de duas horas.

– Claro. – Acabei por me apaixonar pelo Teddy, mesmo tendo aceitado que não é o meu filho biológico. – Estarei lá em quinze minutos.

– Muito obrigado. És a melhor, Ronnie. Já jantou, por isso fica só com ele até eu voltar. Talvez lhe possas ler uma história para adormecer.

Entro imediatamente no carro e vou para casa do Jeremy, onde o Teddy parece encantado por me ver. Abraça-se realmente a mim quando chego.

– Posso mostrar-te as minhas rochas novas? – pergunta.

– Claro! – respondo, invocando todo o entusiasmo que posso sentir por rochas.

Guia-me pela mão até ao seu quarto. A sua própria mão parece tão pequena e suave na minha. Tem quase seis anos – a mesma exata idade que o Dominic teria.

Não, a mesma idade que o Dominic *tem*. O meu filho ainda está vivo.

Posso apenas nunca mais o voltar a ver.

Quando chegamos ao quarto do Teddy, despeja um monte de rochas que estava aparentemente na sua mochila. Não é de admirar que essa mochila seja tão pesada.

– Esta é xisto – diz com autoridade, enquanto ergue algo que parece ser só uma pedra banal. – E esta é feldspato, acho eu.

– Como sabes?

– Pesquisei no meu livro de rochas – revela, como se devesse ser óbvio.

Adora rochas. O Jeremy usa as maiores que ele encontra como pisa-papéis em todas as divisões. Parecia adorar aquele elefante que lhe dei, mas não o tenho visto ultimamente. Suponho que era esperar demasiado que uma criança de quase seis anos se fosse apegar tanto a um peluche, mas espero ao menos que não o tenha perdido. Isso partir-me-ia o coração.

– Que rochas tão bonitas, Teddy.

– Sim, são mesmo fixes!

Quando me sorri, cai-me o coração aos pés. Neste momento, parece-se tanto com o Clay que é quase sinistro. Parece mais um clone do Clay do que uma mistura do seu ADN e do meu. E parece-se muito, muito mais com ele do que com o Jeremy.

Mas não faz sentido. O Jeremy tinha de estar a dizer a verdade sobre aquele teste de ADN. Afinal, nem pensar que teria casado com a Naomi sem essa confirmação. É impossível o Jeremy ser o seu pai biológico *e* o Clay ser também o seu pai biológico.

E, no entanto…

– Teddy – chamo. – Lembrei-me de um jogo divertido a que podemos jogar.

– Sim? – Os seus olhos iluminam-se, pois fica sempre empolgado com qualquer jogo novo. O Jeremy não estava a mentir quando disse que o miúdo tinha uma energia inesgotável. – Que jogo?

– Bem, comprei um *kit*. E, se o passares pela boca, consegue adivinhar o que comeste ao pequeno-almoço.

O Teddy arregala os olhos.

– A sério?

– Ahã. Deixa-me ir buscá-lo.

Ainda tenho o teste de ADN no fundo da minha bolsa. Meti-o lá da primeira vez que fui ao parque para ver o Teddy e nunca mais o tirei, mesmo depois de ter decidido que ele não podia ser meu. A um certo nível, devo ter sabido que este dia chegar. Se não fizer este teste, a pergunta vai assombrar-me para sempre.

Além disso, prometem resultados em menos de duas semanas após o envio.

Vou a correr buscar a bolsa, que deixei na sala de estar. O teste de ADN está mesmo no fundo e tiro um segundo para ler as instruções na caixa. Tenho de tirar o pequeno envelope de papel onde é suposto pôr a zaragatoa. Levo ambos para cima, onde o Teddy continua no quarto com todas as suas rochas.

– Aqui está! – anuncio.

O menino abre bem a boca, mostrando o intervalo entre os seus dentes da frente.

– Ahhh…

Passo-lhe a zaragatoa pelo interior da bochecha. Quando a tiro, ergo-a para a deixar secar, como sugeriam as instruções. Então, coloco-a cuidadosamente no pequeno envelope.

– Então – interroga o Teddy. – O que comi ao pequeno-almoço?

– Hã… *Cheerios*?

– Pois foi! – exclama, espantado. – Uau, isso é tão fixe. Devias fazê-lo ao papá quando chegar a casa.

– Na verdade – digo –, acho que o quero surpreender com isto noutra altura. Tipo… quando fizer anos! Por isso, por favor, não lhe digas deste teste, está bem, Teddy? Podes guardar segredo?

– Sou muito bom a guardar segredos – responde solenemente. – Até tenho um código secreto com a mamã e o papá.

O que quer *isso* dizer?

– Oh, interessante.

Guardo bem a amostra no bolso das minhas calças de ganga. Amanhã bem cedo, vou enviá-la. Sei que é muito improvável que o Teddy seja meu filho, mas não poderei ficar descansada enquanto não tiver a certeza.

59

Enquanto estou deitada na cama ao lado do Jeremy, a tentar adormecer, o meu telemóvel toca em cima da mesa de cabeceira.

Atendo sem pensar realmente. Há mais de uma semana que não recebo nenhuma chamada ameaçadora, e baixei a guarda. E a chamada não vem de um número bloqueado, mas sim de um verdadeiro número de telefone. Mas, assim que oiço a voz do outro lado da linha, dou-me conta do meu erro.

– É melhor teres cuidado ao ires dormir esta noite – silva-me a voz agora familiar. – Porque vou pegar fogo à casa contigo dentro.

Afasto o telemóvel do ouvido como se o próprio aparelho estivesse em chamas. Quando volto a olhar para o ecrã, a chamada terminou.

O Jeremy agita-se no colchão ao meu lado.

– Ronnie? Quem era?

– A Naomi – confesso, antes de me poder impedir.

Ele fica imediatamente desperto, sentando-se com dificuldade. Esfrega os olhos.

– A *Naomi*? Estás a falar de quê?

– Ela… – Não lhe contei dos telefonemas ameaçadores mais cedo porque não queria atiçar o dragão, mas tem de saber o que ela me anda a fazer. – A Naomi tem andado a ligar-me para me fazer ameaças. Anda nisto há semanas.

Uma veia dilata-se na sua têmpora, como sempre faz nos últimos tempos quando o tema da Naomi vem à baila.

– Estás a falar a sério?

– Sim.

– Deixa-me ver o teu telemóvel.

– Costuma bloquear o número, ainda que reconheça a voz. – Passo-lhe o aparelho. – Mas, desta vez, está aí um número a sério. É o número de telefone dela?

Ele clica no número e ergue o telemóvel para o ouvido. De onde estou, consigo ouvir a voz mecânica a recitar uma mensagem de disponibilidade.

– Aposto que arranjou um telemóvel descartável.

– Achas que faria isso?

Por um momento, o Jeremy fica a olhar para mim, como que a ponderar se me deve ou não dizer algo. Finalmente, pega no seu próprio telemóvel e começa a

navegar pelo ecrã.

– Gostaria que visses exatamente do que ela é capaz.

Passado um segundo, ergue o telemóvel para me mostrar uma foto que tirou. Levo um instante a perceber o que é, e agora acho que vou vomitar.

É o elefante do Dominic. Tudo o que me resta do meu bebezinho. E a Naomi espetou-lhe uma faca e esguichou-lhe um molho vermelho qualquer para cima.

– Encontrei isto numa gaveta do apartamento dela – diz-me. – Não te queria mostrar porque achei que te ia perturbar, mas acho que precisas de saber com o que estamos a lidar aqui. Era por *isto* que tinha medo de a deixar. – Cerra os maxilares. – É por *isto* que temos de manter o Teddy longe dela.

Não consigo parar de olhar para a fotografia no ecrã. Meu pobre elefante. Ela massacrou-o. E sabem qual é a pior parte?

Se alguma vez ficássemos as duas a sós, far-me-ia muito pior.

60

Hoje é a festa do sexto aniversário do Teddy.

Não há maior alegria do que uma criança que vai ter uma festa de aniversário – foi essa a principal lição que aprendi hoje. Desde o momento em que acordou esta manhã, o menino não parou de sorrir. A única altura em que o seu sorriso vacilou por um segundo foi quando o Jeremy lhe disse que a mãe não vinha à festa.

Sinceramente, acho um pouco duro.

Sim, a Naomi tem sido horrível para nós. Mas é a mãe do Teddy. Devia estar na sua festa de aniversário. Mas, se eu sugerisse sequer ao Jeremy que ela cá devia estar, ia ouvir um sermão de uma hora sobre como é horrível, como não é de confiança e como ia estragar o dia.

Quanto a mim, estou a tentar divertir-me o máximo possível e não pensar no facto de que o sexto aniversário do Dominic teria sido há uma semana. Ainda não recebi os resultados do teste de ADN, mas já sei quais vão ser. O Teddy não é realmente meu filho – o Dominic continua algures por aí. E, onde quer que esteja, espero que alguém esteja a dar uma festa tão grande como esta para ele, com palhaços, insufláveis, póneis e… sim, esta festa é ridícula. O Jeremy está decididamente a sobrecompensar pelo caos do divórcio.

Espero que o Dominic seja feliz. Mesmo que nunca mais o pudesse voltar a ver, respiraria melhor se soubesse ao menos que é feliz.

A festa é ao início da manhã, por isso há muito para fazer. Temos todos de acordar às sete em ponto para começar a preparar tudo. Apesar de estar em roupa informal, para variar, o Jeremy está completamente em modo de trabalho, a comandar a instalação do insuflável e a fazer chamadas para confirmar tudo.

– Ronnie, o bolo já chegou? – pergunta-me, enquanto tem o palhaço em espera. (E estas são palavras que nunca pensei que iria dizer.)

– Sim, está no jardim das traseiras – digo-lhe.

O bolo é ridículo. Já vi *bolos de casamento* mais pequenos do que este. Ofereci-me para fazer um eu mesma, mas o Jeremy riu-se como se eu estivesse a dizer uma piada. O meu bolo teria sido delicioso, ainda assim. Seria de chocolate com cobertura também de chocolate, pois o Teddy confidenciou-me que é o seu favorito.

O menino estava no jardim das traseiras, mas volta a entrar em casa, com as faces coradas de tanto sorrir.

– Ronnie – pergunta, ofegante –, compraste-me um presente de aniversário?

Sorrio-lhe.

– O que achas?

– Não sei! Compraste?

– É claro que comprei, tolinho. – Despenteio-lhe o suave cabelo castanho. – E acho que vais adorar.

O Jeremy disse-me que o Teddy queria um carro telecomandado, por isso saí e comprei-lhe um, numa tentativa de dar graxa ao filho do meu namorado. Foi caro, mas queria que o tivesse. Quero tanto que goste de mim. Continua a achar que sou uma bruxa, ainda que tenha oficialmente decidido que sou uma bruxa boa, ao menos.

É suposto a festa ser entre as dez e meia e a uma, por isso claro que os convidados começam a chegar às dez, quando ainda não estamos nem de longe preparados. O Jeremy avisou-me de que devia contar com isto, ainda assim, por isso dou o meu melhor para sorrir e ser uma boa anfitriã, ainda que muitas das mães me estejam a lançar olhares fulminantes. Apesar disso, acho que me estou a sair bastante bem, na realidade. Não tarda que a festa esteja a pleno vapor e que todos se estejam a divertir imenso.

Então, ao meio-dia, a Naomi aparece.

O Jeremy disse-lhe especificamente para não vir antes da uma. Ouvi-o falar disso com ela ao telefone ontem à noite, e deve ter-lhe dito pelo menos cinco vezes para não vir até à uma da tarde. Mas ei-la aqui, a fingir que pensou que ele tinha dito meio-dia.

– Mamã! – O menino puxa-lhe a saia. – Mamã, tens de ver o pónei! Chama-se *Faíscas*!

Consigo ver a discussão a formar-se a quilómetros. O Jeremy está demasiado zangado e não consegue neutralizar a situação, por isso cabe-me a mim salvar a festa de anos do Teddy. Assim, corro para os três com um sorriso artificial no rosto.

– Olá, Naomi – digo, no meu tom mais cordial. – Ainda bem que pôde vir.

– A Naomi está de *saída* – diz o Jeremy, praticamente a tremer de raiva.

– Não! – grita o Teddy. – Quero que a mamã fique!

Compreendo o porquê de o Jeremy estar zangado, mas não pode achar que é apropriado expulsar a mãe do Teddy da festa do seu sexto aniversário.

– Por favor, fique para a festa, Naomi – digo. – Temos bastante comida em casa. A cozinha é logo a seguir à porta das traseiras.

Ela não agradece.

O meu telemóvel tilinta-me no bolso com o alerta de um novo *e-mail*. Afasto-me da multidão para o tirar e o meu ecrã principal mostra que recebi um *e-mail* com os resultados do teste de ADN.

Não consigo decidir se os quero ver agora. É impossível o Teddy ser meu filho e nem sei porque fiz o teste em primeiro lugar, a não ser para calar aquela vozinha ao fundo da minha cabeça. Será deprimente ver este *e-mail*, que será outra lembrança de que sou uma mãe que perdeu o filho.

Mas devia acabar simplesmente com isto. É melhor ver aqui, rodeada de crianças felizes, do que sozinha no meu apartamento hoje à noite.

Temo que possa haver lágrimas, por isso enclausuro-me no andar de cima, no quarto principal. Tranco a porta, só para garantir que ninguém me interrompe. E então abro o *e-mail*, onde encontro a mensagem da empresa de ADN à minha espera.

Naturalmente, o *e-mail* não contém nenhuma informação. Tem apenas um *link* para o *site* em que me inscrevi quando enviei as amostras. Tenho de me tentar lembrar do meu nome de utilizador e da palavra-passe e, após duas tentativas erradas, começo a temer que possa estar em apuros. Mas então o meu terceiro palpite está certo. Entro no *site*.

Uma vez iniciada a sessão, há ainda outro *link* que me levará aos resultados do teste de ADN. Com o dedo a tremer, clico nele.

Por um momento, tudo o que vejo é um monte de séries aleatórias de letras e números. Não faz nenhum sentido para mim, e não sinto mais nada a não ser frustração. Mas então desço até ao fundo, onde diz «interpretação», e leio a linha por baixo.

Probabilidade de maternidade: 99,9999998%

O quê?

Examino o texto escrito por baixo, tentando dar sentido a tudo isto. Não há nada no relatório que diga em grandes letras maiúsculas «É A MÃE DESTA CRIANÇA». Mas 99,9999998%... bem, parece-me bastante conclusivo.

O resultado deu positivo.

O Teddy é o meu filho.

61

Fico sentada no quarto, com a cabeça à roda.
O Teddy é o meu filho. O Teddy é o Dominic.
O Dominic está vivo.

Foi a Naomi que levou o meu bebé. Roubou-mo e depois falsificou a certidão de nascimento.

Odeio-a mais do que alguma vez imaginei ser possível.

Sinto demasiadas emoções neste momento. Alegria, tristeza, raiva, mas também confusão. O Jeremy disse-me que fez um teste de paternidade que deu positivo. Mas como é isso possível? O pai biológico do Teddy é o Clay. Tanto quanto sei, a única maneira de o Jeremy poder ter recebido um teste de paternidade positivo seria se ele e o Clay fossem gémeos idênticos. E isso parece bastante improvável, tendo em conta que nem eram da mesma idade.

O que me deixa duas hipóteses. Pode ter mentido sobre o teste de paternidade, mas não acho que o tenha feito. Afinal, nunca teria casado com a Naomi sem essa prova. Não, não estava decididamente a mentir. O que deixa uma outra possibilidade:

De alguma forma, a Naomi enganou-o.

Tenho de falar com o Jeremy.

Consigo recompor-me o suficiente para sair do quarto e descer. A primeira coisa que faço é perscrutar o primeiro andar em busca do Teddy. Não está lá, e sinto uma ferroada de pânico. Já o perdi uma vez. E se voltar a desaparecer? Mas então saio para o jardim das traseiras e encontro-o no insuflável. Muito bem, está a divertir-se. Posso deixá-lo em paz por um breve período enquanto falo com o Jeremy.

Não que saiba o que lhe vou dizer.

Mas não sei onde se meteu o Jeremy. Procuro-o por todo o primeiro andar, mas não o vejo. O último lugar onde procuro é no escritório no rés do chão, que é onde temos os presentes guardados. Quando lá chego, a porta já está entreaberta, mas não é o Jeremy que está lá dentro. É outra pessoa.

É a Naomi.

A Naomi está a agarrar algo em cima da mesa de centro da sala de convívio. Tardo um segundo a aperceber-me de que é uma das rochas que o Teddy recolheu –

uma que o Jeremy tem vindo a usar como pisa-papéis. Vejo-a erguer a pedra acima da cabeça e fazê-la cair com todas as suas forças sobre um objeto junto à mesa de centro, que estala e se parte em vários pedaços.

E então dou-me conta do que esmagou com a pedra. É o carro telecomandado que comprei para os anos do Teddy, que ela desembrulhou e destruiu.

Afasto-me da porta do escritório, os meus olhos a encherem-se de lágrimas quentes. Primeiro, a Naomi rouba o meu filho. Depois, destrói o elefante que guardei para ele desde que era um bebezinho. E a seguir destrói o presente de aniversário em que gastei demasiado dinheiro. O presente que comprei para o sexto aniversário do *meu filho*.

Corro para o segundo andar, na esperança de encontrar o Jeremy lá em cima. Finalmente, encontro-o no escritório do *andar de cima*, a fazer uma chamada. Trabalha demasiado, ainda que eu saiba que tem vindo a tentar desesperadamente reduzir, para bem do Teddy. Está mesmo empenhado em ser um bom pai.

Só que não é realmente o pai biológico do Teddy.

– Ronnie? – O seu rosto empalidece ao ver as lágrimas que correm pelo meu. – Cristo, o que se passa? Estás bem?

O teu filho não é realmente teu filho. A tua mulher roubou-mo quando era bebé. Há seis anos que andava à procura dele.

Como lhe posso dizer isso?

– A Naomi esmagou o presente que comprei para o Teddy! – soluço. – Vi-a fazê-lo!

Toda a cor lhe regressa subitamente ao rosto.

– Estás a falar a sério?

Confirmo mudamente.

– Eu sabia que era um erro deixá-la ficar – barafusta. – És demasiado branda, Ronnie. Eu *sabia* que ia fazer uma merda destas.

– Estava errada – concedo. – Tem de sair desta festa. E já.

Tenho de a afastar do meu filho – imediatamente. Muito em breve, terei de ligar para a polícia, armada com o meu teste de ADN, e de lhes dizer tudo o que a Naomi fez. Mas não posso fazer isso ao Teddy no dia dos seus anos. Nem posso fazê-lo ao Jeremy.

Mas, muito em breve, a verdade virá ao de cima. E, após seis longos anos, terei o meu Dominic de volta.

62

A Naomi está enclausurada na prisão.

Suspirei de alívio quando a polícia lhe fechou aquelas algemas sobre os pulsos na festa. Presumo que vá passar pelo menos a noite na prisão, por isso não tenho de me preocupar com ela, por enquanto. Mas tenho de começar a pensar no meu próximo passo.

A única pessoa a quem contei do teste de ADN positivo foi a Lola. Enviei-lhe uma mensagem sobre isso, mas deve estar ocupada, porque ainda não respondeu. Vamos ter uma conversa, ela e eu, sobre o que fazer e como lidar com isto.

São agora quase horas de jantar. A festa já acabou há muito e o Teddy está lá em cima, no seu quarto, a brincar com todos os presentes novos. Não faz ideia de que sou sua mãe nem de que me foi roubado. Como lhe vou dizer?

Subo as escadas até ao seu quarto. A porta está entreaberta e empurro-a para acabar de a abrir. O Teddy está sentado de pernas cruzadas no chão, a brincar com um novo camião que recebeu de prenda de anos. Penso no carro telecomandado que lhe comprei, agora desfeito em pedaços dentro de um saco do lixo. Tê-lo-ia adorado.

– Olá, Teddy – digo.

Na verdade, o teu nome é Dominic. A Naomi mudou-te o nome quando te roubou de mim.

O Teddy ergue o olhar para mim e sorri.

– Olá, Ronnie! Queres ver o meu carro novo?

Na verdade, não me devias chamar Ronnie. Devias chamar-me mamã. Sou a tua mãe.

– Claro! – respondo.

Sento-me ao seu lado no chão, cruzando as pernas como ele. Começa a descrever as características do seu camião novo, mas a única coisa em que eu consigo pensar é que *este é o meu filho*. Este é o meu bebé, que agora anda e fala e me explica como se abrem e fecham as portas do camião. Só me apetece envolvê-lo nos meus braços, abraçá-lo com força e nunca mais o largar.

– Esse – digo – é um camião muito fixe.

– Eu sei! – Volta a abrir-me aquele sorriso e não posso deixar de pensar no Clay. Estúpido e irresponsável Clay, que nunca mais voltará a ver o filho. O Clay teria adorado tanto este rapazinho, que é a sua cara chapada. – Ronnie?

Mamã! Sou a tua mamã*!*

– Sim, querido?

Espeta ligeiramente o lábio inferior.

– A mamã está bem?

Aquela mulher não *é tua mãe*.

– Sim, claro. Está ótima.

– Mas a polícia levou-a. – O seu lábio inferior começa agora a tremer. – Está na prisão?

– Pode ir passar algum tempo na prisão – digo-lhe. – Mas acabará por sair.

E então vão atirá-la outra vez lá para dentro quando souberem o que fez. E nunca mais a vais voltar a ver.

– Oh. – Parece perturbado, mas pelo menos não chora. – Está bem.

– Mas não te preocupes – digo. – O teu pai está aqui.

Claro que não é realmente teu pai. O teu pai está debaixo da terra porque não amava nenhum de nós o suficiente para deixar de injetar droga nas veias. Provavelmente, vais acabar por descobrir tudo isto. E não sei o que fará o Jeremy quando descobrir a verdade. Nem sei se te continuará a amar.

– Está bem – repete o Teddy, um pouco mais calmo.

Recomeça a brincar com o seu camião. As crianças são tão resilientes. Vai ser duro para ele, mas tem de saber a verdade e vai recuperar de tudo isto. Eu e o Teddy vamos ficar bem. Aliás, eu e o *Dominic* vamos ficar bem.

Não, espera, não lhe posso tirar o nome. Pois não?

– Teddy. – Falo por entre o nó a crescer na minha garganta. – Posso dar-te um abraço?

– Está bem – concorda.

Fecho os braços sobre os seus ombros magros. O seu corpinho parece tão frágil enquanto me abraça também. Não fui uma boa mãe para ele há seis anos. Não o protegi do monstro que mo roubou.

Tenho de o compensar por isso.

Depois de deixar o Teddy, desço e encontro o Jeremy ao telefone na sala de estar. Parece ser uma conversa tensa, a julgar pelo tom de voz e pela forma como deambula de um lado para o outro pela alcatifa. Quando chego à sala, desliga a chamada e mete o telemóvel ao bolso.

– A ordem de restrição temporária está em vigor – anuncia. – A Naomi não pode aproximar-se do Teddy. Graças a Deus.

As suas palavras deviam ser reconfortantes para mim, mas não são. Uma ordem de restrição temporária é simplesmente um documento legal. E a Naomi demonstrou uma terrível desconsideração pela lei.

– Já não está na prisão? – pergunto.

Ele retrai-se.

– Infelizmente, não. Aquele advogado dela, o Fletcher, conseguiu tirá-la de lá.

Vi o advogado da Naomi uma vez na Câmara Municipal, antes de uma sessão de mediação. Parecia um indivíduo razoavelmente simpático, e de certeza que não faz ideia de como ela é realmente. Provavelmente, acha que está a fazer o mais correto.

– O Hardwick acha que, depois de tudo o que ela fez, vou conseguir a guarda total e ela só terá direito a visitas – diz o Jeremy. – Sinceramente, nem me sinto confortável com que tenha isso. Mas é a mãe dele…

Não, não é. O Teddy não é filho dela. Roubou-mo. Há seis anos que andava à procura dele.

Não lhe posso esconder isso por mais tempo. O Jeremy precisa de saber a verdade sobre o Teddy. Vai destruí-lo, mas não é um segredo que possa guardar. A verdade tem de vir ao de cima para que a Naomi possa ser castigada pelo que fez.

– Oh, ei – diz o Jeremy. – Escuta, Ronnie, sei que o momento é terrível, mas tenho de voar para Boston amanhã para uma reunião de negócios importante na terça-feira de manhã. Tentei livrar-me dela, mas não consigo. – Arqueia-me as sobrancelhas. – Alguma hipótese de poderes passar a noite com o Teddy enquanto estou fora? Volto na terça-feira à hora do jantar.

Suspiro de alívio. A viagem de negócios do Jeremy quase parece um indulto. Posso adiar dizer-lhe a verdade até ele regressar, enquanto passo todo um delicioso dia a conhecer melhor o meu filho. Na terça-feira à noite, podemos ter uma longa conversa sobre tudo e decidir o nosso próximo passo.

– Claro, com todo o gosto.

– Obrigado. – Atravessa a sala para me poder envolver nos braços e dá-me um beijo no nariz. – Sei que o vais proteger com a tua vida.

– Não vou deixar que nada lhe aconteça – prometo.

Prefiro morrer a deixar que algo aconteça ao Teddy.

E, daqui a duas noites, vou contar tudo ao Jeremy.

QUARTA PARTE

63
NAOMI

Bem, agora parece que sou a vilã.

Mas não sou. Não sou mesmo. Se ouvissem a história toda, saberiam que tudo o que fiz foi pelo Teddy. Pelo meu filho.

Sim, roubei o bebé da Veronica. Ainda que, em boa justiça, não *soubesse* que era dela.

Da primeira vez que vi o Teddy, estava dentro de um carro. Tinha ido visitar a minha mãe a St. Louis e parei numa área de serviço para meter gasolina. Vi aquele velho carro amolgado junto ao posto de combustível e pensei que talvez tivesse avariado. Parei para oferecer ajuda, porque é esse o tipo de pessoa simpática que sou.

Estava um homem desmaiado no lugar do condutor. E ao seu lado, no lugar do passageiro, estava o que parecia ser um monte de material para consumo de droga. Não que eu reconheça essas coisas, pois não consumo droga. Mas era óbvio que aquele homem consumia.

Quase passei ao largo, mas então ouvi o bebé a chorar.

Cheguei-me mais perto e descobri que, no banco de trás, estava um bebé preso a uma cadeirinha automóvel. Uma coisinha minúscula, provavelmente só com um par de semanas. E o recém-nascido estava a gritar a plenos pulmões, o rostinho vermelho enquanto o seu corpo tremia com a ferocidade de cada berro.

Não era mãe. Sempre quisera ser, mas, alguns anos antes, tinha sido diagnosticada com endometriose grave. Era essa a razão para os meus ciclos menstruais serem sempre tão desconfortáveis. Durante mais de um ano, trouxe comigo os cristais da fertilidade, selenite e aventurina, enquanto tentava engravidar com o esperma de um dador, mas, surpreendentemente, nada aconteceu. A minha médica acabou por me dizer que, sem cirurgia, era improvável que algum dia conseguisse conceber. E que, mesmo com ela, a probabilidade era baixa.

Assim, fui avassalada por uma vaga de afeto maternal por aquele bebezinho indefeso. Pareceu-me… destino.

Testei a porta do carro e, para minha surpresa, estava destrancada. Abri-a e soltei o bebezinho da cadeirinha. Imediatamente, os gritos pararam. Meti-lhe o indicador

na boca e ele começou a chuchar alegremente. Em poucos segundos, ia provavelmente perceber que não estava a obter nenhum leite do meu dedo e o choro recomeçaria.

Tinha de arranjar alguma comida àquele bebé.

Tomei uma decisão instantânea. Aquele bebé estava *em perigo*. Não o podia deixar simplesmente ali com aquele viciado pedrado. Tinha de o salvar.

O homem na frente estava demasiado apagado para dar sequer por mim a soltar a cadeirinha. Levei o bebé e a cadeirinha e transferi-os para o banco de trás do meu próprio carro. Então, voltei para a estrada e continuei a conduzir até chegar a casa da minha mãe.

Escusado será dizer que a minha mãe ficou surpreendida quando lhe apareci em casa com um recém-nascido. Disse-lhe que tinha mantido a gravidez em segredo, mas não sei se acreditou em mim, visto que não tinha propriamente ar de ter acabado de dar à luz e os meus seios não estavam a produzir leite. E deve ter ficado particularmente desconfiada quando lhe disse que precisava da ajuda dela para obter uma certidão de nascimento. Mas saiu para ir comprar leite em pó e também desenterrou o meu velho berço do sótão.

– Agora, quanto a essa certidão de nascimento – disse-me. – Quem queres indicar como pai?

– Não há pai.

– É claro que há pai. Não sabes biologia básica, Naomi?

O pai era um drogado que encontrei desmaiado no seu carro. Tanto quanto sabia, estava morto. Tinha estado a esquadrinhar a *Internet* em busca de notícias sobre um bebé desaparecido, mas não havia nada. Ninguém se parecia importar sequer com que tivesse sido levado.

– O pai não está envolvido – disse-lhe.

– Bem, quem é?

Tinha de inventar um nome. Por isso, lembrei-me do único namorado que tinha tido no último ano que a minha mãe parecera realmente aprovar.

– Chama-se Jeremy Roth – respondi. – Tu sabes, o banqueiro de investimento.

A minha mãe olhou para mim com um novo respeito.

– Oh. Bem, porque não lhe disseste sobre isto?

Eu e o Jeremy tínhamos namorado por alguns meses, o que foi provavelmente mais do que devia ter durado. Foi suficientemente simpático ao terminar a relação, mas podia conseguir muito melhor do que uma mulher quase nos quarenta que vivia salário a salário, e sabia-o.

Enfim, não lhe podia contar do bebé porque não era realmente dele e a primeira coisa que um homem como o Jeremy faria seria exigir um teste de paternidade. Nunca tínhamos feito sexo sem proteção, nem uma vez. Era *muito* cuidadoso.

– Não sejas tola – repreendeu-me a minha mãe. – Esse homem podia dar uma ótima vida a este bebé. Não queres isso para o teu filho?

Sim, queria.

Demos ao bebé o nome de Theodore, em honra do meu pai biológico. E acabei por deixar que a minha mãe inserisse o nome do Jeremy na certidão de nascimento. Mas só quando regressei à cidade é que tomei a decisão de o abordar.

64

O Jeremy ficou um pouco em pânico quando lhe apareci no prédio com um bebé ao colo. Estava com um fato de marca e uma gravata poderosa, obviamente a caminho do trabalho, e pareceu chocado ao ver-me. Fez algumas chamadas para reagendar as suas reuniões da manhã e então apressou-se a guiar-me de volta ao seu apartamento para conversarmos em privado.

– Usámos preservativo – insistiu. – Sempre.

– Não são 100% seguros – lembrei-lhe.

– Eu sei, mas… – Remexeu na gravata, os olhos a dardejar por todo o lado. – Porque não me disseste mais cedo?

– Não te queria incomodar – continuei. – Nem tinha a certeza de que fosse ficar com ele. Mas agora sei que este bebé precisa de um pai. – Ajustei a posição do Teddy contra o meu corpo para o Jeremy o poder ver melhor. O bebezinho tinha começado a agarrar-se a mim quando lhe pegava. Adorava a forma como confiava implicitamente em mim. – É parecido contigo, não é?

O Teddy era *mesmo* um pouco parecido com o Jeremy. Era uma feliz coincidência. Mas o Jeremy não parecia querer olhar. Olhava para todo o lado menos para o bebé.

– Naomi – gemeu. – Gostava mesmo que tu… enfim, olha, temos de fazer um teste de paternidade.

– Não acreditas em mim?

Lançou-me um olhar angustiado.

– Como disse, tivemos cuidado.

Tivemos cuidado, deveras. E, além disso, eu era estéril, contudo, ele não sabia essa última parte.

Já esperava esse pedido, ainda assim. E jamais o teria abordado com o bebé se não tivesse uma forma de lidar com ele.

O Jeremy queria enviar ele mesmo as amostras. Não confiava em mim, e não podia dizer que os seus instintos não estivessem certos. Pediu-me para lhe dar uma amostra do Teddy e disse que enviaria tudo pessoalmente.

Uma semana depois, encontrei-me com ele num café, só nós os dois. Deu-me uma zaragatoa com um pequeno envelope para a guardar e disse que nos podíamos voltar a encontrar no dia seguinte, depois de eu ter recolhido a amostra do bebé. Nesse

mesmo dia, saltei para o meu carro e fui até Long Island, à casa que mais tarde se tornaria minha, depois de eu e o Jeremy casarmos. Mas eram os seus pais que lá viviam então. Falou-me disso uma vez, enquanto namorávamos, e referiu também a luta do pai contra a doença de Alzheimer.

Quando cheguei a essa casa, estacionei ao fundo da rua. Esperei no meu carro até a Sra. Roth sair para ir fazer recados, deixando o marido para trás. Quando me aproximei da casa sozinha, o Sr. Roth de bom grado me convidou a entrar. Tagarelou sobre coisas que só em parte faziam sentido, referindo-se uma vez ao Jeremy como um rapazinho. Quando lhe disse que precisava de fazer um teste em que tinha de lhe passar uma zaragatoa pela bochecha, teve todo o gosto em deixar-me fazê-lo.

Depois de ter a amostra, regressei à cidade. Entreguei o pequeno envelope de papel ao Jeremy, que o enviou com a sua própria amostra para obter resultados. Quando os resultados chegaram, mostravam quase 100% de certeza de que as duas amostras pertenciam a pai e filho, como eu sabia que ia acontecer.

O Jeremy acha que sou estúpida. Não o diz abertamente, mas não tem de o fazer. Desta vez, porém, fui mais esperta do que ele.

Casou comigo. Queria que o Teddy tivesse os pais a viver juntos na mesma casa, e, ainda que não o tenha dito, não confiava em mim para o criar sozinho. E, durante muito tempo, fomos felizes juntos. Bem, eu fui feliz.

E agora há a Veronica. Tudo faz sentido agora, com a acusação de posse de drogas no seu cadastro. É nitidamente a mulher ou a namorada daquele viciado que estava desmaiado no banco da frente enquanto o Teddy gritava no de trás. Era uma mãe negligente. Não *merecia* ter o Teddy.

Continua a não merecer.

E nem pensar que o vai recuperar. Nem pensar que vou deixar que esta drogada me tire o meu filho.

Não, a Veronica tem de morrer. E, mais uma vez, tenho de ser esperta em relação a isto.

65
VERONICA

A Naomi vai matar-me.

Vejo-lho nos olhos. Nunca lhe devia ter dito que o Teddy é meu filho. Devia ter guardado segredo até ela me deixar ir. Mas agora nunca me vai deixar ir. Não pode.

Está parada à minha frente, ainda abalada com a revelação. Geralmente, parece composta quanto baste, ao estilo mãe suburbana, com as suas calças de *yoga* e camisolas e o cabelo sempre impecavelmente preso atrás. Mas agora parece assustadoramente em desalinho – com cabelos castanho-avermelhados colados à testa e também ao pescoço e círculos de suor sob as axilas. Tem aquela tesoura apertada na mão direita, e imagino-a a cortar-me a garganta com a lâmina. Pode-se cortar a garganta a alguém com uma tesoura? Se não, talvez vá buscar uma faca. De uma maneira ou de outra, vai matar-me.

Pensava que estava salva quando ouvi a voz no andar de cima. Consegui arrancar a fita isoladora da boca, empurrando-a com a língua até começar a ceder. Uma vez a fita parcialmente solta, gritei com toda as minhas forças, tentando atrair a atenção do visitante. Era o advogado da Naomi, o Ezra Fletcher, e ouviu-me. Ia descer e salvar-me. Mas então ela empurrou-o.

O som do Fletcher a cair por aquele lanço de escadas foi nauseante. E, agora, o homem que eu achava que me ia salvar jaz ao fundo dos degraus, com uma poça de sangue à volta da cabeça. Quase de certeza que está morto, como eu não tardarei a estar.

Os olhos da Naomi parecem dilatar-se enquanto me fita.

– És a mãe biológica do Teddy – reconhece.

– Sou a *mãe* dele. – Não vou alimentar as suas mentiras. Já não. Seja como for, vai matar-me. – *Roubou-mo*.

– *Roubei-o?* – Franze o sobrolho. – Não, *salvei-o*. Sabes como o encontrei? – Quando não respondo, dá ela resposta à sua própria pergunta. – Estava abandonado. No banco de trás de um carro, com um homem desmaiado à frente, com agulhas ao lado. Estava a chorar por ajuda!

Oh, Clay, como foste capaz?

– Salvei-o do carro – revela. – Salvei-o daquela vida horrível.

– Não lhe competia – replico.

– Não me competia! – explode. – Olha para a vida do Teddy! Tem dois pais que o cobrem constantemente de atenções. Vive numa enorme casa de sonho e anda na melhor escola privada de Long Island. *Viste* aquela festa de aniversário ontem? Tem tudo o que poderia desejar! A vida que teria tido contigo seria… – Arreganha-me os dentes, repugnada. – Seria horrível.

– Não, não seria. – Ergo o queixo. – Porque é *meu* filho e amo-o mais do que a tudo no mundo.

A Naomi lança-me um olhar incandescente.

– Não o amas nem metade de como eu amo. Afinal, não farias isto por ele.

De início, tenho a certeza de que vai pegar na tesoura e apunhalar-me no pescoço, no entanto, em vez disso, deixa-a simplesmente cair, tendo perdido o interesse nela. Dirige-se a um dos porta-garrafas, cheio das garrafas de *whisky* do Jeremy, escolhe uma de *whisky* escocês e parte-a contra o chão. O escuro líquido ambarino alastra por todo o chão. Preparo-me para que use a orla afiada da garrafa como arma, mas, em vez disso, larga-a também.

– Agora – conclui –, só tenho de ir buscar uns fósforos.

66
NAOMI

Um incêndio é a única maneira.

Não existe forma de eu poder explicar que tanto o Ezra como a Veronica estejam mortos na cave. E muito menos as marcas da fita nos pulsos e tornozelos dela. Mas, se houver um incêndio, erradicará tudo. Ninguém saberá que o Ezra morreu de uma queda. Parecerá só um trágico acidente que ceifou duas vidas.

Ninguém terá sequer de saber que estive envolvida. Direi só que passei por cá para vir buscar o meu carro e vi o fumo a sair pela janela.

O meu plano é atear o fogo e depois ir buscar o Teddy ao quarto, onde está enclausurado até ouvir o código especial. Parecerei a heroína que salvou o filho da casa em chamas, ainda que ninguém além de mim vá saber que foi a *segunda* vez que lhe salvei a vida. E o Jeremy, que estima o Teddy acima de tudo, voltará a amar-me.

Portanto, como veem, é a única maneira de conseguir um final feliz.

Volto a subir para procurar algo com que pegar fogo ao álcool na cave. Não há fósforos, mas uma das gavetas da cozinha contém um isqueiro, que servirá perfeitamente. Esse fogo vai alastrar depressa, portanto, assim que o atear, terei de ser rápida.

Quando vou a passar pela sala de estar a caminho da porta da cave, o telemóvel da Veronica ilumina-se em cima da mesa de centro. Aproximo-me para ver se o Jeremy lhe enviou outra mensagem, mas não é ele. É outra mensagem da tal Lola.

Devias ir direta à polícia.

Gemo. O resultado positivo que a Veronica recebeu deve ter sido de um teste de ADN. É óbvio que não o referiu ao Jeremy, mas parece que há outra pessoa que sabe que o Teddy é filho biológico da Veronica. Isto não é nada bom.

Clico no nome da Lola. Está guardado nos contactos da Veronica, e alegro-me por ver que, além do seu número de telefone, está também lá listado o seu endereço físico. Vive em St. Louis, não muito longe da minha mãe. Não será de todo difícil encontrá-la.

Lidarei com a Lola depois de a Veronica estar morta. Ou talvez a minha mãe me ajude.

Agora, é tempo de tratar desta situaçãozinha.

67
VERONICA

A Naomi vai pegar fogo à casa comigo dentro.

Ouvi dizer que ser queimada viva é uma forma horrivelmente dolorosa de morrer. Imagino o fumo a encher-me os pulmões e o fogo a queimar-me a pele, carbonizando-me. Posso apenas esperar desmaiar antes que isso aconteça.

Não. *Não*. Não posso deixar que isso aconteça. Tenho de descobrir como sair daqui.

Debato-me contra a fita isoladora que me prende os pulsos e os tornozelos. Usou muita fita, o que dificulta as coisas. Se conseguisse passar os braços por cima dos joelhos, de algum modo, podia tentar trabalhar nas amarras dos meus tornozelos. Mas é praticamente impossível.

Então, lembro-me da tesoura.

A Naomi largou a tesoura mesmo antes de partir aquela garrafa de *whisky*. Se lhe conseguisse chegar, talvez pudesse cortar a fita. Só que a tesoura está a quase dois metros de mim e é difícil mexer-me.

E a Naomi vai voltar a qualquer instante.

É então que o oiço. Um gemido vindo do fundo da escadaria.

Pensava que o Fletcher tinha morrido ao cair daquele lanço de escadas. Mas agora está a mexer-se um pouco. Está *vivo*. E está a recuperar os sentidos.

Além disso, não está amarrado.

– Senhor Fletcher! – chamo-o, do outro lado da divisão. Não posso deixar que a Naomi me oiça.

Tem o cabelo coberto de sangue, mas consegue erguer ligeiramente a cabeça, o que me permite ver-lhe os olhos.

– Ela vai voltar – sussurro-lhe, o mais alto que me atrevo. – Vai pegar fogo à casa inteira!

Compreenderá o que lhe digo? Deu uma pancada muito forte com a cabeça e de certeza que está muito aturdido. Mas tenho de rezar para que as minhas palavras o tenham alcançado.

É a minha única hipótese.

A porta da cave abre-se com um rangido e Fletcher volta imediatamente a baixar a cabeça, fazendo-se de morto, o que me faz pensar que compreendeu o que eu disse. Os passos da Naomi nas escadas tornam-se mais altos. Está a descer.

Pára por um momento ao passar pelo Fletcher. Olha para ele com uma expressão estranha no rosto. Oh, não, tê-lo-á visto mexer-se? Saberá que está vivo?

Mas então ergue o rosto e consigo identificar a sua expressão. É tristeza. Murmura algo que quase soa a «lamento muito» e então passa-lhe por cima.

Agora, a Naomi volta a focar a sua atenção em mim. A tristeza desaparece-lhe do rosto, substituída por uma expressão de determinação. E tem um isqueiro vermelho na mão direita.

Santo Deus, vai mesmo fazer isto.

– Lamento que tenha de ser assim. – As suas feições adquirem um brilho sinistro à luz ténue do teto. Pode ser o seu rosto o último que vejo, e esse é um pensamento horrível. – Não te ia matar. Só te queria desfigurar, mais nada.

Tento concentrar-me no seu rosto e não no facto de que, a quatro metros, junto às escadas, o Fletcher está discretamente a tentar levantar-se. Mas rapidamente se torna óbvio que tem a perna partida, e cai de joelhos, o seu rosto uma máscara de dor.

– Quero que saibas – diz a Naomi – que vou cuidar muito bem do Teddy. Vou criá-lo como se fosse meu, como tem sido. Terá uma ótima vida, prometo-te.

O Fletcher desistiu de se tentar levantar e decidiu rastejar pelo chão em vez disso. Mas não vai em direção à Naomi. Vai em direção aos porta-garrafas – a um dos que não estão perto da garrafa partida.

– Não tem de fazer isto – apelo. – Não tem de me matar. Pode desaparecer. Pode começar de novo. Ter o seu próprio filho.

O rosto da Naomi torce-se ligeiramente.

– Não, não posso.

– Então… – Procuro algo mais para dizer enquanto o Fletcher tira lentamente uma grande e pesada garrafa de vinho do porta-garrafas. Acho que o Jeremy me disse que esse tipo de garrafa se chama «Magnum». – Pode… adotar?

É óbvio que não pode adotar. Estaria em fuga. Mas não me interessa o que faz. Preciso apenas de a manter a falar comigo até o Fletcher a poder atingir com aquela garrafa Magnum.

– Lamento, Veronica – diz a Naomi. – Mas tem de ser assim.

Acende o isqueiro e dirige-se à garrafa partida no chão. O Fletcher arregala os olhos ao aperceber-se de que o seu tempo acabou e abandona qualquer simulacro de discrição. Começa a rastejar pelo chão o mais rápido possível, mas não é

suficientemente rápido. Ela baixa o isqueiro e, quase instantaneamente, o *whisky* derramado no chão incendeia-se.

Quando o álcool irrompe em chamas laranja, a Naomi vê o Fletcher a rastejar na sua direção. Inspira fundo e, por um momento, um sorriso ilumina-lhe o rosto.

– Ezra? Está vivo!

Ele não pára. Bate-lhe com a garrafa Magnum nos joelhos, fazendo-a cair ao chão.

Agora está ferida. Tenta rastejar para longe do álcool em chamas, mas ele vai atrás dela. E, agora que a tem no chão, consegue bater-lhe com a garrafa em cheio no crânio com um baque surdo. Ela colapsa, inconsciente.

– Lamento – arqueja, pegando na tesoura. – Eu… não fui suficientemente rápido para…

– A culpa não é sua – digo, o que é o eufemismo do século.

Movemo-nos o mais rápido que conseguimos. Neste momento, o fogo está confinado a uma pequena área no chão, mas, assim que aquelas garrafas de álcool se incendiarem, ficará descontrolado. O Fletcher consegue cortar a fita isoladora dos meus pulsos e tornozelos, e suspiro de alívio.

– Obrigada – consigo dizer. – Muito obrigada.

Ele assente, a sua fronte coberta por uma linha de suor.

– Oxalá o pudesse ter feito mais cedo.

Ponho-me de pé, olhando para o lanço de escadas que sai da cave e depois para o Fletcher no chão, com a perna claramente partida.

– Deixe-me ajudá-lo a subir os degraus – digo.

O Fletcher lança um olhar à escadaria e depois, por cima do ombro, ao fogo que alastra pelo chão junto aos porta-garrafas, aproximando-se perigosamente das bebidas destiladas. Não sei quanto tempo temos até tudo se incendiar, mas não será muito. Mais segundos do que minutos.

– O Teddy está lá em cima, certo? – pergunta.

Confirmo.

– Tem de o ir buscar. – Aponta para as escadas. – Tem de o tirar daqui.

– Mas não consegue andar…

– Eu saio sozinho – diz ele com firmeza. – Não se preocupe comigo, eu consigo. Vou ficar bem. Vá só lá para cima e tire o Teddy da casa.

Não sei o que fazer. Não acredito que ele vá conseguir subir as escadas sozinho. Suponho que se podia içar sobre o rabo, mas isso levará uma eternidade.

– Vá! – exclama, bruscamente. – Saia daqui! *Já*.

A sua voz é suficiente para me pôr em marcha. Tem razão – o Teddy está lá em cima, no quarto, e tenho de o tirar daqui. Não há tempo a perder.

Viro-me para o deixar para trás, subindo os degraus o mais rápido que posso, mas, quando vou sensivelmente a meio do caminho, o Fletcher chama:

– Veronica?

Paro, virando-me para olhar para ele. Continua ao fundo das escadas e ainda não fez nenhum progresso.

– Feche a porta da cave atrás de si – ordena. – Isso manterá o fogo confinado.

Começo a perguntar-lhe porque precisa que eu faça isso, pois pode fechar ele mesmo a porta quando sair. É então que me apercebo de que não espera sair.

Mas continuo a andar.

68

Subo o resto dos degraus o mais rápido que consigo.

Como o Fletcher instruiu, fecho a porta atrás de mim. Quando o resto do álcool se incendiar, nada vai conter aquele fogo, mas talvez me dê mais um minuto ou dois. E isso pode fazer toda a diferença.

Subo as escadas para o segundo andar a correr, galgando-as dois degraus de cada vez. O quarto do Teddy é o segundo à esquerda, e tem a porta fechada. Testo o puxador, mas não roda. Bato com o punho na porta.

– Teddy! – grito. – Abre a porta! Temos de sair daqui!

De início, não o oiço responder de todo. Mas então a sua vozinha desliza por debaixo da porta.

– Qual é o código?

O quê?

– Teddy! – O meu tom roça a histeria. – Não sei o código, mas a casa está a arder! Ouviste, Teddy? Temos de sair daqui!

– Não posso sair do quarto a não ser que me digas o código – diz obstinadamente o menino. – Foi o que a mamã e o papá disseram!

Bato com as palmas na porta.

– Teddy, temos de sair daqui! Por favor! Se não sairmos imediatamente, vamos os dois morrer!

Faz-se silêncio do outro lado da porta. Oiço um queixume e apercebo-me de que é o Teddy a chorar. Não sabe o que fazer.

E agora o alarme de incêndio disparou.

– Teddy! – Volto a bater na porta. – Abre imediatamente esta porta!

– Não posso! – soluça. – Não é suposto abrir!

Oh, meu Deus, não acredito que isto está a acontecer. Recuo alguns passos e tento arremeter contra a porta com o ombro. Mas é óbvio que esta casa foi muito bem construída, porque a porta não cede e acho que posso ter deslocado o ombro ou algo do género.

Muito bem, o Teddy não vai abrir esta porta sem o código. O que posso fazer em relação a isso?

O Jeremy sabe o código. Tenho de falar com ele.

Infelizmente, o meu telemóvel está no andar de baixo. Não quero deixar este corredor, mas a minha única hipótese de tirar o Teddy deste quarto é correr lá para baixo, pegar no telemóvel e pedir ao Jeremy que me ajude.

O mais rápido que posso, desço os degraus até ao primeiro andar. Ao passar pela porta da cave, vejo que o fundo da porta está agora queimado e que há montes de fumo a sair por baixo.

Quem estivesse naquela cave está decididamente morto.

Mas não posso pensar nisso. Encontro o telemóvel em cima da mesa de centro e pego nele. E então corro para as escadas o mais rápido possível.

69
NAOMI

Quando acordo, mal consigo respirar.

Tardo alguns segundos a orientar-me. Continuo na garrafeira. A última coisa de que me lembro é de que estava a pegar fogo ao *whisky* derramado no chão. Vi o álcool incendiar-se e soube que era só uma questão de tempo até toda a cave eclodir em chamas, resolvendo de vez o meu problema com a Veronica.

E então…

O que aconteceu? Como correu tudo mal?

Olho para o canto da cave, onde o fogo começa rapidamente a ficar descontrolado. Alastrou por toda a parte na zona onde derramei o *whisky* e bloqueia-me agora o caminho para as escadas. Além disso, ao olhar em volta, não vejo a Veronica em lado nenhum.

Mas vejo o Ezra, prostrado contra uma parede.

E agora lembro-me de tudo. Ele *bateu-me*! Pegou numa garrafa de vinho e derrubou-me, impedindo-me de deixar a Veronica a morrer aqui em baixo.

Como foi capaz de me fazer isso? É suposto ser o meu advogado! Devia ser expulso da Ordem por isto!

O ar está carregado de fumo e, quando me tento levantar, é quase insuportável, por isso volto a cair ao chão, a cuspir os pulmões. Rastejo antes pela cave até onde o Ezra está encostado à parede.

– Ezra! – Sacudo-lhe o ombro. – A cave está a arder! Temos de sair daqui!

Só que sei no meu íntimo que não há saída da cave. Os degraus do fundo já se incendiaram. E o Ezra está desmaiado, provavelmente de todo o fumo que inalou.

– Por favor, acorde! – Volto a abaná-lo. – Temos de ir a um *karaoke*, como dizia no bolinho da sorte, lembra-se?

A piada não chega ao destino. Ele não acorda.

O fogo no chão lambe os porta-garrafas. Passado um segundo, oiço o estalo de vidros a partir devido ao calor. Subitamente, em menos de nada, todo o conjunto de porta-garrafas se incendeia. O que antes era um pequeno fogo, quase controlável, é agora um incêndio feroz. Mais alguns segundos e toda esta cave estará em chamas.

E agora vem em direção a mim. Enquanto sinto a minha pele começar a arder, alegro-me por não ter conseguido acordar o Ezra. Continua inconsciente quando o fogo o consome.

Posso apenas rezar para que a Veronica consiga tirar o Teddy da casa. E para que cuide bem do meu menino.

70
VERONICA

O alarme de incêndio é quase ensurdecedor.

Subo as escadas a correr, clicando no número do Jeremy enquanto o faço. Não posso parar. Este incêndio está prestes a ficar descontrolado. Não há tempo a perder.

– Teddy! – Bato novamente à porta enquanto oiço o telemóvel chamar ao meu ouvido. – Por favor, abre!

O telemóvel continua a chamar. O Jeremy não atende.

Merda.

Olho outra vez para a porta, avaliando as minhas opções. Talvez precise de algo com que tentar arrombar a fechadura. Como um machado. Terá o Jeremy um machado na garagem? Não parece o tipo de homem que tem machados, mas talvez tenha um à mão.

Só que então viro-me e apercebo-me de que é tarde demais.

O fogo saiu da cave. O fundo das escadas está agora em chamas.

Não sei quanto tempo leva um incêndio a subir um lanço de escadas, e não quero saber. Tenho de tirar o Teddy daqui – e *já*. Não sei como, mas não posso fazer nada com ele no quarto e a não me deixar entrar.

Tento outra vez o telemóvel do Jeremy. Vai diretamente para o correio de voz.

Compreendo agora que só existe uma forma de eu entrar neste quarto, que é se o Teddy me abrir a porta.

– Teddy! – grito através da porta. – Teddy, por favor! Tens de abrir esta porta! Estou a ligar para o teu pai e não consigo falar com ele. Mas estás em perigo! Estamos os dois!

Continua a chorar do outro lado da porta, mas não a abre. Não sabe o que fazer. Mas não temos muito tempo para descobrir.

– Não te vou deixar, Teddy. – Limpo uma lágrima que se formou no meu olho esquerdo. Não é altura para me pôr a chorar. Já está com medo que chegue sem me ver em lágrimas. – Mas preciso que abras esta porta! Por favor! Tens de confiar em mim! Por favor! Tens de… Sou a tua… Teddy, sou a tua…

E então oiço o som de uma fechadura a rodar.

Nem dou oportunidade ao Teddy de abrir a porta. Rodo o puxador e ali está ele, com o corpinho a tremer dos soluços. Corro para o quarto, fechando a porta atrás de mim, e envolvo-o nos meus braços.

– Vai ficar tudo bem – garanto. – Estou aqui.

Ele agarra-se a mim, com os soluços a sacudir-lhe o corpo. Está aterrorizado. O único lar que alguma vez conheceu está em chamas e nenhuma das pessoas que conhece como pais está presente. Tudo o que tem sou eu.

E vou assegurar-me de que absolutamente nada lhe acontece.

Começa a entrar fumo por debaixo da porta, enchendo rapidamente o quarto. Tenho de largar o Teddy para poder abrir a janela. Ajuda com o fumo, mas não chega. Mais alguns segundos e vai começar a ser difícil respirar aqui dentro.

À distância, consigo ouvir o uivo das sirenes. Mas estão longe. Demasiado longe.

Temos de sair deste quarto imediatamente.

Espreito com a cabeça pela janela para ver com o que estamos a lidar. A parte de baixo do telhado é visível e, apesar de ser ligeiramente inclinada, acho que conseguiremos sentar-nos nele enquanto esperamos que os carros dos bombeiros cheguem. Mas nunca subi a um telhado na vida e não vai ser tarefa fácil sair pela janela com o Teddy.

Tenho de tentar, ainda assim. Conta comigo para o salvar. Já lhe falhei uma vez e *não* vou voltar a fazê-lo.

– Teddy – digo-lhe, num tom sério. – Temos de sair deste quarto. Vou sair para o telhado e então, quando estiver lá fora, preciso que saias atrás de mim.

Ele fica só a olhar para mim.

– Consegues fazer isso? – pergunto-lhe.

Assente como se não tivesse bem a certeza, o que é justo, porque eu também não tenho bem a certeza de o conseguir fazer.

Tremem-me as mãos enquanto saio pela janela. Primeiro, passo a perna direita por cima do parapeito, agarrando-me depois ao caixilho enquanto ergo a esquerda atrás de mim. Tento não olhar para baixo. Não estamos a uma altura assim tão grande, mas não deixa de fazer vertigens estar aqui em cima. Espero que este telhado tenha sido bem construído.

Espreito pela janela para dentro do quarto, onde o meu filho está parado com uns olhos enormes.

– Teddy – insisto. – Tens de sair para o telhado comigo.

O menino vira-se para olhar para a porta do seu quarto. Entra fumo por baixo e, muito à semelhança da porta da cave, tem o fundo queimado. Não tardará até que as

chamas entrem no quarto.

– Tenho medo – geme.

– Teddy – imploro-lhe. – Prometo que não vou deixar que nada te aconteça. Tens de confiar em mim. Tens de sair pela janela e então eu vou manter-te seguro.

Finalmente, ele cede.

Dirige-se à janela, com o corpo todo a tremer. Passa uma perna por cima do parapeito, como eu fiz, mas é demasiado baixo. Tenho de o ajudar, erguendo-o por cima da beira. Por um momento, sinto o meu pé começar a resvalar, mas então enfio o ténis na caleira e isso parece resultar.

Puxo o Teddy pela janela. Está coberto por uma ligeira camada de fuligem, e encosto o seu corpo ao meu, mantendo-o seguro enquanto as sirenes vão soando cada vez mais alto.

Os carros dos bombeiros e da polícia não tardarão a chegar. De algum modo, terei de explicar os dois cadáveres na cave. A verdade vai saber-se, quer eu queira, quer não. Só espero que não olhem para o meu passado e me culpem por aquelas mortes. É quanto basta para me dar vontade de fugir.

Mas estou farta de fugir. Mantenho os braços à volta do Teddy para o manter seguro. Ninguém o vai conseguir arrancar de mim até os carros dos bombeiros chegarem. Mesmo aí, não sei se vou conseguir deixá-lo.

– Ronnie? – murmura-me ao ouvido.

– Sim?

– Por que razão tens o cabelo todo cortado?

Quase me esquecia do meu cabelo. Por alguma razão, a sua pergunta faz-me rir e, passados alguns instantes, já não sei bem se estou a rir ou a chorar.

71

Três horas depois, o incêndio está extinto.

Levou mais tempo do que eu esperava a que os bombeiros conseguissem ter tudo sob controlo. Eu e o Teddy passámos a maior parte desse tempo encolhidos na parte de trás de uma ambulância, mas não quis partir, pois tinha medo de que nos separassem se fôssemos para o hospital. E estávamos os dois bem, afinal. Consegui tirá-lo de lá a tempo.

Sim, ainda estamos ambos a tossir um pouco, mas os nossos pulmões só precisam de tempo para se limparem. Além disso, um paramédico salientou que tenho sangue empastado na parte de trás da cabeça, mas eu fingi que tinha que ver com o incêndio, apesar de não ter. Não tenho forças para contar toda a história sórdida – não agora.

Há meia hora, recebi uma mensagem do Jeremy a dizer que o seu avião tinha aterrado. Consegui falar com ele pouco depois de os bombeiros nos resgatarem e foi a correr para Logan, onde, de alguma forma, conseguiu apanhar o voo seguinte para o JFK. Voltou em tempo recorde e tem estado a enviar-me atualizações sobre os seus progressos do *Uber* que apanhou no aeroporto.

Mas agora aparece em frente à ambulância, ofegante, com um pequeno saco de viagem na mão, a camisa amarrotada e o cabelo espetado.

– Papá! – grita o Teddy.

Retorcendo-se para se libertar de mim, voa para os braços expectantes do Jeremy. O Jeremy pega-lhe e agora o Teddy começa a soluçar. Mas o mais surpreendente é que o Jeremy também está a chorar. Nunca o tinha visto chorar em todo o tempo desde que o conheço, nem nada que se pareça, mas agora tem lágrimas a correr-lhe pelo rosto.

– Estou tão feliz por estares bem, Teddy – consegue dizer.

– Papá. – É só isso que o menino responde enquanto se aninha nos braços do pai.

Por cima da cabeça do filho, os olhos do Jeremy procuram os meus.

– Ronnie. – Falha-lhe a voz ao dizer o meu nome. – Obrigado. Obrigado por o tirares de dentro de casa. Devo-te tudo.

Assinto, também demasiado embargada para falar.

A polícia terá muitas perguntas para mim. Afinal, estão duas pessoas mortas na cave. A verdade sobre o Teddy será agora revelada, e fico feliz por isso.

Mas, enquanto o vejo a soluçar abraçado ao filho, sei que terei de lidar com isto da forma certa.

O Jeremy precisa de saber a verdade, mas não lhe posso tirar aquele rapaz. Terei de lhe dizer com cuidado e de o informar de que será sempre o pai do Teddy. Ainda que não seja o seu pai biológico, tem um lugar permanente na vida do Teddy, se o quiser – e espero que queira. Nunca irei tirar isso a nenhum deles.

Tenho o meu filho de volta. E, agora que o tenho, vai ficar tudo bem.

Epílogo
JEREMY

Quase perdi tudo, hoje.

A Veronica. O Teddy. Meu Deus, quase perdi o Teddy.

Tudo por causa da Naomi. Não sei bem a história toda, porque a Ronnie ainda está em choque e não quer falar sobre isso, mas foi a *Naomi* que ateou o fogo. Queimou a minha casa e quase queimou o meu filho com ela.

Não posso acreditar que quase matou o Teddy. Se o tivesse perdido…

E nem foi a primeira vez que quase perdia o Teddy graças à Naomi. A primeira vez foi quando o Teddy tinha pouco mais de dois anos. Ia a atravessar o parque de estacionamento subterrâneo do trabalho, a caminho do meu *Tesla*, quando ouvi uma voz chamar:

– Jeremy? Jeremy Roth?

Virei-me e deparei-me com um homem de aspeto vulgar parado atrás de mim. Andaria pela casa dos vinte, ainda que parecesse ter tido uma vida difícil. Era alguns centímetros mais alto do que eu, mas muito mais magro. A não ser que puxasse de uma faca, podia enfrentá-lo numa luta.

– Sim? – respondi.

– Chamo-me Clay Barkley – disse. – E acho que tem algo que me pertence.

– O quê? – perguntei, irritado.

– O meu filho.

Levei-o para o meu gabinete, onde desfraldou a história inteira num emaranhado de palavras. Acreditava que a minha mulher lhe tinha roubado o filho bebé do carro dois anos antes. Tinha passado os últimos dois anos à procura desse menino, o Dominic, e agora acreditava tê-lo encontrado.

– Porque haveria de achar que a Naomi levou o seu bebé? – questionei.

Ele levou a mão ao bolso das suas maltrapilhas calças de ganga azuis e tirou uma pequena pedra rosa.

– Ia vender o meu carro e estava a limpá-lo. Encontrei isto enfiado debaixo do tapete do banco de trás.

Peguei na pedra e revirei-a na palma. Tinha um logótipo gravado que parecia um triângulo com uma luz a emanar do centro. Reconheci-o de quando a Naomi costumava fazer aquela aldrabice da cura com cristais. Mandou fazer dúzias daquelas pedras com o seu logótipo para oferecer aos clientes. Até a mim ofereceu uma, depois do nosso primeiro encontro. Em retrospetiva, é esse o momento em que devia ter fugido.

– Fiz uma pesquisa reversa de imagens – explicou o Clay. – Levou-me ao *site* da sua mulher.

Teria a minha mulher roubado um bebé e deixado para trás o seu *cartão de visita*? Por essa altura, tinha já percebido no que me tinha metido ao casar com a Naomi. Se havia um só pensamento racional na cabeça daquela mulher, ainda não o tinha ouvido. Já nem podíamos entrar no carro sem ela fazer algum tipo de ritual bizarro com os seus cristais. Se me atrevesse a planear umas férias em família, qualquer informação que lhe desse voava-lhe imediatamente da cabeça, pelo que, quando lhe dizia que era altura de fazer as malas, agia como se lhe tivesse apresentado uma viagem surpresa. Todos os dias pensava em deixá-la, mas, para bem do Teddy, estava relutante em quebrar a nossa família. Ele precisava de mim.

– O que quer? – perguntei ao Clay Barkley, no mesmo tom duro que usava durante os negócios.

Falhou-lhe a voz.

– Quero o meu filho de volta.

– Ele não é seu filho. Fiz um teste de paternidade há anos.

– Tem a certeza de que estava certo?

Comecei a dizer-lhe que sim, tinha a certeza. Mostrava 99,9999998% de certeza de que o Teddy era meu filho.

Mas então comecei a repensar as coisas. Fora mais do que um pouco suspeito quando a Naomi aparecera com aquele bebé, sobretudo tendo eu sido tão cuidadoso com a contraceção. E, no entanto, agora estávamos a *tentar* ter um segundo filho sem quaisquer resultados. Tanto do que o Clay me estava a dizer encaixava na ideia de ela o ter roubado.

Mas, em última instância, o que realmente me fez hesitar foi o quanto aquele homem se parecia com o meu filho de dois anos.

– Faça outro teste de paternidade – exortou-me. – Não irei já à polícia, mas preciso de saber. Se o seu rapaz não for meu, não o quero. Mas, se for… – Abanou a cabeça. – Cometi muitos erros na vida, porém, aquilo em que não consigo parar de pensar é em como deixei que alguém me roubasse o meu filho. Só quero o Dominic de volta.

E então desfez-se em soluços.

Disse-lhe que ia repetir o teste de paternidade e que lhe daria notícias. Expressei confiança em que o teste mostraria que eu era o pai do Teddy. Não falei de nada disto à Naomi. Comprei o teste *online* com um cartão de crédito de que ela não sabia, guardei as amostras da minha bochecha e da do Teddy em dois envelopes e esperei pelos resultados, que chegaram pouco mais de uma semana depois.

O Teddy não era meu filho.

Não conseguia perceber como me tinha a Naomi enganado. Tinha enviado eu mesmo o último teste, mas não a tinha visto recolher a amostra do Teddy. Devia ter feito algo à sua amostra, ainda que continuasse a não saber o quê. De alguma forma, tinha sido mais esperta do que eu.

Mas não importava o que o teste mostrava. O Teddy era agora meu filho. A ideia de aquele ex-toxicodependente no-lo tirar e de nunca mais o voltarmos a ver… era inconcebível. Sim, a Naomi também iria provavelmente para a prisão, mas isso não me interessava. Não o podia deixar ficar com o Teddy. Seria como amputar-me um braço.

Acabou por ser surpreendentemente fácil livrar-me de Clay Barkley. É tudo uma questão de conhecer as pessoas certas para nos ajudarem a fazer desaparecer os problemas. Tinha um extenso historial de consumo de drogas, com múltiplas detenções, por isso ninguém pestanejou quando foi encontrado morto no seu quarto de hotel devido a uma *overdose* de heroína. Não era como se a sua morte fosse uma grande perda para a sociedade.

A partir daí, a Naomi passou a ser a única outra pessoa que sabia a verdade sobre o Teddy. Mais cedo ou mais tarde, teria de desaparecer também.

Durante vários anos, aguardei pacientemente, acomodando-me na nossa rotina familiar, à espera do momento certo. Então, conheci a Ronnie e apaixonei-me por ela. Tinha finalmente uma razão para me livrar de vez da Naomi.

Foi relativamente fácil fazer a Naomi parecer tresloucada durante o divórcio. Afinal, ela *era* tresloucada. Mas dei-lhe um empurrãozinho. Sempre que podia, dava-lhe horas erradas de quando tinha de estar nalgum lugar, mas nunca as punha por escrito para que as pudesse consultar. Contratei a Rosita e disse-lhe que precisava dela porque a Naomi não conseguia levar o Teddy à escola de forma fiável.

E então, só para reforçar a ideia, entrei no apartamento da Naomi enquanto ela estava com o Teddy numa aula de karaté e plantei o elefante com a faca espetada dentro na gaveta do Teddy. Senti-me mal por isso, pois sabia o quanto ele adorava esse elefante. Mas valeu a pena pela fotografia.

Ainda assim, as coisas não estavam a correr a meu favor na mediação. Aquele seu advogado era demasiado esperto. Por isso, um dia, entrei-lhe no apartamento enquanto não estava em casa, triturei a maior parte do conteúdo de um frasco de *Tylenol* e misturei-o naquele *kombucha* ridículo que tinha a fermentar no frigorífico. Fosse como fosse, tinha um cheiro horrível, por isso calculei que não fosse reparar, e o Teddy jamais lhe tocaria. Era o seu próprio *Tylenol*, e pareceria um suicídio quando morresse. Mas, por alguma razão, não a matou.

Estava a ficar desesperado, até que a Naomi se passou na festa de aniversário do menino, esmagando o presente da Ronnie e praticamente agredindo aquele polícia. Depois de se ter feito prender, pedimos aquela ordem de restrição e o Hardwick disse-me que as coisas pareciam bastante favoráveis a uma guarda total. Como disse, a Naomi era quase tão tresloucada como eu a fiz parecer. Quase.

Daqui a alguns meses, depois de ter perdido a guarda, teria ingerido uma *overdose* de comprimidos para dormir e não de *Tylenol*, e isso tê-la-ia liquidado. Teria sido uma forma fácil de morrer. Tinha tudo planeado.

Mas, de algum modo, tudo se resolveu na mesma. Agora, a Naomi está morta e nunca mais terei de me voltar a preocupar com ela. Posso iniciar uma vida com a Ronnie, que salvou o meu filho de uma casa em chamas. Sim, é para estimar.

A Naomi e o Clay tentaram tirar-me o Teddy, mas eu não deixei que o fizessem. Estão ambos mortos – o Clay numa sepultura e a Naomi carbonizada na minha cave.

E qualquer outra pessoa que tente tirar-me o meu filho sofrerá a mesma sorte.

FIM

AGRADECIMENTOS

Estou, como sempre, profundamente grata à minha agente, Christina Hogrebe, e a toda a equipa da JRA pelo vosso apoio constante e opiniões valiosas. O meu obrigada também a Jenna Jankowski, pelas suas perspetivas ponderadas e pelo seu apurado olho editorial, e a todos os que, na Sourcebooks, trabalham incansavelmente nos bastidores. Estou particularmente grata a Mandy Chahal pelos seus notáveis esforços de *marketing*.

Obrigada à Jacqueline Newman, autora de *The New Rules of Divorce*, pela valiosa perspetiva de uma advogada sobre o divórcio. Obrigada ao Kevin pelos seus conselhos úteis sobre as autoridades. Obrigada à Tara pela leitura de sensibilidade perspicaz e por todos os seus conselhos.

Estou em dívida para com as minhas maravilhosas leitoras *beta*, Jenna, Rebecca, Maura e Beth, cujos comentários fizeram toda a diferença, e para com a Val, pelo seu olho apurado na revisão.

Um enorme agradecimento a todos os meus leitores – os que me seguem *online* e os que nunca tocaram num computador. Obrigada, do fundo do coração. O vosso apoio constante significa muito para mim.

E, por último, obrigada aos meus pais, pois, se não tivessem passado pelo divórcio mais miserável que o mundo alguma vez viu, não me teria sentido inspirada a escrever este livro.